BIBLIOTECA VIRTUAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

JUDAÍSMO E MODERNIDADE

METAMORFOSES DA TRADIÇÃO MESSIÂNICA

Bernardo Sorj
Monica Grin
Organizadores

Sumário

INTRODUÇÃO[1]

O judaísmo moderno em perspectiva histórica: Do judaísmo rabínico ao judaísmo pós-moderno

Bernardo Sorj

O judaísmo moderno corresponde aos diversos esforços de traduzir a tradição judaica rabínica em conceitos e valores da modernidade. Esta tradução não foi somente intelectual, mas, fundamentalmente, prática. Significou o abandono da auto-organização comunal e a autonomia cultural e judiciária dos judeus que o rolo compressor do Estado moderno não podia suportar. Na visão dos defensores da causa judaica na Revolução Francesa, a emancipação política dos judeus passava pela emancipação do judaísmo. Os "vícios" judaicos – hábitos alimentares repulsivos; misantropia – eram generosamente explicados como se fora efeito do isolamento a que foram condenados. A integração na sociedade permitiria uma rápida "regeneração" do povo judeu.[2]

Embora a emancipação tenha gerado conflitos no interior da comunidade judaica entre os defensores da tradição e da mudança, a rapidez e a disposição com que a maioria dos judeus se dispôs a aceitar a modernidade só é explicada pelos séculos de opressão e humilhação que precederam ao Iluminismo.[3] Não é casual que muitos judeus associaram a Revolução Francesa com a chegada do messias.

Traduzir o judaísmo rabínico à prática da vida moderna implicou a separação entre o domínio público e o privado (para o qual era relegada a vida judaica) e na lealdade ao Estado nacional e suas instituições. Esta identificação era especialmente penosa para os judeus, pois, embora a

[1] Os diálogos com Julio Biler, Nilton Bonder e Tommy Peiser permitiram consolidar as ideias aqui apresentadas. Daniela Kestelman colaborou na correção do texto e Sônia Olesko na transcrição final.
[2] Cf. D. Feuerwerker, *L 'Emancipation des Juifs en France,* Albin Michel, Paris, 1976.
[3] Para uma Síntese da história sociopolítica do povo judeu nos tempos modernos, cf. S. Ettinger, *Toldot Am Israel Vaet Hachadasha,* Dvir, Tel Aviv, 1969.

modernidade europeia tenha sido fortemente secularizante, mantinha elos de continuidade com o mundo cristão: o dia de descanso continuou sendo o domingo, assim como a maioria dos feriados e o próprio calendário (não é casual que o esforço descristianizante da Revolução Francesa culminou com um calendário próprio, e que a festa mais lembrada pelos judeus seja o ano-novo, que sinaliza a vontade de autopreservação pela afirmação de um tempo próprio).

Existencialmente, os tempos modernos significaram um conflito constante entre os valores tradicionais e os novos valores – os primeiros vistos como particulares e os segundos como universais –, entre lealdade à coletividade étnica e lealdade ao Estado nacional – ou humanidade. Intelectualmente, o esforço de traduzir a tradição judaica nos termos discursivos da modernidade deu-se em duas grandes direções, ambas redutoras e empobrecedoras da riqueza do judaísmo. A primeira direção foi a de transformar o judaísmo numa religião,[4] eliminando os conteúdos nacionais e místicos da tradição rabínica para integrá-la de forma não conflitiva ao discurso liberal e à cidadania nacional. A outra tendência foi transformar o judaísmo numa nação com características *sui-generis* e que deveria ser normalizada para ter uma estrutura política autônoma, similar aos outros povos.

O judaísmo moderno se afastou da síntese rabínica, que organizou a vida judaica durante dois mil anos. Esta síntese aceitava a cultura como um *bricolage* composto de diversas partes que se agregavam não em função de uma coerência lógica ou de um plano preconcebido como numa obra de engenharia –, mas como um conjunto de soluções geradas em circunstâncias determinadas e acumuladas na memória do povo.[5] Este conjunto não coerente de criatividade armazenada é reinterpretado em cada geração, a qual realça certos elementos para esquecer outros, que poderão reviver quando enfrentados novos desafios. Assim, velhos conteúdos passam a adquirir novos sentidos, enquanto aspectos antes dominantes são abandonados.

[4] Passando a ser o judeu – alemão, francês etc. – de "fé mosaica".
[5] Esta ideia de *bricolage* foi retirada de F. Jacob, *Le jeu des Possibles,* Fayard, Paris, 1981.

A cultura é produto de um duplo *bricolage,* no sentido em que ela acumula e sedimenta as expressões múltiplas "internas" de um povo, assim como ela integra, absorve e redimensiona as experiências de outros povos. Não seria exagero afirmar que a cultura judaica é, em boa medida, como qualquer outra cultura, a reelaboração e adaptação criativa de invenções culturais realizadas por outros povos.[6]

A tradição rabínica manteve o caráter *bricoleur* da cultura judaica, aceitando no seu interior a convivência de interpretações diversas, sustentando-se num tripé de esperança messiânica, obediência aos mandamentos e auto-organização comunal, que não pretendia nem desejava ser reduzido a um conjunto de dogmas ou a uma doutrina racional coerente. O judaísmo rabínico era auto-referido, não procurando maior coerência lógica e discursiva – a coerência de suas práticas se orientava no sentido de manter e reproduzir o judaísmo.

O judaísmo moderno, em contraposição, quer ser sistemático e coerente, centrado no outro, isto é, procurando forçar a convergência e mesmo a identidade entre os valores judaicos e os valores modernos. A vontade racionalizante do judaísmo moderno procura encobrir a dilaceração existencial, prática, da vida judaica. Ele é, fundamentalmente, auto-justificatório, procurando a legitimidade da existência judaica na sua aceitação pelo "mundo exterior".

O Holocausto, a criação do Estado de Israel e o novo contexto do mundo pós-moderno levaram ao fim o judaísmo moderno, gerando as condições para recuperar a variedade de conteúdos da cultura judaica, mas numa situação onde inexiste a vida comunitária e os laços de convivência e solidariedade do mundo pré-moderno. Assim, no mundo pós-moderno o judaísmo perde igualmente o seu caráter de conjunto diferenciado como no judaísmo rabínico, e de discurso ideológico doutrinário como no judaísmo moderno, para transformar-se numa experiência fragmentada, vivida com mais ou menos intensidade em momentos circunstanciais, geralmente

[6] O caráter de assimilação/reelaboração do judaísmo é apresentado de forma brilhante por Martin Buber, *Moise,* Paris. A interação entre povo judeu e seu contexto, cf. S. Baron, *A Social and Religious History of the Jews,* Columbia University Press, 1952.

através de ritos que procuram dar sentido a situações existenciais particulares.

Judaísmo moderno

O judaísmo moderno corresponde ao período histórico que se estende do Iluminismo e a Revolução Francesa até o Holocausto e a criação do Estado de Israel. Um período que durou aproximadamente dois séculos e que se nutriu do universalismo secular do Iluminismo e da cidadania nacional da Revolução Francesa, os dois grandes valores que os judeus deveriam absorver para se beneficiarem do fim da Idade Média.

Enquanto fenômeno sociocultural, o judaísmo moderno foi, fundamentalmente, uma criação dos judeus Askenazim. Para grande parte do judaísmo Sefaradi localizado no mundo muçulmano o contato com o judaísmo moderno se deu com a imigração maciça para Israel e com o fim do colonialismo na década de 50.

Quais as características centrais do judaísmo moderno?

O judaísmo moderno pode ser caracterizado em forma sintética pelos seguintes elementos:

A procura de absorção, integração e legitimização do judaísmo nos valores modernos, mostrando que o judaísmo é capaz de conviver e se expressar em termos "universais". Neste sentido o judaísmo moderno assume constantemente um caráter auto justificatório, no qual procura abandonar todo conteúdo que pudesse implicar a não-aceitação pelo "outro".[7] De certa forma, todos os judaísmos modernos foram estratégias de assimilação.[8] Ainda que este termo tenha sido utilizado pelos judeus menos assimilados para classificar os outros, a assimilação é o traço fundamental geral do judeu moderno. Inclusive o sionismo, um movimento aparentemente particularista, tinha como objetivo principal em seu programa a "normalização" do povo judeu, isto é, ter uma base territorial e um Estado, para ser igual aos outros povos.

[7] Paradoxalmente quanto mais os anti-semitas afirmavam a diferença, mais os judeus procuravam negá-la, gerando assim uma dialética perversa na qual o judeu se afirmava autonegando-se e o anti-semita negava o judaísmo afirmando sua especificidade.

[8] Não no sentido de absorver elementos do meio circundante – o que sempre aconteceu, mas no sentido de um esforço para ser assimilado, digerido, aceito pelos outros como um igual.

O estilo doutrinário, discursivo, lógico, sistemático do judaísmo moderno, cioso de uma coerência fundada na capacidade de sintetizar judaísmo com modernidade, ainda que isto tenha como implicação renegar grande parte da tradição. O objetivo central desta lógica discursiva era colocar o judaísmo no interior dos movimentos ideológicos da modernidade.

O judaísmo moderno foi um judaísmo político, enquadrado nos grandes movimentos ideológicos de sua época – liberalismo, socialismo e nacionalismo –, que colocavam projetos de engenharia social, via sistema político, como seus objetivos centrais.

O ponto central da reflexão do judaísmo moderno é uma problemática essencialista: identificar o que é a essência do judaísmo, o que é ser judeu. Esta pergunta tem como pano de fundo a questão de quanto do judaísmo tradicional pode ser abandonado sem se deixar de ser judeu ou, inversamente, qual o mínimo que deve ser mantido para se continuar a ser judeu. Este mínimo, por sua vez, deveria ser traduzido e legitimado em termos modernos. Assim, por exemplo, no judaísmo reformista o ideal messiânico é extirpado dos seus conteúdos histórico-político-nacional (de redenção do povo judeu na terra de Israel), para adquirir um caráter de princípio ético de valor universal – de utopia de justiça para toda a humanidade.

O judaísmo moderno é autojustificatório, procurando fundar o direito de existência do povo judeu seja, positivamente, pela contribuição do povo judeu à humanidade, seja pelo negativo, na impossibilidade de assimilar-se.

O judaísmo moderno, ao nível individual, foi vivido como uma crise de identidade entre tradição e modernidade, entre lealdade aos laços primários e ao conjunto da sociedade, entre o privado e o público, entre sentimento e razão.

Judaísmos modernos

Se as diversas correntes do judaísmo moderno compartilham das características enumeradas anteriormente, a variedade de tendências internas não pode ser esquecida, apresentando uma riqueza que foge a esta introdução. Ainda assim, é possível indicar alguns fatores que determinaram sua diversidade e vitalidade.

O judaísmo moderno expressava a variedade de experiências nacionais e sociais da passagem do mundo tradicional para o mundo moderno, ao mesmo tempo em que se alimentava de um diálogo interno interfronteiras. Assim, o judaísmo russo, alemão, francês, austríaco, polonês procurava simultaneamente absorver e integrar a variedade de pensamentos gerados pela tumultuada convivência com a modernidade, ao mesmo tempo em que a heterogeneidade social do povo judeu assegurava afinidades e confrontos internos e externos, que eram reelaborados em escala continental.

Ao nível cultural, o judaísmo moderno pode ser subdividido em duas grandes correntes: religiosa e nacionalista. Ambas compartilham da vontade de integrar o judaísmo à vida social e política moderna. Porém, enquanto os movimentos de renovação religiosa tomaram como referência a tradição rabínica, buscando relaxar as suas exigências e disciplina, o judaísmo nacionalista imaginou uma nova cultura judaica, secular, desvinculada da tradição rabínica. Enquanto os movimentos de renovação religiosa tinham uma coloração liberal, o movimento nacionalista era, majoritariamente, socialista.

Judaísmo pós-moderno

A dinâmica efetiva da sociedade moderna, na sua versão capitalista ou comunista, mostrou que a ideologia da igualdade, liberdade e fraternidade podia ser rapidamente negada por forças políticas capazes de mobilizar sentimentos xenófobos e o terrorismo de Estado, com amplo apoio social. Para os judeus, a fragilidade dos valores humanistas e a incerteza da vida moderna refletida na confrontação com o anti-semitismo, real ou potencial, geraram inicialmente uma vontade ainda maior de

imitação, de ser "igual" para ser aceito.[9] O Holocausto acabou com as esperanças de integração total, que se mostraram não só ilusórias como humilhantes. O Estado moderno, nos quais os judeus se apoiaram e se escudaram para alcançar a igualdade, se transformou no seu carrasco. O judaísmo pós-Holocausto, ainda que mantenha como parâmetro os valores iluministas da modernidade, não pode deixar de estar consciente de que estes valores podem ficar suspensos em qualquer instante, e que a vontade igualitária não elimina a possibilidade da discriminação e estigmatização.

Não existindo a perspectiva de um retorno à vida comunal, o judeu pós-Holocausto vive como um ser dividido entre a identificação com o conjunto da sociedade e a consciência de poder ser cassado a qualquer momento em seus "privilégios", entre a vontade de integração e participação social e a consciência de que sua sobrevivência depende, em última instância, de sua capacidade de autodefesa.

Do Holocausto ao Estado de Israel

O Holocausto destruiu parte da base social e muitos dos argumentos dos judaísmos modernos, levando historicamente à criação e à identificação do povo judeu com o Estado de Israel, e o sionismo à completa hegemonia sobre o povo judeu.[10]

É difícil transmitir a intensidade e variedade de significados que a criação do Estado de Israel teve para uma geração de judeus recém-saídos do Holocausto. A recuperação da autoconfiança e da dignidade, a valorização da coragem e do trabalho e a capacidade de autodefesa significaram uma revolução na auto percepção dos judeus, sem a qual a sobrevivência ao trauma do Holocausto seria difícil de ser imaginada.

Se a importância do Estado de Israel é central na consciência judaica contemporânea, suas limitações no sentido de renovar a cultura judaica são cada vez mais aparentes.

---

[9] Cf. Z. Bauman, "Exit Visas and Entry Tickets: Paradoxes of Jewish Assimilation", *Telos,* n. 77, 1988.

[10] Cf. B. Sorj, "A Dialética do Holocausto", *Novos Estudos Cebrap,* vol. 2, n. 2, julho de 1983.

O sionismo e os colonos de Israel fizeram um esforço descomunal para criar uma nova cultura judaica em novas bases, seculares, que desconhecia praticamente os dois mil anos de exílio – apresentando-o como um período puramente negativo de perseguições e humilhações –, enfatizando o período bíblico até o Segundo Templo e as dimensões do ciclo natural e agropastoril das festividades religiosas. A estes aspectos se agregou, após o Holocausto, a ênfase em Israel como último baluarte contra o anti-semitismo e de garantia da segurança física dos judeus, aspecto que, paradoxalmente, foi reforçado pelo conflito com o mundo árabe.

Os fatores que limitaram a transformação de Israel no centro hegemônico da cultura judaica são múltiplos. Porém, antes de analisá-los, indicaremos as marcas mais importantes deixadas pelo Estado de Israel na vida judaica contemporânea. Em primeiro lugar deve ser colocada a revolução, já mencionada, na autoimagem do judeu. Em segundo lugar, a recriação da língua hebraica como língua franca do povo judeu. Embora tenha havido, durante décadas, uma política sionista de suplantar o iídiche pelo hebraico, o iídiche esvaziou-se no Novo Mundo, por causas naturais, e, na Europa Oriental, destruído pelo Holocausto e pelo stalinismo. O hebraico, sem chegar a ter na diáspora um uso comparado ao do iídiche ou ao do ladino, se transformou na base do léxico comum para os judeus do mundo todo. Junto com a língua, Israel renovou a vida artística do povo judeu, em particular a música e a literatura. Os novos centros acadêmicos geraram uma nova produção sobre o judaísmo, renovando a pesquisa histórica sobre o período bíblico e do Segundo Templo.

Embora identificada com o destino de Israel, a maior parte dos judeus do mundo permaneceu na diáspora, num contexto de ascensão social e participação na cultura global. O sionismo, ainda que convivendo com este fato, não chegou a elaborá-lo. A imagem da diáspora continua a ser representada como pura negatividade, imagem que não expressa a vivência efetiva, geralmente positiva, que os judeus têm dos países em que vivem.

A nova cultura judaica israelense se mostrou limitada tanto em termos da incapacidade de aceitar e integrar a vivência dos judeus da diáspora, como inclusive na sua difusão entre os habitantes de Israel. A chegada constante de ondas de imigrantes, com sua própria cultura judaica,

geralmente de base tradicional, enfraqueceu o esforço de secularização da ideologia sionista das primeiras gerações de pioneiros. Junto com a chegada de novos imigrantes, a sociedade israelense foi adquirindo um caráter mais urbano e capitalista, corroendo assim o sentido agropastoril e trabalhista que a cultura colonizadora procurou dar às festividades e valores judaicos. Paradoxalmente, o conflito com o mundo árabe e a necessidade de apoio do judaísmo da diáspora inviabilizaram a possibilidade do desenvolvimento de uma cultura israelense "separatista" e mesmo oposta ao judaísmo "galútico" (diaspórico). O reforço dos laços com o judaísmo da diáspora e a ênfase no Holocausto – revivido e reelaborado através da luta contra o mundo árabe –, e o fracasso do judaísmo secular colocam hoje perante a sociedade israelense temas como: o que é uma cultura judaica, o papel da religião, quem é judeu e o que é uma educação judaica.

A sociedade pós-moderna[11]

A criação do Estado de Israel se deu num momento em que a lealdade aos Estados nacionais e a cidadania como fundamento da identidade começaram a entrar em crise sob o impacto da globalização dos meios de comunicação, a homogenização dos padrões de consumo e o colapso das ideologias políticas prometeicas e totalizantes, levando à perda de confiança na ideia de progresso. A globalização e a homogenização cultural, orientadas para o consumo e a ascensão individual, o esvaziamento da vida pública e do Estado como meios para atingir fins coletivos, o questionamento de valores universais e da razão sintetizadora, a valorização da diferença, da indeterminação e da multiplicidade de significados passaram a ser o novo substrato sociocultural no qual o judaísmo contemporâneo germina; um contexto em que os grandes agrupamentos de aglutinação permanente de interesses e ação coletiva deixam de ser os estruturadores principais das identidades individuais. Este mundo pós-moderno, cada vez mais global e unificado pela *mass-media* e o consumo, apresenta simultaneamente um caráter fragmentado e caótico, no qual todos se sentem desenraizados, participando esporadicamente de subculturas "tribais" em constante mutação,

[11] Sobra a pós-modernidade, cf. Z. Bauman, Intimitations with Postmodernity, Routledge, London, 1992 e D. Harvey, The Condition of Posmodernity, Blackwell, Oxford, 1981.

seja de grupos místicos ou patotas juvenis, e que paradoxalmente implica o redescobrimento de sentimentos nacionalistas, regionalistas ou movimentos religiosos fundamentalistas, capazes de dar segurança, sentido e dignidade para indivíduos ou sociedades que não conseguem conviver com a incerteza, com a perda de sentido coletivo e com a decomposição dos laços primários característicos do mundo contemporâneo.

O judaísmo pós-moderno

Do ponto de vista histórico, o judeu, nos últimos dois mil anos, conviveu com certos traços da pós-modernidade: desenraizado, tinha o mundo como referência e a incerteza como parâmetro. Neste sentido, judaísmo e pós-modernidade têm elementos convergentes. Porém, se a pós-modernidade por um lado favorece o retorno dos judeus à riqueza da tradição judaica, no sentido de desvinculá-lo de ideologias políticas e aceitar a multiplicidade de significados, por outro lado, com sua tendência homogeneizadora, mentalidade consumista e perda de visão histórica, implode qualquer esforço de unificação da experiência judaica tradicional. O judaísmo aparece como mais uma identidade tribal, um dos possíveis caminhos para diferenciar-se num mundo cada vez mais homogêneo, e do qual as pessoas se utilizam de acordo com estados de ânimo circunstanciais e mais ou menos momentâneos. O judaísmo pós-moderno tem assim características de um judaísmo *soft,* modular e de supermercado.

No mundo pós-moderno, o judaísmo deixou de ser uma presença constante na vida cotidiana dos judeus, como era no período rabínico, mas também perdeu a vontade racionalizadora, doutrinária e discursiva do judaísmo moderno. O judeu pós-moderno funda sua identidade básica na sua ascendência, que o Holocausto assinalou como um destino que independe de sua vontade individual; porém, na sua vivência cotidiana e auto percepção, o judeu pós-moderno compartilha das características básicas da sociedade de consumo. O judeu pós-moderno lembra de seu judaísmo em contextos particulares nascimentos e mortes, casamentos e Bar/Bat-Mitzvot – e momentos especiais da trajetória pessoal – doenças, crises existenciais, etc. O judaísmo passou a ser, deste ponto de vista, um supermercado cultural-existencial, no qual se entra e do qual se sai, de

acordo com as necessidades circunstanciais, escolhendo, da vasta prateleira de produtos, aqueles mais adequados ao momento. Assim, o judaísmo passou a ter um caráter modular, construindo como um *mix* de acordo com o gosto individual, geralmente com componentes *soft,* isto é, lembrando a tradição, mas de forma não muito exigente. Ser judeu se transformou no direito de passe livre ao consumo de uma tradição específica, o judaísmo.

Se na pós-modernidade o judaísmo se constitui num espaço de passagem, de consumo circunstancial, levando a uma certa perda de densidade, por outro lado ele expande o mercado de consumo de bens judaicos na medida em que os judeus deixam de viver seu judaísmo em grupos estanques (religiosos e seculares, sionistas e não-sionistas, assimilados e assumidos) para se transformarem todos eles em demandadores potenciais da diversidade de produtos disponíveis. Igualmente, na medida em que o lar e o cotidiano deixam de ser fonte alimentadora de cultura judaica, a demanda de produtos "elaborados" tende a aumentar.

No interior do judaísmo continuam surgindo movimentos que procuram traduzi-lo às ideologias em voga – feminismo, ecologismo –, já não tanto como uma tradução do judaísmo a ideologias universais, mas como esforços de atualização da tradição. No mundo pós-moderno, os judaísmos modernos tendem a se diluir, particularmente aqueles que mais enfatizaram a identificação dos valores judeus com os valores universais. Afinal, o que mais oferece a cultura moderna é a homogeneidade, de forma que a atração do judaísmo passa a ser o seu potencial como diferenciador e gerador de uma identidade própria. Assim, por exemplo, o judaísmo reformista que avançou na direção de identificar o judaísmo com uma ética universal parece involuir na direção de retorno a especificidade e diferença da tradição judaica; por sua vez, o fundamentalismo religioso passa a ter um apelo importante, ainda que limitado, por ser capaz de oferecer um "pacote significativo" completo para as incertezas da vida pós-moderna. Associado crescentemente ao nacionalismo sionista extremista, o fundamentalismo religioso judaico adquiriu dimensões de projeto político, representando o

primeiro esforço sistemático de parte do rabinato ortodoxo em recuperar a hegemonia do judaísmo.[12]

Um desafio central que a pós-modernidade coloca para as comunidades judaicas é o de consolidação de suas organizações e lideranças. Pelo caráter de consumo circunstancial, o judaísmo pós-moderno é particularmente frágil no que diz respeito à sua capacidade de manter instituições sólidas com uma base social constante. Por sua vez num processo que já havia começado com a modernidade, há um afastamento das elites judaicas de suas comunidades, gerando, assim, uma dupla crise de carência de base social e de líderes.

Talvez a crise mais profunda do judaísmo pós-moderno provenha de sua fragmentação. Enquanto o judaísmo moderno, ainda que dividido, mantinha no interior de cada corrente uma certa capacidade prescritiva, no judaísmo pós-moderno, o caráter difuso, *ad hoc,* da vida judaica, limita qualquer capacidade efetiva de cristalização de novas normas, orientações, tradições. Assim, por exemplo, o judaísmo continua incapaz de equacionar um drama central do judaísmo moderno e pós-moderno, o casamento misto.

O judaísmo pós-moderno, sem ser um retorno ao judaísmo rabínico, reivindica esta tradição como sua principal fonte inspiradora. Ainda assim, o judaísmo secular e político, que perdeu seu impulso vital, continua sendo importante entre as lideranças comunitárias e nas escolas judaicas, incapazes de elaborar todas as consequências da vida social pós-moderna. O desafio institucional principal do judaísmo pós-moderno, caso não venha sofrer um novo trauma histórico, será o de ser capaz de valorizar a positividade do exílio como fonte de riqueza e especificidade, de manter a memória do Holocausto sem que ela se sustente na paranóia e na psicologia do sobrevivente, de renovar-se aprofundando-se de forma contemporânea na tradição rabínica. Deverá ser capaz de justificar a vontade de ser diferente na afirmação de suas tradições próprias e não numa falta de alternativa assimilacionista ou no fantasma do anti-semitismo; de elaborar a

[12] Sobre os dilemas de auto-organização política do judaísmo e suas relações com Israel – consultar o excelente trabalho de D. Biale, *Power and Powerlessness in Jewish History,* Schockem Books, New York, 1986.

diferença em forma não-xenofóbica, de conjugar destino e liberdade, renovação e tradição.

Nota explicativa sobre a escolha dos textos

Os textos reunidos nesta coletânea não ambicionam ser uma representação sistemática da diversidade intelectual das relações entre judaísmo moderno e messianismo, menos ainda das suas fontes bíblicas e rabínicas.

Centrando-nos nos eixos temáticos das relações entre judaísmo, messianismo e modernidade, procuramos apresentar textos não traduzidos ou de difícil acesso. Nossa escolha se restringiu a autores que, explicitamente, se colocaram no interior da tradição judaica. Os tempos modernos provocaram o divórcio entre judeu e judaísmo, isto é, a origem judaica não implicava que os autores fundassem suas reflexões na tradição judaica. Hoje, de certa forma, virou moda mostrar as raízes judaicas de autores que, pelo menos conscientemente, não consideravam sua produção como parte da tradição judaica. Ainda que estudos biográficos e mapeamento de uma psicologia judaica consciente sejam relevantes, certa tendência a forçar paralelismos entre a estrutura e o conteúdo das obras destes autores e a tradição judaica, nos parece, por vezes, uma violência intelectual desnecessária. Ao final poderiam ser encontradas tantas ou mais afinidades entre certos autores não judeus com o judaísmo, do que aquelas encontradas em muitos autores judeus. Desta forma não foram incluídos, nesta coletânea, autores judeus que elaboraram obras sobre o messianismo sem referência explícita ao messianismo judeu.

I. FONTES

Torá – Shemot (Êxodo)

Segundo Livro da *Torá* (Pentateuco), *Shemot,* o (Livro do Êxodo), que narra a saída do povo de Israel do Egito, desenvolve três temas principais:

1) **A Libertação**: Deus redime Israel da Escravidão do Egito e demonstra a sua fidelidade (renovação da promessa de estabelecimento do povo em sua terra), sua compaixão e seu poder *(Êxodo* 1-7*).*

2) **A Aliança**: Deus estabelece um pacto com Israel consagrando-o como um "reino de sacerdotes" e uma "nação sagrada", dando-lhe normas que deverão ser obedecidas *(Êxodo* 19-24 e 34).

3) **O Tabernáculo**: Deus ordena a construção de um santuário para ele no meio do povo que o acompanhará em sua jornada no deserto *(Êxodo* 25, 31, 35-40).

Os três temas tratados no Livro do Êxodo estão fortemente relacionados à vida de Moisés, a quem alguns atribuem a autoria deste livro. Como expressão da vida de Moisés, o Livro do Êxodo pode ser assim definido: nascimento e juventude de Moisés que é consagrado como mensageiro de Deus para livrar o povo de Israel da servidão no Egito. Depois de prolongada confrontação com o Faraó, o povo parte do Egito liderado por Moisés e seu irmão Aarão. Acampados no Monte Sinai, recebem instruções divinas, a que prometem obedecer. Moisés sobe o monte para receber novas ordens divinas.

O capítulo 34, selecionado para esta coletânea, apresenta a narrativa javista da Aliança do Sinai. O Êxodo, também chamado "Livro da Aliança", retrata o decálogo de Moisés no Monte Sinai, bem como as condições para o estabelecimento do pacto, a saber, as leis que o povo de Israel deverá seguir para honrar o pacto.

Referências:

Enciclopaedia Judaica, New York, The Macmillan Company, 1972, vol. 6, p. 1050.

Coleção Judaica, Rio de Janeiro, A. Koogan, vol. I, pp. 35 e 58.

Êxodo[1]

Iahweh disse a Moisés: "Lavra duas tábuas de pedra, como as primeiras, sobe a mim na montanha, e eu escreverei as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas, que quebraste. Fica preparado de manhã; de madrugada subirás a montanha do Sinai e lá me esperarás, no cimo da montanha. Ninguém subirá contigo, e não se verá ninguém em toda a montanha. Nem as ovelhas ou bois pastarão diante da montanha." Moisés lavrou duas tábuas de pedras como as primeiras, levantou-se de madrugada e subiu à montanha do Sinai, como Iahweh lhe havia ordenado, e levou nas mãos as duas tábuas de pedra. Iahweh desceu na nuvem e ali esteve junto dele.

Ele invocou o nome de Iahweh. Iahweh passou diante dele, e ele exclamou:

> Iahweh! Iahweh...
> Deus de compaixão e de piedade,
> lento para a cólera
> e cheio de amor e fidelidade;
> que guarda o seu amor a milhares,
> tolera a falta, a transgressão e o pecado,
> mas a ninguém deixa impune
> e castiga a falta dos pais nos filhos
> e nos filhos dos seus filhos,
> até a terceira e quarta geração.

Imediatamente Moisés caiu de joelhos por terra e adorou; depois ele disse: "Iahweh, se agora encontrei graça aos teus olhos, segue em nosso meio conosco, mesmo que este povo seja de cerviz dura. Perdoa as nossas faltas e os nossos pecados, e toma-nos por tua herança."

Então ele disse:

> Eis que faço uma aliança. Farei diante de todo o teu povo maravilhas como não se fizeram em toda a terra, nem em nação alguma. Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de Iahweh, porque coisa

[1] Extraído da *Bíblia de Jerusalém,* São Paulo, Edições Paulinas, 1985, capítulo 34, p. 156.

temível é o que vou fazer contigo. Está atento para observar o que hoje te ordeno: expulsarei de diante de ti os amorreus, os cananeus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus. Abstém-te de fazer aliança com os moradores da terra para onde vais; para que não te sejam uma cilada. Ao contrário, derrubareis os seus altares, quebrareis suas colunas e os seus postes sagrados: Não adorarás outro deus. Pois Iahweh tem por nome Zeloso: é um Deus Zeloso. Não faças aliança com os moradores da terra. Não suceda que, em se prostituindo com os deuses dele e lhes sacrificando, alguém te convides e comas dos seus sacrifícios, e tomes mulheres das suas filhas para os teus filhos, e suas filhas, prostituindo-se com seus deuses, façam com que também os teus filhos se prostituam com os seus deuses.

Não farás para ti deuses de metal fundido.

Guardarás a festa dos Ázimos. Durante sete dias comerás ázimo, como te ordenei, no tempo fixado no mês de Abib, porque foi no mês de Abib que saíste do Egito.

Todo o que sair por primeiro do seio materno é meu: todo macho, todo primogênito de tuas ovelhas e do teu gado. O jumento, porém, que sair por primeiro do seio materno, tu o resgatarás com um cordeiro; se não o resgatares, quebrar-lhe-ás a nuca. Resgatarás todos os primogênitos dos teus filhos. Não comparecerás diante de mim de mãos vazias.

Seis dias trabalharás; mas no sétimo descansarás, quer na aradura, quer na colheita.

Guardarás a festa das Semanas: as primícias da colheita do trigo e a festa da colheita na passagem do ano.

Três vezes por ano todo o homem do teu meio aparecerá perante o Senhor Iahweh, Deus de Israel.

Porque expulsarei as nações de diante de ti, e alargarei o teu território; ninguém cobiçará a tua terra, quando subires para comparecer na presença de Iahweh teu Deus, três vezes por ano.

Não oferecerás o sangue do meu sacrifício com pão levedado. Não ficarás vítima da festa da Páscoa da noite para a manhã.

Trarás o melhor das primícias para a Casa de Iahweh teu Deus.

Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe.

Disse ainda Iahweh a Moisés: “Escreve estas palavras; porque segundo o teor destas palavras fiz aliança contigo e com Israel.”

Moisés esteve ali com Iahweh quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água. Ele escreveu nas tábuas as palavras da aliança, as dez palavras.

Quando Moisés desceu da montanha no Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do Testemunho, sim, quando desceu da montanha, não sabia que a pele de seu rosto resplandecia porque havia falado com ele. Olhando Aarão e todos os filhos de Israel para Moisés, eis que a pele de seu rosto resplandecia; e tinham medo de aproximar-se dele. Moisés, porém, os chamou; Aarão e os chefes da comunidade foram até ele, e Moisés lhes falou. Depois aproximaram-se todos os filhos de Israel, e ordenou-lhes tudo o que Iahweh havia dito sobre a montanha do Sinai. Quando Moisés terminou de lhes falar, colocou um véu sobre a face. Quando Moisés entrava diante de Iahweh para falar com ele, retirava o véu, até o momento de sair. Ao sair, dizia aos filhos de Israel que lhe havia sido ordenado, e os filhos de Israel viam resplandecer o rosto de Moisés. Depois Moisés colocava o véu sobre a face, até que entrasse para falar com ele.

Torá – Dvarim (Deuteronômio)

O último dos cinco livros da *Torá* (Pentateuco), *Dvarim* (Deuteronômio) tem uma estrutura particular: define-se como um código de leis civis e religiosas, proferido em um longo discurso de Moisés para o povo de Israel. O código deuteronômico retoma, em parte, as leis promulgadas no deserto, relatos dos grandes acontecimentos do Êxodo, da Aliança do Sinai e da conquista de Canaã que se iniciava. A base do pensamento deuteronômico é a unidade monoteísta de YHVH, a correspondente obrigação de Israel de ser único e o amor e a fidelidade como elementos geradores do pacto entre Deus e o povo de Israel.

O Deuteronômio como expressão da vida de Moisés pode ser assim definido: o fim de 40 anos de peregrinação pelo deserto, Moisés fala ao seu povo na planície de Moab, na margem do rio Jordão, aquém de Canaã, reiterando as instruções divinas, lembrando ao povo a promessa de ser fiel e acrescentando aos ordenamentos anteriores outras leis e preceitos. A *Torá* (Pentateuco) termina com a morte de Moisés.

Os capítulos 7, 8 e 11, selecionados para esta coletânea, tratam da eleição de Israel como um povo separado, único; do amor e da fidelidade do povo à promessa; dos preceitos que devem ser observados para a manutenção do pacto e da conquista da "terra prometida".

Referência

Coleção Judaica, R.J., A. Koogan, 1990, pp. 35 e 86.

Deuteronômio[1]

Quando Iahweh teu Deus te houver introduzido na terra em que estás entrando para possuí-la, e expulsado nações mais numerosas do que tu – os heteus, os gegeseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus –, sete nações mais numerosas e poderosas do que tudo; quando Iahweh teu Deus entregá-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás como anátema. Não farás aliança com elas e não tratarás com piedade. Não contrairás matrimônio com elas, não darás tua filha a um de seus filhos, nem tomarás uma de suas filhas para teu filho; pois deste modo o teu filho se afastaria de mim para servir a outros deuses, e a cólera de Iahweh se inflamaria contra vós, exterminando-te rapidamente. Eis como deveis tratá-los: demolir seus altares, despedaçar suas estelas, cortar seus postes sagrados e queimar seus ídolos. Pois tu és um povo consagrado a Iahweh teu Deus; foi a ti que Iahweh teu Deus escolheu para que pertenças a ele como seu povo próprio, dentre todos os povos que existem sobre a face da terra.

Se Iahweh se afeiçoou a vós e vos escolheu, não é por serdes o mais numeroso de todos os povos – pelo contrário; sois o menor dentre os povos! – e sim por amor a vós e para manter a promessa que ele jurou aos vossos pais; por isso Iahweh vos fez sair com mão forte e te resgatou da casa da escravidão, da mão do Faraó, rei do Egito, Saberás, portanto, que Iahweh teu Deus é o único Deus, o Deus fiel que mantém a Aliança e o amor por mil gerações, em favor daqueles que o· amam e observam os seus mandamentos; mas é também o que retribui pessoalmente aos que o odeiam: faz com que pereça sem demorar aquele que o odeia, retribuindo-lhe pessoalmente. Observa pois, os mandamentos, os estatutos e as normas que eu hoje te ordeno cumprir.

Se ouvirdes estas normas e as puserdes em prática, Iahweh teu Deus também te manterá a Aliança e o amor que ele jurou aos teus pais; ele te amará, te abençoará e te multiplicará; abençoará também o fruto do teu

[1] Extraído *da Bíblia de Jerusalém,* São Paulo, Edições Paulinas, 1985, capítulos 7, 8 e 11, p.285.

ventre e o fruto do teu solo, teu trigo, teu vinho novo, teu óleo, a cria das tuas vacas e a prole das tuas ovelhas, na terra que prometeu aos teus pais que te daria. Serás mais abençoado do que todos os povos. Ninguém do teu meio será estéril, seja o homem, a mulher, ou o teu gado. Iahweh afastará de ti toda a doença e todas as graves enfermidades do Egito que bem conheces. Ele não as infligirá a ti, mais a todos os que te odeiam.

Portanto, devorarás todos os povos que Iahweh teu Deus te entregar. Que teu olho não tenha piedade deles e nem sirvas seus deuses: isto seria uma armadilha para ti.

Talvez digas em teu coração: "Estas nações são mais numerosas do que eu, como poderia conquistá-las?" Não deves ter medo delas! Lembra-te bem do que Iahweh teu Deus fez ao Faraó e a todo o Egito: as grandes provas que teus olhos viram, os sinais e os prodígios, a mão forte e o braço estendido com que Iahweh teu Deus te fez sair! Iahweh teu Deus tratará do mesmo modo todos os povos de que tens medo! Além disso, Iahweh teu Deus enviará vespas contra eles, perecendo até os que tiverem restado e se tiverem escondido de ti.

Não fiques aterrorizado diante deles, pois Iahweh teu Deus, que habita em teu meio é Deus grande e terrível. Iahweh teu Deus pouco a pouco irá expulsando estas nações da tua frente; não poderás exterminá-las rapidamente: as feras do campo se multiplicariam contra ti. É Iahweh teu Deus quem vai entregá-las a ti: elas ficarão profundamente perturbadas até que sejam exterminadas. Ele vai entregar seus reis em tua mão, e tu apagarás o seu nome de sob o céu: ninguém resistirá em tua presença, até que os tenha exterminado.

Queimareis os ídolos de seus deuses. Não cobiçarás a prata e o ouro que os recobrem, nem os tomarás para ti, para que não caias numa armadilha pois são uma coisa abominável a Iahweh teu Deus. Portanto, não introduzirás uma coisa abominável em tua casa: tornar-te-ias anátema como ela. Consideras-as como coisas imundas e abomináveis, pois elas são anátemas.

Observareis todos os mandamentos que hoje vos ordeno cumprir, para que vivais e vos multipliqueis, entreis e possuais a terra que Iahweh,

sob juramento, prometeu aos vossos pais. Lembra-te, porém, de todo o caminho que Iahweh teu Deus te fez percorrer durante quarenta anos no deserto, a fim de humilhar-te, tentar-te e conhecer o que tinhas no coração: iria observar seus mandamentos ou não? Ele te humilhou, fez com que sentisses fome e te alimentou com o maná que nem tu nem teus pais conheciam, para te mostrar que o homem não vive apenas de pão, mas que o homem vive de tudo aquilo que procede da boca de Iahweh. As vestes que usavas não se envelheceram, nem teu pé inchou durante esses quarenta anos.

Portanto, reconhece no teu coração que Iahweh teu Deus te educava, como um homem educa seu filho, e observa os mandamentos de Iahweh teu Deus, para que andes nos seus caminhos e o temas.

Eis que Iahweh teu Deus vai te introduzir numa terra boa: terra cheia de ribeiros de água e de fontes profundas que jorram no vale e na montanha; terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de oliveiras, de azeite e de mel; terra onde vais comer pão sem escassez – nela nada te faltará! –, terra cujas pedras são de ferro e de cujas montanhas extrairás o cobre. Comerás e ficarás saciado, e bendirás a Iahweh teu Deus na terra que ele te dará.

Contudo, fica atento a ti mesmo, para que não esqueças a Iahweh teu Deus, e não deixes de cumprir seus mandamentos, normas e estatutos que hoje te ordeno! Não aconteça que, havendo comido e estando saciado, havendo construído casas boas e habitando nelas, havendo-se multiplicado teus bois e tuas ovelhas tendo aumentado, e multiplicando-se também tua prata e teu ouro, e tudo o que tiveres, que o teu coração não se eleve e não te esqueças de Iahweh teu Deus, que fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão; que te conduziu através daquele grande e terrível deserto, cheio de serpentes abrasadoras, escorpiões e sede; e que, onde não havia água, para ti fez jorrar água da mais pura pedra; que te sustentava no deserto com o maná que teus pais não conheceram, para te humilhar e te experimentar, a fim de te fazer bem no futuro!

Portanto, não vás dizer no teu coração, "Foi a minha força e o poder das minhas mãos que me proporcionaram estas riquezas". Lembra-te de Iahweh teu Deus, pois é ele que te concede força para te

enriqueceres, mantendo a aliança que jurou aos teus pais, como hoje se vê. Contudo, se te esqueceres completamente de Iahweh, teu Deus seguindo outros deuses, servindo-os e adorando-os, eu hoje testemunho contra vós: é certo que perecereis! Perecereis do mesmo modo que as nações que Iahweh vai exterminar à vossa frente, por não terdes obedecido à voz de Iahweh vosso Deus.

Amarás a Iahweh teu Deus e observarás continuamente o que deve ser observado: seus estatutos, suas normas e mandamentos. Fostes vós que fizestes a experiência, e não vossos filhos. Eles não conheceram nem viram a pedagogia de Iahweh vosso Deus, sua grandeza, sua mão forte e seu braço estendido, os sinais e as obras que ele realizou no meio do Egito, contra Faraó, rei do Egito, e contra toda a sua terra; o que ele fez contra o exército do Egito, seus cavalos e carros, fazendo as águas do Mar Vermelho refluírem sobre eles, quando vos perseguiam: Iahweh os aniquilou até o dia de hoje; e o que fez por vós no deserto, até que chegásseis a este lugar; e ainda o que fez a Datã e a Abiram, filhos de Eliab, o rubenita: a terra abriu sua boca e engoliu-os, juntamente com suas famílias, tendas e tudo o que se seguia, no meio de todo Israel. Vossos olhos foram testemunhas de toda a grande obra que Iahweh realizou.

Observareis, portanto, todos os mandamentos que eu vos ordeno hoje, para vos fortalecerdes, entrardes e tomardes posse da terra para a qual passais, a fim de possuí-la, e para que prolongueis os vossos dias sobre a terra que Iahweh, sob juramento, prometeu dar a vossos pais e à sua descendência: uma terra onde manam leite e mel!

Pois a terra em que estás entrando a fim de tomares posse dela não é como de onde saístes, a terra do Egito: lá semeavas tua semente e irrigavas com o pé, como uma horta! A terra para a qual vós ides, a fim de tomardes posse dela é uma terra de montes e vales, que bebe água da chuva do céu! É uma terra de que Iahweh teu Deus cuida. Os olhos de Iahweh teu Deus estão sempre fixos nela, do início ao fim do ano. Portanto, se de fato obedecerdes aos mandamentos que hoje vos ordeno, amando a Iahweh vosso Deus e servindo-o com todo o vosso coração e com toda a vossa alma, darei chuva para a vossa terra no tempo certo: chuvas de outono e de primavera. Poderás assim recolher teu trigo, teu vinho novo e teu óleo;

darei erva no campo para o teu rebanho, de modo que poderás comer e ficar saciado. Contudo, ficai atentos a vós mesmos, para que o vosso coração não se deixe seduzir e não vos desvieis para servir a outros deuses, prostrando-vos diante deles. A cólera de Iahweh se inflamaria: contra vós e ele bloquearia o céu: não haveria mais chuva e a terra não daria o seu produto; deste modo desapareceríeis rapidamente da boa “terra que Iahweh vos dá!

Colocai estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma, ataia-as como um sinal de vossa mão, e sejam como um frontal entre vossos olhos. Ensinai-as aos vossos filhos, falando delas sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé; tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas, para que vossos dias e os dias dos vossos filhos se multipliquem sobre a terra que Iahweh jurou dar a vossos pais, e sejam tão numerosos como os dias em que o céu permanecer sobre a terra.

Profeta Isaías

A literatura profética clássica que se inclui na narrativa bíblica diferente do Pentateuco que é composto por temas organizados em vários séculos – defronta-nos com pensamentos de homens historicamente identificáveis que buscaram redefinir a relação de Israel com YHVN.

Isaías, filho de Amós, nasceu em Jerusalém e profetizou por cerca de 40 anos, desde 742 a.E.C. O livro de Isaías contém muito mais que a profecia do histórico Isaías. Aceitam-se comumente os capítulos 1-12, 17-23 e 28-33 como autênticas mensagens do Isaías histórico e a segunda metade do livro de Isaías costuma-se atribuir a um profeta que viveu no exílio na época em que Ciro ocupava a cidade da Babilônia. Os capítulos 40-66 são denominados Deutero-Isaías, cuja temática central define-se pela preocupação escatológica, comum ao período exílico e pós-exílico.

A profecia do primeiro Isaías caracteriza-se por um estilo poético vívido e por metáforas de tipo singular. Sua temática central refere-se à moral social e aos desvios da lei. Na profecia de Isaías os oráculos de castigo e de consolação alternam-se com frequência em passagens de rara beleza. O acento da justiça divina e o papel de Sion como centro do domínio universal de Deus sobre todas as nações parece caracterizar a mensagem profética, monoteísta e messiânica de Isaías.

Foram selecionadas para esta coletânea as seguintes passagens; 11-14 e 24.

Referências

Enciclopaedia Judaica, New York, The Macmillan Company, 1972, vol. 9, p. 44.

Coleção Judaica, Rio de Janeiro, A. Koogan, 1990, vol. I, pp. 76/80.

Profeta Isaías[1]

Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza,

espírito de conhecimento e de temor de Iahweh: no temor de Iahweh estará a sua inspiração.

Ele não julgará segundo a aparência.

Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça,

com equidade pronunciará uma sentença em favor dos pobres da terra.

Ele ferirá a terra com o bastão da sua boca,

e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio. A justiça será o cinto dos seus lombos

e a fidelidade, o cinto dos seus rins.

Então o lobo morará com o cordeiro,

e o leopardo se deitará com o cabrito.

O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará.

A vaca e o urso pastarão juntos,

juntas se deitarão as suas crias.

O leão se alimentará de forragem como o boi.

A criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide,

criança pequena porá a mão na cova da víbora.

Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo o meu santo monte

porque a terra ficará cheia do conhecimento de Iahweh, como as águas enchem o mar.

[1] Texto extraído da *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985, capítulos 11, 14 e 24, p. 1377.

Naquele dia, a raiz de Jessé, que se ergue com um sinal para os povos, será procurada pelas nações, e a sua morada se cobrirá de glória. Naquele dia, o Senhor tornará a estender a sua mão

para resgatar o resto do seu povo,

a saber, aquilo que restar na Assíria.

e no Egito, em Patros, em Cuch e no Elam, em Senaar, em Emat, nas ilhas do mar.

Ele erguerá um sinal para as nações

e reunirá os banidos de Israel.

Ajuntará os dispersos de Judá

dos quatro cantos da terra.

Cessará o ciúme de Efraim,

os adversários de Judá serão exterminados. Efraim não tornará a ter ciúme de Judá,

e Judá não voltará a hostilizar Efraim.

Ambos atirar-se-ão sobre os filisteus ao ocidente, juntos despojarão os filhos do oriente.

Edom e Moab se sujeitarão ao seu domínio

e os filhos de Amon se lhes submeterão.

Iahweh secará a baía do mar do Egito,

ele agitará a sua mão contra o Rio,

com a violência do seu sopro.

Dividi-lo-á em sete canais,

permitindo que seja atravessado até com sandálias.

Haverá um caminho para o resto do seu povo, para o que restar da Assíria,

como houve um caminho para Israel no dia em que subiu da terra do Egito.

Com efeito, Iahweh mostrará compaixão para com Jacó; ele voltará a escolher a Israel. Estabelecê-los-á em seu território. O estrangeiro se unirá a eles, fazendo parte da casa de Jacó. Povos os tomarão e os trarão à sua terra. A casa de Israel os submeterá na terra de Iahweh, fazendo deles servos e

servas. Reduzirão ao cativeiro aqueles que os tinham feito cativos e dominarão aqueles que os tinham oprimido.

E sucederá, no dia em que Iahweh te der descanso do teu sofrimento, da tua inquietude e da dura servidão a que foste sujeitado, que entoarás esta sátira a respeito do rei da Babilônia:
Como terminou o opressor? Como terminou a arrogância? Iahweh quebrou a vara dos ímpios,
o cetro dos dominadores,
daquele que feria os povos com furor,
que feria com golpes intermináveis,
que com ira dominava as nações, perseguindo-as sem que o pudessem deter. O mundo inteiro repousa, está tranquilo; todos rompem em canto de alegria.
Até os ciprestes se regozijam por causa de ti, bem como os cedros do Líbano:
"Depois que jazes caído,
ninguém mais sobe até aqui para pôr-nos abaixo!"

Nas profundezas, o Xeol se agita por causa de ti, para vir ao teu encontro;
para receber-te despertou os mortos, todos os potentados da terra,
fez erguerem-se dos seus tronos todos os reis das nações. Todos eles se interpelam e se dizem:
"Então, também tu foste abatido como nós, acabaste igual a nós.
O teu fausto foi precipitado no Xeol, juntamente com a música das tuas harpas.
Sob o teu corpo os vermes formam como um colchão, os bichos te cobrem como um cobertor.
Como caíste do céu,
ó estrela d'alva, filho da aurora!

Como foste atirado à terra, vencedor das nações!
E, no entanto, dizias no teu coração: "Hei de subir até o céu,
acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembleia, nos confins do norte.
Subirei acima das nuvens,
tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo."

E, contudo, foste precipitado ao Xeol,
nas profundezas do abismo."

Os que te vêem fitam os olhos em ti,
e te observam com toda atenção, perguntando:
"Porventura é este o homem que fazia tremer a terra, que abalava os reinos?
Que reduziu o mundo a um deserto, arrasou as suas cidades
e nunca permitiu que voltassem para a sua pátria os seus prisioneiros? Todos os reis das nações repousam com honra,
cada um no seu jazigo.
Tu, porém, foste lançado fora da tua sepultura, como um ramo abominável,
rodeado de gente imolada, trespassada à espada, atirada sobre as pedras da fossa,
como uma carcaça pisada aos pés.
Tu não te reunirás àqueles na sepultura,
pois que arruinaste a tua terra, fizeste perecer o teu povo, nunca mais se nomeará
essa raça de malvados.
Por causa da maldade dos pais promovei a matança dos filhos.

Não se tornem eles a levantar para submeterem a terra e encherem de cidades a face da terra."

Levantar-me-ei contra eles, oráculo de Iahweh dos Exércitos, e extirparei da Babilônia o seu nome e o seu resto, a sua descendência e a sua posteridade, oráculo de Iahweh. Farei dela uma morada de ouriços e um brejo. Varrê-la-ei com a vassoura do extermínio, oráculo de Iahweh dos Exércitos.

Eis que Iahweh vai assolar a terra e devastá-la,
porá em confusão a sua superfície e dispersará os seus habitantes. O mesmo sucederá ao sacerdote e ao povo,
ao servo e ao seu senhor,
à serva e à sua senhora,
ao comprador e ao vendedor,
ao que empresta e ao que toma emprestado, ao devedor e ao credor.

Certamente a terra será devastada, certamente ela será despojada,
pois foi Iahweh quem pronunciou esta sentença. A terra cobre-se de luto, ela perece;
o mundo definha, ele perece;
a nata do povo da terra definha.
A terra está profanada sob os pés dos seus habitantes; com efeito, eles transgrediram as leis,
mudaram o decreto e romperam a aliança eterna. Por este motivo a maldição devorou a terra
e os seus habitantes recebem o castigo;
por esse motivo os habitantes
da terra foram consumidos:
poucos são os que restam.
O vinho novo se lamenta, a videira perece, gemem todos os que estavam alegres.
O som alegre dos tambores calou-se,
o estrépido das pessoas em festa cessou; cessou o som alegre das cítaras.
Já não se bebe vinho ao som do cântico,
a bebida forte tem um sabor amargo para os que a bebem. A cidade da desolação está arruinada,
todas as suas casas estão fechadas, ninguém pode entrar nelas.
Nas ruas clama-se por vinho, toda a alegria se acabou:
o júbilo foi desterrado da terra. Na cidade só ficou a desolação, a porta ficou reduzida a ruínas.
O que se passa na terra, entre os povos, é algo semelhante ao varejar da oliveira, à respiga do fim da vindima.
Estes elevam a voz, gritam de alegria.
Desde o ocidente proclamam ruidosamente a glória de Iahweh:
"Por isto glorificai a Iahweh no Oriente,
o nome de Iahweh, Deus de Israel, nas ilhas do mar." Desde as extremidades da terra ouvimos ressoar o cântico "glória ao Justo".

Mas eu disse: "Que desgraça para mim! Que desgraça para mim! Ai de mim!"
Os traidores traíram; sim, os traidores cometeram uma traição! O pavor, a cova e a armadilha te ameaçam, ó habitante da terral Aquele que fugir ao grito de pavor
cairá na cova,

aquele que conseguir subir da cova será apanhado na armadilha.
Com efeito, as cataratas do alto se abriram, os fundamentos da terra se abalaram.
A terra será toda arrasada,
a terra será sacudida violentamente, a terra será fortemente abalada.
A terra cambaleará como um embriagado, ela oscilará como uma cabana,
seu crime pesará sobre ela,
ela cairá e não mais se levantará; E acontecerá naquele dia:
Iahweh visitará o exército do alto, no alto, e os reis da terra, na terra.
Eles serão reunidos, como um bando de prisioneiros destinado à cova;
serão encerrados no cárcere;
depois de longo tempo, serão chamados às contas. A lua ficará confusa, o sol se cobrirá de vergonha,
porque Iahweh dos Exércitos reina no monte Sião e em Jerusalém, e a sua Glória resplandece diante dos seus anciãos.

Profeta Jeremias

As últimas décadas que precederam o exílio na Babilônia viram renascer o espírito da profecia clássica nas figuras de homens como Jeremias e Ezequiel. As preocupações com os desvios da fé, com suas sucessivas traições, ocupam fortemente as reflexões desses profetas.

Jeremias nasceu em torno de 645 a.E.C., em Anathoth, Jerusalém, e iniciou sua vocação profética no décimo terceiro ano do reinado de Josias.

A singularidade de Jeremias repousa em suas longas passagens biográficas e autobiográficas que retratam ideias, sentimentos, reações e juízos sobre os acontecimentos do seu tempo. Vários de seus poemas expressam emoções que vão da autocompaixão e angústia à ternura e comoção profundas pelo sofrimento de seu povo. Os temas de Jeremias que o aproximam da profecia clássica são: a “prostituição” de Israel, a traição da confiança de Deus, a condenação do valor absoluto do culto e a exortação à fidelidade e à obediência a Deus.

A atitude resignada de Jeremias em relação à invasão babilônica expressa a convicção do profeta de que apenas uma total reforma ética do povo poderá fazer merecer a ajuda de Deus. A simples confiança em YHVH é o primeiro passo necessário em direção ao verdadeiro arrependimento, uma entrega· incondicional a Deus em qualquer circunstância. Jeremias tinha a convicção de que seu povo estava sob juramento divino e sentia-se mobilizado a buscar a conversão total do povo como única possibilidade de salvação.

Referências

Enciclopaedia Judaica, N. Y., The Macmillan Company, 1972, vol. 9, p. 1345.
Coleção Judaica, Rio de Janeiro, A. Koogan, 1990, vol. I, pp. 92/97.

Profeta Jeremias[1]

Percorrei as ruas de Jerusalém, olhai, constatai,
procurai nas praças
se encontrais um homem que pratique o direito, que procure a verdade:
e eu a perdoarei,
diz Iahweh.
Mas se dizem "Pela vida de Iahweh", na verdade eles juram falso.
Iahweh, não é para a verdade que teus olhos se dirigem? Tu os feriste: eles não sentiram dor.
Tu os consumiste: eles recusaram aceitar a lição. Tornaram a sua face mais dura do que a rocha, recusaram converter-se.
Então eu pensava: "Pobre gente, eles agem tolamente
porque não conhecem o caminho de Iahweh, nem o direito de seu Deus.
Vou dirigir-me aos grandes
e falar com eles,
porque eles conhecem o caminho de Iahweh e o direito de seu Deus!"
Mas também eles quebraram o jugo,
romperam os laços!
Por isso um leão da floresta os fere, um lobo da estepe os dizima,
a pantera está à espreita em suas cidades: todo aquele que sair delas será despedaçado. Pois seus crimes são numerosos,
inúmeras as suas rebeldias.
Por que deveria eu perdoar-te?
Teus filhos me abandonaram
e juraram por deuses que não o são.
Eu os saciei e eles se tornaram adúlteros e correram para a casa da prostituta. São cavalos cevados e vagabundos,
cada qual relincha pela mulher de seu próximo. Acaso não castigarei por causa destas coisas
– oráculo de Iahweh –
ou não me vingarei
de uma nação como esta?

[1] Texto extraído da *Bíblia de Jerusalém,* São Paulo, Edições Paulinas, 1985, capítulos 5 e 7, p. 1483.

Escalai os seus terraços! Destruí! Mas não aniquileis completamente!
Arrancai os seus sarmentos, porque eles não são de Iahweh! Sim, realmente me traíram,
a casa de Israel e a casa de Judá – oráculo de Iahweh.
Eles renegaram a Iahweh
e disseram: "Ele não existe! Nenhum mal nos atingirá,
não veremos nem espada nem fome! Seus profetas não são senão vento,
a palavra não está neles;
assim lhes aconteça!"
Por isso, assim disse Iahweh, o Deus dos Exércitos:
Porque falaste esta palavra,
eis que farei de minhas palavras um fogo em tua boca, e, desse povo, lenha
que o fogo devorará. Eis que trago contra vós uma nação de longe,
ó casa de Israel, oráculo de Iahweh. É uma nação duradoura,
é uma nação antiga,
uma nação cuja língua não conheces e não compreendes o que ela fala.
Sua aljava é como um sepulcro aberto, todos os seus homens são heróis.
Devorará a tua messe e o teu pão, devorará os teus filhos e as tuas filhas, devorará as tuas ovelhas e as tuas vacas, devorará a tua vinha e a tua figueira; destruirá pela espada as tuas cidades fortes em que colocas a tua confiança.

– Contudo, mesmo naqueles dias – oráculo de Iahweh – não vos aniquilarei completamente.
E quando perguntardes: "Por que Iahweh nosso Deus, nos fez tudo isto?", tu lhes responderás: "Assim como me abandonastes para servir, em vossa terra, a deuses estrangeiros, assim também servirei a estrangeiros em uma terra que não é vossa."
Anunciai isto na casa de Jacó,
fazei-o ouvir em Judá:
Ouvi isto,
povo insensato e sem inteligência! Eles têm olhos mas não vêem, têm ouvidos mas não ouvem.
A mim não temeis?
– oráculo de Iahweh.

Não tremeis diante de mim,
que coloquei a areia como limite ao mar, barreira eterna que ele não poderá ultrapassar: suas ondas se agitam, mas são impotentes,
elas rugem, mas não poderão ultrapassar.
Mas este povo tem
um coração indócil e rebelde; eles se afastaram e desertaram. Não disseram em seus corações:
"Temamos a Iahweh nosso Deus, que nos dá a chuva de outono
e a da primavera a seu tempo
e que nos reserva
semanas fixas para a colheita." Vossos delitos afastaram estas coisas,
e vossos pecados vos privaram do bem.

Sim, encontram-se ímpios em meu povo,
eles estão à espreita, como passarinheiros que se agacham, eles colocam armadilhas,
caçam homens.
Como uma gaiola cheia de pássaros, assim as suas casas estão cheias de rapina. Por isso tornaram-se grandes e ricos, gordos e reluzentes.
Ultrapassaram, até mesmo, os limites do mal; eles não respeitam o direito,
o direito dos órfãos e, todavia, têm êxito! E não julgam a causa dos indigentes.
Acaso não castigarei por causa destas coisas – oráculo de Iahweh –
ou não me vingarei de uma nação com esta? Uma coisa horrível e abominável
aconteceu na terra:
Os profetas profetizam mentiras, os sacerdotes procuram proveitos. E meu povo gosta disto!
Mas que fareis quando chegar o fim?

Palavra que foi dirigida a Jeremias da parte de Iahweh: Coloca-te à porta do Templo de Iahweh e anuncia ali esta palavra e diz: Escutai a palavra de Iahweh, vós todos, judeus, que entrais por estas portas para adorardes Iahweh. Assim disse Iahweh dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e eu vos farei habitar neste lugar. Não vos fieis em palavras mentirosas dizendo:

"Este é o Templo de Iahweh, Templo de Iahweh, Templo de Iahweh!" Porque, se realmente melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se realmente praticardes o direito cada um com o seu próximo, se não oprimirdes o estrangeiro, o órfão e a viúva, se não derramardes sangue inocente neste lugar e não correrdes atrás dos deuses estrangeiros para vossa desgraça, então eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais há muito tempo e para sempre. Eis que vós vos fiais em palavras mentirosas, que não podem ajudar. Não é assim? Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a Baal, correr atrás de deuses estrangeiros, que não conheceis, depois virdes a vos apresentardes diante de mim, neste Templo, onde o meu nome é invocado, e dizer: "Estamos salvos", para continuar cometendo estas abominações! Este templo, onde o meu Nome é invocado, será porventura um covil de ladrões a vossos olhos? Mas eis que eu também vi, oráculo de Iahweh.

Ide, pois, ao meu lugar, em Silo, onde eu, outrora, fiz habitar o meu Nome, e vede o que eu lhe fiz por causa da maldade do meu povo, Israel. Mas agora, visto que praticardes todos esses atos oráculo de Iahweh –, visto que não escutastes quando eu vos falava com instância e sem me cansar, e não respondestes aos meus apelos, vou tratar o Templo, onde meu Nome é invocado, e em que colocais a vossa confiança, o lugar que dei a vós e a vossos pais, como tratei Silo. Eu vos expulsarei de minha presença, como expulsei todos os vossos irmãos e toda a raça de Efraim.

Mas tu, não intercedas por este povo e não eleves em seu favor nem lamentos nem preces, e não insistas junto a mim porque não vou te ouvir. Não vês tu o que eles fazem nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém? Os filhos ajuntam a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam a massa para fazerem tortas à rainha dos céus; depois fazem libações a deuses estrangeiros para me ofenderem.

Mas será a mim que eles ofendem?, oráculo de Iahweh. Não será a eles mesmos, para a sua própria vergonha? Por isso, assim disse o Senhor Iahweh: Eis que minha ira ardente se derramará sobre este lugar, sobre os homens, sobre os animais, sobre as árvores do campo e sobre os frutos da terra. Ela arderá e não se extinguirá.

Assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel: Acrescentai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei a carne! Porque eu não disse e nem prescrevi nada a vossos pais, no dia em que vos fiz sair da terra do Egito, em relação ao holocausto e ao sacrifício. Mas eu lhes ordenei isto: Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo. Andai em todo caminho que eu vos ordeno para que vos suceda o bem. E não escutaram nem prestaram ouvido; andaram conforme os seus desígnios, na dureza de teu coração perverso, e deram as costas em vez da face. Desde o dia em que vossos pais saíram da terra do Egito até hoje, enviei-vos todos os meus servos, os profetas; cada dia eu os enviei, incansavelmente. E eles não me escutaram, nem prestaram ouvidos, mas endureceram a sua cerviz e foram piores do que seus pais. Tu lhes dirás todas estas palavras, mas eles não te escutarão. Tu os chamarás, e eles não te responderão. Tu lhes dirás: Esta é a nação que não escutou a voz de Iahweh seu Deus, e não aceitou o ensinamento. A fidelidade pereceu: foi eliminada em sua boca.

> Corta os teus cabelos consagrados e lança-os fora.
> Entoa sobre os cumes secos uma lamentação.
> Porque Iahweh desprezou e repudiou-a
> geração de sua cólera!

Sim, os filhos de Judá praticaram o mal diante de meus olhos, oráculo de Iahweh. Eles colocaram suas Abominações no Templo, no qual o meu Nome é invocado, para profaná-lo. Eles destruíram os lugares altos de Tofet no vale de Ben-Enom, para queimar os seus filhos e as suas filhas, o que eu não tinha ordenado e nem sequer pensado. Por isso, eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que não se dirá mais Tofet nem vale de Ben-Enom, mas sim vale da Matança. Eles enterrarão em Tofet por falta de lugar. Os cadáveres desse povo serão alimento para os pássaros do céu e para os animais da terra, e ninguém os incomodará. Eu farei cessar nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém a voz de júbilo e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva, porque a terra tornar-se-á uma ruína.

Profeta Ezequiel

Nascido em Jerusalém, admite-se que foi deportado para a Babilônia em 597 a.E.C. Ezequiel é considerado um dos maiores escritores da Bíblia e um dos mais populares em seu tempo. Seu estilo é esteticamente elaborado, sua riqueza de imagens e cores resulta no bizarro, lembrando a literatura dos apocalipses e a literatura dos *Midraschim.* Seu livro tem sequências oníricas de grande beleza, bem como imagens assustadoras, maldições, ameaças e punições. A visão apocalíptica e as especulações místicas deste profeta foram fecundas e influenciaram várias correntes da mística judaica.

Conhecido como o "profeta do Senhor da *Mercaba*", é a partir daí que a sua ação profética torna-se fecunda, destacando a onipotência e a transcendência de YHVH.

No rastro da profecia clássica, Ezequiel previu a ruína de Israel e igualmente falou do seu reerguimento, da restauração nacional, transformando a responsabilidade individual pelos pecados na verdadeira essência da religião judaica. Para Ezequiel, uma vez liberto, o povo será restaurado e a organização do culto será a condição para que não ressurjam as desgraças anteriores.

As passagens do livro de Ezequiel apresentadas nesta coletânea são: 34-37.

Referências

Guinsburg, J., *Do Estudo e da Oração,* São Paulo, Perspectiva, 1968, pp. 51/58.

Johnson, Paul, *História dos Judeus,* Rio de Janeiro, Imago, 1989, p. 87.

Profeta Ezequiel[1]

A palavra de Iahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel, profetiza e dize-lhes:

Pastores, assim diz o Senhor Iahweh: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o seu rebanho? Vós vos alimentais com leite, vós vestis de lã e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho! Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida, mas dominastes sobre elas com dureza e violência. Por falta de pastor, elas dispersaram-se e acabaram por servir de presa para todos os animais do campo; e se dispersaram. O meu rebanho dispersou-se por todos os montes, por todos os outeiros elevados e por toda a superfície da terra dispersou-se o meu rebanho. Não há quem o procure ou quem vá em sua busca.

Portanto, pastores, ouvi a palavra de Iahweh. Por minha vida, oráculo do Senhor Iahweh, eu vos asseguro: Visto que o meu rebanho é objeto de saque e serviu de presa a todos os animais do campo, por não terem pastor, pois que os meus pastores não se preocupam com o meu rebanho, porque eles apascentam a si mesmos, mas não apascentam o meu rebanho, por isso, ó pastores, ouvi a palavra de Iahweh. Assim diz o Senhor Iahweh: Eis-me contara os pastores. Das suas mãos requererei prestação de contas a respeito do rebanho e os impedirei de apascentar meu rebanho. Deste modo os pastores não tornarão a apascentar-se a si mesmos. Livrarei minhas ovelhas da sua boca e não continuarão a servir-lhes de presa.

Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e o procurarei. Como um pastor cuida do seu rebanho, quando está no meio das suas ovelhas dispersas, assim cuidarei das minhas ovelhas e as recolherei de todos os lugares por onde se dispersaram em um dia de nuvem e de escuridão. Trá-las-ei dentre os

[1] Texto extraído da *Bíblia de Jerusalém,*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985, capítulos 34, 35,36 e 37, p. 1656.

povos, reuni-las-ei dentre as nações estrangeiras e reconduzi-las-ei para o seu solo, apascentando-as sobre os montes de Israel, nas margens irrigadas dos seus ribeiros e em todas as regiões habitáveis da terra. Apascentá-las-ei em um bom pasto, sobre os altos montes de Israel terão as suas pastagens. Aí repousarão em um bom pasto e encontrarão forragem rica sobre os montes de Israel. Eu mesmo apascentarei o meu rebanho, eu mesmo lhe darei repouso, oráculo do Senhor Iahweh. Buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada, pensarei a que estiver fraturada e restaurarei a que estiver abatida. Quanto à gorda e vigorosa, guardá-la-ei e apascentá-la-ei com o direito.

Quanto a vós, minhas ovelhas, assim diz o Senhor Iahweh: Eis que vou julgar entre ovelha e ovelha, entre carneiros e bodes. Porventura vos parece pouco o pastardes no melhor pasto, mas ainda pisais o resto do pasto com vossos pés, ou beberdes a água límpida, mas ainda turvais o resto com vossos pés? E asminhas ovelhas hão de pastar o pisado pelos vossos pés e o turvado pelos vossos pés? Pois bem, assim diz o Senhor Iahweh: Eis que vou julgar entre a ovelha gorda e a ovelha magra. Visto que empurrastes com os ombros e com os lados, escorneastes as ovelhas abatidas, a ponto de afugentá-las para longe, eu mesmo vou trazer salvação ao meu rebanho, de modo que não mais sejam saqueadas. Sim, eu mesmo julgarei entre ovelha e ovelha.

Suscitarei para elas um pastor que as apascentará, a saber, o meu servo Davi: ele is apascentará, ele lhes servirá de pastor. E eu, Iahweh, serei o seu Deus e meu servo Davi será príncipe entre elas. Eu, Iahweh, o disse. Concluirei com elas uma aliança de paz e extirparei da terra as feras, de modo que habitem no deserto em segurança e durmam nos seus bosques. Distribuí-las-ei nos arredores do meu outeiro e trarei chuva no tempo certo, uma chuva abençoada. A árvore do campo dará o seu fruto, a terra produzirá a sua safra, e elas estarão seguras em sua terra e saberão que eu sou Iahweh, quando eu quebrar as varas do jugo e as libertar da mão dos que as sujeitavam. Elas não voltarão a servir de presa às nações e as feras não as devorarão. Elas habitarão tranquilas, sem que ninguém as amedronte. Proporcionarei a elas uma lavoura famosa, de modo que não voltem a ser colhidas pela fome na terra, nem voltarão a sofrer a afronta das nações. Então saberão que eu, Iahweh, estou com elas, e que elas constituem o meu

povo, a casa de Israel, oráculo do Senhor Iahweh. E vós, minhas ovelhas, vós sois o rebanho humano do meu pasto e eu sou o vosso Deus, oráculo do Senhor Iahweh.

A palavra de Iahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, dirige a tua face contra o monte de Seir e profetiza contra ele. Dize-lhe: Assim diz o Senhor Iahweh: eis que me oponho a ti, monte de Seir. Estenderei a minha mão contra ti e te reduzirei a uma solidão e a um deserto. Das tuas cidades farei uma ruína. Assim, serás uma solidão e saberás que eu sou Iahweh. Por teres cultivado um ódio eterno e teres entregue à espada os filhos de Israel, no tempo da sua calamidade, no tempo em que chegou ao fim sua culpa. Por isso, pela minha vida, oráculo de Iahweh, eu te cobrirei de sangue e·o sangue te perseguirá. Tu te tornaste culpado, derramando sangue. Pois agora o sangue te perseguirá. Farei do monte de Seir uma desolação e um deserto. Extirparei dele todo aquele que percorre a terra. Encherei os seus montes de trespassados: trespassados à espada cairão em seus outeiros, vales e barrancos. Reduzir-te-ei a uma desolação eterna. As tuas cidades não serão habitadas e assim sabereis que eu sou Iahweh.

Visto que disseste: "As duas nações e as duas terras serão minhas. Nós teremos a posse delas", apesar de Iahweh estar ali. Por isso mesmo, por minha vida, oráculo do Senhor Iahweh, agirei contigo de acordo com a ira e o ciúme com que te manifestaste contra eles em virtude do teu ódio. Serei conhecido entre eles pela maneira por que eu te julgar. E saberás que eu, Iahweh, ouvi todos os insultos que pronunciaste contra os montes de Israel, dizendo: "Eles estão reduzidos a uma desolação; eles nos foram dados para que os devorássemos." Levantaste a tua voz contra mim: muitos foram os teus discursos contra mim. Eu ouvi tudo. Assim diz o Senhor Iahweh: Para a alegria de toda a terra, farei de ti uma desolação. Como tu te alegrastes, porque a herança da casa de Israel ficou desolada, farte-ei o mesmo. Ficarás desolado, ó monte de Seir, bem como todo o Edom, e saberão que eu sou Iahweh.

Tu, filho do homem, profetiza aos montes de Israel e dize: Montes de Israel, ouvi a palavra de Iahweh. Assim diz o Senhor Iahweh: Pois que o inimigo disse, referindo-se a vós: "Viva! Estes lugares altos eternos nos são

dados como possessão:" Profetiza e dize: Assim diz o Senhor Iahweh: Visto que vos devastaram e vos apanharam de todos os lados, a fim de que viésseis a ser possessão do resto das nações, expostos ao falatório e à difamação dos povos, por esta razão, montes de Israel, ouvi a palavra do Senhor Iahweh. Assim diz o senhor Iahweh aos montes, aos outeiros, aos despenhadeiros e aos vales, às ruínas em desolação e às cidades abandonadas, entregues ao saque e à zombaria das demais nações ao redor de nós. Pois bem, assim fala o Senhor Iahweh. Certamente no ardor do meu ciúme falei a respeito do resto das nações e a respeito de todo o Edom, que distribuíram entre si a minha terra como possessão, com alegria de coração e desprezo da alma, a fim de saquearem os seus pastos.

Portanto, profetiza a respeito da terra de Israel e dize às montanhas, aos outeiros, aos despenhadeiros e aos vales: Assim diz o Senhor Iahweh: Eis que falo no meu ciúme e na minha cólera: pois que suportais o opróbrio das nações, assim diz o Senhor Iahweh: Estendi a minha mão e asseguro solenemente que as nações que vos cercam terão de suportar – elas mesmas – o seu opróbrio.

E vós, montes de Israel, produzireis para o meu povo de Israel os vossos ramos e os vossos frutos, pois que ele há de voltar em breve. Com efeito, eu venho ter convosco, volto para vós e vós sereis lavrados e semeados. Multiplicarei os homens que hão de habitar sobre vós, a saber, toda a casa de Israel. As cidades serão habitadas e as ruínas, reedificadas. Multiplicarei sobre vós os homens e o gado: eles se multiplicarão e frutificarão. Farei com que sejais habitados como antes e vos assegurarei condições melhores do que as de outrora, e sabereis que eu sou Iahweh. Farei com que os homens tomem posse de vós, ó meu povo, Israel. Eles te possuirão e tu serás a sua herança e não tornarás a privá-los dos seus filhos.

Assim diz o Senhor Iahweh: Dizem de ti: "Tu és uma devoradora de homens, tu privas de filhos a tua nação." Pois bem, não voltarás a devorar os homens e não tornarás a desfilhar a tua nação, oráculo do Senhor Iahweh. Farei com que não voltes a ouvir os insultos das nações, não tornarás a suportar a zombaria dos povos, nem voltarás a privar a nação dos seus filhos, oráculo do Senhor Iahweh.

A palavra de Iahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, a casa de Israel, que habitava a sua terra, contaminou-a com o seu comportamento e com as suas ações, como a impureza de uma mulher no seu incômodo. Tal foi o seu comportamento diante de mim. Então, derramei sobre eles a minha cólera, em virtude do sangue que derramaram na terra e em virtude dos ídolos imundos com os quais a contaminaram. Espalhei-os por entre as nações e eles foram dispersos por terras estrangeiras. Puni-os de acordo com o seu comportamento e com as suas ações. E nas nações para onde se dirigiram, profanaram o meu santo nome, pois se dizia deles: "Este é o povo de Iahweh. Eles tiveram que sair da sua terra." Mas eu tive consideração com o meu santo nome, que a casa de Israel profanou entre as nações para as quais se dirigiram. Por isso irás à casa de Israel: Assim diz o Senhor Iahweh: Não é em consideração a vós que estou agindo assim, ó casa de Israel, mas sim por causa do meu santo nome, que vós profanastes entre as nações para as quais vos dirigistes. Santificarei o meu grande nome, profanado entre as nações, porque vós o profanastes entre eles, e saberão que eu sou Iahweh, oráculo do Senhor Iahweh. Santificarei o meu grande nome; que foi profanado entre as nações, porque vós o profanastes no meio delas, e saberão as nações que eu sou Iahweh – oráculo do Senhor Iahweh –, quando eu for santificado em vós aos seus olhos, quando eu vos tomar dentre as nações e vos reunir de todas as terras, reconduzindo-vos à vossa terra. Borrifarei água sobre vós e ficareis puros; sim, purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei um coração novo, porei no vosso íntimo um espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei no vosso íntimo o meu espírito e farei com que andeis de acordo com os meus estatutos e guardeis as minhas normas e as pratiqueis. Então habitareis na terra que dei a vossos pais: sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus; libertar-vos-ei de todas as vossas impurezas. Chamarei o trigo e o multiplicarei e já não vos entregarei à fome. Multiplicarei os frutos das árvores e o produto do campo, a fim de não voltardes a sofrer o opróbrio da fome entre as nações. Então vos lembrareis dos vossos maus caminhos e das vossas ações que não eram boas e sentireis asco de vós mesmos em virtude das vossas maldades e abominações. Agirei assim, não por consideração para convosco – oráculo

do Senhor Iahweh – sabei-o bem e envergonhai-vos. Deveis sentir pejo do vosso mau caminho, ó casa de Israel.

Assim diz o Senhor Iahweh: No dia, em que eu vos purificar de todas as iniquidades, farei com que sejam habitadas as vossas cidades e reconstruídas as vossas ruínas. E a terra desolada voltará a ser cultivada, em lugar da solidão que havia antes aos olhos de todos os que passavam.

Então dirão: "Esta terra que era uma desolação está agora como o jardim do Éden, e as suas cidades, antes em ruína, desoladas e arrasadas, constituem agora fortalezas habitadas." As nações que sobrarem em torno de vós saberão que eu, Iahweh, reconstruí estas cidades arrasadas e replantei estes desertos. Eu, Iahweh, o disse e o faço.

Assim diz o Senhor Iahweh: Ainda isto farei por eles: consentirei em ser procurado pela casa de Israel e os multiplicarei como um rebanho humano. Como um rebanho consagrado, como rebanho em Jerusalém por ocasião das assembleias solenes, tais serão as cidades arrasadas, cheias de um rebanho humano, e saberão que eu sou Iahweh.

A mão de Iahweh veio sobre mim e me conduziu para fora pelo espírito de Iahweh e me pousou no meio de um vale que estava cheio de ossos. E aí fez com que eu me movesse em torno deles de todos os lados. Os ossos eram abundantes na superfície do vale e estavam muito secos. Ele me disse: "Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?" Ao que respondi: "Senhor Iahweh, tu o sabes." Então me disse: "Profetiza a respeito destes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra de Iahweh. Assim fala o Senhor Iahweh a estes ossos: Eis que vou fazer com que sejais penetrados pelo espírito e vivereis. Cobrirvos-ei de tendões, farei com que sejais cobertos de carne e vos revestirei de pele. Porei em vós o meu espírito e vivereis. Então sabereis que eu sou Iahweh." Profetizei, de acordo com a ordem que recebi. Enquanto eu profetizava, houve um ruído e depois um tremor e os ossos se aproximaram uns dos outros. Vi então que estavam cobertos de tendões, estavam cobertos de carne e revestidos de pele por cima, mas não havia espírito neles. Então me disse: "Profetiza ao espírito, profetiza, filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o Senhor Iahweh: Espírito, vem dos quatro ventos e sopra sobre estes ossos para que vivam." Profetizei

de acordo com o que ele me ordenou, o espírito penetrou-os e eles viveram, firmando-se sobre os seus pés como um imenso exército.

Então ele me disse: Filho do homem, estes ossos representam toda a casa de Israel, que está a dizer: “Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós está tudo acabado.” Pois bem, profetiza e dize-lhe: Assim diz o Senhor Iahweh: Eis que vou abrir os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel. Então sabereis que eu sou Iahweh, quando eu abrir os vossos túmulos e vos fizer subir de dentro deles, ó meu povo. Porei o meu espírito dentro de vós e haveis de reviver: eu vos reporei em vossa terra e sabereis que eu, Iahweh, falei e hei de fazer, oráculo de Iahweh.

A palavra de Iahweh me foi dirigida nestes termos: E tu, filho do homem, toma uma acha de lenha e escreve sobre ela: “Judá e os filhos de Israel que estão com ele.” Em seguida tomarás outra acha de lenha e escreverás sobre ela: “José (acha de Efraim) e toda a casa de Israel que está com ele.” Aproxima-as uma da outra, de modo que formem uma só acha de lenha; que elas formem uma só na tua mão. Ora, quando os filhos do teu povo te perguntarem: “Não nos explicarás o que queres dizer com isto?” Tu lhes dirás: Assim diz o Senhor Iahweh:

Eu vou tomar a acha de lenha que é José (a qual está na mão de Efraim) e as tribos de Israel que estão com ele, e as juntarei à acha de lenha que é Judá, e farei delas uma só acha de lenha, de modo que sejam uma só acha em minha mão.

As achas de lenha sobre as quais escreveste estarão em tua mão diante dos seus olhos. Dize-lhes: Assim diz o Senhor Iahweh: Eis que vou tomar os filhos de Israel dentre as nações, para as , quais foram levados, e reuni-los-ei de todos os povos e os reconduzirei para a sua terra, e farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e haverá um só rei para todos eles. Já não constituirão duas nações, nem tornarão a dividir-se em dois reinos. Não voltarão a contaminar-se com os seus ídolos imundos, com as suas abominações e com todas as suas transgressões. Hei de salvá-los das suas apostasias com que pecaram e hei de purificá-los, para que sejam o meu povo e eu seja o seu Deus. O meu servo Davi será rei sobre eles, e haverá um só pastor para todos, e andarão de acordo com as minhas normas

e guardarão os meus estatutos e os praticarão. Habitarão na terra que dei ao meu servo Jacó, terra em que habitaram os vossos pais. Nela habitarão eles, os seus filhos e os filhos dos seus filhos para sempre, e Davi, o meu servo, será o seu príncipe para sempre. Concluirei com eles uma aliança de paz, a qual será uma aliança eterna. Estabelecê-los-ei e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles para sempre. A minha Habitação estará no meio deles: eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Assim saberão as nações que eu sou Iahweh, aquele que santifica Israel, quando o meu santuário estiver no meio deles para sempre.

O Talmud – Sanhedrin (Sinédrio)

O *Talmud* é formado por dois subconjuntos – a *Mishná* e a *Guemará* –, desenvolvidos simultaneamente em duas versões – o *Talmud da Babilônia* e o *Talmud de Jerusalém* – sendo que a primeira tornou-se a mais difundida. O *Sanhedrin,* quarto tratado na ordem *Mishná* do *Talmud,* significa Corte da Justiça**,** referindo-se ao grande *Bet Din* – que compreende 71 eruditos ordenados e cortes subordinadas compostas de 23 juízes funcionando em várias cidades.

No *Talmud*, as indicações sobre o Messias e a sua vinda são poucas, dispersas e nem sempre congruentes. A tradição rabínica incentivou a crença no Messias mas desestimulou elucubrações sobre quando e como ele chegaria. Somente a tradição mística judaica (Kabala) se aventurou neste terreno.

Em geral, o tratado descreve a composição e o poder das cortes de diferentes tipos e graus, o procedimento legal e a lei criminal. O texto apresentado nesta coletânea – capítulo VI – retrata os tempos que precedem a vinda do Messias e a discussão sobre se a redenção de Israel, através do Messias, depende do arrependimento de seu povo.

Referência

Enciclopaedia Judaica, N.Y., The Macmillan Company, 1972, vol. 14, p. 839.

O Talmud – Sanhedrin (Sinédrio)[1]

Rabi Nachman disse a Rabi Isaac: "Ouviu dizer quando chegará *Bar Nafle?"*[2] "Quem é Bar Nafle?" – indagou ele. "Messias", respondeu. "Chama o Messias de Bar Nafle?" – "Mesmo assim", replicou, "conforme está escrito, *Naquele dia levantarei* [97a] *o tabernáculo de Davi* ha-nofeleth [*que está caído*]*"*.[3] Ele respondeu, "Assim falou Rabi Johanan: Na geração em que vier o filho de Davi [isto é, o Messias], os eruditos serão poucos, e quanto aos demais, seus olhos falharão por tristeza e desgosto. Inúmeras calamidades e decretos malignos serão novamente promulgados, cada novo mal chegando com pressa antes de o outro ter terminado."

Nossos rabinos ensinaram: No ciclo de sete anos ao fim do qual virá o filho de Davi – no primeiro ano este versículo se cumprirá: *E farei chover sobre uma cidade e sobre outra não;*[4] no segundo, as flechas da fome serão lançadas;[5] no terceiro, uma grande fome, no decurso da qual homens, mulheres e crianças, devotos e santos[6] irão morrer, e a Torá será esquecida por seus estudantes; no quarto, abundância parcial;[7] no quinto, grande abundância, quando homens irão comer, beber e se rejubilar, e a Torá voltará aos seus discípulos; no sexto, sons [celestiais];[8] no sétimo, guerras; e ao término do setênio virá o filho de Davi. Rabi Joseph contestou: Mas tantos setênios já passaram, e no entanto ele não veio!- Refutou Abaye:

[1] Texto extraído do *The Babylonian Talmud* – Sanhedrin – Seder Nezikin, vol. III. London, The Soncino Presa, 1935, p. 654.
[2] Lit., "filho dos caídos". Bar Nafle é geralmente presumido como representando os gregos. O "filho das nuvens"; cf. Daniel VII, 13. *eis que vinha com as nuvens do céu um como um filho do homem,* ao que Rabi Nachman deu uma conotação hebraica.
[3] Amós, IX, 11.
[4] *Ibid.,* IV, 7.
[5] Isto é, não realmente fome, mas os primeiros sinais disso, ninguém estando completamente satisfeito.
[6] Lit., "homens pelos quais ocorrem milagres" – Jast.
[7] Lit., "muito e não muito".
[8] Ou vozes celestiais anunciando o advento do Messias ou os toques do grande Shofar; cf. Isaías XXVII, 13.

Houve então sons [celestiais] no sexto e guerras no sétimo! Além do mais, estiveram elas [as calamidades] nessa ordem![9]

[*Com que, Senhor, teus inimigos têm vilipendiado; com que eles têm vilipendiado os passos do teu ungido*.][10] Foi ensinado, disse Rabi Judah: Na geração em que vier o filho de Davi, a casa de reuniões[11] será para meretrizes, a Galileia estará em ruínas, Gablan despovoada,[12] os habitantes da fronteiras[13] vagando de cidade em cidade, sem receber hospitalidade, a sabedoria dos escribas desdenhada. Homens tementes a Deus desprezados, pessoas[14] impudentes,[15] e a verdade inteiramente ausente, como está escrito, *Sim, a verdade sumiu, e quem se desvia do mal é tratado como presa.*[16] O que significa "sim, a verdade sumiu [ne'edereth]"? – Os Eruditos da Escola de Rab[17] disseram: Isto ensina que vai se dividir em grupos separados[18] e partir.[19] Qual o significado de *"e quem se desvia do mal faz de si próprio uma presa* [mishtollel)? A Escola de Rabi Shila diz: Aquele que se desvia do mal será chamado de tolo por seus semelhantes.[20]

Raba disse: Eu costumava inicialmente pensar que não havia verdade no mundo.[21] Ao que um dos rabinos, cujo nome era Rabi Tabuth – dizem outros que era Rabi Tabyomi – que, mesmo se lhe fossem dados todos os tesouros do mundo, não iria mentir, me contou que certa vez ele chegou a

[9] Embora calamidades e decretos malignos tivessem vindo em abundância, não estavam na ordem prescrita.
[10] Salmos. LXXXIX, 52.
[11] Onde eruditos se reúnem.
[12] [Gablan, a leste do Mar da Galileia e do Jordão superior.]
[13] Os judeus vivendo junto às fronteiras da Palestina os homens de (a Sala das) Pedras Talhadas, isto é, o *Sanhedrin.*
[14] Lit., "o rosto da geração".
[15] Isto é, descaradas, sem vergonha umas das outras.
[16] Isaías, LIX, 15.
[17] V. p. 387, n. 7.
[18] *'Adarim, 'adarim.* se relaciona ao significado de "bando", "grupo".
[19] Provavelmente significando que haverá tantas opiniões conflitantes quanto ao que é verdade que esta se tomará, para quaisquer fins práticos, inacessível.
[20] Cf. Jó XII, 17: os conselheiros leva os despejados do seu cargo, e aos juízes faz desvairar. Sholal sendo paralelo a "todos", leva a mesma conotação.
[21] Isto é, nenhuma pessoa fala sempre a verdade.

um lugar chamado Kushta,[22] onde ninguém jamais dizia mentiras, e onde nenhum homem morria antes do tempo. Então ele casou com uma das mulheres deles, com quem teve dois filhos. Um dia estava sua esposa sentada e lavando seu cabelo quando chegou uma vizinha e bateu na porta. Pensando consigo mesmo que não ficaria bem [dizer a ela que sua esposa estava se lavando], ele disse: "Ela não está aqui." [Como castigo por isso] seus dois filhos morreram. Vieram então pessoas da cidade e o interrogaram: "Qual é a causa disso?" Aí eles lhes relatou o que havia acontecido. "Rogamos-lhe", responderam eles, "saia desta cidade e não incite a Morte contra nós".[23]

Foi ensinado, Rabi Nehorai disse: Na geração em que vier o Messias, os moços insultarão os velhos, e os velhos ficarão de pé diante dos moços [para honrá-los]; as filhas se levantarão contra suas mães, e as noras contra suas sogras. As pessoas ficarão descaradas, e um filho não se envergonhará na presença de seu pai.

Foi ensinado, Rabi Nehemiah disse: Na geração da vinda do Messias o impudor vai aumentar, a estima será pervertida,[24] o vinhedo produzirá seu fruto, mas o vinho será caro,[25] e o Reino se converterá à heresia[26] com ninguém para censurá-los. Isso apóia Rabi Isaac, que disse: O filho de Davi só virá quando o mundo inteiro estiver convertido à crença dos hereges. Raba disse: Que versículo [prova isso]? *Tudo se tornou branco: ele está limpo.*[27]

[22] Lit., "verdade".
[23] Lit., "contra estes homens".
[24] Isto é, ninguém terá estima por outro. Outra opinião: mesmo os mais estimados serão pervertidos e enganadores.
[25] Todos estarão embriagados, de modo que, a despeito da produção, abundante, haverá escassez.
[26] [Hebr. *Minuth*. "O Reino" significa o Império Romano, e a afirmação é uma notável previsão de Rabi Nehemias (150 a.C.) da coversão de Roma ao Cristianismo sob Constantino o Grande em 313; v., contudo, Herford, *Christianity in the Talmud*, 207, ss.].
[27] Levítico, XIII, 13. Isso se refere à lepra: uma inchação branca é um sintoma de impureza; não obstante, se a pele toda estiver assim afetada, ela é declarada limpa. Assim, também aqui, todos sendo hereges, é isso um sinal de que o mundo está a ponto de ser purificado pelo advento do Messias.

Nossos rabinos ensinaram: Porque o Senhor julgará seu povo, e se compadecerá dos seus servos, quando vir que o seu poder se foi, e já não há nem escravo nem liberto;[28] o filho de Davi só virá quando houver denunciantes em abundância.[29] Outra interpretação [de seu poder se foi]: até haver poucos eruditos. Outra interpretação: até que a [última] perutah tenha saído da bolsa. Ainda outra interpretação: até não haver mais esperança de redenção, pois está escrito, já não há nem escravo nem liberto, como – se fosse possível [dizê-lo] – Israel não tivesse nem Defensor nem Auxiliador. Mesmo como Rabi Zera, que, sempre que se encontrava por acaso com eruditos tratando disso [isto é, calculando o tempo do advento do Messias], dizia a eles: Eu lhes peço, não o adiem, pois foi ensinado: Três chegam inesperadamente[30] o Messias, um objeto achado e um escorpião.[31]

Rabi Kattina disse: Seis mil anos existirá o mundo, e um [mil, o sétimo] ficará despovoado, conforme está escrito, *E* somente *o Senhor será exaltado naquele dia.*[32] Abaye disse: Ficará despovoado dois [mil], conforme está dito, *Depois de dois dias nos reanimará: no terceiro dia nos levantará, e viveremos diante dele.*[33]

Foi ensinado de acordo com Rabi Kattina: Assim como o sétimo ano é um ano de remissão em sete, igual é o mundo: mil anos em sete será sem cultivo, conforme está escrito, *E* somente *o Senhor será exaltado naquele dia:* e está dito também, *Um Salmo e cântico para o Sabbat,*[34] significando o dia que é inteiramente *Sabbat*[35] e está igualmente dito, *Pois mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem se foi".*[36]

[28] Deuteronômio XXXII, 36.
[29] *"Quando vir que seu poder se foi"* é interpretado como significando que estarão à mercê de informantes; então Deus julgará seu povo – irá redimi-lo através do Messias.
[30] Lit., "quando a mente está distraída".
[31] Donde em pensando nele estavam adiando sua chegada.
[32] Isaías II, 11.
[33] Oseias VI, 2: os "dois dias" significando dois mil anos. Cf. Salmos XC, 4 citado a seguir.
[34] Salmos XCII, 1.
[35] Isto é, o período de completo abandono.
[36] Salmos XC, 4: assim "dia" nos Versículos precedentes significa mil anos.

O *Tanna debe Eliyyahu* ensina: O mundo existirá seis mil anos.Nos primeiros dois mil anos houve desolação;[37] por dois mil anos a Tora floresceu,[38] e os dois mil anos seguintes são a era messiânica,[39] mas devido a nossas muitas iniquidades esses anos todos se perderam.[40]

Elijah disse a Rabi Judah, o irmão de Rabi Salla, o Pio: "O mundo existirá não menos que oitenta e cinco jubileus,[41] e no último jubileu virá o filho de Davi".[42] Perguntou-lhe ele, "No início ou no fim?".[43] Respondeu: "Eu não sei." "Deverá [esse período] ser completado ou não?"[44] – "Eu não sei", respondeu. Rabi Ashi disse: Ele assim lhe falou, "Antes disso, não o espere; depois, pode aguardá-lo".[45]

Rabi Chanan b. Tachlifa mandou [dizer] a Rabi Joseph: Certa vez conheci um homem que possuía um pergaminho escrito em hebraico com caracteres assírios.[46] Disse eu a ele: "Como lhe chegou isso?" Respondeu: "Empreguei-me como mercenário no exército romano, e achei isso no meio dos arquivos romanos. Neles se afirma que quatro mil, duzentos e trinta[47] e um ano após a criação o mundo ficará órfão.[48] Quanto aos anos subsequentes alguns deles serão gastos com a guerra dos grandes monstros

[37] Isto é, sem Torá. É uma tradição que Abraão estava com 52 anos, quando começou a converter 'homens à adoração do verdadeiro Deus; de Adão até então haviam transcorrido dois mil anos.
[38] Isto é, no 52º ano de Abraão até 172 anos após a destruição do Segundo Templo. Não significa isso que depois a Torá deveria acabar, sendo a menção apenas para distinguir essa era da seguinte.
[39] Isto é, o Messias virá nesse período.
[40] Ele deveria ter vindo ao início dos últimos dois mil anos; o atraso é devido aos nossos pecados.
[41] De cinquenta anos.
[42] [Messias. A crença na descendência davídica já é mencionada nos Salmos de Salomão XVII, 21.]
[43] Dos últimos cinquenta anos.
[44] Isto é, se ao fim do jubileu, será no início ou no fim do 50º ano?
[45] Ele certamente não virá antes disso, mas depois poderá demorar muito.
[46] O caráter quadrado das letras hebraicas, é assim denominado por causa da grande semelhança com a escrita aramaica, sendo o nome Assíria aqui usando no sentido mais amplo, para incluir os países do Mediterrâneo habitados pelos arameus.
[47] Assim o Gaon de Vilna; v. A. Z.9b; nossas edições dão noventa.
[48] Em grande aflição, como um órfão que não tem ninguém para cuidar dele.

marinhos,[49] e alguns na guerra entre Gog e Magog, e o [período] restante será a era messiânica, enquanto o Santíssimo, louvado seja Ele, renovará seu mundo somente após sete mil anos. Rabi Abba, o filho de Raba disse: A afirmação foi após cinco mil anos.

Foi ensinado: Rabi Nathan disse: Esse versículo penetra e desce ao verdadeiro abismo:[50] Porque a visão ainda está para se cumprir no tempo determinado, mas no fim se expressará, e não falhará; se tardar, espera por ela, porque certamente virá, não tardará.[51] Não como nossos Mestres, que interpretaram o versículo até um tempo, dois tempos e metade de um tempo;[52] nem como Rabi Simlai, que explicou Dá-lhes a comer pão de lágrimas; e lágrimas a beber uma terceira vez,[53] nem como Rabi Akiba que explicou, Ainda Uma vez dentro em pouco, farei abalar os céus e a terra[54] mas a primeira dinastia [a saber, os Hasnioneus] durará setenta anos, a segunda [a Herodiana] cinquenta e dois, e o reinado de Bar Kochba dois anos e meio.[55]

O que significa "*mas no fim se expressará [we-yafeach] e não mentirá?*" Disse Rabi Samuel b. Nachmani em nome de Rabi Jonathan: Destruídos sejam[56] os ossos daqueles que calculam o fim.[57] Pois diriam, como o tempo predeterminado chegou, e no entanto ele não chegou, ele nunca chegará. Mas [mesmo assim] o aguardem, pois está escrito, *embora ele se atrase, espera.* Se dissessem, *Nós* estamos aguardando [o seu advento] mas *Ele* não; por isso a Bíblia diz*: E por isso o Senhor espera,*

[49] Maharsha explica isso como uma referência figurativa às grandes nações.
[50] Assim como não se pode alcançar o fundo de um abismo, assim também é impossível compreender o sentido integral desse versículo (Rashi).
[51] Habacuc II, 3.
[52] Daniel, VII, 25.
[53] Salmos LXXX, 6.
[54] Ageu II, 6.
[55] Os versículos citados de Daniel, dos Salmos e de Ageu foram interpretados de modo a dar uma data precisa para o advento do Messias. Rabi Nathan, contudo, com base em Habacuc II, 3 afirma que todos esses cálculos estão errados. Os três versículos se referem aos Hasmoneus, aos Herodianos e ao reinado de Bar Kochha, mas o advento, do Messias é incognoscível.
[56] O versículo é dado como "ele destruirá aquele que calcular o fim".
[57] Isto é, o advento do Messias.

para ter misericórdia de vós, e será enaltecido, para se compadecer de vós.[58] Mas como *nós* estamos esperando, e *Ele* também, o que atrasa [seu advento]? – É o Atributo de Justiça que o atrasa.[59] Mas como é o Atributo de Justiça que causa o atraso, por que estamos nós à espera? – Para sermos recompensados [por aguardar], pois está escrito *bem aventurados todos os que esperam por ele.*[60]

Abaye disse: O mundo precisa ter em cada geração no mínimo trinta e seis homens justos, aos quais é permitido [contemplar] o semblante da *Shechiná,* pois está escrito *Bem-aventurados todos os que esperam* lo [por ele]; o valor numérico de "*lo*" é trinta e seis. Mas não é assim, pois não disse Raba: A fileira [de homens justos imediatamente] antes do Santíssimo, louvado seja Ele, consiste de dezoito mil,[61] pois não está escrito *Serão dezoito mil em redor?*[62] – Isso não é dificuldade alguma: o número anterior [trinta e seis] refere-se àqueles que O vêem através de um espelho brilhante e os outros são os que o contemplam através de um obscurecido.[63] Mas há tantos assim? Não disse Ezequias em nome de Rabi Jeremias por autorização de Rabi Simenon b. Yochai: Eu vi os filhos do céu,[64] mas são poucos; se há mil, eu e meu filho estamos incluídos; se forem cem, eu e meu filho estamos incluídos; e se somente dois, somos eles eu e meu filho? – Não há dificuldade: o número anterior [trinta e seis] se refere aos que entram [na barreira para contemplar a *Shechiná*] com permissão; os outros [número incerto] são aqueles que podem entrar sem permissão.

Rab disse: Todas as datas predestinadas [para redenção] já passaram, e a questão [agora] depende somente de arrependimento e boas ações. Mas Samuel sustenta: basta que um enlutado mantenha seu [período de] luto.[65]

[58] Isaías XXX, 18.
[59] Isto é, por não sermos ainda dignos dele.
[60] Ibid.
[61] Maharsha elimina "parasanga".
[62] Ezequiel XLVIII, 35.
[63] Somente trinta e seis vêem-nO com absoluta clareza. Os outros recebem Dele uma visão nublada.
[64] Isto é, aqueles que no futuro gozarão da visão da *Shechiná.*
[65] Os sofrimentos de Israel no *Galut* por si só justificam suficientemente sua redenção, independente de arrependimento.

Essa questão é contestada pelos Tanaim; Rabi Eliezer disse: Se Israel se arrepender, será redimido; caso contrário, não será redimido. Disse-lhe Rabi Joshua: Se não se arrependerem, não serão redimidos! Mas o Santíssimo, louvado seja Ele, vai submetê-los a um rei, cujos decretos serão tão cruéis como os de Haman, pelo que Israel entrará em arrependimento, e assim ele os trará de volta ao caminho certo.[66] Outro [Baraitha] ensinou: Rabi Eliezer disse: Se Israel se arrepender, será redimido, conforme está escrito, *Voltai, ó filhos rebeldes, eu curarei as vossas rebeliões.*[67] Disse a ele Rabi Joshua: Mas não está escrito, *Por nada vos vendestes, e sem dinheiro sereis resgatados?*[68] *Por nada vos vendestes,* por idolatria; e *sem dinheiro sereis resgatados* – sem arrependimento e boas ações. Replicou Rabi Eliezer a Rabi Joshua: Mas não está escrito, *Voltai a mim e eu voltarei a vós?*[69] Retorquiu Rabi Joshua: Mas não está escrito, *Pois eu sou vosso senhor, e vos tomarei um de cada cidade, e dois de cada família, e vos levarei a Sion?* Rabi Eliezer respondeu: Mas está escrito, *Em voltar e sossegar está vossa salvação.*[70] Rabi Joshua respondeu: Mas não está escrito, *Assim diz o Senhor, o Redentor e Santo de Israel àquele que é desprezado pelos homens, e detestado pelas nações, ao servo dos governantes: Reis verão e se levantarão, e príncipes também adorarão?*[71] Rabi Eliezer contestou: Mas não está escrito *Se voltares,*[72] *ó Israel diz o Senhor, volta para mim?*[73] Rabi Joshua respondeu: Mas em outra parte está escrito, *Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu, e jurou por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E quando se*

[66] [No Talmud de Jerusalém a última frase, "Mas o Santíssimo... caminho certo" é dada como resposta de Rabi Eliezer a Rabi Joshua.]
[67] Jeremias III, 22.
[68] Isaías LII, 3
[69] Malaquias III, 14: "Sou vosso senhor" implica mesmo contra vossa vontade – isto é, sem arrependimento de toda a nação (Rashi).
[70] Isaías XXX, 15.
[71] *Ibid.,* XLIX, 7: *"ao que é desprezado"* sugere que ainda é um pecador não-arrependido (Rashi), ou que sua prostração por si só trará a redenção (Yad Ramach).
[72] Isto é, à vossa terra.
[73] Jeremias IV, 1.

acabar a destruição do poder do povo santo estas coisas todas se cumprirão.[74] Diante disso Rabi Eliezer permaneceu calado.

Rabi Abba disse também: Não pode haver mais evidente [sinal de] redenção que este: a saber, que está dito, Mas vós, ó montes de Israel vós produzireis os vossos ramos, e dareis· o vosso fruto para o meu povo de Israel o qual está prestes a vir.[75] Rabi Eleazar falou: Então isso também, como está escrito, Porque antes daqueles dias não havia salários para homens, nem os animais lhes davam ganho; E não havia paz para o que entrava nem para o que saía, por causa da desgraça.[76] O que quer dizer "não havia paz para o que entrava nem para o que saía, por causa da desgraça"? – Disse Rab: Mesmo para eruditos, a quem é prometida a paz,[77] como está escrito, Grande paz têm eles que têm a vossa lei,[78] "Não haverá paz por causa da desgraça". Disse Samuel, "Até que todos os preços sejam iguais."[79]

Rabi Chanina disse: O filho de Davi não virá até que um peixe seja procurado para um inválido e não possa ser conseguido, pois está escrito, *Então farei profundas as suas águas, e farei correr os seus rios*

[74] Daniel XII, 7, provando assim que o advento do Messias depende apenas da prostração total de Israel, e não de seu arrependimento.
[75] Ezequiel XXXVI, 8. Quando a Palestina se tornar assim tão fértil, o advento do Messias estará próximo, e não pode haver sinal mais claro do que esse (Rashi).
[76] Zacarias VIII, 10; isto é, quando não há mais nenhum dinheiro, e calamidades por toda parte. Cf. supra "até que a *perutah* tenha saído da bolsa".
[77] Lit., 'referente aos quais paz está escrito'.
[78] Salmos CXIX, 165.
[79] Esta é uma passagem difícil. Rashi a explica como significando que os preços de todos os artigos, como, por exemplo, trigo, vinho, azeite etc., serão idênticos, ou que todos os artigos serão igualmente caros. Mas é difícil ver como isso explica "não havia paz etc." Maharsha, consequentemente, associa esse versículo, "para o que entrava ou saía" com Ezequiel XLVI, 9: *Mas quando vier o povo da terra perante o Senhor, nas festas solenes, aquele que entrar pela porta do norte, para adorar, sairá pela porta do sul; e aquele que entrar pela porta do sul sairá pela porta do norte...* Consequentemente, ele interpreta: até que todas as portas sejam iguais, isto é, a gente toda, quer esteja entrando ou saindo do Templo – uma expressão denotando "sem exceção" – irá sofrer.

como o azeite;[80] embora esteja escrito,[81] *Naquele dia farei brotar o poder na casa de Israel.*[82]

Rabi Chama b. Chanina disse: O filho de Davi não virá até que mesmo o mais insignificante dos reinos deixe [de ter poder] sobre Israel,[83] conforme está escrito, *Ele cortará os rebentos*[84] *com podões, e cortará os ramos;*[85] e isso é seguido por *Naquele tempo será levado um presente ao Senhor dos exércitos de um povo que está disperso.*[86]

Ze'iri disse em nome de Rabi Chanina: O filho de Davi não virá enquanto houver homens presunçosos em Israel, pois está escrito *Então tirarei do meio de vós os que exultam no vosso orgulho;*[87] o que é seguido por *Mas deixarei no meio de vós um povo pobre e afligido, e eles se refugiarão no nome do Senhor.* [88]

Rabi Simlai disse em nome de Rabi Eleazar, filho de Rabi Simeon: O filho de Davi não virá até que todos os juízes e dignitários tenham saído de Israel, pois está escrito *E voltarei contra vós a minha mão, e purificar-vos-ei das vossas escórias e tirarei de vós todo metal impuro. E restituir-vos-ei os vossos juízes, como no princípio.*[89]

'Ulla disse: Jerusalém só será redimida por justiça,[90] pois está escrito, *Sion será redimida pelo direito, e seus convertidos pela justiça.* [91]

---

[80] Ezequiel XXXII, 14. Quando uma película oleosa cobre a água, não se pode pegar peixes – uma previsão dos estragos causados à vida marinha nos tempos modernos por embarcações que queimam óleo em excesso?
[81] [No mesmo sentido, lidando com a destruição do Egito (Maharsha).]
[82] *Ibid.,* XXIX, 21.
[83] [Assim Maharsha. Rashi diz: "até que mesmo o domínio mais insignificante acabe em Israel, isto é, Israel será privado de qualquer aparência de poder".]
[84] Metafórico para "insignificantes reinos".
[85] Isaías XVIII, 5.
[86] *Ibid.*, 7.
[87] Sofonias III, 11.
[88] *Ibid.,* 12; isto é, para *eles* virá o redentor.
[89] Isaías I, 25 ss; isso prova que antes eles têm de ser removidos.
[90] Isto é, pelo exercício da caridade.
[91] Ibid, 27.

Rabi Papa disse: Quando os arrogantes deixarem de existir [em Israel] os magos[92] acabarão [entre os persas]; quando os juízes deixarem de existir [em Israel], acabarão igualmente os *chiliarchi.*[93] Agora, "quando os arrogantes deixarem de existir, os magos também acabarão", pois está escrito, *E purificar-vos-ei de vossos arrogantes*[94] *e tirarei de vós todo metal impuro.*[95] "Quando os juízes deixarem de existir, acabarão igualmente os *chiliarchi",* pois está escrito, *O Senhor retirou as sentenças que eram contra vós, lançou fora o vosso inimigo.*[96]

Rabi Jochanan disse: Quando vires uma geração minguando cada vez mais, espera por ele [o Messias], pois está escrito *E salvarás o povo aflito.*[97] Rabi Jochanan disse: Quando vires uma geração afogada por muitos problemas como por um rio, espera-o, pois está escrito, *quando o inimigo vier como uma torrente, o Espírito do Senhor levantará contra ele um estandarte;*[98] o que é seguido por *E virá o Redentor a Sion.*[99]

Rabi Jochanan também disse: O filho de Davi só virá em uma geração que seja ou inteiramente justa ou inteiramente má. "Em uma geração que seja inteiramente justa", – pois está escrito, *Todos os do vosso povo serão justos; para sempre herdarão a* terra.[100] "Ou inteiramente má" – , pois está escrito, *E viu que não havia homem algum, e admirou-se de que não houvesse um intercessor,*[101] e [em outra parte] está escrito, *Por amor a mim, por amor a mim, é que faço isto.*[102]

---

[92] [Os guebros que eram responsáveis por muito do sofrimento dos judeus sob os Sassânidas.]
[93] [*Persa Wezirpat,* um governante. Funk, *Schwarz Festschrift,* p. 432]; o nome de uma classe de opressivos funcionários persas.
[94] "Grande", "arrogante".
[95] Metaforicamente aplicado aos magos, como sendo "um metal inferior".
[96] Sofonias III, 15.
[97] II Samuel, 28.
[98] Isaías LIX, 19.
[99] Ibid., 20.
[100] *Ibid.,* LX, 21.
[101] *Ibid.,* LIX, 16.
[102] *Ibid.,* XLVIII, 11.

Rabi Alexandri disse: Rabi Joshua b. Levi apontou uma contradição. Está escrito, *em seu tempo* [o Messias virá], conquanto também e suja escrito, *Eu [o Senhor) apressarei isso!*[103] – Se forem merecedores, eu o apressarei; se não, [ele virá] no devido tempo. Rabi Alexandri disse: Rabi Joshua opôs dois versículos: está escrito, *Eis que vinha com as nuvens do céu um como o filho do* homem[104] enquanto que [em outra parte] está escrito, *[eis aí o vosso rei...) humilde e montado num jumento!*[105] – Se forem meritórios, [ele virá] *com as nuvens do céu;*[106] se não, *humilde e montado num jumento.* O rei Shapur [I] disse a Samuel: "Vós dizeis que o Messias virá montado num jumento; eu prefiro mandar-lhe um cavalo branco meu.[107] Respondeu ele: "Tendes um corcel de cem cores?"[108]

Rabi Joshua b. Levi encontrou Elias de pé junto à entrada do túmulo de Rabi Simeon b. Yochai. Perguntou-lhe: "Tenho eu uma porção no mundo por vir?" Respondeu ele: "Se este Mestre o desejar."[109] Rabi Joshua b. Levi disse: "Eu vi dois, mas ouvi a voz de um terceiro."[110] Ele então lhe perguntou: "Quando virá o Messias?" – "Vá e pergunte a ele mesmo", foi a resposta. "Onde ele está sentado?" "Na entrada."[111] "E por qual sinal posso reconhecê-lo?" – "Ele está sentado entre os pobres leprosos; todos eles [as][112] desatam de uma vez, e voltam a reenfaixá-las juntas,[113] enquanto que ele desata e reenfaixa cada uma separadamente, [antes de tratar a seguinte],pensando, se me quiserem, [sendo hora para o meu aparecimento

[103] *Ibid.,* LX, 22; o versículo diz: *Eu* o *Senhor apressarei isso a seu tempo.* As duas frases são contraditórias, já que "apressar" implica antes do tempo apropriado.
[104] Daniel VII, 13.
[105] Zacarias IX, 7.
[106] "Velozmente" (Rashi).
[107] Isso é mais apropriado.
[108] Essa pilhéria é explicada por Krochmal *(Hechalutz,* I, p. 83) como um convite ostensivo aos judeus para auxiliarem Shapur em sua luta contra os romanos.]
[109] Referia-se ele à *Shechiná,* que com eles estava (Rashi). Maharsha diz: quando forem dignos disso.
[110] Isto é, ele só viu ali ele mesmo e Elias, mas ouviu uma terceira voz – a da *Shechiná.*
[111] Edições atuais trazem "... da cidade". O Gaon de Vilna elimina isso e substitui por "de Roma".
[112] As ataduras de suas feridas, para curativos.
[113] Isto é, se têm muitas feridas leprosas, eles primeiro retiram todas as ataduras e tratam cada ferida, e depois recolocam-nas juntas.

como o Messias] não devo ser atrasado [embora tendo de enfaixar muitas feridas]. Assim ele se aproximou dele e o saudou, dizendo "A Paz esteja contigo, Mestre e Professor". "A Paz esteja contigo, ó filho de Levi", respondeu. "Quando é que virás, Mestre?", indagou ele. "Hoje", foi sua resposta. Ao retornar até Elias, este perguntou: "O que foi que ele te disse?" – "A Paz esteja contigo, ó filho de Levi", respondeu ele. Ao que [Elias] observou: "Com isso ele assegurou a ti e a teu pai [uma porção] do mundo por vir". "Ele me falou falsamente", retrucou, "afirmando que viria hoje, mas não veio". Ele [Elias] lhe respondeu: "Foi isso que ele te disse, Hoje, se ouvires sua voz."[114]

Os discípulos de Rabi José b. Kisma perguntaram-lhe: "Quando virá o Messias?" – Ele respondeu: "Temo que me peçam um sinal [de que minha resposta seja correta]." Asseguraram-lhe: "Não lhe pediremos qualquer sinal." Então ele lhes respondeu: "Quando essa porta[115] cair, for reconstruída, cair de novo, e mais uma vez reconstruída, e depois cair pela terceira vez, antes que possa ser reconstruída virá o filho de Davi." Disseram-lhe: "Mestre, dê-nos um sinal." Ele protestou: "Não me asseguraram de que não pediriam um sinal?" Responderam: "Mesmo assim [desejamos um]." Disse-lhes ele: "Se assim é, que as águas da gruta de Paneas se transformem em sangue"; e elas se transformaram em sangue. Quando estava morrendo ele lhes disse: "Ponham meu caixão bem fundo [na terra], pois não há na Babilônia uma palmeira a que não será amarrado um cavalo persa, nem um caixão na Palestina do qual um cavalo da Média não comerá palha".[116]

Rab disse: O filho de Davi não virá até que o poder [romano] envolva Israel[117] por noves meses, pois está escrito, Portanto os entregará a*té o*

[114] Salmos XCV, 7; assim ele tomou sua vinda condicional a condição não foi cumprida.
[115] [A porta de Caesarea Philippi, onde residia Rabi José. Sua queda seria um símbolo da destruição do poderio romano pelos partas. Bacher, *AT.* I. p. 402].
[116] Isso foi uma previsão do futuro. Babilônia e Palestina seriam invadidas por persas, medas e partas e seus cavalos desencavariam os mortos, cujos caixões serviriam como manjedouras.
[117] Isto é, o mundo todo pelo qual Israel está disperso.

tempo em que a que está em dores tiver dado à luz; então o restante de seus irmãos voltará aos filhos de Israel.[118]

'Ulla disse: Que ele [O Messias] venha, mas que eu não o veja.[119] Rabbah disse igualmente: Que ele venha, e possa eu ser digno de sentar à sombra da sela do seu jumento.[120] Abaye perguntou a Rabbah: "Qual a sua razão [para não desejar vê-lo]? Digamos que é por causa das dores de parto [precedendo o advento] do Messias?[121] Mas tem sido ensinado, indagaram a Rabi Eleazar os discípulos: "O que deve fazer um homem para ser poupado das agudas dores do Messias?" [Respondeu ele] "Que se dedique a estudo e benevolência; e tu, Mestre, fazes ambos." Ele replicou: "[Temo] que seja o pecado a causá-lo[122] de acordo com [o ensinamento de] Rabi Jacob b. Idi, que contrapôs [dois versículos] [a saber] Está escrito, *Eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores;*[123] mas está escrito *Então Jacó teve medo e se perturbou"*[124] – Ele estava temeroso de que o pecado pudesse causar [a anulação da promessa de Deus]. Mesmo como foi ensinado, *Até que passe o teu povo*, ó Senhor,[125] isso se refere à primeira entrada [na Palestina]: até que passe teu povo, que adquiriste,[126] isso se refere à segunda entrada deles. Daí se pode concluir: Os israelitas eram tão dignos de um milagre na segunda entrada quanto na primeira, mas o pecado causou isso [não acontecer].

Rabi Jochanan disse igualmente: Que ele venha, e que eu não o veja. Disse-lhe Resh Lakish: Por que isso? Digamos, porque está escrito, *Como se um homem fugisse de um leão, e se encontrasse com um urso; ou entrando em casa, encostando a mão à parede, fosse mordido por uma*

[118] Miqueias V, 2: *"portanto os entregará"* é interpretado como significando a um poder estrangeiro – ou seja, o romano – e a duração de sua servidão é fixada por "*até o tempo etc."*, isto é, nove meses, o período de gravidez.
[119] V. n. 7.
[120] [Seguindo o texto em Yalkut (v. Levy). Nossos textos dizem: "esterco".]
[121] Tais calamidades são geralmente referidas como dores de parto, por ser o trabalho de parto que precede o nascimento de uma nova era.
[122] Que o pecado possa neutralizar os outros dois, e assim acabarei mesmo sofrendo.
[123] Gênesis XXVIII, 15; falado por Deus a Jacó.
[124] *Ibid.* XXXII, 8; tendo em vista a promessa de Deus, por que teve medo?
[125] Êxodo XV, 16.
[126] Ibid.

cobra?[127] Mas venha, e lhe mostrarei que é assim até mesmo nesse mundo. Quando alguém vai ao campo e encontra um intendente,[128] é como se tivesse encontrado um leão. Quando entra na cidade, e é abordado por um coletor de impostos, é como se tivesse encontrado um urso. Entrando em casa, e vendo seus filhos e filhas com espasmos de fome, é como se tivesse sido mordido por uma cobra![129] Mas [sua relutância em ver o Messias] é porque está escrito, *Perguntai, pois, e vêde, se acaso um homem tem dores de parto. Por que vejo, pois, cada homem* [*geber*] com as mãos na cintura, como uma mulher que está dando à luz, e por que se tornaram pálidos todos os rostos?[130] O que significa *"por que vejo, pois, a cada* geber?" – Raba b. Isaac disse em nome de Rab: Refere-se a Ele a quem toda *geburah* [força] pertence.[131] E qual é o significado de *"e por que se tomaram pálidos todos os rostos?"* – Rabi Jochanan disse: [Refere-se isso à] família celeste [de Deus, isto é, aos anjos] e à sua família terrena [isto é, Israel], quando. Deus diz: Estes [os não-judeus] são obra minha, e assim também são estes [os judeus]; como destruirei os primeiros por causa destes últimos?[132] Rabi Papa disse: Assim dizem os homens, "Quando o boi corre e cai, o cavalo é posto em seu estábulo".[133]

Disse Rabi Giddal em nome de Rabi: Os judeus estão destinados a comer [o bastante] nos dias do Messias.[134] Rabi Joseph objetou: Isso não é

[127] Amós V, 19.
[128] Que contesta seu direito ao campo – (Jast.) Rashi traduz: um agrimensor oficial, que fixa os limites dos diferentes proprietários, e assim pode aumentar ou reduzir a propriedade de alguém.
[129] Isto é, ainda passamos agora pelas mesmas sucessivas agruras, sem o advento do Messias; por que, então, ter medo disso?
[130] Jeremias XXX, 6.
[131] Isto é, o próprio Todo-Poderoso deplora Israel em poder do não-judeu.
[132] Para vingar os males sofridos pelos judeus. Porque o sofrimento seria tão grande que até o Todo-Poderoso o lamentaria. Rabi Jochanan desejava ser poupado do advento do Messias.
[133] O cavalo é posto em seu lugar, mas quando o boi se restabelece, é difícil remover o cavalo. Assim os israelitas, tendo caído, foram substituídos no poder pelos não-judeus; mas ao se restabelecerem será difícil remover os não-judeus de sua posição sem infligir muito sofrimento.
[134] Isto é, os anos de abundância que o Messias· trará serão gozados pelos israelitas.

óbvio, quem mais então iria comer – Hilek e Bilek?[135] – Isso foi dito em oposição a Rabi Hillel, que afirmava que não haveria nenhum Messias para Israel, uma vez que já tinham gozado dele durante o reinado de Ezequias.[136]

Rab disse: O mundo foi criado apenas por causa de Davi.[137] Samuel disse: Por causa de Moisés.[138] Rabi Jochanan disse: Por causa do Messias. Qual é o nome dele [do Messias]? – A Escola de Rabi Shila disse: Seu nome é Siló, pois está escrito, *até que venha Silo.*[139] A Escola de Rabi Yannai disse: Seu nome é Yinnon, pois está escrito, *Seu nome perdurará para sempre*;[140] *enquanto resplandecer o sol seu nome é Yinnon.*[141] A Escola de Rabi Chaniná sustentava: Seu nome é Chaniná, pois está escrito, *Onde eu não lhes darei Chaniná.*[142] Outros dizem: Seu nome é Menachem, filho de Ezequias, pois está escrito, *Porque Menachem ["o consolador"], que devia aliviar a minha alma, está longe.*[143] Os Rabinos disseram: Seu nome é"o erudito leproso", pois está escrito, *Certamente ele tomou sobre si as nossas dores, e levou sobre si as nossas tristezas: e nós o reputávamos um leproso, ferido de Deus e oprimido.*[144]

Rabi Nachman disse: Se ele [o Messias] é um daqueles que vivem [hoje], ele poderia ser como eu, pois está escrito, *E seus nobres serão deles próprios, e seus governadores procederão do meio deles.*[145] Rab disse: Se ele é dos vivos, seria o nosso Santo Mestre;[146] se dos mortos, teria sido

[135] Dois nomes fictícios – "qualquer fulano, beltrano e sicrano" – deverão esses anos ser indiscriminadamente gozados por qualquer um?
[136] Consequentemente, Rabi Giddal põe isso no futuro.
[137] Para que ele pudesse cantar hinos e salmos a Deus.
[138] Para que ele pudesse receber a Torá.
[139] Gênesis XLIX, 10.
[140] E. V. "será continuado".
[141] Salmos LXXII, 17.
[142] Jeremias XVI, 13. Assim, cada Escola demonstrava intensa admiração por seu mestre ao designar o Messias pelo nome dele através de um jogo de palavras.
[143] Lamentações I,16.
[144] Isaías LIII, 4.
[145] Jeremias XXX, 21: essa descrição se ajustava a Rabi Nachman, que, como genro do Resh Galutha, gozava de grande poder e prestígio.
[146] Isto é, Judá, o Nasi, geralmente denominado Rabi *par excellence.*

Daniel o mais desejável.[147] Disse Rab Judá em nome de Rab: O Santíssimo, louvado seja Ele, erguerá um outro Davi para nós,[148] pois está escrito, *Mas servirão ao Senhor, meu Deus, e a Davi, seu rei, que lhes levantarei*[149] *não* "Eu levantei", e sim *"levantarei"*, está dito. Disse Rabi Papa a Abaye: Mas está escrito, *E Davi, meu servo, será seu príncipe* [*nasi*] *eternamente?*[150] – Por exemplo, um imperador e um vice-rei.[151]

Rabi Simlai expôs: O que significa, *Ai de vós, que desejais o dia do Senhor! Para que* o *desejais?* o *dia do Senhor é de trevas, e não de luz.*[152] Isso pode ser comparado a um galo e um morcego que estavam esperançosamente aguardando a luz [isto é, a aurora]. Disse o galo ao morcego: "Espero pela luz porque tenho visão, mas que utilidade tem a luz para ti?"[153] E assim um *Min*[154] disse a Rabi Abbahu: "Quando virá o Messias?" Ele respondeu: "Quando a escuridão cobrir essa gente".[155] "Está me amaldiçoando", exclamou. Ele replicou, "É apenas um versículo: *Porque eis que as trevas cobrirão a terra, e profunda escuridão os povos; mas sobre ti resplandecerá* o *Senhor, a glória Dele se verá sobre ti".*[156]

Foi ensinado: Rabi Eliezer disse: Os dias do Messias durarão quarenta anos, pois está escrito, Durante quarenta anos segurarei essa geração.[157] Rabi Eleazar b. Azariah disse: Setenta anos, pois está escrito, *E acontecerá naquele dia que Tiro ficará esquecida setenta anos, segundo os dias de um rei.*[158] Então, quem é esse [singularmente distinto] rei? O

[147] [Preferivelmente, se dos vivos, nosso santo Mestre (seria o tipo) do Messias; se dos mortos, Daniel.)
[148] Lit., "para eles".
[149] *Ibid.,* XXX, 9.
[150] Ezequiel XXXVII, 25: príncipe (nasi) é um título inferior ao de rei.
[151] O segundo Davi será rei, e o Davi anterior será seu vice-rei.
[152] Amós V, 18.
[153] Assim Israel deveria ter esperança de redenção, porque para eles será um dia de luz: mas por que os não-judeus, já que para eles será um dia de trevas?
[154] V. p. 604, n. 12.
[155] Aludindo ao perguntador e aos companheiros dele.
[156] Isaías LX, 2.
[157] Salmos XCV, 10: isto é, domínio sobre eles através do Messias (descrito como "Estive desgostoso") tem ligação com a raiz "segurar".
[158] Isaías XXIII, 15.

Messias; é claro. Rabi disse: Três gerações, pois está escrito, *Eles te temerão enquanto existir* o *sol e enquanto durar a lua* [eles te temerão], por geração e gerações.[159]

Rabi Hillel[160] disse: Não haverá Messias para Israel,[161] porque já gozaram dele nos dias de Ezequias. Rabi Joseph disse: Possa Deus perdoá-lo [por dizer assim]. Então, quando foi que Ezequias vicejou? Durante o Primeiro Templo. Zacarias, no entanto, profetizando nos dias do Segundo, proclamou, *Alegra-te muito, ó filha de Sion; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que chega o teu rei! Ele é justo e salvador; humilde, montado num jumento, e num jumentinho, cria de jumenta.*[162]

Outro [Baraitha] ensinou: Rabi Eliezer disse: Os dias do Messias serão quarenta anos. Aqui está escrito, *E ele vos atormentou, e vos deixou ter fome, e vos alimentou com maná;*[163] enquanto que em outro lugar está escrito, *Alegra-nos por tantos dias quanto nos tens afligido.*[164] Rabi Dosa disse; Quatrocentos anos. Está escrito aqui, *E serão reduzidos à servidão; e serão por eles afligidos por quatrocentos anos;*[165] *enquanto que em outra parte está escrito, Alegra-nos por tantos dias quanto nos tens afligido.* Rabi disse: Trezentos e sessenta e cinco anos, assim como os dias do ano solar, pois está escrito, *Porque* o *dia da vingança está no meu coração, e* o *ano de minha redenção é chegado.*[166] O que significa "o *dia da vingança está no meu coração"?* – Rabi Jochanan disse: Eu o tenho [por assim dizer] revelado ao meu coração, mas não aos meus membros [externos].[167] Abimi, filho de Rabi Abbahu, ensinou: Os dias do Messias de Israel serão sete mil anos, pois está escrito, *Assim como* o *jovem se rejubila com sua noiva, assim irá Deus se rejubilar de ti.*[168] Rab Judah disse em nome de Samuel: Os dias do Messias terão duração igual aos da Criação até agora, pois está escrito, *[Que se multipliquem os vossos dias, e os dias de vossos filhos, na terra que* o *Senhor sob juramento prometeu dar a vossos pais], e sejam tão numerosos como os dias do céu sobre a terra".*[169] Rabi Nachman b. Isaac disse: Igual ao tempo decorrido desde os dias de Noé até nossos dias, pois está escrito, *Pois isso é como as águas de Noé, que são minhas, assim jurei etc.*[170]

Rabi Hiyya b. Abba disse em nome de Rabi Jochanan: Todos os profetas profetizaram [todas as coisas boas] somente em relação à era messiânica, mas quanto ao mundo por vir, "*o olho não viu, ó Senhor além de ti, o que ele preparou para aquele que o espera".*[171] Então, ele discorda de Samuel, que· disse: Este mundo só difere [daquele dos] dias do Messias em relação à servidão sob potências [estrangeiras].

---

[159] Salmos LXXXII, 5. O versículo é assim interpretado: Eles te temerão quando vier o Messias, que é referido como um sol (cf. 17), e eles te temerão por causa do reinado da casa de Davi que é comparado à lua (cf. LXXXIX, 39: Ele será para sempre estabelecido como a lua) por geração (uma) e gerações (duas).

[160] [Um irmão de Judá II.]

[161] Mas o Todo-Poderoso irá ele próprio redimir Israel, e sobre eles reinar (Rashi). [Ele pode ter sido induzido a essa declaração pela pretensa descoberta por Orígenes, no Antigo Testamento, de passagens messiânicas referentes ao fundador do cristianismo (J. E. VI, 401).]

[162] Zacarias IX, 9.

[163] Deuteronômio VIII, 3.

[164] Salmos XC, 15: daí, assim com foram durante quarenta anos afligidos no deserto, assim também se rejubilarão sob o reinado do Messias.

[165] Gênesis XV, 13.

[166] Isaías LXIII, 4. Isso é interpretado: Pois está em meu coração (isto é, intenção) que o ano (365 dias) de redenção virá, do qual cada dia será tão longo quanto o dia de minha vingança. O dia de vingança de Deus é um ano, como no caso dos Espiões, devido aos quais os israelitas foram condenados a vagar por quarenta anos no deserto – um ano por cada dia da missão deles. Cf. Números XIV, 34 (Rashi). Maharsha explica isso de maneira mais simples: Para cada dia do ano em que eles afligiram Israel, eu me vingarei um ano inteiro; como houve um ano de 365 dias, assim minha vingança irá durar 365 anos.

[167] Isto é, mantive minhas intenções fechadas em meu coração, sem lhes dar expressão com minha língua, para que meus membros não tomassem conhecimento.

[168] Isaías LXII, 5. O júbilo do noivo é de sete dias, e um dia de Deus é de mil anos. Cf. Salmos XC, 4: *Pois mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem que se foi.*

[169] Deuteronômio XI, 21: isto é, tanto quanto o mundo já havia existido. Como não se tinham estabelecido há tanto tempo assim em sua terra, o período será completado na era messiânica.

[170] Isaías LIV, 9. O tempo transcorrido desde os dias de Noé até o momento em que foi feita essa promessa é considerado como sendo de Deus, e ele jura que por igual período não ficará irado com Israel, isto é, quando sobre eles reinar o Messias.

[171] *Ibid.*, LXIV, 3.

II. JUDAÍSMO MODERNO

Moses Mendelssohn (1729-1786)

Nasceu em Dassau, Prússia. Teve uma educação tradicional, dada pelo seu pai e pelo rabino da sua cidade, que o levou a Berlim em 1743. Frequentou a academia talmúdica local e estudou, ainda, línguas e ciências. Professor, guarda-livros e comerciante, sempre esteve atento à filosofia do seu tempo. Em 1754, conhece Gotthold Ephraim Lessing e se aproxima de círculos intelectuais berlinenses, sempre debatendo problemas da filosofia e da crítica literária.

Mendelssohn toma-se conhecido quando seu primeiro livro, *Philosophische Gespräche* (Conversações Filosóficas), foi lançado por Lessing. Em 1761, é publicado *Philosophische Schriften* (Escritos Filosóficos), no qual traça uma nova teoria filosófica cujo acento refere-se ao genuíno caráter da Estética. Em 1763, volta-se para os problemas mais gerais da filosofia e escreve *Uber Die Evidenz in Metaphysischen Wissenschaften* (Da Evidência nas Ciências Metafísicas). Mas o seu principal escrito no campo da investigação filosófica é *Phaedon* (Fédon), resultado de suas correspondências com Thomas Abbt. Este livro, na forma de um diálogo platônico, constitui um esforço para conciliar filosofia e religião, e harmonizar o racionalismo moderado (Leibniz-Wolff) com o judaísmo histórico. Ficou conhecido nos guetos, a partir de então, como o portador das primeiras "luzes" da *Hascalá* (Iluminismo). Ao confessar publicamente o seu judaísmo, torna-se o principal guia do judaísmo "esclarecido" e se volta para a tarefa de renovação do judaísmo. Escreve *Ritualgesetze der Juden* (Leis Rituais dos Judeus) preocupado com a legislação judaica e com questões educativas e formadoras. Como resultado da sua militância pedagógica, foi um dos promotores da primeira escola hebraica *Hinuch Naarin,* em 1778.

Em 1783, Mendelssohn escreve *Jerusalem Oder uber Religiöse Macht dês Judentum* (Jerusalém ou o Poder Religioso dos Judeus). Neste livro, considera que o judaísmo não define uma fé obrigatória, não podendo, portanto, haver conflito entre religião e pensamento; pois a crença

de Israel não é uma religião mas uma legislação revelada. Suas prescrições dizem do modo de viver mas não do modo de pensar. Além de normativos, os ensinamentos judaicos são de natureza filosófica e, neste sentido, claramente de acordo com a "religião da razão". Mendelssohn procura mostrar igualmente em *Jerusalem Oder uber Religiöse Macht des Judentum* que nenhuma instituição religiosa pode usar da coerção, cabendo apenas ao Estado a autoridade do uso da força para o bem comum de todos os cidadãos. A tarefa da religião institucional, segundo o autor, é incitar os homens ao cumprimento dos deveres para com Deus e para com seus pares, apenas através da persuasão. O homem deve estar convicto da verdade racional da sua crença. Mendelssohn propõe que é possível a integração dos judeus na sociedade civil sem que isto violente o direito deles de observar suas leis cerimoniais. A conclusão de *Jerusalem...* exibe a defesa da particularidade das religiões históricas em oposição à proposta de consolidação de todas as religiões numa "crença universal única", Uma vez que ele considera a natureza dessa proposta fortemente restritiva ao livre pensar dos homens.

Mendelssohn se inscreve no leque de pensadores que inauguraram um novo momento na história do judaísmo, momento este adequado às novas demandas da modernidade europeia. Ao combinar judaísmo e cultura moderna, este pensador garantiu o seu reconhecimento tanto no "universo judaico" quanto no universo de pensamento não especificamente judaico.

Referências

Guinsburg, J. (Org.), *O Judeu e a Modernidade,* São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 29.

Coleção Judaica, Rio de Janeiro, A. Koogan, 1990, vol. II.

Moses Mendelssohn[1]

Agora posso rapidamente resumir minhas concepções do judaísmo dos tempos passados e unificá-las em um· ponto de vista. O judaísmo era constituído, ou deveria sê-lo, segundo a intenção do fundador, de:

1) Doutrinas e proposições, ou *verdades eternas* sobre Deus e seu governo e sua providência, sem as quais o homem não pode estar esclarecido e feliz. Estas não foram impostas à fé da nação sob a ameaça de punições eternas ou temporais, mas recomendadas ao conhecimento razoável, assim como condiz à natureza e à evidência da verdade eterna. Elas não deviam ser administradas por uma revelação imediata, levada ao nosso conhecimento pela *palavra* e pela *escrita,* que somente são compreensíveis *aqui* e *agora*; o Altíssimo as revelou a todas as criaturas racionais através de *coisas* e *conceitos,* escritos na alma com uma escrita que é legível e compreensível em qualquer tempo e em qualquer lugar. Essa é a razão pela qual o cantor frequentemente citado entoa:

> Os céus proclamam a glória de Deus
> e o firmamento anuncia a obra de suas mãos.
> Um dia discursa a outro dia,
> e uma noite revela conhecimento a outra noite.
> Não há linguagem, nem há palavras,
> e deles não se ouve nenhum som;
> [no entanto], por toda a terra se faz ouvir a sua voz,
> e suas palavras até os confins do mundo,
> lá onde Deus ergueu uma tenda para o sol, etc.

Seu efeito é tão universal quanto a benfazeja influência do sol que, percorrendo sua trajetória, espalha luz e calor sobre a terra toda; tanto é que o mesmo cantor se explica com ainda mais clareza em outro trecho:

> Do nascimento do sol até o ocaso,
> louvado seja o nome do Eterno.

[1] Texto extraído de MENDELSSOHN, Moses. *Jerusalém,* Paris, Press Aujourd'hui, 1982, pp.170/188.

Ou então, como diz o profeta em nome do Senhor: Do nascer do sol ao seu poente, é meu nome glorificado entre os povos; por toda parte me apresentam incenso, sacrifícios, oferendas puras, pois grande é meu nome entre os povos.

2) Verdades históricas, ou informações sobre o destino do mundo primitivo, sobretudo quanto às condições de vida dos fundadores da nação, de seu conhecimento do verdadeiro Deus, de sua conduta perante Deus, e até mesmo de suas faltas e da consequente punição paterna, da aliança que Deus com eles estabeleceu e da promessa que ele frequentemente lhes repetiu: fazer de seus herdeiros uma nação que lhe fosse dedicada. Essas notícias históricas continham o fundamento do vínculo nacional e, na qualidade de verdades históricas, só podem ser consideradas, segundo sua natureza, como uma fé. Somente a autoridade lhes proporciona a necessária evidência; esses acontecimentos da nação foram confirmados por milagres e apoiados por uma autoridade suficiente para colocar a fé acima de qualquer dúvida ou desconfiança.

3) Leis, preceitos e regras de vida que são próprias dessa nação e graças à observância das quais se deverá chegar tanto à felicidade nacional quanto à felicidade pessoal de cada um dos seus membros. Deus era o legislador, e Deus não tanto como criador e sustentador do mundo, mas Deus como guardião e aliado de seus antepassados, como libertador, fundador e guia, como rei e soberano desse povo; e ele deu às suas leis a confirmação mais solene, publicamente e de maneira inédita, miraculosa, pela qual imutável dever e obrigação foram impostos à nação e a todos os seus herdeiros.

Essas leis foram reveladas, isto é, tornadas públicas pela palavra e pela escrita. Contudo, somente o essencial dessa matéria foi confiado às letras; e essas leis escritas são também, sem as leis não-escritas, as explicações, as limitações e as determinações precisas, transmitidas oralmente e transplantadas por um ensino oral e vivo, em grande parte incompreensível, ou a assim se tornar com o tempo; pois nenhuma palavra ou sinal escrito conserva seu sentido inalterado através das gerações.

As leis escritas, assim como as não-escritas, têm imediatamente, enquanto prescrições de ações e regras de vida, como objetivo final a

felicidade pública e privada. Devem também, em grande parte, ser consideradas como uma espécie de escritura e possuem, na qualidade de leis cerimoniais, um sentido e uma significação. Elas conduzem à compreensão procurando as verdades divinas, por um lado para as verdades eternas, por outro para as verdades históricas, nas quais se baseava a religião desse povo. A lei cerimonial foi o elo que devia unir ação e contemplação, vida e teoria. A lei cerimonial deveria ininterruptamente provocar uma relação pessoal, um elo social entre escola e professor, buscador e instrutor, deveria excitar e exortar à emulação e à imitação; e, nos primeiros tempos, cumpriu realmente esse destino, antes que a constituição se modificasse e que a imbecilidade humana se intrometesse uma vez mais, transformando bem em mal, útil em nocivo, através de mal-entendido e desvio.

Nessa constituição originária, o Estado e a religião não estavam reunidos e sim formavam um: não estavam ligados, mas eram uma só e mesma coisa. A relação do homem com a sociedade e a relação do homem com Deus uniam-se num ponto e não podiam entrar em conflito. Deus, o criador e conservador do mundo, era ao mesmo tempo o rei e o administrador dessa nação, e é um ser único que não permite a menor separação ou pluralidade nem em política nem em metafísica. O regente não tem qualquer necessidade ou exigência dessa união a não ser o que é para seu bem, o que promove a felicidade do Estado. Assim como, por outro lado, o Estado não pode exigir nada que seja contrário aos deveres para com Deus, nada que não seja antes ordenado por Deus ao legislador e administrador da lei da nação. É por isso que, nessa nação, o civil ganhou um prestígio santo e religioso enquanto que cada serviço civil era ao mesmo tempo um verdadeiro serviço divino. A comunidade era uma comunidade de Deus, os impostos públicos eram os impostos de Deus, e tudo, até as mínimas disposições de polícia, era cultual. Os levitas que viviam das receitas públicas recebiam seus salários de Deus. Não podiam ter nenhuma propriedade no país, pois Deus é sua propriedade. Aquele que tem de vaguear fora do país serve deuses estrangeiros. Em várias passagens da Escritura, esse ponto não pode ser tomado ao pé da letra e, no fundo, não significa nada mais que isso: ele está submetido a leis políticas estrangeiras que não são ao mesmo tempo um culto como as leis de seu próprio país.

E agora os crimes. Todo atentado contra o prestígio de Deus como legislador da nação era um crime de lesa-majestade e portanto um crime contra o Estado. Aquele que difamava Deus cometia crime contra a majestade; aquele que profanava criminalmente o Sabbat suprimia, na medida de sua culpabilidade, uma lei fundamental da sociedade civil, já que uma parte essencial da constituição se assentava no estabelecimento desse dia: Que o Sabbat seja um pacto imutável entre mim e os filhos de Israel diz o Eterno, um símbolo perpétuo de que em seis dias o Eterno etc. Tais crimes podiam portanto ser punidos civilmente, e nessa constituição tinham de sê-lo, não como uma falsa opinião, não como ateísmo, mas como crimes, como crapulosos crimes contra o Estado que tinham por objetivo arruinar ou enfraquecer o prestígio do legislador e desse modo solapar as fundações do próprio Estado. E, no entanto, com quanta indulgência foram punidos esses grandes crimes! Com que superabundante paciência para com a fraqueza humana! Segundo uma lei não escrita, não se podia condenar à morte ou a um castigo corporal se o criminoso não houvesse sido prevenido por duas testemunhas insuspeitas com a citação da lei e sob a ameaça da punição prevista; no que dizia respeito aos castigos corporais ou mortais o criminoso devia com palavras formais reconhecer sua punição, tê-la aceito, e isso imediatamente após haver cometido o crime em presença das mesmas testemunhas. Devido a tais estipulações, quão escassa devia ser a jurisdição criminal, e quão numerosas foram as ocasiões assim proporcionadas aos juízes de evitarem a triste necessidade da dar uma basto nada em seu semelhante, imagem de Deus tanto quanto eles mesmos! Um supliciado é, segundo expressão da Escritura, uma maldição de Deus. Como os juízes devem ter hesitado, procurado e pensado em desculpas antes de assinar um julgamento de justiça criminal! Conforme dizem as rabinas, cada tribunal preocupado com sua reputação deveria cuidar para não haver mais de uma pessoa condenada à morte num período de setenta anos.

Fica assim esclarecido que só conhecendo muito pouco das leis mosaicas e da constituição do judaísmo se pode ser levado a acreditar que, segundo as mesmas, direito eclesial e poder da Igreja sejam autorizadas, ao que ateísmo e heresia acarretam punições temporais. O Buscador da luz e da verdade, assim como o Sr. Morschel, estão portanto bem longe da verdade quando acreditam que eu liquidei o judaísmo com minhas

razões contra o direita eclesial e o poder da Igreja. A verdade não pode combater a verdade. O que a lei divina ordena, a razão não menos divina não pode suprimir.

Não foi o ateísmo, nem a heresia e a erro que foram punidos, e sim o crapuloso crime contra a majestade do legislador, o crime que se chocava contra as leis fundamentais do Estado e da constituição civil, e só havia punição quando o crime ultrapassava todas as medidas em seu exagero, e havia ameaça de revolta; quando os criminosos não temiam ouvir a lei dita par dois cidadãos, ser ameaçados com a punição, aceitá-la e, na presença deles, cometer a crime. Nesse caso, o indigno religioso se torna um criminoso de lesa-majestade, um criminoso contra o Estado. Como dizem os rabinos: com a destruição do Templo, todas as punições corporais ou mortais, todas as reparações, na medida em que sejam somente nacionais, deixaram de ser legais. Eis o que está de acordo com os meus princípios e é sem eles inexplicável. Os laços civis da nação tendo sido desfeitos, as faltas religiosas não eram mais crimes de Estado e de religião; esta, na qualidade de religião, desconhece qualquer punição, qualquer retratação, que não aquela da qual o pecador arrependida se incumbe espontaneamente. Desconhece qualquer coração, só intervém com indulgência, age apenas sobre o espírito e o coração. Tentem explicar razoavelmente, sem meus princípios, essa afirmação das rabinos!

"Mas por que", ouço perguntar alguns leitores, "por que tanta extensão para expor alguma coisa bem conhecida? O judaísmo era uma hierocracia, um governo religioso, um Estado sacerdotal, uma teocracia. Nós já conhecemos as pretensões que uma tal constituição se permite".

De maneira alguma. Todos esses termos artificiais lançam sobre a questão uma falsa luz, que eu devo evitar. Queremos sempre classificar, separar em compartimentos. Quando sabemos em que caso incluir uma certa coisa, ficamos satisfeitos, por mais incompleto que possa ser o conceito que dela temos. Por que procuram um artigo para algo único, inclassificável, que com nada pode ser posto sob uma mesma epígrafe? Essa constituição existiu apenas uma vez; chamem-na de Constituição Mosaica, sua denominação apropriada. Ela desapareceu e só o onisciente

sabe quando, com que povo e em que século algo de semelhante poderá de novo ser visto.

Assim como, segundo Platão, deve haver um amor terrestre e um amor celeste, poder-se-ia dizer que há também uma política terrestre e uma política celeste. Considerem um aventureiro volúvel, um desses arrivistas que as calçadas de cada capital nos apresentam diariamente, e falem-lhe do Cântico dos Cânticos de Salomão, ou do amor de primeva inocência no Paraíso conforme descrito por Milton. Ele acreditará que estão sonhando, ou então que querem lhe recitar uma lição referente à maneira como sabem conquistar o coração de uma jovem austera por meio de carícias platônicas. Um político da moda igualmente os compreenderá muito pouco, se lhe falarem da ingenuidade e da grandeza moral dessa constituição original. Do mesmo modo que o primeiro só conhece do amor a satisfação de baixa concupiscência, o outro em política só fala de poder, circulação de dinheiro, comércio, equilíbrio e multidão; a religião para ele é só um meio de manter sob controle homens indomáveis e da qual o sacerdote se serve para sugá-lo e comer seu tutano.

Eu devia fazer desaparecer, aos olhos do meu leitor, esse falso ponto de vista, a partir do qual estamos habituados a considerar o verdadeiro interesse da sociedade humana. É por isso que me abstive de qualificar com uma palavra a constituição mosaica, contentando-me em apresentá-la, com suas propriedades e suas determinações. Quando a olhamos diretamente, vemos na verdadeira política, como disse um filósofo a propósito do sol, uma divindade ali onde olhos comuns só vêem uma pedra.

Disse eu que a Constituição Mosaica: não durou muito tempo na sua pureza. Já na época do profeta Samuel, a construção tinha uma falha que se foi aprofundando cada vez mais, até que as partes se separaram completamente. A nação queria como regente um rei visível, um rei de carne. É possível que os sacerdotes, conforme conta a Escritura a propósito do filho do grão-sacerdote, já tivessem começado a abusar de seu prestígio junto ao povo, ou que o brilho de uma corte vizinha os tenha cegado; em resumo, eles exigiram um rei semelhante ao dos outros povos. O profeta a quem isso afligia mostrou-lhes o que é um rei humano, que tem suas próprias necessidades e que pode aumentá-las à vontade, e como um débil

mortal a quem se concede o direito à divindade é difícil de satisfazer. Em vão; o povo se ateve ao seu projeto, realizou seu desejo e tomou conhecimento de tudo com que o profeta o ameaçara. A Constituição estava agora minada, a unidade dos interesses suprimida; o Estado e a religião não eram mais uma só e mesma coisa, e a colisão de deveres já não era mais uma impossibilidade. Não obstante, permaneceu ainda bastante rara, durante o tempo em que o rei não só fazia parte da nação como ainda cumpria as leis da pátria. Acompanhemos, porém, agora a história através de muitos destinos e transformações, através de certos governos bons e ruins, tementes a Deus ou tendo-o esquecido, até esses tristes tempos em que o fundador da religião cristã deu essa prudente ordem: Dai ao imperador o que é do imperador, e a Deus o que é de Deus. Oposição flagrante, colisão de deveres! O Estado se encontrava sob domínio estrangeiro, recebia suas ordens, por assim dizer, de deuses estrangeiros, e a religião nativa ainda era mantida, conservando uma certa influência sobre a vida civil. Há aqui exigência contra exigência, pretensão contra pretensão. "A quem devemos dar; a quem devemos obedecer?" – Aguentem assim os dois fardos, foi a ordem, da melhor maneira que lhes for possível, sirvam a dois senhores com indulgência e devoção. Dêem ao imperador e dêem a Deus! A cada um do seu, já que a unidade de interesse está destruída!

E ainda hoje não se pode dar à tribo de Jacó nenhum conselho mais sábio do que este: acomodem-se com os costumes e a Constituição do país em que se encontram, mas atenham-se inabalavelmente à religião de seus pais. Carreguem os dois pesos da melhor maneira que puderem! Por um lado, agrava-lhes o fardo da vida civil por causa da religião a que se conservam fiéis, e pelo outro o clima e os tempos tornam a prática de suas leis religiosas mais pesada do que ela é. Nem por isso deixem de perseverar, permaneçam sem se mexer no lugar que a providência lhes atribuiu e suportem tudo pacientemente, como há muito tempo lhes anunciou seu legislador.

Na realidade, não vejo como aqueles que nasceram na tribo de Jacó possam se desembaraçar da lei de algum modo que seja escrupuloso. É-nos permitido refletir sobre a lei, sondar seu espírito, conjecturar aqui e acolá uma razão, ali onde o legislador não deu razão alguma, que talvez fosse ligada aos tempos, lugares e circunstâncias, que talvez pudesse ser mudada

com os tempos, lugares e circunstâncias, se apraz ao legislador máximo nos dar a conhecer suas vontades a esse propósito, nos dar a conhecer de maneira tão forte, tão pública, tão fora de qualquer dúvida ou desconfiança, como a lei que Ele próprio deu. Enquanto tal coisa não ocorre, enquanto não pudermos fazer a prova de alguma liberação tão autêntica da lei, nossa raciocinação não pode nos liberar da rigorosa obediência que devemos à lei, e a veneração de Deus estabeleceu um limite entre a especulação e a prática, limite que nenhum homem consciencioso pode transpor. É por isso que renovo meu protesto, que coloquei no início desse texto: A vida humana é fraca e míope! Quem pode dizer: cheguei ao santuário de Deus, vi inteiramente o sistema de suas intenções, e posso determinar suas medidas, meta e limites? Eu posso supor, mas não decidir nem agir conforme minha suposição. Não devo ousar, nas coisas humanas, agir contra a lei conforme minha própria suposição e interpretação, em ponto pequeno, da lei, sem a autoridade do legislador ou do administrador. E muito menos em matéria divina! As leis que estão em ligação necessária com a propriedade e a organização fundiária trazem consigo sua liberação. Sem templo e sem sacerdotes e fora da Judeia não há nem lei de sacrifício ou de propriedade, nem imposto sacerdotal, na medida em que dependem das propriedades fundiárias. Mas os mandamentos pessoais, os deveres impostos aos filhos de Israel, sem relação com o culto do templo e a propriedade fundiária na Palestina, devem, no que nos seja possível ver, ser cumpridos rigorosamente e ao pé da letra da lei, até quando aprouver ao Todo-Poderoso tranquilizar nossa consciência e nos dar a conhecer, clara e publicamente, a abolição da lei.

Isso significa, com clareza, o seguinte: aquilo que Deus uniu, o homem não pode desunir. Se um de nós se transfere à religião cristã, eu não compreendo como ele pode com isso liberar sua consciência e acreditar assim se livrar do jugo da lei. Jesus de Nazaré nunca disse que veio para libertar da lei a tribo de Jacó. E mais, ele disse mesmo expressamente o contrário e, ainda mais, ele mesmo fez o contrário. Jesus de Nazaré não se satisfez em observar a lei de Moisés, ele também se pôs de acordo com as prescrições dos rabinos, e aquilo que, nos discursos e atos sobre ele escritos, parece a isso se opor na verdade só tem essa aparência à primeira vista. Olhando-os com precisão, tudo se harmoniza completamente, não só com a

Escritura mas também com a tradição. Se ele veio para remediar a hipocrisia que ganhava terreno e a falsa devoção, ele não forneceu o primeiro modelo de falsa devoção e não autorizou, através de um exemplo, uma lei que devia destruir ou suprimir a precedente. De todo o seu comportamento, como do de seus discípulos dos primeiros tempos, evidencia-se o princípio dos rabinos: Aquele que não é nascido na lei não tem de se ligar à lei; mas o que é nascido na lei tem de viver segundo a lei, e morrer segundo a lei. Se seus sucessores, em tempos posteriores, pensaram diferentemente, e se acreditaram liberar os judeus que seguiram sua doutrina, isso certamente ocorreu sem sua autoridade.

E vós, caros irmãos e semelhantes, que seguis a doutrina de Jesus! Como podeis nos querer mal quando fazemos o que o próprio fundador de vossa religião fez e conservou com seu prestígio? Como podeis crer que não podeis nos amar de novo fraternalmente, vos reunir civilmente conosco enquanto nós nos diferenciarmos de vós exteriormente pela observância das leis cerimoniais, não comermos convosco, não casarmos convosco, o que, até onde podemos julgar, o próprio fundador de vossa religião não fez nem nos teria permitido fazer? – Se essa é vossa verdadeira convicção, e deve permanecer tal como não podemos acreditar por parte de homens de convicção cristã, se a reunião civil não pode ser conseguida sob qualquer outra condição que não seja a de se afastar da lei que ainda temos como obrigatória para nós, então ficamos desolados em nos considerar constrangidos a ter de explicar que devemos antes renunciar à reunião civil; Dohn, o amigo dos homens, teria escrito em vão, e tudo ficará no estado sofrível em que nos encontramos hoje, ou então naquele em que vosso amor pelo homem achará por bem nos colocar. Aqui não nos cabe ceder; mas se somos honestos, cabe-nos amar-vos fraternalmente, e vos suplicar que nos tornem, tanto quanto vos for possível, nossos fardos suportáveis. Não nos considereis como irmão e concidadão, mas ao menos como semelhante e co-habitante do país. Mostrai-nos o caminho, pondes em nossas mãos o meio de podermos nos tornar homens e co-habitantes melhores, e deixai-nos gozar convosco, tanto quanto os tempos e as circunstâncias o permitam, os direitos da humanidade. Nós não podemos conscienciosamente nos desviar da lei, ou de que serviriam concidadãos sem consciência?

"Como a profecia segundo a qual, um dia, haverá, um só pastor e um só rebanho poderá se concretizar?"

Caros irmãos que estais cheios de boas intenções pelos homens, não vos deixai ofuscar! Para que exista esse pastor onipresente, o rebanho não tem necessidade de pastar num mesmo prado, ou de entrar e sair por Uma só porta da casa do Senhor. Isso não está de acordo com o desejo do pastor nem é compatível com a prosperidade do rebanho. Não estão procurando mudar as ideias e confundi-las intencionalmente? Disseram-vos que a reunião das confissões é o caminho mais rápido para o amor e a tolerância (Duldung) fraternas que caridosamente desejais com paixão. Se tivéssemos todos Uma só crença, dizem-vos alguns, não poderíamos mais nos odiar uns aos outros por causa da fé, da diferença de opiniões; o ódio religioso e o espírito de inquisição seriam pois cortados pela raiz; o açoite seria retirado das mãos da hipocrisia, a espada tirada do fanatismo, e começariam os dias felizes conforme está dito: O lobo habitará com o cordeiro, e o tigre se deitará junto ao cabrito. Vós, os bons, que fazeis essa proposta, já começastes a trabalhar; quereis servir como negociadores e realizar o esforço filantrópico de pôr de pé uma conciliação das confissões, negociando verdades e direitos como se se tratasse de mercadorias com desconto. Quereis encorajar, mandar, negociar, ameaçar e obter o rogo; apressar, enganar, até que as partes se apertem as mãos e o contrato de felicidade do gênero humano possa ser assinado. Muitos daqueles que rejeitam um tal projeto como quimérico e irrealizável falam, entretanto, da unidade das confissões como um estado muito desejável e se queixam do gênero humano por ser esse cume de felicidade inacessível a forças humanas. Cuidado, amigos dos homens, para não ouvir tais opiniões sem um exame mais acurado. Elas talvez sejam armadilhas que o fanatismo tornado impotente coloca diante da liberdade de consciência. Vós sabeis que esse inimigo do bem de aparências e formas várias; a fúria do leão e a doçura do cordeiro, a ingenuidade da pomba e a astúcia da serpente, nenhuma qualidade lhe é estranha, quer ele a possua ou quer ele saiba assumi-la para atingir seus sanguinários fins. Visto que lhe haveis tirado seu poder público com esses esforços benfazejos, ele reveste talvez a máscara da doçura para vos enganar, finge amor fraterno, faz cintilar a tolerância humana e já forja, em segredo, as correntes que pensa pôr na razão para

empurrá-la de novo, de maneira imprevista, ao lodaçal da barbárie, do qual acabastes de sair.[2]

Que não se pense que isso seja apenas um temor imaginário nascido da hipocondria. Na realidade, uma reunião de confissões, se fosse posta em prática, poderia somente acarretar consequências as mais desastrosas para a razão e a liberdade de consciência. Pois suponhamos que se chegue a um acordo sobre a fórmula da crença que se pensa introduzir e estabelecer, que se ache símbolos contra os quais nenhum dos partidos religiosos importantes de hoje na Europa tenha algo a contestar, o que se teria realizado com isso? Alguma coisa do tipo de fazer todo mundo pensar da mesma maneira a respeito das verdades religiosas? Aquele que não tem senão algumas ideias sobre a natureza do espírito humano não pode nele acreditar. Portanto, a concordância seria apenas quanto às palavras, quanto à fórmula. É com esse objetivo que os reunificadores de confissões querem se encontrar; eles querem, aqui e acolá, separar alguma coisa dos conceitos, aqui e acolá alargar de tal forma as malhas das palavras, tornando-as de tal maneira imprecisas e vastas que os conceitos poderiam, qualquer que fosse sua diferença interna, ali ser inseridos in extremis. Que cada um então, afinal de contas, envolva com os mesmos termos uma outra opinião que lhe seja própria, e vos envaidecereis de ter reunido as crenças, de ter posto o rebanho sob vosso único pastor. Por toda parte onde essa ilusão geral viesse a atingir seu alvo, receio que se queira, antes de tudo, prender de novo o espírito libertado do homem. A tímida caça será rapidamente capturada e presa na rede. Ligai de início a fé aos símbolos, a opinião a termos tão moderados e flexíveis quanto queiram, estabelecei de uma vez por todas os artigos. Cuidado com o miserável que chega um dia mais tarde e acha

[2] Como, infelizmente, demonstra a experiência, o ateísmo tem, ele também, seu fanatismo. Este, certamente, talvez jamais pode ser servido sem uma mistura de ateísmo *interior,* mas que o ateísmo *exterior, manifesto,* pudesse ele também se tornar fanático, isso é tão inegável quanto difícil de compreender. Com efeito, por um lado, o ateu, se quiser ser congruente, deve agir por interesse pessoal, mas, por outro lado, parece em conformidade com esse interesse que o ateu tome partido e não tente guardar o segredo para si mesmo. É por isso que o viram pregar suas doutrinas com o mais ardente entusiasmo, se enraivecer e até praticar a perseguição cada vez que sua pregação não encontrava eco. Esse zelo é terrível, já que anima um ateu declarado e a inocência cai nas mãos de um louco furioso *que teme tudo exato Deus*.

alguma coisa a contestar nesses termos moderados e purificados! É Um fomentador de distúrbios! À fogueira.

Irmãos, a verdadeira devoção é preocupação vossa? Então não criemos harmonia onde a diversidade é manifestadamente plano e meta final da providência. Nenhum de nós pensa e sente inteiramente igual a seu semelhante; por que queremos então nos enganar uns aos outros com palavras mentirosas? Já o fazemos em nossas relações cotidianas, em nossas conversas sem significação particular. Por que também fazê-lo com as coisas atinentes ao nosso bem-estar terrestre, a todo o nosso destino? Por que nos tornarmos irreconhecíveis pelas máscaras, nas questões mais importantes da vida, visto que Deus não marcou em vão cada um com seus próprios traços no rosto? Não significa isso opor-se à providência tanto como possamos fazê-lo, fazer fracassar, se isso é possível, o objetivo da criação, agir contra nossa vocação, nosso destino nesta vida e na outra? Monarca da terra! Se é permitido a um insignificante co-habitante desta até vós elevar a sua voz, não acreditai em vossos conselheiros que querem, com palavras melífluas, vos arrastar a tão más ações. Estejam eles próprios cegos e não vejam o inimigo da humanidade espreitando em emboscada, ou estejam eles procurando vos cegar. Se lhes derdes ouvidos, acabou-se vosso tesouro mais precioso, a liberdade de pensar! Em nome da felicidade geral e da vossa, reunião das confissões não é tolerância (Toleranz). Ela está radicalmente oposta à verdadeira tolerância (Dulgung). Em nome de nossa felicidade e da vossa, que vosso poderoso prestígio não concorde em transformar não importa qual verdade eterna, sem a qual a felicidade civil não pode subsistir, em uma lei; não importa que opinião religiosa indiferente ao Estado em lei do país! Ocupai-vos com o agir do homem, arrastai-o perante o tribunal de sábias leis, e deixai-nos o pensar e a palavra, como nosso pai nos legou em inalienável herança, e nos deu como direito imutável. A ligação entre direito e opinião é por demais antiquada, e o momento ainda por demais distante, para que possa ser completamente suprimida sem inquietante dano. Procurai ao menos atenuar, na medida do possível, sua influência nefasta, e impor sábios limites aos sombrios

preconceitos.[3] Para os herdeiros futuros, traçai ao menos o caminho para esse alto nível de cultura, a essa tolerância universal do homem (Menschenduldung) pela qual a razão suspira em vão! Não recompense e não puna nenhuma doutrina, não seduza nem corrompa nenhuma opinião religiosa. Aquele que não perturba a felicidade pública, que age direito em relação às leis civis, em relação a vós e a seus concidadãos, deixai-o falar como pensa, invocar Deus à sua maneira ou à de seu pai, e procurar sua salvação eterna onde ele crê encontrá-la. Não deixai ninguém em vossos Estados ser o escrutador dos corações e o juiz de pensamentos, ninguém arrogar-se um direito que o Onisciente só a si reservou" Se devemos ao imperador o que é do imperador, dai a Deus o que é de Deus! Amai a verdade! Amai a paz!

[3] Infelizmente, já ouvimos o congresso da América entoar a velha melodia e falar de uma *religião dominante*.

O Sinédrio Francês

A assembleia denominada **Sinédrio Francês** reuniu-se em Paris de fevereiro a abril de 1807, por solicitação de Napoleão Bonaparte. A assembleia dos 110 judeus notáveis (Assembleia dos Notáveis), denominada Sinédrio, é uma alusão ao grande Sinédrio da Palestina, supremo corpo religioso e jurídico dos judeus durante o domínio romano até a abolição do patriarcado (425 a.E.C.). A adoção do antigo símbolo da soberania judaica traduzia, em alguma medida, pressentimentos messiânicos e a expressão de reconhecimento a Napoleão Bonaparte.

Este evento teve particular importância na história da Reforma Rabínica. A Assembleia dos Notáveis é uma espécie de precursora de futuras conferências rabínicas que tiveram lugar, sobretudo, na Alemanha e nos EUA e que procuravam harmonizar a tradição rabínica com as exigências da modernidade.

O Sinédrio Francês, tal como o texto aqui apresentado demonstra, teve que responder a uma série de questões colocadas por Napoleão para avaliar a capacidade dos judeus de conviver com as normas do novo Estado francês. As respostas, por vezes claras, por vezes evasivas, expressam a vontade adaptativa da liderança, bem como suas ambiguidades.

O Sinédrio Francês[1]

Perguntas feitas por Napoleão

1. É lícito aos judeus casar com várias esposas?
2. A religião judaica permite o divórcio? E é o divórcio válido sem a sanção de um tribunal civil ou em virtude de leis em contradição com o código francês?
3. Pode uma judia casar com um cristão, ou uma mulher cristã com um judeu? Ou a lei só permite que os judeus se casem entre si?
4. São os franceses, irmãos aos olhos dos judeus, ou são estrangeiros?
5. Em qualquer dos dois casos, que conduta a lei lhes determina para com os franceses que não são de sua religião?
6. Os judeus nascidos na França e tratados pela lei como cidadãos franceses consideram a França sua pátria, e sentem-se obrigados a defendê-la, a obedecer as suas leis, e seguiras disposições do Código Civil?
7. Quem nomeia os rabinos?
8. Que jurisdição de polícia exercem os rabinos entre os judeus? E que poder judicial exercem entre eles?
9. O prestígio dos rabinos é regulado por lei, ou apenas consagrado pelo costume?
10. Existem profissões que a lei dos judeus os proíbe de exercer?
11. A lei dos judeus proíbe-os de praticarem a usura com seus correligionários?
12. Ela proíbe ou permite praticar usura com estrangeiros?

[1] Textos extraídos de: PLAUT, G. *The Growth of Reform Judaism,* New York, World Union for Progressive Judaism, 1965, pp. 71/74; e MENDES-FLOHR & REINHARZ, J. *The Jew in the Modem World,* Oxford, Oxford University Press, 1980, capo m, pp. 116/121.

Convocação ao Sinédrio

Das doze perguntas, a que gerou a controvérsia mais acalorada foi a terceira. A resposta final dos Notáveis foi ambígua. Num gesto dramático, ainda que cínico, Napoleão convocou uma conferência ampliada, conhecida como o Grande Sinédrio, para dar a sua aprovação aos debates preliminares dos Notáveis. Uma proclamação foi emitida em hebraico, francês, italiano e alemão para incentivar as várias regiões no vasto domínio francês a enviarem delegados.

Um grande acontecimento está em formação. Aquilo que nossos pais não viram no longo decurso de séculos, aquilo que não podíamos esperar ver em nossos dias, reaparecerá aos olhos de um mundo estarrecido. O dia 20 de outubro é a data fixada para abertura do Grande Sinédrio na capital de um dos mais poderosos impérios cristãos e sob a proteção do príncipe imortal que o governa. Paris vai oferecer esse espetáculo ao mundo, e esse acontecimento para sempre memorável será, para os remanescentes dispersos dos descendentes de Abraão, uma nova era de redenção e de felicidade.

Quem não admiraria conosco os secretos desígnios de uma Providência que não podemos sondar, que altera as formas de questões humanas, traz consolo aos oprimidos, levanta do pó os humildes, e põe um fim às atribulações que a vontade divina impôs, e que mais uma vez restitui aos fiéis guardiões de Sua lei o respeito e a boa vontade da nação? Desde a nossa dispersão, inúmeras mudanças provaram a instabilidade das questões humanas. De tempos em tempos, nações expulsaram-se umas às outras e por vezes misturadas com outras. Somente nós nos opusemos à correnteza de séculos e revolução. [Segue-se um extravagante tributo a Napoleão e um apelo para o envio de delegados à próxima Assembleia.]

O Sinédrio decide legislação religiosa e civil

> Nós declaramos que a lei divina, a preciosa herança de nossos antepassados, contém exigências não só religiosas como também civis;

Que por sua própria natureza as exigências religiosas são absolutas e independem de circunstância e tempo;

Não se dá o mesmo com ordens civis, isto é, com as que dizem respeito a governo e que foram planejadas para governar o povo de Israel na Palestina quando ele tinha seus reis, seus sacerdotes e seus magistrados;

Que essas ordens civis deixaram de ser aplicáveis quando Israel deixou de ser uma nação;

Que ao consagrar essa distinção, já estabelecida pela tradição, o Grande Sinédrio declara-a ser um fato incontestável;

Que somente uma assembleia de homens eruditos na lei, unidos num Grande Sinédrio, pode determinar as consequências de tal desenvolvimento; e

Que, se os antigos Sinédrios não o fizeram, foi só porque as circunstâncias políticas não o permitiam e porque, desde a completa dispersão de Israel, nenhum Sinédrio se havia reunido até agora.

Consequentemente, empenhados neste devoto empreendimento, invocamos a inspiração divina da qual deriva todo bem, e nos consideramos obrigados a promover, até onde de nós depender, a consecução da regeneração moral de Israel; e

Consequentemente, em virtude do direito a nós conferido por nossos costumes e nossas leis sagradas, que determinam que numa assembleia de homens sábios da época reside a capacidade essencial para determinar, de acordo com as necessidades do caso, aquilo que é exigido pelas supracitadas leis, sejam elas escritas ou orais, nós agora seguimos declarando que a obediência à lei do Estado em questões civis e políticas é religiosamente exigida.

Casamento

O Grande Sinédrio, tomando conhecimento do fato de que no Império Francês e no Reino da Itália nenhum casamento é válido se não for precedido por um contrato civil perante um funcionário público, declara em virtude da autoridade que lhe é concedida:

Que é uma obrigação religiosa para cada israelita na França, bem como no Reino da Itália, considerar de agora em diante o casamento civil como uma obrigação religiosa e,

Consequentemente, proíbe todos os rabinos ou qualquer outra pessoa nos dois países de tomar parte num casamento religioso sem antes ter ficado estabelecido que o casamento foi concluído segundo a lei perante um funcionário civil.

O Grande Sinédrio declara ainda que casamento entre judeus e cristãos que foram contraídos de acordo com as leis do código civil são civilmente legais, e que, embora não possam receber sanção religiosa, não devem estar sujeitos a proscrição religiosa.

Serviço militar

O Grande Sinédrio declara que qualquer judeu convocado para serviço militar está, de acordo com a lei judaica, durante toda a duração do serviço, liberado de observar todas as obrigações religiosas que interferem com tal serviço.

A assembleia de notáveis judeus

RESPOSTAS A NAPOLEÃO[2]

Decidido, pelos delegados franceses professando a religião de Moisés, que a seguinte Declaração precederá as respostas dadas às perguntas propostas pelos membros da Comissão de Sua Imperial e Real Majestade.

A assembleia, tomada por um profundo sentimento de gratidão, amor, respeito e admiração pela sagrada pessoa de sua Imperial e Real Majestade, declara, em nome de todos os franceses professando a religião de Moisés, que estão plenamente determinados a se mostrarem dignos dos favores que Sua Majestade tenciona conceder-lhes, ajustando-se escrupulosamente às suas intenções paternais; que sua religião torna uma

[2] As respostas da comissão foram adotadas pela Assembleia em três sessões sucessivas, nos dias 4, 7 e 12 de agosto de 1806.

obrigação considerar a lei do príncipe como lei suprema em questões políticas e civis; que consequentemente, caso seu código religioso, ou suas várias interpretações, contenham ordens civis ou políticas em desacordo com as do código francês, tais ordens deixariam, é claro, de influenciá-lo se governá-los, já que devem, acima de tudo, reconhecer e obedecer as leis do príncipe.

Que, em decorrência desse princípio, os judeus têm, em todos os tempos, considerado ser seu dever obedecer as leis do Estado, e que, desde a revolução, eles, como todos os franceses, não reconheceram quaisquer outras.

Primeira Pergunta: *É lícito aos judeus casar com várias esposas?*

Resposta: Não é lícito aos judeus casar com mais de uma esposa: em todos os países europeus eles seguem a prática geral casando com apenas uma.

Moisés não ordena expressamente tomar várias, mas ele não o proíbe. Ele parece até adotar esse costume como em geral predominante, já que estipula os direitos de herança entre filhos de diferentes esposas. Embora essa prática ainda prevaleça no Oriente, seus antigos doutores ordenaram-lhes abster-se de ter mais de uma esposa, exceto se o homem estiver capacitado por sua fortuna para sustentar várias.

No Ocidente o caso é diferente; o desejo de adotarem os costumes dos habitantes desta parte do mundo induziu os judeus a renunciar à poligamia. Mas como diversos indivíduos ainda se entregavam a tal prática, foi reunido em Worms, no século XI, um sínodo constituído por cem rabinos, com Gershom na presidência.[3] Essa assembleia proferiu um anátema contra todo israelita que, no futuro, tivesse mais de uma esposa.

Embora essa proibição não fosse durar eternamente, a influência das maneiras europeias tem predominado universalmente.

[3] Embora teoricamente permissível, a poligamia era desestimulada pelos sábios do *Talmud* e foi explicitamente proibida entre os judeus asquenazim por uma proscrição popularmente atribuída ao Rabi (Rabbenu) Gershom ben Jehuda (960-1028), erudito talmúdico e líder espiritual alemão.

Segunda Pergunta: *A religião judaica permite o divórcio? E é o divórcio válido quando não proferido por tribunais e em virtude de leis em contradição com o Código francês?*

Resposta: O repúdio é permitido pela lei de Moisés; mas não é válido se não for previamente decidido pelo código francês.

Aos olhos de todo israelita, sem exceção, a submissão ao príncipe é a primeira das obrigações. É um princípio comumente reconhecido entre eles que, em tudo relacionado a interesses civis ou políticos, a lei do Estado é a lei suprema. Antes de serem admitidos na França para compartilhar os direitos de todos os cidadãos, e quando viviam sob uma legislação particular que lhes dava liberdade de seguir seus costumes religiosos, eles tinham a possibilidade de se divorciar de suas esposas; mas era extremamente raro ver isso posto em prática.

Desde a revolução eles não reconheceram quaisquer outras leis sobre esse tópico a não ser as do Império. Quando foram admitidos à categoria de cidadãos, os rabinos e os judeus principais compareceram perante as municipalidades de seus respectivos lugares de residência, e prestaram um juramento de em tudo se ater às leis, e não reconhecer quaisquer outras regras em todas as questões civis (...).

Terceira Pergunta: *Pode uma judia casar com um cristão, ou uma mulher cristã com um judeu? Ou a lei só permite que os judeus se casem entre si?*

Resposta: A lei não diz que uma judia não pode casar com um cristão, nem que um judeu não pode casar com uma mulher cristã, e tampouco afirma que os judeus só podem casar entre si.

Os únicos casamentos expressamente proibidos pela lei são com as sete nações cananeias, com Amon e Moab, e com os egípcios. A proibição é absoluta em relação às sete nações cananeias; quanto a Amon e Moab, restringe-se, segundo muitos talmudistas, aos homens dessas nações, e não se estende às mulheres; pensa-se até que estas abraçariam a religião judaica. Quanto aos egípcios, a proibição está limitada até a terceira geração. A proibição em geral aplica-se apenas a nações idólatras. O *Talmud* declara formalmente que nações modernas não devem ser assim consideradas, já

que adoram, como nós, o Deus do céu e da terra. E, consequentemente, tem havido, em vários períodos, casamentos mistos entre judeus e cristãos na França, na Espanha e na Alemanha: esses casamentos eram às vezes tolerados e às vezes proibidos pelas leis daqueles soberanos que haviam recebido judeus em seus domínios.

Uniões dessa espécie ainda são encontradas na França; mas não podemos negar que a opinião dos rabinos seja contrária a esses casamentos. Segundo sua doutrina, muito embora a religião de Moisés não tenha proibido os judeus de se unirem por casamento com nações de outra religião, o casamento, porém, segundo o *Talmud,* exige cerimônias religiosas denominadas *Kidushim,* com a bênção usada em tais casos; e sem a realização dessas cerimônias nenhum casamento pode ser religiosamente válido. Isso não poderia ser feito com pessoas que não considerassem sagradas essas cerimônias; e nestes caso o casal poderia se separar sem o divórcio religioso; eles seriam então considerados como casados civilmente mas não religiosamente.

Tal é a opinião dos rabinos, membros desta assembleia. De um modo geral, eles não estariam mais inclinados a abençoar a união de uma judia com um cristão, ou de um judeu com uma cristã, do que os próprios padres católicos estariam dispostos a sancionar uniões dessa espécie. Os rabinos reconhecem, contudo, que um judeu que casa com uma cristã não deixa, por causa disso, de ser considerado um judeu por seus irmãos, não menos do que se tivesse casado com uma judia civilmente e não religiosamente.

Quarta Pergunta: *Aos olhos dos judeus, são os franceses seus irmãos, ou são estrangeiros?*

Resposta: Aos olhos dos judeus os franceses são seus irmãos, e não são estrangeiros.

O verdadeiro espírito da lei de Moisés está em harmonia com esse modo de considerar os franceses.

Quando os israelitas formaram uma nação estabelecida e independente, sua lei tornou regra para eles considerar estrangeiros como irmãos.

Com o mais tenro cuidado por seu bem-estar, seu legislador ordena-lhes amá-los; “Amai, pois, os estrangeiros”, diz ele aos israelitas, “porque fostes estrangeiros na terra do Egito”.[4] Respeito e benevolência para com os estrangeiros são impostos por Moisés, não apenas como uma exortação à prática da moralidade social, mas como uma obrigação imposta pelo próprio Deus.[5]

Uma religião cujas máximas fundamentais são tais – uma religião que torna uma obrigação amar o estrangeiro – que impõe a prática de virtudes sociais, deve certamente exigir que seus seguidores considerem seus concidadãos como irmãos.

E como poderiam eles considerá-los de outro modo quando habitam a mesma terra, quando são governados e protegidos pelo mesmo governo e pelas mesmas leis? Quando gozam dos mesmos direitos e têm os mesmos deveres a cumprir? Existe, mesmo entre o judeu e o cristão, um laço que compensa abundantemente pela religião – é o laço da gratidão. Esse sentimento foi inicialmente despertado em nós pela mera concessão de tolerância. Tem aumentado, nesses dezoito anos, por novos favores do governo, a um tal grau de energia, que agora nosso destino está irrevogavelmente ligado ao destino comum de todos os franceses. Sim, a França é o nosso país, todos os franceses são nossos irmãos, e esse glorioso título, ao elevar nossa própria estima, torna-se uma segura garantia de que nunca deixaremos de ser dignos dele.

Quinta Pergunta: *Em qualquer dos dois casos, que conduta a lei lhes determina para com os franceses que não são de sua religião?*

Resposta: A conduta determinada para com franceses que não são de nossa religião é a mesma determinada para relações entre os próprios judeus; não admitimos nenhuma diferença, exceto a de adorar o Ser Supremo, cada um à sua própria maneira.

A resposta à pergunta precedente explicou a conduta que a lei de Moisés e o *Talmud* determinam para com os franceses que não são de nossa

[4] Deuteronômio 10:19.

[5] As seguintes passagens da Escritura são citadas: Êxodo 22:21 e 23:9; Levítico 19:34 e 23:22; Deuteronômio 10:18-19 e 24:19; Salmos 145:9; e vários textos talmúdicos.

religião. Na época presente, quando os judeus não formam mais um povo separado, mas gozam da vantagem de estarem incorporados à Grande Nação (privilégio esse que eles consideram uma espécie de redenção política), é impossível que um judeu trate um francês, que não seja de sua religião, de qualquer outra maneira que não aquela com que trataria um de seus irmãos israelitas.

Sexta Pergunta: *Os judeus nascidos na França e tratados pela lei como cidadãos franceses consideram a França sua pátria? Têm eles a obrigação de defendê-la? São eles obrigados a obedecer às leis e seguir as disposições do Código Civil?*

Resposta: Homens que adotaram um país, que nele residiram por muitas gerações – que, mesmo sob a restrição de leis específicas que reduziam seus direitos civis, estavam tão ligados a ele que preferiam ficar privados das vantagens comuns a todos os demais cidadãos do que abandoná-lo – só podem se considerar franceses na França; e eles consideram como igualmente sagrado e honroso o obrigatório dever de defender seu país.

Jeremias (capítulo 29) exorta os judeus a considerar a Babilônia como seu país, embora fosse ali permanecer apenas por setenta anos. Ele os exorta a cultivar o solo, a construir casas, a semear e a plantar. Sua recomendação foi tão bem seguida que Esdras (capítulo 2) diz que quando Ciro permitiu a eles retomar a Jerusalém para reconstruir o Templo, apenas 42.360 saíram da Babilônia, e que esse total era em sua maior parte composto de gente pobre, tendo os ricos permanecido naquela cidade.

O amor ao país é no coração do judeu um sentimento tão natural, tão poderoso, e tão de acordo com suas opiniões religiosas, que um judeu francês se considera na Inglaterra como estando entre estrangeiros, embora possa estar entre judeus; e é o mesmo caso com judeus ingleses na França.

A tal nível é esse sentimento mantido entre eles que, durante a última guerra, judeus franceses foram vistos lutando desesperadamente contra outros judeus, súditos de países então em guerra contra a França.

Muitos deles estão cobertos de honrosas feridas, e outros obtiveram, no campo de batalha, as nobres recompensas da bravura.

Sétima Pergunta: *Quem nomeia os rabinos?*

Resposta: Desde a revolução, a maioria dos chefes de família nomeia o rabino, onde quer que haja um número suficiente de judeus para manter um, após prévias inquirições quanto à moralidade e à erudição do candidato. Esse modo de eleição não é, contudo, uniforme: varia de acordo com o lugar, e, até hoje, tudo o que diz respeito à eleição de rabinos ainda se encontra num estado de incerteza.

Oitava Pergunta: *Que jurisdição de polícia exercem os rabinos entre os judeus? Que poder judicial exercem entre eles?*

Resposta: Os rabinos não exercem nenhum tipo de jurisdição de polícia entre os judeus.

É somente na *Mishná* e no *Talmud* que a palavra Rabi é encontrada pela primeira vez aplicada a um doutor da lei; e ele comumente devia essa qualificação à sua reputação, e à opinião geral sobre sua erudição.

Quando os israelitas foram totalmente dispersos, eles formaram pequenas comunidades naqueles lugares onde lhes era permitido se estabeleceram em certo número.

Por vezes, nessas circunstâncias, um rabino e dois outros doutores formavam uma espécie de tribunal, chamado *Beth Din,* isto é, Casa de Justiça; o rabino cumpria as funções de juiz, e os outros dois eram seus assessores.

As atribuições, e mesmo a existência desses tribunais, têm, até os dias de hoje, dependido sempre da vontade dos governos sob os quais os judeus têm vivido, e do grau de tolerância que têm gozado. Desde a revolução, esses tribunais rabínicos estão totalmente suprimidos na França e na Itália. Os judeus, elevados à categoria de cidadãos, ativeram-se em tudo às leis do Estado; e, consequentemente, as funções de rabinos, onde quer que estejam estabelecidos, limitam-se a pregar moralidade nos templos, abençoar casamentos, proferir divórcios etc.

Nona Pergunta: *Essas formas de eleição, essa jurisdição de polícia judiciária são reguladas por lei ou apenas consagradas pelo costume?*

Resposta: A resposta às perguntas precedentes torna inútil dizer muita coisa sobre esta; pode-se apenas observar que, mesmo supondo que os rabinos tivessem conservado) até hoje, algum tipo de jurisdição judicial e policial entre nós, o que não é o caso, nem tal jurisdição, nem as formas das eleições poderiam ser consideradas com sanção legal; deveriam ser atribuídas exclusivamente a costume.

Décima Pergunta: *Existem profissões que a lei dos judeus os proíbe de exercer?*

Resposta: Não há nenhuma; pelo contrário, o *Talmud* (vide *Kidushim,* capítulo 1) declara expressamente que "o pai que não ensina uma profissão ao filho cria-o para ser um vilão".

Décima Primeira Pergunta: *A lei dos judeus proíbe-os de praticarem a usura com seus irmãos?*

Resposta: O Deuteronômio diz: "A teu irmão não emprestarás com juros, nem dinheiro, nem comida, nem qualquer coisa que se empresta com juros".[6]

A palavra hebraica *neshekh* tem sido impropriamente traduzida pela palavra usura; na língua hebraica, ela significa juros de qualquer espécie, e não juros de usura. Não pode então ser tomada no significado agora dado à palavra usura.

Décima Segunda Pergunta: *Ela proíbe ou permite praticar usura com estrangeiros?*

Resposta: Vimos, na resposta à pergunta anterior, que a proibição da usura, considerada, como o mais baixe juro, era uma máxima de caridade e benevolência, e não um regulamento comercial. Sob esse ponto de vista, ela é igualmente condenada pela lei de Moisés e pelo *Talmud*: nós somos, de um modo geral, proibidos, sempre por motivo de caridade, a emprestar com juros a nossos concidadãos de diferentes crenças, bem como a nossos correligionários.

[6] Deuteronômio 23:19.

O dispositivo da lei que permite cobrar juros do estrangeiro refere-se, evidentemente, apenas a nações em intercâmbio comercial conosco; de outro modo, haveria uma evidente contradição entre essa passagem e vinte outras das escrituras sagradas.[7]

Assim, a proibição se estendia ao estrangeiro que vivia em Israel; a Escritura Sagrada coloca-o sob a salvaguarda de Deus; ele é um hóspede sagrado, e Deus nos ordena tratá-lo como a viúva e como o órfão.

Pode Moisés ser considerado o legislador do universo, por ele ter sido o legislador dos judeus? Haveria probabilidade de as leis que deu ao povo, que Deus confiara a seus cuidados, se tornarem leis gerais da humanidade? Não emprestarás a juros a teu irmão. Que garantia tinha ele de que, no intercâmbio que seria naturalmente estabelecido entre os judeus e as nações estrangeiras, estas renunciariam a costumes geralmente predominantes no comércio, e emprestariam aos judeus sem quaisquer juros? Estaria ele então obrigado a sacrificar os interesses de seu povo e empobrecer os judeus para enriquecer nações estrangeiras? Não é inteiramente absurdo repreendê-lo por ter posto uma restrição no preceito contido no Deuteronômio? Que legislador não teria considerado tal restrição como um princípio natural de reciprocidade?

Como é superior em simplicidade, generosidade, justiça e humanidade a lei de Moisés, nessa questão, em relação às dos gregos e dos romanos! Podemos encontrar, na história dos antigos israelitas, aquelas cenas escandalosas de rebelião provocadas pela dureza de credores para com seus devedores, aquelas frequentes abolições de dívidas para evitar que a multidão, empobrecida pelas extorsões dos emprestadores, seja levada ao desespero?

A lei de Moisés e seus intérpretes têm distinguido, com louvável humanidade, os diferentes usos de dinheiro emprestado. É para sustentar uma família? Juros estão proibidos. É para empreender uma especulação comercial, pela qual o principal é arriscado? Juros são permitidos, mesmo entre judeus. Emprestem aos pobres, diz Moisés. Aqui o tributo de gratidão

[7] As seguintes passagens da Escritura são citadas: Êxodo 12:49 ss; Deuteronômio 1:16 e 10:18-19; Levítico 19:33; Êxodo 22:21; Levítico 25:15.

é a única espécie de juros permitida; a satisfação de obsequiar é a única recompensa do benefício conferido. O caso é diferente em relação a capitais empregados em comércio extensivo: lá, Moisés permite ao emprestador ficar com uma parcela dos lucros de quem pediu emprestado; e como o comércio era mal conhecido entre os israelitas, que eram exclusivamente dedicados a trabalhos agrícolas, e era realizado somente com estrangeiros, isto é, com nações vizinhas, era permitido compartilhar dos lucros com elas (...).

É um ponto incontroverso, segundo o *Talmud,* que juros, mesmo entre israelitas, são legais em operações comerciais, em que o emprestador, correndo alguns dos riscos de quem tomou emprestado, se torna um participante dos seus lucros. Esta é a opinião de todos os doutores judeus.

É evidente que opiniões pululando de absurdos e contrárias a todas as regras de moralidade social, embora apresentadas por um rabino, não podem ser imputadas à doutrina geral dos judeus, assim como noções semelhantes, se apresentadas por teólogos católicos, não poderiam ser atribuídas à doutrina evangélica. O mesmo se pode dizer da acusação geral contra os hebreus, de que têm uma inclinação natural para a usura: não se pode negar que é possível encontrar alguns deles, embora não tantos quanto geralmente se supõe, que seguem esse nefando tráfico condenado por sua religião.

Mas se há alguns não muito escrupulosos sob esse aspecto, é justo acusar cem mil indivíduos do mesmo vício? Não seria qualificado como injustiça imputar o mesmo a todos os cristãos porque alguns deles são culpados de usura?[8]

[8] A Assembleia, após concluir a adoção das respostas às perguntas de Napoleão, declarou o 15 de agosto, aniversário do Imperador, um dia que os judeus celebrariam com “orações, ações de graça e todas as demonstrações de uma pura e vívida alegria” (M. Diogene Tama, *Transactions of the Parisian Sanhedrin,* tradução F. D. Kirwan [Londres, 1807], p. 212).

A Conferência da Reforma Rabínica de Frankfurt

A Conferência Rabínica de Frankfurt teve lugar em Frankfurt am Main, Alemanha, entre 15 e 18 de julho de 1845. Nesta ocasião pretendia-se analisar o relatório da comissão sobre liturgia estabelecida na Conferência prévia em Brunswick como consequência da nova situação política e cultural dos judeus. Dois problemas emergiram em relação ao uso da língua hebraica: primeiro, o hebraico era ininteligível para muitos judeus; segundo, o uso da língua nacional da antiga comunidade de Israel poderia contaminar a afiliação patriótica dos judeus nos países de sua residência. Nesse sentido, a comissão sobre liturgia foi requerida para avaliar o lugar da língua hebraica na liturgia. Igualmente, esta comissão foi chamada a reavaliar o lugar do messianismo no livro de orações, uma vez que a liturgia judaica tradicional dava expressão preeminente ao anseio milenar pela vinda do Messias. Os sentimentos nacionais dessas orações foram considerados “perigosos” pelos reformadores, pois exibiriam dúvidas quanto à identificação real dos judeus com o país de sua residência e cidadania.

A Conferência da Reforma Rabínica de Frankfurt[1]

O Hebraico como língua de oração judaica.[2]

Terceira Sessão, manhã, 16 de julho de 1845 (...). O Presidente propõe que seria desejável discutir imediatamente o relatório [da Comissão sobre Liturgia].

Pergunta 1: *Até que ponto é a língua hebraica necessária ao serviço religioso público e, não sendo necessária, é aconselhável conservá-la por enquanto?*

Relatório da comissão: Com relação à primeira pergunta, não é em todos os casos *objetivamente* necessária ao serviço; e tampouco o *Talmud,* com exceções bastante secundárias o determina. Mas como uma grande parte dos israelitas na Alemanha contemporânea parece sentir uma necessidade subjetiva disso, a comissão considera o uso da língua hebraica aconselhável para partes típicas da liturgia: o *barechu,*[3] o *parshat shemá,*[4]

[1] Texto extraído de: MENDES-FLOHR & REINHARZ, J. *The Jew in the Modern World,* Oxford, Oxford University Press, 1980, capo IV, pp. 159/165.

[2] Com trinta rabinos presentes, esta conferência ocorreu em Frankfurt am Main, de 15 a 18 de julho de 1845. A conferência de Frankfurt foi dedicada à consideração do relatório da Comissão sobre Liturgia criada na conferência anterior em Brunswick. Em consequência da nova situação política e cultural dos judeus, surgiram dois problemas distintos em relação ao continuado uso do hebraico como língua de culto público judaico: primeiro, com o descaso para com o estudo judaico tradicional, ficava o hebraico cada vez mais incompreensível para muitos judeus; e segundo, temia-se que o uso da "língua nacional da antiga nação de Israel" iria anular a afiliação patriótica dos judeus ao pais de sua residência. Consequentemente, a Comissão sobre Liturgia foi solicitada a reavaliar o lugar do hebraico na liturgia.

[3] Parte do serviço diário, o *barechu* ("Louvado seja o Senhor que tem de ser louvado...") convoca a congregação à oração, e afirma a crença na Criação como divina providência. É seguido pelo *parshat shemá.*

[4] Consistindo do *shemá* (Deuteronômio 6:4-9), e bênçãos acompanhantes (extraídas em grande parte de Deuteronômio 11:13-21 e Números 15:3741), o *parshat shemá,* recitado diariamente, proclama a aceitação por Israel da soberania de Deus e do jugo de Seus Mandamentos; vincula essa proclamação com as doutrinas da Criação, Revelação e Redenção.

Alega-se que a expressão hebraica *Adonai* (isto é, Deus) soa mais solene que a palavra alemã *Gott.* A essa diferenciação eu devo seriamente fazer objeção, porque lançaria uma grande

as três primeiras e as três últimas bênçãos da liturgia, e as bênçãos para a leitura da Torá devem ser recitadas em hebraico; todas as demais partes da liturgia podem ser recitadas numa adaptação alemã.

O *Presidente*, de acordo com a proposta da comissão, faz agora a pergunta: É rezar na língua hebraica *objetivamente, legalmente necessário* [*objektiv gesetzlich notwendig*]?

dúvida sobre nosso juramento civil. (*) O nome *Gott* é para mim tão sagrado quanto *Adonai,* e espero que todos aqui concordem comigo quanto-a isso. (*Consentimento geral e intenso.*) Não devemos ter nenhum elemento religioso arrebatado de nós. De acordo. Mas devemos antes concordar em relação à natureza dos elementos religiosos. A língua não é um deles. O *shemá* ["Ouve, ó Israel"] soa muito mais religioso ao alemão quando falado em alemão, e muito mais edificante ao inglês quando falado em inglês, do que quando falado em hebraico incompreensível. Com a eliminação da língua hebraica [da liturgia], então, nada realmente se perderia (...). Eu voto pela introdução de um serviço religioso puramente alemão (...).
LOEWENGARD (**): Foi dito: "Somos alemães e queremos ser alemães" Se essa afirmação tem quaisquer implicações políticas gostaria de lembrar-lhes que ainda não estamos emancipados. (*Desaprovação generalizada. O orador explica que ele quer apenas manter fora do debate todos os aspectos políticos, porque a introdução dos mesmos só causa mal-entendidos.*) Do ponto de vista religioso, fez-se uma distinção entre oração e serviço; isso foi correto. A leitura da Torá, por exemplo, tenciona demonstrar a unidade de Israel estabelecida pela Torá, conforme expressa em "E esta é a lei que Moisés propôs aos filhos de Israel". (***) Instrução [na Torá] poderia ser realizada sem essa leitura pública, porque Bíblias [impressas] estão agora disponíveis em número suficiente. Como uma demonstração [de unidade judaica], contudo, deveria bastar ler seleções do Pentateuco hebraico [no serviço público e não também as tradicionais passagens dos profetas].

(*) Na Idade Média foi instituída uma prática que obrigava os judeus a prestarem um juramento especial (*more judaico*) ao testemunharem perante um tribunal não-judaico. Presumindo que os judeus não respeitassem a jurisprudência cristã, esses juramentos obrigavam os judeus a testemunharem sob a lei rabínica. Os juramentos eram acompanhados por maldições auto-impostas descrevendo a punição; frequentemente com horripilantes minúcias, se fosse dado falso testemunho; às vezes, eram acompanhados de ritos humilhantes, tais como ficar de pé sobre uma pele de porca. Na França, o *more judaico* só foi abolido em 1846, em partes da Alemanha somente na segunda metade do século XIX; e ainda era administrado na Rumânia de 1904. O Ducado de Brunswick revogou a prática em 1845.

(**) Joseph Loewengard, rabino de Lehren-Steinfels.

(***) Deuteronômio 4:44; citado em hebraico.

Frankel[5] toma a palavra. Ele considera a ocasião suficientemente importante para começar com algumas observações gerais. Esta conferência rabínica consiste de guias e mestres do povo. Estão familiarizados com as necessidades e os infortúnios do povo; é obrigação deles satisfazer essas necessidades, aliviar esses infortúnios, e evitar qualquer discórdia [entre o povo]. É dever da conferência rabínica mostrar e atestar que é movida por aspirações sérias e sagradas. Seus porta-vozes, consequentemente, têm de começar declarando seus *princípios.* É orgulho do judaísmo que nenhuma pessoa, e nenhuma classe social, pode presumir autoridade, mas que cada decisão precisa evoluir organicamente de princípios e derivar daí sua validade. Pontos de vista podem ser declarados e postos em votação, mas sem princípios eles são meramente opiniões particulares. Antes de tudo, portanto, as pessoas têm direito a uma exposição dos nossos princípios (...).

O orador agora explica seus princípios: Ele é favorável a um judaísmo positivo, histórico. [Essa abordagem postula que] a fim de compreender o judaísmo no presente é preciso olhar para trás e investigar seu passado.

As formas positivas de judaísmo estão profundamente enraizadas em seu âmago e não devem ser descartadas fria e impiedosamente. Onde estaríamos nós se fôssemos estraçalhar nossa vida interior e deixar uma nova vida brotar de nossas cabeças assim como Minerva brotou da cabeça de Júpiter? Não podemos retomar à *letra da Escritura.* A lacuna [entre ela e nós] é ampla demais para ser transposta. Até mesmo uma nova exegese da Bíblia está sujeita a mutáveis fases de erudição e não poderia servir como alicerce de um edifício firme. Deveríamos admitir alguma influência no *Zeitgeist,* no espírito do tempo? Mas o *Zeitgeist* é tão volúvel quanto os

[5] Zecharias Frankel (1801-1875). Ao tempo da conferência, era rabino-chefe de Dresden e editor fundador da *Zeitsdtrift fuer die religioesen Interessen des Judenthums* [Revista para os interesses religiosos do judaísmo], publicada de 1844 a 1847. Expoente, conforme suas próprias palavras, da "Reforma moderada", Frankel criticou a conferência de Brunswick (da qual se recusou a participar) por se apropriar da autoridade de um sínodo eclesiástico quando, na realidade, não passavam de um órgão consultivo. Além do mais, acusou a conferência de ter demonstrado uma falta de respeito única aos sentimentos reinantes entre o povo judeu. Decidiu estar presente à conferência de Frankfurt a fim de garantir que seus colegas não ultrapassassem suas prerrogativas.

tempos. E, além disso, é frio. Pode parecer razoável, mas jamais satisfará, consolará e acalmará a alma; o judaísmo, por outro lado, sempre inspira e enche a alma de bem-aventurança.

A reforma do judaísmo, além disso, não é uma reforma da fé, e sim de mandamentos religiosos. Estes ainda vivem no povo e exercem sua influência. Não somos chamados para enfraquecer, e sim para fortalecer essa influência. Não devemos considerar os indivíduos que não os acatam; não somos um partido e precisamos, portanto, cuidar do todo. Agora é necessário conservar as coisas que são verdadeiramente sagradas para o povo inteiro, para evitar qualquer cisma em Israel. De preferência a criar partidos novos devemos fazer as pazes entre os existentes (...).

Quarta Sessão, tarde, 16 de julho de 1845... *Geiger*[6] pede uma estrita aderência à expressão do problema como consistindo das duas perguntas seguintes:

1. É a completa exclusão da língua hebraica da liturgia em geral desejável?

2. Existem considerações momentâneas a favor de uma solução provisória?

As duas perguntas, entretanto, se sobrepõem e não podem ser estritamente separadas no debate. O orador considera desejável rezar na língua materna, que é a linguagem da alma. Nossas mais profundas emoções e sentimentos, nossos mais sagrados relacionamentos, nossos pensamentos mais sublimes nela encontram sua expressão. Ele se sente obrigado a reconhecer que, no que se refere a ele próprio embora o hebraico seja sua primeira língua materna, que ele aprendeu antes de qualquer outra,

[6] Abraham Geiser (1810-1874). Na época da conferência, era rabino-chefe de Breslau e o editor fundador da *Wissenschaftlíche Zeitschrift fuer juedische Theologie* [Revista científica para a teologia judaica], 6 vols., 1835-1847.Considerado o espírito-guia das primeiras conferências rabínicas, Geiser emergiu como o principal teórico e porta-voz da Reforma na Alemanha. Procurou basear o estudo do judaísmo numa abordagem erudita e histórica que tomaria válida a concepção da Reforma do judaísmo como um contínuo processo de evolução.

e uma língua que ele conhece a fundo – uma reza alemã o toca mais profundamente que uma reza hebraica.

A língua hebraica, prossegue ele, deixou de ser viva para o povo, e a linguagem de oração [judaica] certamente não é mais a linguagem da Bíblia. É óbvio, além do mais, que mesmo uma leitura da Torá é cansativa para grande parte da comunidade.

A introdução do vernáculo no serviço religioso, alega-se, causa o desaparecimento da língua hebraica e assim solapa os alicerces do judaísmo. A essa objeção o orador responde que qualquer um que imagine que o judaísmo esteja usando uma língua como muleta ofende-a profundamente. Além disso, considerando o hebraico como sendo de importância central para o judaísmo, este seria definido como uma religião nacional, porque uma língua separada é um elemento característico de uma nação separada. Mas nenhum membro desta conferência, concluiu o orador, gostaria de ligar o judaísmo a uma nação em particular.

Quinta Sessão, manhã, 17 de julho de 1845... *Frankel* [toma a palavra]. O debate em curso, longe de oferecer novas ideias, vem, antes confirmar o ponto de vista [de Frankel]. Geiser considera uma língua como sendo marca de uma nacionalidade separada e alega que a manutenção do hebraico iria comprovar nossas aspirações nacionais; esse ponto, contudo, não é essencial à questão sob consideração. A causa da emancipação não tem nada a ver com religião, e nenhum aspecto religioso seria por ela sacrificado. Tudo atinente à religião precisa ser conservado, e se nossa nacionalidade fosse religiosa, então deveríamos abertamente confessá-lo.

Em países [que concederam aos judeus completa] emancipação,[7] tais como Holanda e França, continua ele, a experiência tem felizmente mostrado que a língua hebraica não impede os judeus de serem legítimos patriotas e de cumprirem todos os deveres para com o Estado. É preciso ter muito cuidado com tais expressões; nossas reuniões são públicas, portanto, "Ó sábios, tomai cuidado com vossas palavras".[8]

[7] Os judeus da Alemanha, é claro, não gozavam a esse tempo de plenos direitos civis e políticos.
[8] *Mishná,* Ética dos Pais 1:11; citado em hebraico.

Se Geiser alega que uma reza alemã o toca mais profundamente que uma hebraica, ele está fazendo uma afirmação puramente subjetiva. A maioria dos falantes de hebraico sentirá diferentemente, porque essa língua é uma expressão mais forte de emoções religiosas; como testemunhas, o orador chama a maioria dos rabinos aqui reunidos, que estão familiarizados com a língua hebraica.

O hebraico, argumenta o orador, é a língua da nossa Bíblia, que contém todos os ingredientes de nossa religião. A religião deve fornecer um elo não só abstrato mas também externo entre nós e a divindade, sendo esta a razão para preceitos tais como os *tejilim*[9] e a *mezuzá*;[10] de maneira semelhante o uso do hebraico nas orações serve como um elo externo. A língua da Bíblia é um constante lembrete de nossa Aliança com Deus. Esses vários elos e lembretes se parecem com o feixe de flechas na seguinte parábola. Enquanto as flechas permanecerem atadas juntas o feixe é inquebrável, mas tão logo flechas sejam isoladamente retiradas do feixe, este rapidamente se desfará. Muitos elementos característicos do judaísmo já foram a essa altura apagados; é tempo de deter o processo.

Há um outro aspecto a ser também considerado. A Bíblia foi dada aos judeus como um penhor a ser salvaguardado; eles foram chamados a levá-la pelo mundo por milhares de anos. Vejam bem, não foram somente os sacerdotes de Israel os incumbidos de fazê-lo, e sim todo Israel. Já Samuel, ao estabelecer escolas para profetas, minou a hierarquia; por isso, dele está escrito "Moisés e Arão entre os Seus sacerdotes, e Samuel entre os que invocam Seu nome... "[Salmos 99:6; citado em hebraico], e o *Talmud* corretamente observa "Samuel é equivalente a Moisés e Arão".[11] Se os textos originais das Escrituras fossem se tornar propriedade exclusiva de uma classe separada de rabinos, teríamos em breve novamente uma separação entre sacerdotes e leigos. Mas nós todos objetamos ao estabelecimento de uma casta de sacerdotes e desejamos obliterar

[9] Filactérios, duas pequenas caixas pretas presas a tiras de couro, contendo quatro porções do Pentateuco escritas em pergaminho (Êxodo 13:1-16; Deuteronômio 6:4-9 e 11:13-12). São atadas ("postas") no braço e na cabeça do homem judeu durante as orações da manhã.
[10] Rolo de pergaminho colocado num recipiente e afixado à obreira da porta das moradias dos judeus. No rolo estão escritas porções de Deuteronômio 6:4-9 e 11:13-21.
[11] *Talmud,* tratado *Berackhot* 31b; citado em hebraico.

qualquer lembrança disso. É por isso que nossa juventude precisa ser instruída na língua hebraica, a fim de que possa compreender o serviço religioso e as Escrituras.

O orador acrescenta, contudo, que é necessário conduzir parte do serviço em alemão; mas o hebraico tem de predominar. A língua da revelação, com que Deus falou a Moisés, tem de agir como um estímulo edificante. O hebraico é, de fato, tão essencial ao nosso serviço *que seu uso deveria ter sido assegurado por lei* [da *Halakhá*]*;* tivesse alguém jamais pensado em abandonar a língua hebraica, tal lei teria certamente sido aprovada. Os sábios permitiram, no serviço, outra língua além do hebraico [isto é, o aramaico][12] simplesmente em consideração aos fracos incapazes de encontrar sua paz de espírito numa oração hebraica. Eles nunca pensaram em excluir do Templo a língua hebraica (...).

PHILIPPSON: Todos os extremos devem ser evitados, e segundo o consenso geral nem o hebraico nem o alemão devem ser excluídos do serviço. A questão é, pois, uma questão de proporções. Não trabalhamos para o momento e para comunidades individuais; trabalhamos para o futuro e para a totalidade [do judaísmo]. Os elementos hebraico e alemão devem ser organicamente fundidos um no outro.

Precisaremos distinguir entre *oração e serviços públicos.* Uma oração é a expressão de específicos estados e emoções da alma, de felicidade e infelicidade, de alegria e sofrimento, de tristeza, arrependimento e penitência; aqui, uma compreensão integral é necessária, e uma língua estrangeira completamente inútil. Os serviços públicos de oração, por outro lado, não se referem ao indivíduo [*per se*]*;* a reza pública se destina a estimular e ensinar e a expressar a confissão.

A língua hebraica certamente serve como um estímulo. Nela, pela primeira vez, foram expressos o *shemá* ["Ouve, ó Israel", Deuteronômio 6:4], a *unicidade de Deus;* o princípio do amor puro pela humanidade,

[12] O aramaico é um cognato do hebraico que durante muitos séculos foi o vernáculo da Palestina. Leituras bíblicas eram traduzidas para o aramaico em beneficio dos membros da congregação que não compreendiam o hebraico. Algumas das orações da liturgia tradicional ainda são em aramaico, mais notadamente a doxologia conhecida como o *kaddish.*

"Amarás o teu próximo como a ti mesmo" [Levítico19:18, citado em hebraico]; a proposição da igualdade de todos perante a lei, "uma só lei e uma só regra" [Números 15;16, citado em hebraico]; Moisés falou a Deus em hebraico, "Senhor, ó Senhor começaste a mostrar ao Teu servo a Tua grandeza..." [Deuteronômio 3:24]. Deus havia *começado* a Se revelar a ele. Usando as expressões originais, portanto, o serviço público de orações age como poderoso estímulo.

Quando a Torá é lida, a língua hebraica também agirá como mestra. Essa leitura não deve ser abolida, pois de outro modo o povo perderia todo o contato com as Escrituras (...).

Como um *centro das confissões* a língua hebraica é indispensável. Os judeus alemães são alemães, eles sentem e pensam em alemão, e desejam viver e agir como patriotas. Mas o *judaísmo* não é alemão, é universal. A Diáspora dos judeus não é equivalente à Diáspora do judaísmo; esta, pelo contrário, precisa manter seu caráter unificado. O conteúdo desse caráter é a *confissão;* sua forma é representada na *língua hebraica.*

Como cidadãos, nos esforçam os para alcançar a *unidade* com nossos concidadãos; como membros de uma religião, contudo, somos permitidos, e até obrigados, a conservar aquilo que nos diferencia. Diante de uma maioria imensa, a minoria precisa de alguns aspectos diferenciadores. A língua hebraica preenche tal finalidade.

Além do mais, a língua hebraica não é, conforme se alega, nem *pobre* nem *morta.* Com ela f.oram escritas obras-primas de imperecível valor, e com.o uma língua de religião ela tem permanecido plenamente viva. Repetindo, a língua hebraica tem de ser conservada, mas ao mesmo tempo tem de ser organicamente unida ao elemento alemão.

KAHN[13]: Estou falando somente sob um ponto de vista objetivo.

Eu certamente desejo conservar, por enquanto, a língua hebraica, mas devem.os reconhecer, gratamente, que seu uso para nossas orações não está, em parte alguma, determinado. Nosso ideal, portanto, deve ser o

[13] Joseph Kahn (1809-1875). Ele era o rabino-chefe de Treves (Trier), onde oficiou por mais de trinta anos.

estabelecimento de um serviço puramente *alemão,* porque a língua, por si só, não constitui um elemento religioso.

Nossa *escola* deveria ensinar em hebraico; o serviço religioso, contudo, visa a edificar, a elevar, a instruir; não deve ser transformado em um meio para a preservação da língua hebraica.

A questão do Messianismo[14]

Oitava Sessão, 20 de julho de 1845. Agenda: Discussão de questões pertinentes ao culto. Questão 2: até que ponto deve o dogma do Messias, ou qualquer coisa a ele atinente, ser levado em consideração na liturgia?

Antes de abrir o debate, o Presidente[15] considera necessário observar que não estamos interessados no estabelecimento de uma certa doutrina do Messias, e que tais doutrinas não serão postas em votação; só estamos interessados em como a liturgia existente deve ser avaliada a esse respeito, ou talvez convenientemente alterada. Pontos de vista podem diferir subjetivamente, mas espera-se que surgirá uma versão aceitável por todos. Os numerosos oradores, especialmente os que entusiasticamente acreditam no messianismo tradicional, devem ter o cuidado de não criar quaisquer dúvidas quanto à sua lealdade para com o Estado. Tais contrastes e aparentes contradições são facilmente resolvidos na própria: mente do crente. Aqui só estamos preocupados com as exigências da honestidade, para que não rezemos por algo que não coincida com nossas convicções.

O relatório da comissão diz o seguinte: O conceito do Messias deve continuar ocupando um lugar destacado na liturgia, mas todas as implicações políticas e nacionais têm de ser evitadas.

[14] A liturgia judaica tradicional dá expressão destacada ao milenar anseio por um Messias pessoal da real Casa de Davi que anunciará "o retorno dos exilados" de Israel à sua pátria ancestral. Os sentimentos nacionais dessas orações eram considerados por alguns reformistas como lançando dúvidas sobre a identificação dos judeus com o país de sua residência ou cidadania. A Comissão para Liturgia foi encarregada de reavaliar o lugar do messianismo no âmbito do livro de orações.
[15] Leopold Stein (1810-1882). De 1844 a 1862, foi rabino em Frankfurt am Main.

EINHORN[16]: O conceito do Messias está intimamente associado a toda a lei cerimonial. Os que acreditam no *Talmud* só encontram sua salvação na reconstrução do Estado, no retorno do povo, no reinício dos sacrifícios etc. Aqui está a causa de todas as nossas lamentações pela destruição do Templo, e nossas angústias pelas ruínas do altar. Uma ardente crença e uma inabalável coragem eram expressas nessas esperanças, proferidas das escuras cavernas de nossas miseráveis ruas.

Agora, porém, nossos conceitos mudaram. Não há mais necessidade de uma extensa lei cerimonial. A abordagem anterior restringia a orientação divina ao povo e à terra [de Israel]; a divindade, acreditava-se, apreciava sacrifícios sangrentos, e eram necessários sacerdotes para penitência. Com crescente zelo, os profetas falaram abertamente contra essa visão restrita. Todos conhecem o trecho: "Foi declarado a ti, ó homem, o que é bom, e o que o Senhor exige de ti; apenas que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com teu Deus" (Miqueias, 6:8, citado em hebraico]. O declínio da independência política de Israel foi em certa época lamentado, mas na realidade não foi uma desgraça, e sim um marco de progresso; não uma degradação e sim uma elevação de nossa religião, através do que Israel ficou mais próximo de cumprir sua vocação. O lugar dos sacrifícios foi tomado por sacra devoção. De Israel, a palavra de Deus teve de ser levada aos quatro cantos do mundo, e novas religiões têm ajudado a realizar a tarefa. O *Talmud* se move em círculos; nós, contudo, somos a favor do progresso.

Cheguei certa vez a encarar o conceito do Messias como um substituto para a ideia de imortalidade, mas agora não penso mais assim. Considero-o, antes, como uma esperança de salvação tanto mundana quanto celeste. Nem esta ideia nem o conceito de Povo Eleito contém algo de repreensível. O conceito do Povo Eleito oferece, de fato, inegável vantagem, pois cria uma benéfica autoconsciência diante da igreja dominante.

[16] David Einhorn (1809-1879). Em 1842, foi nomeado rabino de Hoppstaedten e rabino-chefe do principado de Birkenfeld. Em 1855, emigrou para os Estados Unidos, onde se tornou um líder da ala radical do movimento reformista.

Eu voto pela renúncia a todas as petições a favor da restauração dos sacrifícios e por nossa independência política. Preferiria que nossas orações pelo Messias expressassem uma esperança ·de um *renascimento espiritual e a unificação de todos os homens* na fé e no amor através de Israel.

HESS[17]: Ao discutirmos o conceito do Messias corremos o maior risco de nos perdermos em teorias difusas. A questão é simplesmente se desejamos interpretar a Bíblia em espírito, ou literalmente; se concebemos o messianismo como um ideal, ou como a ideia de nossa independência religiosa, inatingível sem a plena igualdade política dos israelitas; se, além disso, o vemos como um elo com nossos irmãos vivendo sob governantes opressores. Atenhamo-nos, portanto, ao fato de que o conceito de um Messias pessoal e político está morto para o judaísmo alemão, e que não devemos pedir a Deus aquilo em que não mais acreditamos (...).

HOLDHEIM[18]: Dois pontos de desentendimento precisam ser esclarecidos:

1. A esperança de uma restauração nacional contradiz nosso sentimento pela pátria; alguns oradores têm alegado, por outro lado, que os dois podem coexistir.

2. Somos advertidos para não enfatizar o elemento nacional, a fim de que não haja interpretações errôneas; mas foi corretamente observado, por outro lado, que não devíamos dar atenção a interpretações equivocadas.

O ponto principal, contudo, é este: Nós representamos meramente os interesses religiosos, e não políticos, da comunidade. Os interesses políticos são suficientemente representados por outros porta-vozes. Nossa nacionalidade agora só é expressa em instituições e conceitos religiosos. Diz-se: Nossa nacionalidade original se desenvolveu para religião. Mas isso é errôneo; um tal desenvolvimento não é natural. É preciso não confundir

[17] Michael Hess (1782-1860). Um adepto da reforma completa, foi de 1806 a 1855 o diretor do Philanthropin, em Frankfurt, uma escola, primária e secundária judaica moldada segundo o espírito da Hascalá.

[18] Samuel Holdheim (1806-1860). Rabino da província de Mecklenburg-Schwerin de 1840 a 1846. Em 1847, aceitou um convite para ser o rabino da recém-fundada congregação reformada de Berlim, que sob sua liderança se tornou um centro da Reforma radical.

um fenômeno nacional com um religioso, pois de outro modo muitos abusos poderiam ser justificados.

O desejo de retomar à Palestina para ali criar um império político para os que ainda são oprimidos por causa de sua religião é supérfluo. De preferência, dever-se-ia desejar um término da opressão, o que melhoraria a sorte deles como tem melhorado a nossa. O desejo, além do mais, é inadmissível. Transforma a esperança messiânica de religiosa em secular, da qual prazerosamente se desiste tão logo a situação política mude para melhor. Mas a esperança messiânica, verdadeiramente compreendida, é religiosa. Expressa ou uma esperança por redenção e libertação de privação espiritual e a realização de um Reino de Deus na terra, ou por uma restauração política da teocracia mosaica onde judeus poderiam viver de acordo com a Lei de Moisés. A essa outra esperança religiosa só podem renunciar aqueles que têm uma concepção mais sublime do judaísmo, e que acreditam que a consecução da missão do judaísmo não depende do estabelecimento de um Estado judeu, e sim de uma incorporação do judaísmo na constelação política da pátria. Somente uma concepção esclarecida da religião pode deslocar uma obscurecida. Aqueles, porém, que acreditam que a religião exige uma restauração política não devem renunciar a essa crença nem mesmo sob as melhores circunstâncias [na Diáspora], porque a religião não se contentará com nada menos que a completa satisfação de suas exigências. Essa é a diferença entre Ortodoxia rigorosa e Reforma: Ambas abordam o judaísmo sob um ponto de vista religioso; mas enquanto a primeira visa a uma restauração da antiga ordem política [no interesse da religião], a segunda visa à união mais estreita possível com as constelações políticas e nacionais de seu tempo [como exigência da religião] (...).

WECHSLER[19]: Tão logo tentamos definir o "como" de nossa esperança, a esperança imediatamente desaparece. Devemos não vivissectar nosso messianismo e sim moldar as orações existentes de acordo com nossa consciência. Não podemos desconsideraras massas. Se tivéssemos de compor novas orações, a situação seria diferente.

[19] Bernhard Wechsler (falecido em 1874). Em 1841, sucedeu a Samson Raphael Hirsch como rabino-chefe de Oldenburg.

Consequentemente, tudo já em existência deve ser admitido enquanto não for contrário à verdade comumente aceita. *Político* e *nacional,* de qualquer maneira, não parecem ser as expressões corretas. É o *Povo de Israel* um termo nacional ou político? Se assim fosse, a palavra *Povo* não deveria ser usada, e todas as passagens na liturgia que a contivessem deveriam ser eliminadas.

A questão só diz respeito à oração por nosso retorno à Palestina e todas as suas consequências.

Em todos os acréscimos contemporâneos ao livro de orações, nossa concepção moderna do Messias pode ser Claramente afirmada, inclusive a confissão de que nosso recém-obtido *status* de cidadãos constitui uma realização parcial de nossas esperanças messiânicas (...).

Resolução adotada pela maioria: A ideia messiânica deve receber menção destacada nas orações, mas todas as petições para nosso retorno à terra de nossos pais e pela restauração de um Estado judeu devem ser eliminadas da liturgia (...).[20]

[20] A conferência aprovou unanimemente a remoção da liturgia das tradicionais petições pela restauração do culto sacrificial. A maioria da conferência, entretanto, votou no sentido de que, desde que fossem recitadas apenas em hebraico, as passagens na Torá referentes ao sacrifício deveriam permanecer na liturgia.

A Plataforma de Pittsburgh

A Plataforma de Pittsburgh, Estados Unidos, foi adotada sem reservas pela conferência central dos rabinos reformistas americanos em 1889. Essa plataforma permaneceu como expressão básica das correntes de reforma da América até a Conferência de Columbus, em 1937. A Plataforma de Pittsburgh definia o judaísmo como uma religião confessa devotada à missão de liderar o mundo numa fé universal. Tal missão deveria ser inteiramente compatível com os ideais da República americana, não havendo contradição entre a lealdade ao judaísmo e a integração na política e na cultura americanas.

A Plataforma de Pittsburgh[1]

Resoluções (dos protocolos da conferência)

Artigo 1º. A meta messiânica de Israel não é a restauração do antigo Estado judeu sob um filho de Davi, nem a continuada separação de outras nações, e sim a união de todos os homens como filhos de Deus reconhecendo Sua unidade, e a unicidade de todos os seres racionais e seu chamamento à santificação moral.

Artigo 2º. Não consideramos a queda do segundo Estado judeu como uma punição pelos pecados de Israel, e sim como uma sequência da intenção divina primeiro revelada numa promessa a Abraão e depois cada vez mais evidente no decurso da história mundial, de enviar os membros da nação judaica a todas as partes da terra para que possam cumprir sua elevada tarefa sacerdotal de conduzir as nações no verdadeiro conhecimento e adoração a Deus.

Artigo 3º. O serviço sacerdotal dos aaronitas e o culto sacrificial mosaico foram apenas passos preparatórios para o verdadeiro serviço sacerdotal de todo o povo, que começou na realidade com a dispersão da nação judaica. Pois devoção interior e santificação ética são os únicos sacrifícios aprazíveis a Deus. Essas instituições que lançaram os fundamentos para maior religiosidade deixaram de existir, de uma vez por todas, quando o segundo Templo foi destruído. E somente nesse sentido é que têm valor educativo e podem ser mencionados em nossas orações.

Artigo 4º. Qualquer distinção entre aaronita e não-aaronita em relação a obrigações e ritos religiosos tornou-se, portanto, inadmissível, tanto em ritual como na vida.

Artigo 5º. A escolha de Israel como um povo de fé, como portador da mais elevada ideia de humanidade, deve ser enfatizada tão vigorosamente como tem sido no passado, mas somente acompanhando uma igual ênfase

[1] Texto extraído de: PLAUT, C. (Org.). *The Growth of Reform Judaism,* New York, World Union for Progressive Judaism, 1965, cap. III pp. 30/36.

na missão universal de Israel e no igual amor de Deus para com todos os Seus filhos.

Artigo 6º. A crença em ressurreição corpórea não tem fundamento religioso, e o ensino da imortalidade deve ser expresso exclusivamente em relação à continuada existência espiritual.

Artigo 7º. O cultivo da língua hebraica, em que foram expressos os divinos tesouros da revelação e em que os imortais monumentos de nossa literatura têm sido preservados (e cuja influência dominante se estende a todas as nações educadas), deve em nosso meio ser considerado o cumprimento de uma sagrada obrigação. Todavia, essa língua tornou-se de fato incompreensível para a esmagadora maioria de nossos correligionários atuais, e consequentemente no ato de rezar (que é um corpo sem alma a não ser que seja compreendido) deve o hebraico assumir lugar secundário, por trás de uma língua que os devotos possam compreender, até onde isso pareça aconselhável sob as circunstâncias vigentes.

A plataforma de Pittsburgh

Tendo em vista a ampla divergência de opinião, bem como as conflitantes ideias predominantes no judaísmo de hoje, nós, na qualidade de representantes do Judaísmo Reformista na América, em continuação ao trabalho iniciado na Filadélfia em 1869, unimo-nos sob os seguintes princípios:

Primeiro – Reconhecemos em todas as religiões uma tentativa de compreender O Infinito, e em cada modo, fonte ou livro de revelação considerado sagrado em qualquer sistema religioso a consciência do habitar de Deus no homem. Sustentamos que o judaísmo apresenta a mais alta concepção da ideia-Deus conforme ensinada em nossas santas Escrituras e desenvolvida e espiritualizada pelos mestres judeus de acordo com o progresso moral e filosófico de suas respectivas épocas. Afirmamos que o judaísmo preservou e defendeu em meio a contínuas lutas e provações e sob isolamento forçado essa ideia-Deus como a verdade religiosa central para a raça humana.

Segundo – Reconhecemos na Bíblia o registro da consagração do povo judeu à sua missão como sacerdote do Deus Único, e valorizamo-la como o mais possante instrumento de instrução religiosa e moral. Sustentamos que as modernas descobertas de pesquisas científicas nos domínios da natureza e da História não são antagônicas às doutrinas do judaísmo, refletindo a Bíblia as ideias primitivas de sua própria época, e por vezes vestindo com narrativas miraculosas sua concepção de divina providência e justiça para com o homem.

Terceiro – Reconhecemos na legislação mosaica um sistema de instrução do povo judeu para sua missão durante sua vida nacional na Palestina, e hoje em dia aceitamos como obrigatórias apenas as leis morais e mantemos somente aquelas cerimônias que elevam e santificam nossas vidas, mas rejeitamos todas as que não se adaptam às opiniões e aos hábitos da civilização moderna.

Quarto – Sustentamos que todas as leis mosaicas e rabínicas reguladoras de alimentação, pureza sacerdotal e vestuário se originaram em épocas e sob a influência de ideias totalmente estranhas ao nosso atual estado mental e espiritual. Não impressionam o judeu moderno com um espírito de sacerdotal santidade; sua observância em nossos dias irá mais provavelmente obstruir do que incentivar a elevação espiritual moderna.

Quinto – Reconhecemos na era moderna de cultura universal do coração e do intelecto a aproximação da grande esperança messiânica de Israel pelo estabelecimento do reino da verdade, justiça e paz entre todos os homens. Não mais nos consideramos uma nação mas uma comunidade religiosa, e consequentemente não esperamos nem um retorno à Palestina, nem um culto sacrificial sob a administração dos filhos de Aarão, nem o restabelecimento de quaisquer das leis referentes ao Estado judeu.

Sexto – Reconhecemos no judaísmo uma religião progressista, sempre se esforçando para estar de acordo com os postulados da razão. Estamos convictos da extrema necessidade de preservar a identidade histórica com nosso grande passado. Cristianismo e islamismo sendo religiões-filhas do judaísmo, apreciamos sua missão de auxiliar na difusão da verdade monoteísta e moral. Reconhecemos que o espírito de ampla humanidade de nossa época é nosso aliado ao cumprimento de nossa

missão, e portanto estenderemos a mão da amizade a todos os que conosco cooperam no estabelecimento do reinado da verdade e da justiça entre os homens.

Sétimo – Reafirmamos a doutrina do judaísmo, de que a alma dos homens é imortal, baseando essa crença na natureza divina do espírito humano, que para sempre encontra bem-aventurança na justiça e miséria na maldade. Rejeitamos como ideias não enraizadas no judaísmo a crença tanto em ressurreição corpórea quanto na Gueena e no Éden (inferno e paraíso) como habitações para eterna punição ou recompensa.

Oitavo – Em plena concordância com o espírito da legislação mosaica, que se esforça para regular a relação entre ricos e pobres, achamos ser nosso dever participar da grande tarefa dos tempos modernos, para solucionar com base na justiça e na honestidade os problemas apresentados pelos contrastes e males da atual organização da sociedade.

Discussão em Pittsburgh

Após a leitura da Plataforma, o Presidente, Dr. Wise, disse: “Senhores, o que vão fazer com esta Declaração de Independência?”

Dr. Moses: Saúdo com grande alegria esta declaração competente e maravilhosamente liberal. A plataforma é admirável e aceito-a com ambas as mãos, e proponho sua aprovação nesta reunião.

O Dr. Wise então apresentou a questão e a plataforma como um todo foi aceita por unanimidade, ficando entendido que deveria ser submetida a meticuloso exame pela convenção, frase por frase. Ocorreu então a releitura da plataforma e várias emendas e correções verbais foram aceitas.

Para o parágrafo 2º da plataforma, o Dr. Kohler propôs que suas palavras originais “de Revelação Divina” fossem inseridas antes de “consagração”.

Dr. Hirsch: Eu não usaria essa palavra, pois representa uma ideia que eu não sustento. Não acredito em revelação, se com isso se quer dizer o que geralmente se supõe ter ocorrido no Sinai. E tampouco a minha

congregação. Eles foram ensinados por mim e por meus predecessores que religião é o resultado de evolução.

Dr. Moses: A palavra revelação nos leva ao domínio do misticismo.

O Dr. Hahn também faz objeção ao termo, declarando que os vários filósofos judeus não foram claros em relação ao mesmo. "É uma questão filosófica que não deveria caber aqui. O reconhecimento de nossa missão sacerdotal implica a ideia de revelação."

Rabino Weil: Se o judaísmo não é uma religião revelada, então o que é?

O Dr. [Michael] Machol quer uma expressão explícita para revelação.

Dr. Kohler. Eu confesso, sou um evolucionista, mas acredito em revelação, e sou suficientemente ousado para dizer que *A Torá min ha-shamayim,* que é revelação, precisa permanecer sempre uma das pedras fundamentais do judaísmo. Obviamente, não acredito que Deus em pessoa desceu do céu e falou no Monte Sinai, mas quando uma nova verdade, em vez de ser buscada, procura seu instrumento apossando-se de uma única pessoa ou de um povo e impelindo-os a se tornarem seu arauto, isso é revelação, e nesse sentido é que eu quero que seja compreendido e aceito.

Dr. Sonneschein: Revelação, assim como socialismo, é uma palavra que virou tabu, verdadeiramente linda no significado, mas mal compreendida, e por essa razão devia ser evitada na plataforma.

Dr. Hirsch: Revelação através de gênio, individual ou coletivo, organicamente desenvolvida, nenhum de nós rejeita, mas o termo técnico não transmite esse significado.

Dr. Kohler. Vendo que a questão não é uma questão de princípio, mas que todos concordam quanto à aceitação da ideia de revelação, e que somente o uso da palavra é desgostado na plataforma, eu retiro minha emenda, declarando expressamente que concordamos no princípio de uma sucessiva revelação Divina como um fato histórico.

O parágrafo 2º foi aceito por unanimidade, havendo por proposta do Dr. Sonneschein uma chamada nominal.

Ao Parágrafo 3º, que dizia inicialmente *Legislação Mosaica,* o Dr. Hirsch objetou quanto a distinção feita entre leis morais e cerimoniais. "Embora sancionadas por um homem tão ilustre quanto o santo Dr. Einhorn, apresenta dificuldades. Não são os feriados leis cerimoniais, e iríamos aboli-los? Aceitemos a oportunidade para nos declararmos abertamente contra o judaísmo legal. Eu, por mim, associo-me à opinião do Dr. Sam. Hirsch; judaísmo é uma *Lehre* [um ensinamento]: as denominadas leis cerimoniais são símbolos representando a ideia! Símbolos morrem; aqueles que estão mortos e, portanto, não mais inteligíveis, nós abolimos; os que ainda estão imbuídos de vida nós, é claro, conservamos. Entre os primeiros eu incluo todos os regulamentos de pureza e alimentares; como leis, certamente, não são de origem judaica. Entre os outros, incluo os dias santos. E, como tais, oponho-me à sua transferência para domingo em minha própria congregação!

Depois do que o Dr. Kohler propôs substituir a palavra legislação. Aprovado.

O Parágrafo 3º foi então unanimemente aceito com chamada nominal, e assim também o Parágrafo 4º.

Ao Parágrafo 7º, referente à imortalidade, o Dr. Hahn levantou objeções por ser dogmático demais, e ter um excessivo sabor de saduceísmo.

O Dr. Falk manifestou o desejo de ver Recompensa e Punição salientadas como um indispensável dogma judaico.

O Dr. Wise referiu-se ao *Yad Hachasaka* (Hilch Theshuba) de Maimônides como sendo a melhor autoridade corroborando a concepção espiritual de Retribuição expressa na plataforma.

Dr. Hirsch: A ressurreição já foi rejeitada pela Conferência de Filadélfia, mas punição eterna e prazer do Paraíso também devem ser descartados. Que nossos modernos "judeus de Kaddish" sejam lembrados que os doze meses queimando na Gueena são provavelmente de origem parse. Nunca será demais insistir enfaticamente que a justiça é em si mesma uma recompensa e que a maldade traz consigo seu próprio castigo, e que o trabalho é o objetivo da vida.

Dr. Kohler. A expressão "para sempre" implica um eterno reajustamento das ações do homem através de todas as épocas ou uma evolução da vida da alma, esta ascendendo de etapa em etapa com sua bem-aventurança e seus infortúnios. Não precisamos de nenhuma recompensa ou punição real ou localizada. Isso não é saduceísmo. É opinião de Antigonus de Sokho na *Mishná:* "Não sejam como criados que trabalham para seu patrão apenas visando ao salário!"

O Parágrafo 7º foi finalmente aprovado, e assim também o Parágrafo 8º.

Com a aprovação da plataforma como um todo, os trabalhos foram suspensos até a tarde.

Zacharias Frankel (1801-1875)

Considerado o fundador ideológico do Movimento Conservador no judaísmo, Zacharias Frankel foi uma das principais figuras da história legal judaica do século XIX na Alemanha. Serviu como rabino em Dresden e depois em Berlim e foi o líder do recém-fundado Seminário Rabínico de Breslau.

A sua visão do judaísmo combinava com uma ênfase sobre a tradição com o reconhecimento de que o judaísmo apresentava uma série de problemas quando defrontado com as exigências da modernidade. Reconhecia o crescimento histórico do judaísmo mas discordava das reformas na ritualística e nos preceitos da tradição. Participou da Conferência Rabínica de Frankfurt (1845), que resultou no crescimento do Movimento de Reforma do qual ele era vigoroso oponente. Acreditava que os reformistas distorciam o judaísmo, pois propunham mudanças precipitadas em troca da emancipação.

Zacharias Frankel[1]

Sobre mudanças no judaísmo

...Manter a integridade do judaísmo simultaneamente com o progresso, é este o problema fundamental do presente. Podemos negar a dificuldade de uma solução satisfatória? Onde está o ponto em que os dois aparentes contrários podem se encontrar? Qual deveria ser o nosso ponto de partida na tentativa de reconciliar o judaísmo essencial com o progresso e que espécie de oposição podemos esperar encontrar? Como podemos assegurar repouso à alma de modo que não seja dilacerada ou entorpecida por severas dúvidas enquanto busca a calorosa radiação da fé, e contudo atribuir à razão seus direitos, e possibilitar-lhe emprestar força e lucidez ao sentimento religioso que brota das emoções? Os elementos opostos que tão raramente estão em equilíbrio precisam ser unidos e esta é a nossa tarefa (...).

O judaísmo é uma religião que tem uma influência direta na atividade de vida. É uma religião de ação, exigindo a execução de preceitos que ou objetivam diretamente enobrecer o homem ou, ao lembrá-lo do divino, fortalecer seus sentimentos de dependência de Deus. E é por causa dessa característica que nem a pura contemplação abstrata nem o obscuro misticismo jamais conseguiram lançar raízes no judaísmo. Isso, por sua vez, assegurou que as sublimes ideias religiosas fossem mantidas em sua pureza, daí resultando que mesmo hoje brilha no judaísmo a luz divina.

Enfatizando a atividade religiosa, está o judaísmo inteiramente atado à vida e torna-se propriedade de todo judeu individualmente. Uma religião de meras ideias pertence principalmente aos teólogos; as massas que não estão adaptadas a tais concepções pouco se interessam pelas particularidades dessas religiões, porque elas pouco se relacionam com a vida. Uma religião de ação, por outro lado, está sempre presente, exigindo prática em atividades e uma expressão de vontade, e suas exigências se

[1] Texto extraído de: MENDES-FLOHR & REINHARZ, J. *The Jew in the Modern World,* Oxford, Oxford University Press, 1980, pp. 173-176.

refletem na vida multiforme do indivíduo, do que resulta tornar-se a fé propriedade comum de todos os seguidores.

Chegamos assim ao ponto de partida para a consideração dos atuais partidos no judaísmo. O ponto de vista do partido Ortodoxo é nítido. Ele cresceu na atividade devota; para ele, a execução dos preceitos é inseparável da fé, pois a seu ver estão ambas estreita e interiormente ligadas. Se viessem a se separar da observância e desistir dos preceitos, eles se veriam alienados de si mesmos e se sentiriam como mergulhados num abismo. Dado esse ponto de vista, a direção e a ênfase do partido Ortodoxo estão bem claras. Onde mais, a não ser na combinação de fé e meticulosa observância dos preceitos, poderá ele encontrar aquela completa satisfação que tem gozado com a herança dos pais? Quando vai rejeitar aquilo que por tanto tempo manteve sagrado e inviolável? Não – isso é inconcebível.

Contra esse partido surgiu recentemente um outro [Reformista], que encontra seu objetivo na direção oposta. Esse partido vê a salvação em superar o passado, em levar o progresso até o limite, em rejeitar as formas religiosas e retomar meramente à simples ideia original. Na realidade, dificilmente podemos qualificá-lo como um partido no judaísmo, muito embora seus adeptos ainda usem a denominação de judeus, e como tais sejam considerados na vida social e política, e não pertençam a outra fé. Não pertencem, todavia, inteiramente ao judaísmo, pois limitando-o a alguns princípios de fé, colocam-se parcialmente fora dos limites do judaísmo.

Voltemo-nos agora para um terceiro partido que surgiu do primeiro, e não só permanece dentro dos limites do judaísmo como também está repleto de verdadeiro zelo por sua preservação e se esforça por passá-lo aos descendentes e fazer dele o bem comum de todos os tempos.

Esse partido está baseado na fé racional e reconhece que a tarefa do judaísmo é a ação religiosa, mas exige que essa ação não seja vazia de espírito e que não venha a se tornar meramente mecânica, expressando-se principalmente na forma. Também alcançou o ponto de vista de que a própria atividade religiosa deve ser trazida a um nível mais elevado, dando-se peso aos muitos significados de que deve ser dotada. Sustenta, além disso, que devemos omitir certas ações não-importantes que não estão inerentemente ligadas nem com as elevadas ideias nem com as formas

religiosas delineadas pelas leis reveladas. Sente que precisamos tomar em consideração a oposição entre a fé e as condições de nosso tempo. A verdadeira fé, devido à sua natureza divina, está acima do tempo, e assim como a parte mais nobre do homem não está sujeita ao tempo, assim também a fé se eleva acima de todo o tempo, e a palavra que saiu da boca de Deus está enraizada na eternidade. Mas o tempo tem uma força e um poder que têm de ser levados em conta. Cria-se, então; um dualismo em que fé e tempo se defrontam, e o homem escolhe viver além do tempo ou estar sujeito a ele. É nessa situação que o judeu se encontra hoje: não pode escapar da influência das condições do tempo, e, no entanto, quando as exigências da fé o levam à oposição ao espírito do tempo, espera-se que atenda a seu chamado – encontre o poder de resistir às lisonjas dos tempos. Esse terceiro partido, então, declara que o judaísmo precisa ser salvo para sempre. Afirma tanto o valor divino quanto a base histórica do judaísmo, e consequentemente, acredita que introduzindo algumas mudanças poderá ser alcançado algum acordo com os conceitos e as condições do tempo em que se vive.

A fim de ter uma concepção de que mudanças devem e podem ser introduzidas, precisamos nos perguntar – permite o judaísmo quaisquer mudanças em qualquer de suas formas religiosas? Considera todas elas imutáveis, ou podem ser alteradas? Sem entrar na citação de autoridades pró e contra, podemos salientar que o judaísmo permite, de fato, alterações. Os antigos mestres, por interpretação, mudaram o significado literal das Escrituras; posteriormente eruditos alteraram o da *Mishná,* e os eruditos pós-talmúdicos o do *Talmud.* Essas interpretações todas não tinham a intenção de especulação. Dirigiam-se a preceitos de vida. Graças a tais estudos, o judaísmo alcançou a estabilização e evitou a alienação das condições do tempo em períodos vários (...). [Os rabinos] instituíram uma regra projetada como guardiã e protetora contra mudanças indevidas. Diz o seguinte: aquilo que foi adotado pela comunidade inteira de Israel e foi aceito pelo povo e se tornou parte de sua vida não pode ser alterado por nenhuma autoridade.

Nesta declaração fundamental está uma verdade viva. Através dela, fala uma profunda visão do judaísmo que pode servir, para todos os tempos,

como uma fórmula para necessárias mudanças e que pode ser empregada tanto contra reformas destrutivas quanto contra a estagnação.

Essa declaração fundamental ajuda a deixar claro para nós que mudanças no judaísmo são justificadas e como podem ser feitas. É verdade que o judaísmo exige a atividade religiosa, mas o povo não é simples barro a ser moldado pela vontade de teólogos e eruditos. Em atividades religiosas, como na vida cotidiana, ele decide por si mesmo. Esse direito foi concedido ao povo pelo judaísmo. Quando uma antiga ordenação religiosa não era aceita por toda a comunidade de Israel, desistia-se dela. Consequentemente, quando uma nova ordenação ia ser posta em vigor, era necessário verificar se encontraria aceitação pelo povo. Quando o povo permite que certas práticas caiam em desuso, então as práticas deixam de existir. Não há em tais casos nenhum perigo para a fé. Um povo acostumado à atividade não vai se machucar e tampouco destruirá suas práticas. Seu próprio senso de religiosidade o adverte contra isso. Somente aquelas práticas das quais se encontra inteiramente alienado e que não dão nenhuma satisfação é que serão abandonadas e assim morrerão por si próprias. De um modo geral, há sempre um grande fundo de fé e atividade religiosa para proporcionar segurança contra negação e destruição.

Atingimos, então, um ponto decisivo em relação a mudanças moderadas, a saber, que devem vir do povo e que é a vontade de toda a comunidade que tem de decidir. Ainda assim, essa regra sozinha pouco pode realizar. A comunidade inteira é um pesado corpo desarmônico e sua vontade é difícil de reconhecer. Só chega a se expressar após muitos anos. Precisamos achar um caminho para efetuar tais mudanças de maneira apropriada, e isso só pode ser feito com a ajuda dos eruditos. O judaísmo não tem sacerdotes como representantes da fé nem requer especial beatice espiritual em seus porta-vozes. O poder de representá-lo não é o quinhão de uma família, e nem passa de pai para filho. Conhecimento e domínio da lei fornecem a santidade, e podem ser alcançados por todos. Na vida judaica, capacidade espiritual e intelectual acabou tomando o lugar do antigo sacerdócio que, mesmo em tempos primitivos, tinha sua função limitada principalmente ao culto sacrificial. Mesmo em tempos antigos, o judaísmo reconhecia a vontade do povo como uma grande força, e devido a esse reconhecimento uma grande atividade religiosa veio a existir. Mas essa

atividade foi por sua vez traduzida numa força viva pelos mestres do povo através do uso de ordenações originais e através de interpretação das Escrituras. Por vezes, essas ações dos sábios tornavam mais leve o volume de observância; às vezes, o aumentavam. Que os resultados dos estudos e pesquisas dos mestres tenham encontrado aceitação entre o povo prova, por um lado, que os mestres conheciam o caráter de seu tempo, e, por outro lado, que o povo confiava neles e os considerava verdadeiros representantes de sua fé.

Se teólogos e eruditos judeus de nosso tempo conseguiram adquirir tal confiança, eles então terão influência com a introdução de quaisquer mudanças que possam ser necessárias. A vontade da comunidade de Israel encontrará então seus representantes e o conhecimento será seu exercício apropriado.

Os eruditos têm assim um importante dever a fim de tornar seu trabalho eficaz. É o de guardar o senso de devoção do povo e de elevar seu espírito à altura das grandes ideias. Para isso, precisam da confiança do povo. Oposição às opiniões do povo, como a que alguns reformistas demonstram, é ímpia e infrutífera. O mestre assim perde o poder de tornar eficaz a essência da fé, pois em lugar daquela confiança que é a base em corretas relações entre mestre e comunidade vem a desconfiança e uma relutância em segui-lo. As verdades da fé têm de ser trazidas para perto do povo, de modo que ele possa aprender a compreender o divino conteúdo que têm e assim vir a compreender a natureza espiritual e o valor intrínseco das formas que corporificam essas verdades. Uma vez o povo saturado com uma percepção das verdades essenciais e das formas que as corporificam, terá sido estabelecido um terreno firme para a conversão às práticas judaicas. E se o povo depois deixar de praticar alguns costumes e formas de observância menos importantes, isso não será motivo de maior preocupação. E não irá, como algumas recentes mudanças, levar alguns judeus a um estado de choque e desesperança. Eles não mais pensarão que todas essas mudanças levam ao desaparecimento de nossa fé e língua e nem, como sua pusilanimidade os faz acreditar, ao fim da existência do judaísmo.

Samson Raphael Hirsch (1808-1888)

Nascido em Hamburgo, Alemanha, recebeu educação religiosa e secular estudando, na Universidade de Bonn, filologia e filosofia. Aspirou à carreira rabínica, tornando-se rabino de Oldemburgo. Em 1851, a convite de um grupo tradicionalista, vai para Frankfurt. Sua pregação e seus escritos influenciaram a corrente anti-reformista, a qual passou a liderar.

Nesta época, escreve as *Neunzehn Briefe uber das Judentum* (Dezenove Cartas sobre o Judaísmo), obra que lança a semente da chamada **neo-ortodoxia;** ou seja, a manutenção do tradicionalismo em termos religiosos embora de uma forma moderna. Em seu outro livro, *Horeb; Oder Versuche Uber Jissroels Pflichte in der Zerstrenung* (Horeb; ou ensaios Sobre os Deveres de Israel na Diáspora), Hirsch desenvolve um sistema de doutrinas fundamentais do judaísmo bíblico-talmúdico em seus aspectos ritual, ético e dogmático. Em ambos os trabalhos, Hirsch pretende demonstrar a viabilidade do judaísmo tradicional no mundo moderno. Contudo, reconhecia a necessidade de revisar certos aspectos externos do judaísmo – a saber, formas estéticas do serviço religioso público – para facilitar o ajustamento dos judeus à sensibilidade moderna.

Hirsch rejeitava enfaticamente o Movimento de Reforma, bem como qualquer mudança que afetasse os princípios e conteúdos do judaísmo *halákhico* (tradicional). A congregação e as instituições religiosas lideradas por ele tornaram-se paradigmas de sua visão do judaísmo neo-ortodoxo, ou judaísmo *halákhico* (tradicional), em harmonia com o mundo moderno.

Em sua tentativa de preservar a ortodoxia sem renunciar à educação moderna, Hirsch contribuiu sensivelmente para mobilizar o tradicionalismo no quadro de uma nova perspectiva e revitalizar o judaísmo alemão do século XIX.

Referências

GRUNFELD, I. (Edit), *Judaism Etemal*: Selected Essays from the Writings of Rabbi Samson Raphael Hirsch, London, The Soncino Press, 1956, vol. 2, p.213.

GUINSBURG, J. (Org.). *O judeu e a Modernidade,* São Paulo, Perspectiva, 1970, p.115.

Samson Raphael Hirsch[1]

O judaísmo moderno [2]

"Então você quer fazer pararem de girar as rodas do tempo, quer deter o progresso, quer nos lançar de volta ao antigo isolamento judaico, quer negar a necessidade de se mover com o tempo e tirar o judaísmo do seu túmulo com suas formas há muito obsoletas! Já há trinta anos vêm sendo feitos esforços – segundo o modelo dos velhos rabinos que, sob outros aspectos, é preciso reconhecer, mal são merecedores de atenção – de reformar o velho e rígido judaísmo de acordo com as necessidades dos tempos; e você acha que pode transtornar o trabalho da mais esclarecida e culta sabedoria judaica com seus miseráveis artigos de Lua Nova! Seu futuro é tão escuro como a lua nova no calendário, a orgulhosa marcha do tempo ri de suas labutas, e nossa juventude esclarecida passa a seu lado ignorando-o."

Essa é a amistosa acolhida com que estas páginas serão saudadas pela boca do judeu moderno, essa é a jovial perspectiva que a moderna sabedoria judaica irá lhes oferecer.

Examinemos com calma quanta verdade há nessa censura, quanta sabedoria existe nessa previsão.

Reformar o judaísmo de acordo com as necessidades do tempo – isto, segundo nossos críticos, é a tarefa de nosso tempo, como tem sido a tarefa de todos os tempos. Foi isso o que ocupou os grandes mestres de todas as épocas, e somos apenas nós, obscurantistas retrógrados, que obstinadamente nos recusamos a dar ouvidos a tal sabedoria e agir nesse sentido.

---

[1] Texto extraído de: GRUNFELD, I. (*Ed.*). *Judaism Eternal:* Selected Essays from the Writings of Rabbi Samson Raphael Hirsch, London, The Soncino Press, 1956, Vol. 2, pp. 213/223.

[2] Este artigo apareceu no primeiro número (outubro de 1854) da revista *Jeshurun* publicada pelo autor.

Vejamos. Atualizar o judaísmo, adaptá-lo às necessidades do tempo, harmonizá-lo com as opiniões geralmente predominantes em qualquer determinado período e com as condições e necessidades de qualquer determinado tempo – esse seria o objetivo. Se alteramos nosso judaísmo de modo a alinhá-lo com as opiniões predominantes em nosso tempo entre nossos irmãos não-judeus, se removemos tudo que é inconveniente e incômodo de realizar nas ,condições de nossa época, ou cuja prática nos levaria a sermos mal compreendidos e erroneamente julgados por nossos concidadãos, então – não é assim? Teremos levado a sério a sabedoria moderna, e agido de acordo com ela.

Vejamos. Era o judaísmo tão adequado aos tempos no passado?

Poderá em alguma ocasião vir a sê-lo? Poderia alguma vez tê-lo sido? Irá algum dia vir a sê-lo?

Era o judaísmo de Abraão adequado aos tempos quando o governante de sua pátria o lançou na ardente fornalha caldeia por ter despedaçado os ídolos dos seus contemporâneos? Era o judaísmo de nossos antepassados adequado aos tempos quando, odiados pelos egípcios, tiveram durante séculos de curvar o pescoço sob o jugo da escravidão e deixar seus bebês serem arrastados pelas ondas do Nilo? Era o judaísmo de Daniel adequado aos tempos quando com os outros jovens com ele criados no palácio do rei da Babilônia ele se alimentava apenas com legumes, e quando enfrentou a fúria do rei e a morte nas mandíbulas do leão em vez de omitir suas orações três vezes por dia com seu rosto voltado para Jerusalém de acordo com o costume dos seus antepassados? Era o judaísmo de Ananias, Misael e Azarias adequado aos tempos quando entraram na fornalha acesa por não obedecerem à ordem do monarca de prestar homenagem à sua estátua? Era o judaísmo dos Macabeus adequado aos tempos quando, com heróica coragem, resistiram à introdução dos mais recentes costumes e cultura gregos? Era o judaísmo do Beth Hilel e de Iochanan ben Zacai adequado aos tempos quando o reino da Judeia havia sido levado à ruína pela espada de Roma, quando o Templo de Jerusalém havia sido destruído, e os filhos de Judá massacrados, vendidos no mercado de escravos e jogados às feras como espetáculo para o Imperador, ou dispersos pelo mundo todo? E, sem dúvida, a sabedoria "moderna" daquele tempo pregava que cabia então,

finalmente, abandonar o velho judaísmo, acabar com os velhos costumes separatistas que eram somente motivo de zombaria para seus conquistadores, que era então certamente impossível continuar sendo judeus e judias. Eles próprios, contudo, com verdadeira grandeza de alma, olhavam adiante desse período de declínio, apertaram ainda mais o laço da fé, ensinavam ainda mais apaixonadamente a santidade da lei e dos costumes judaicos, lançavam ainda mais insistentemente suas advertências e admoestações, suas regras e regulamentos, a fim de que nenhum fio da santidade judaica se perdesse na sujeição e na dispersão. Era um judaísmo adequado aos tempos aquele pelo qual, mais tarde, nossos antepassados durante séculos, em todos os países e em todos os períodos, sofreram a mais ignominiosa opressão, o mais desdenhoso desprezo, e morte e perseguição sob mil formas? Em todos esses séculos, era o judaísmo adequado aos tempos, adaptava-se aos pontos de vista da sociedade dominante, não estava exposto a incompreensões e a julgamentos severos, foi alguma vez conveniente e fácil ser um judeu ou uma judia? E, no entanto, dizem-nos que é dever do judaísmo ser em qualquer período adequado aos tempos!

O que seria do judaísmo se nossos antepassados tivessem considerado tarefa deles, em cada período, atualizar o judaísmo, isto é, pô-lo em consonância com as opiniões e as condições predominantes em seu ambiente numa determinada época? O que teria acontecido se assim tivessem feito, se tivessem tomado no Egito a sabedoria dos sacerdotes de Méroe, entre os babilônios os mistérios de Milita, entre os persas a magia de Zoroastro, entre os gregos os mistérios de Elêusis ou a mitologia do Olimpo, do sistema filosófico em voga em determinada época em Alexandria e em Roma o sincretismo de todas as crenças e opiniões possíveis, entre os celtas a sabedoria dos druidas, e na Idade Média claustros e monges, como padrão para reformar o judaísmo? O que vai acontecer agora se, em obediência a esse ensinamento moderno, os judeus em todas as plagas e todos os países reformarem seu judaísmo de maneira tal a adaptá-lo às opiniões e aos costumes dos seus compatrícios? Pelo amor de Deus, que espécie de monstruosidade seria aquilo que se· faria passar por judaísmo? Opiniões, costumes e necessidades variam de país para país, de década para década. Mas onde há uma religião que foi, como o judaísmo,

fadada a vagar por todas as terras e por todos os tempos – e nos dizem para em toda parte atualizá-la!

Mas, acima de tudo, que espécie de coisa seria o judaísmo se ousássemos atualizá-lo? Se ao judeu fosse permitido, a qualquer momento, atualizar o seu judaísmo, não precisaria mais dele em parte alguma; não mais valeria a pena, em parte alguma, falar de judaísmo. Deveríamos então pegar o judaísmo e jogá-lo fora em meio a outros ilegítimos produtos de ilusão e superstição, e não se ouviria mais falar de judaísmo e da religião judaica.

Se para mim a Bíblia há de ser a palavra de Deus e o judaísmo e a lei judaica a vontade revelada de Deus, então me é possível postar-me na estrada do progresso humano e ansiosamente interrogar todo mortal peregrino na terra sobre seus pontos de vista e opiniões, compostos como são de sonho e despertar, de bom senso e tolice, e submeter à sua aprovação a palavra do Deus vivo, e moldá-la para se adaptar à sua imaginação, e depois dizer: “Veja o judaísmo atualizado, veja a palavra do Deus vivo conforme aprovada pelos homens e purgada e purificada por homens!”

Se a Bíblia há de ser para mim a palavra de Deus, e o judaísmo e a lei judaica a vontade revelada de Deus, posso indagar à minha barriga, ao meu conforto e gozo sensual, à minha vantagem temporária, se é também doce fácil, ou lucrativo ou agradável? É possível para mim pegar a religião, a minha religião, que me foi dada por Deus como um padrão pelo qual medir a mim mesmo, minha geração, e todas as minhas ações e inações, e apará-la para se ajustar à maldade, à sensualidade e à mesquinhez de meus próprios desejos numa determinada época? Posso eu falsificar a Divina vara-de-medir para servir às minhas próprias necessidades passageiras e depois exclamar jactanciosamente: “Veja, aqui está o judaísmo completamente peneirado e atualizado, aqui está a palavra de Deus Todo-Poderoso cortada na medida de minha própria fraqueza. Vejam como estamos andando com passo certo, tanto eu quanto minha geração!”

Não nos deixemos iludir. Toda a questão é simplesmente esta. É a afirmação “E Deus falou a Moisés dizendo”, com que começam todas as leis da Bíblia judaica, verdadeira ou não? Acreditamos nós, real e verdadeiramente, que Deus, o Onipotente e Santo, assim falou a Moisés?

Estamos falando a verdade quando diante de nossos irmãos pomos nossa mão no rolo de pergaminho contendo essas palavras e dizemos que Deus nos deu essa Torá, que Sua Torá, a Torá da verdade e com ela da vida eterna, está plantada em nosso meio? Para que isso não seja apenas da boca para fora, um mero floreado retórico, precisamos manter e executar essa Torá sem omissões e sem queixas, em todas as circunstâncias e todos os tempos. Essa palavra de Deus tem de ser nossa regra eterna superior a qualquer juízo humano, a regra com a qual nossas ações todas devem sempre estar de acordo; e em vez de reclamar que não está mais adequada aos tempos, nossa única reclamação tem de ser que os tempos não estão mais adequados a ela.

E se, novamente, ao pormos em prática essa palavra de Deus optamos por seguir os ensinamentos e instruções que chegaram a nós dos rabinos, podemos e devemos fazê-lo somente se, e porque, reconhecemos neles a mesma origem divina que na palavra escrita de Deus. Foram transmitidos a nós por gerações anteriores com a mesma garantia, como uma tradição transmitida por Deus, do mesmo Deus santo e onipotente, a Moisés, e de Moisés oralmente através de cada sucessiva geração com o propósito de regular a observância prática da palavra de Deus. Essa tradição não é nada mais que tradição, que a palavra de Deus transmitida oralmente, conforme o judaísmo rabínico tem ensinado por séculos e séculos de sua história.

Mas se essa tradição não é tradição, se é apenas uma pia máscara sob a qual uma classe sacerdotal impôs suas opiniões ao povo como sendo a palavra de Deus oralmente transmitida, se os pais com isso enganaram seus filhos e netos, deixando-os viver e sofrer, resistir e morrer, por uma falsificação e por uma ilusão, e se é permissível a nós também sermos cada qual seu próprio oráculo e remodelar a lei bíblica de acordo com nossos próprios pontos de vista e opiniões, então ela não é mais, não pode e não deve ser mais a palavra de Deus; então Deus não falou a Moisés; então não temos em nosso poder a palavra de Deus; então nós, e conosco toda a humanidade, cujas esperanças de salvação estão enraizadas nessa palavra, somos todos enganados e enganadores, e é tempo de nos livrarmos abertamente de todo esse miserável estorvo.

Esta é a alternativa, não há outro caminho aberto. Se o judaísmo foi estabelecido por Deus, então está destinado a ensinar à época, e não se deixar ser por ela ensinado.

Bem desde o início, Deus colocou o judaísmo e seus adeptos em oposição à época. Por milhares de anos, o judaísmo foi o único protesto contra um mundo completamente pagão. E se essa oposição diminuiu de século a século, não foi porque o judaísmo se alterou para se adaptar às condições não-judaicas de um tempo qualquer, e sim porque cada vez mais sementes do espírito judaico, centelhas da palavra judaica de Deus, encontraram alojamento no seio do mundo não-judeu, e porque cada vez mais a palavra judaica de Deus cumpriu sua silenciosa missão na terra.

Levantando o véu do início da história, a palavra judaica de Deus nos revela que por dois mil anos o mundo retrocedeu e deixou cada vez mais de ser subserviente a Deus. Depois Deus disse a Abraão, o primeiro judeu: “Ouse ir contra seu tempo, siga seu próprio caminho”, longe do seu país, de sua família, e da casa de seu pai, e ande diante de mim e que minha aprovação lhe baste. E entre os povos mais cultos de seu tempo, entre egípcios e fenícios, Abraão caminhou, sozinho – com Deus.

E quando a família de Abraão havia crescido na amarga escola do sofrimento para se tornar um povo que viria a ser o portador da palavra de Deus, então Deus novamente o colocou entre as nações mais cultas de seu tempo; Ele apontou para a cultura egípcia à esquerda deles e para a cultura mesopotâmica à direita, e disse: “Eu os separei desses povos, não andem nos costumes deles, sigam Minhas leis e preceitos e permaneçam fiéis.”

E quando o Estado judeu caiu em pedaços, porque Jeroboão com sua esperteza havia introduzido pela primeira vez o princípio da adaptação do judaísmo às necessidades do tempo, e Judá novamente se viu vagando por terras estranhas, então Deus, pela boca dos profetas, dirigiu-lhes a advertência para todos os tempos:

“Mas o que pensam nunca irá acontecer, quando dizem, Queremos ser como os povos de todas as terras, adorar madeira e pedra.” “Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, a qual lhe prescrevi em Horeb para todo Israel, até estatutos e ordenações,”

Isso está claro do início ao fim no registro da Bíblia, E, no entanto, não ficam nossos judeus modernos tão surpresos em descobrir que o judaísmo segrega seus adeptos, e os faz parecer tão obsoletos aos filhos superficiais de cada época?

Essa segregação, contudo, é apenas superficial. Nenhuma doutrina é tão bem qualificada quanto o judaísmo para suprir seus adeptos com um amor plenamente abrangente, para implantar neles um espírito e um coração aos quais nada humano no mundo inteiro é estranho e que podem participar, da maneira mais calorosa e franca, de todo o sofrimento e bem-estar humanos. São os judeus que prontamente vêem nos episódios mais obscuros da História a marcha de um propósito Divino, que junto ao túmulo do mais abandonado pecador estão prontos a plantar a bandeira da esperança de uma ressurreição e de um retorno a Deus, e cuja força toda está na convicção de que todos os homens caminham com eles rumo a um reino de Deus na terra, em que verdade e amor, justiça e salvação estarão por toda parte.

Considerem Abraão, o primeiro e mais isolado judeu na terra. Houve jamais alguém tão isolado? Único e sozinho com Deus na terra, único e sozinho em conflito com o todo de sua época. Que coração trazia ele em seu peito, cheio de modéstia, cheio de bondade, cheio de compaixão e de amor por todos, pelos homens mais depravados de seu tempo! O julgamento de Deus está suspenso sobre Sodoma e Gomorra, sobre o mais vil poço de iniquidade conhecido na História, e é Abraão quem reza por Sodoma e Gomorra!

Deus firmou com ele e com seus descendentes o mais separatista dos pactos e marcou em seus corpos o mais separatista sinal dessa aliança. E vemos Abraão, com a dor infligida por esse sinal ainda fresca, sentado ao calor do sol diante de sua tenda e procurando com o olhar viajantes cansados, convidando idólatras estranhos à sua casa e mostrando piedade e bondade e amor de Deus a todos os seus semelhantes sem distinção.

E como poderia ter sido diferente? Não era esse universalismo, esse amplo humanismo de pensamento e ação, a própria essência e objetivo, a razão e significado de sua segregação? Quão diferente dos homens que construíram a Torre de Babel usando como lema as palavras “Façamos um

nome para nós”. Eles eram impelidos por egoísmo, sensualidade e ambição para construírem uma torre famosa que chegaria até o céu, uma torre que, conquanto parecesse unir, na realidade isolava e dividia os homens entre si. Foi então, segundo a profunda observação de nossos Sábios, que Deus chamou Abraão a Si e disse: “Vá por outro caminho, não deseje nada para si mesmo, para sua própria bênção, para sua própria fama, em Meu nome reúna homens, seja uma bênção para eles, pois veja, eu o destinei a ser um pai da humanidade, que isso seja sua bênção e sua fama!”

Permaneceu isso como caráter fundamental do judaísmo. Abraão foi isolado no interesse da humanidade, e no interesse da humanidade o judaísmo tem de prosseguir em seu caminho separado através dos tempos.

O judaísmo é a religião que *não* diz “Fora de mim não há salvação”. O judaísmo, que é desmerecido por causa de seu suposto particularismo, é precisamente a religião que ensina que os justos de todos os povos estão marchando em direção à precisa meta. Dentre todos os homens são os rabinos, tão ruidosamente execrados por causa do seu particularismo, que, apontando para as previsões na boca dos profetas e cantores de um glorioso novo dia para a humanidade, enfatizam que não há menção nelas de sacerdotes, levitas e israelitas, mas que só se fala dos justos, honestos e honrados; e assim os justos, honestos e honrados de todos os povos estão incluídos nas mais nobres bênçãos. E nos mais negros tempos, quando o populacho enfurecido destruía as sinagogas judaicas e rasgava em pedaços os livros sagrados, o perseguido e desprezado judeu se punha diante do seu Deus e se consolava aguardando o tempo em que essa loucura também desaparecerá, e o nome do Deus único fará entrar a justiça e a paz em todos os corações humanos. E filhos visitavam os túmulos dos pais que haviam sido massacrados por seu judaísmo com a confiante esperança de que um dia, no próprio solo em que havia grassado a mais terrível crueldade, “o nome de Deus brilhará grande e sagrado e majestoso e Seu reino se estabelecerá de um a outro extremo da terra”.

E por que não deveriam? O guia com o qual Deus os havia equipado para suas andanças havia solucionado, para eles, o enigma da História. Deus os levara de volta ao início da história humana e revelara a gloriosa culminação que viria após o mais profundo desalento. Deus os havia

chamado de Seu primogênito porque dentre todos os filhos perdidos de Deus eles haviam sido os primeiros a encontrar seu caminho de volta a Ele; e por isso eles sabiam que todos os seus semelhantes iriam um dia segui-los até o coração do Pai. Deus os chamara de Seus sacerdotes, e por isso eles sabiam que toda a humanidade devia ser Seu povo, para o qual eles, como sacerdotes, teriam de proclamar Sua eterna promessa de salvação. E mesmo quando Deus lhes disse "Eu os separei dos povos", os rabinos foram a eles e os advertiram: "Não esqueçam: Deus não separou os povos como alguém que entre os bons escolhe os ruins e os joga fora, pois então eles seriam rejeitados para sempre; mas Deus os separou dos povos como alguém que escolhe os bons dentre os menos bons e continua escolhendo de novo e de novo e acrescentando os melhores aos bons" (Valkut, Kedoshim). Cada nova volta na história do mundo, fosse ela para tristeza ou para alegria, eles encaravam como uma dessas seleções e acumulação de todas as sementes de melhor promessa; e todos os cantos de seus poetas e todas as palavras de seus profetas não revelavam outra coisa a não ser esse caminho de Deus na história do mundo e não cantavam outra coisa a não ser aquela brilhante manhã que um dia irá raiar para toda a humanidade à vista de todas as nações, e do que eles, os judeus, serão e permanecerão os mensageiros e arautos.

Assim é justamente o judeu mais isolado que traz em seu peito os pensamentos e sentimentos mais universais.

Com olhar sereno, ele caminha pelo mundo e pelos séculos afora, e com alegria dá boas-vindas a cada aparição em que, onde e como possa ser, ele vê as sementes de uma pura adoração de Deus e do enobrecimento do homem, o reconhecimento de Deus e do divino destino do homem cultivados e preservados em círculos não-judaicos. E embora saiba que até essa manhã chegar ele não encontrará, em parte alguma, plena e eterna salvação estabelecida na terra, ainda assim se rejubila por ver, em qualquer lugar, a soma total de verdade e bondade aumentada, ele vê em cada aurora os raios da manhã que irá um dia despontar desanuviada sobre a humanidade. Agora, finalmente, ele observa como aquele grão que há dois mil anos caiu da rica colheita da Sua Divina palavra – não inteiramente isenta, é verdade, da mistura com elementos estranhos – no seio da humanidade, agora cresceu e se espalhou tão viçosamente que, por mais que

algumas nuvens possam ainda escurecer o céu, já foi saudada por homens como uma completa redenção da humanidade. Ele pode seguir passo a passo as florações que, desde então, têm sido consciente e inconscientemente colhidas da árvore judaica da vida para enriquecer o domínio da verdade, do amor e da justiça. Quando vê isso, ele se enche de felicidade pensando na interminável abundância de salvação e bênçãos que a humanidade gozará quando as sementes da salvação espalhadas de Sua Divina palavra tiverem atingido a madureza e trazido a redenção completa da humanidade em que Deus destruirá a morte para sempre, e enxugará as lágrimas de todos os rostos, e também porá fim ao opróbrio do Seu povo na terra. Então suas coisas sagradas ainda lhe serão mais sagradas, então ele vai se apegar ainda mais ao seu divino tesouro, e se tornará ainda mais firme em sua resolução de conduzir até o fim, sem recuos, esse recipiente que contém a salvação da humanidade, até que

> nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. E irão muitas nações e dirão: Vinde e subamos ao monte do Senhor, à Casa do Deus de Jacó, e Ele nos ensinará os Seus caminhos e andaremos por Suas veredas. Porque de Sion sairá a lei e a palavra do Senhor de Jerusalém. E Ele julgará entre as nações e decidirá por muitos povos, e eles converterão suas espadas em arados e suas lanças em podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. (Isaías 2:2-4.)
>
> E o lobo habitará com o cordeiro e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e uma criança os guiará... e a criança de peito brincará sobre a toca da áspide e a já desmamada estenderá alegremente sua mão "aos olhos flamejantes do dragão. Não farão mal nem dano algum em meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor assim como as águas cobrem o leito do mar. (Isaías 11:6,8,9.)

Então, quando a isso os tempos estiverem adequados, estará o judaísmo adequado aos tempos. Quando Deus tiver secado as lágrimas de todos os rostos, então o opróbrio do Seu povo na terra terminará, assim falou o Senhor.

Mas muito antes de atingir essa meta, em todas as suas andanças pelo tempo e pelo espaço, o judeu, de maneira alguma, esteve tão acentuadamente em contraste com os tempos e os países em que tem vivido. Pelo contrário, o próprio judaísmo lhe mostrou como adaptá-lo a cada época e a cada país em que o destino o jogou e como formar, com cada época e com cada país, os mais estreitos e amistosos laços.

Porque o judeu sabe que os justos e puros em todas as sociedades humanas estão trabalhando com ele pelo estabelecimento do reino de Deus na terra. Ele sabe que por quase dois mil anos as sementes de uma humanidade mais pura, que estavam salvas mesmo nos dias do paganismo, e desde então também outras genuínas sementes de pensamento judaico têm germinado e chegaram à fruição, para benefício da humanidade, nas mais variadas atividades espirituais. E é o seu próprio judaísmo que o guia através do jardim da natureza e das galerias da História, que o convida à plena expansão dos seus poderes a serviço de Deus, o faz encontrar em cada nova verdade que é proposta uma bem-vinda contribuição à revelação mais clara de Deus na natureza e na História, e ver em cada nova arte e cada nova ciência um bem-vindo acréscimo aos meios de prestar serviço perfeito a Deus.

Consequentemente, o judeu não irá desaprovar nenhuma arte, nenhuma ciência e nenhuma cultura, desde que seja constatada ser verdadeira e edificante, e realmente promover o bem-estar da humanidade. Ele precisa provar de tudo por meio da irrepreensível pedra de toque de sua lei divina; e o que quer que não passe nesse teste para ele não existe. Mas quanto mais firmemente ele assumir sua posição no rochedo do seu judaísmo, mais plenamente ele estará imbuído da consciência de seu próprio judaísmo, e mais disposto estará para aceitar e agradecidamente se apropriar de tudo que for verdadeiro e bom em outras fontes, segundo os padrões judaicos; de qualquer mente em que se tenha originado, de qualquer boca de que tenha saído, ele estará sempre pronto, como dizem os Sábios; a receber a verdade daquele que a proferiu. Em lugar algum ele jamais sacrificará um só fio do seu judaísmo ou o aparará para se ajustar às necessidades do tempo. Sempre que seu tempo lhe oferecer algo consoante com seu judaísmo, ele o adotará de bom grado. Em qualquer período, considerará ser seu dever dar, do ponto de vista do seu judaísmo, a devida

apreciação à época e às suas condições, e utilizar os novos meios proporcionados por qualquer período para que, nas condições do mesmo, ele possa fazer o velho espírito judaico se expandir em nova beleza e possa desempenhar sua obrigação para com ele com sempre renovados vigor e lealdade.

Franz Rosenzweig (1886-1929)

Judeu alemão, filólogo e teólogo. Nasceu em Cassel, Alemanha, em 1886, no seio de uma família já em vias de assimilação. Abandonou a medicina, doutorando-se em história e filosofia pela Universidade Leipzig. Instigado pelo movimento de retorno à religião que influenciou grande parte da juventude alemã no início deste século, acaba se convertendo ao cristianismo. Na tentativa de conhecer o cristianismo, reencontra-se com o judaísmo. Neste período, entrou em estreito contato com o pensamento de Herman Cohen, filósofo judeu-alemão neokantiano. Dedicou-se simultaneamente ao estudo da filosofia e da erudição judaicas e à elaboração da sua tese de doutorado *Hegel und der Staat* (Hegel e o Estado), sob orientação de Meinecke, publicada em 1919.

Serviu como voluntário no exército germânico na frente de luta balcânica na Primeira Guerra, e em plena batalha escreve em tiras de papel suas reflexões e concepções sobre o judaísmo, que viriam a ser publicadas sob o título *Stern der Erlosung* (Estrela da Redenção) em 1919. Neste livro, que, pode-se dizer, foi o mais relevante do conjunto de sua obra, Rosenzweig dá uma grande contribuição para o pensamento teológico do século XX.

Fundou o *Freies Judisches Lehrhaus* (Casa livre de Estudos judaicos), famoso nos círculos culturais alemães. Entre os professores desse instituto figuravam Martin Buber, Ernst Simon, Erich Fromm e Leo Lowenthal. Viu interrompidas as suas atividades devido a uma paralisia progressiva que iria privá-lo da capacidade de escrever e falar. Contando com a ajuda de sua esposa, Edith Rosenzweig, produziu alguns outros trabalhos como: *Sechzig Hymnen und Gedichte des Jehuda Halevi in Deutsch* (Sessenta livros de judá Halevi em Alemão), 1924; *Ensaio Introdutório aos Escritos Judaicos de Herman Cohen*; *Um Estudo sobre a Lei Judaica*; a tradução da Bíblia hebraica para o alemão em colaboração com Martin Buber; *Briefe* (Cartas) e *Kleinere Schriften* (Escritos Menores), que só vieram a público após a sua morte.

Em *Estrela da Redenção,* de onde foi retirado o texto apresentado nesta coletânea, Rosenzweig opõe o tempo histórico das nações ao tempo messiânico do judaísmo. Segundo Löwy (1989), suas fontes se encontram

tanto na teoria das idades do mundo de Schelling quanto na mística da cabala. Neste livro, igualmente, a aproximação entre a revolução e a vinda do Messias se faz presente.

Referências

GUINSBURG, J. (Org.). *O Judeu e a Modernidade,* São Paulo, Perspectiva, 1970, pp.505/508.

LOWY, Michel. *Redenção e Utopia,* São Paulo, Cia. das Letras, 1989, pp. 55/63.

Franz Rosenzweig[1]

Os Raios ou O Caminho Eterno

A ETERNIDADE DA COMPREENSÃO

Nenhum homem tem o poder de compreender o pensamento do Criador, pois 'seus caminhos não são nossos caminhos e seus pensamentos não são nossos pensamentos'. Essa descrição dos caminhos de Deus conclui o grande exame do conteúdo total da lei escrita e oral que Maimônides apresentou a nós como a "Repetição da Lei". Introduz as subsequentes proposições sobre o caminho do verdadeiro Messias e sobre o grande erro de adorar outro além de Deus, a que o mundo foi levado, segundo a profecia do Livro de Daniel, "por filhos apóstatas de vosso povo, que presumem cumprir a visão – e tropeçarão". E nosso grande mestre continua assim. Todas essas questões serviram somente para desobstruir o caminho do Rei Messias, e preparar o mundo inteiro para adorar Deus unanimemente, pois está escrito 'Sim, a esse tempo transformarei a fala dos povos numa fala pura, a fim de que todos eles possam invocar o nome do Senhor e servi-lo unanimemente'. Assim, a esperança messiânica, a Torá e os mandamentos se tornaram tópicos familiares, tópicos de conversa entre os habitantes de ilhas distantes e muitos povos, incircuncisos de coração e de carne. Eles discutem essas questões e os mandamentos da Torá. Dizem alguns: "Aqueles mandamentos eram verdadeiros, mas perderam sua validade e não são mais obrigatórios"; outros declaram que tinham um significado esotérico e não se destinavam a ser interpretados literalmente, que o Messias já havia chegado e revelado sua significação oculta. Mas quando aparecer o verdadeiro Rei Messias e for bem-sucedido, enaltecido e elevado, eles imediatamente se retratarão e compreenderão que nada herdaram de seus pais a não ser mentiras.

[1] ROSENZWEIG, Franz. *The Star of Redemption,* New York. Notre Dame Press. 1985, Book Two: "The Rays or The Eternal Way, pp. 336/348.

O CAMINHO ATRAVÉS DO TEMPO: HISTÓRIA CRISTÃ

Os raios se projetam do flamejante núcleo da Estrela. Procuram um caminho através da longa noite dos tempos. Tem de ser um caminho eterno, e não temporário, muito embora passe através do tempo. Não que possa negar o tempo – afinal de contas, destina-se a conduzir através do tempo – mas o tempo não deve adquirir poder sobre ele. Por outro lado, não deve criar seu próprio tempo, e assim se liberar do tempo, à maneira do povo eterno, continuamente se reproduzindo em si mesmo. Mas como poderia isso acontecer? Como poderia um caminho que atravessa o tempo dividir o tempo em vez de ser ele próprio dividido pelo tempo?

ÉPOCA

A pergunta já abrange a resposta. O ritmo do tempo, afinal, só determina tudo que nele ocorre porque o tempo é mais velho e mais moço que tudo que ocorre. Se ele se visse diante de uma ocorrência com início e fim fora dele, então o pulso dessa ocorrência poderia regular as horas do relógio do mundo. Tal ocorrência teria de se originar além do tempo e seguir seu curso num além-temporal. É verdade que estaria dentro do tempo em qualquer presente, mas, sabendo-se independente do tempo em seu passado e em seu futuro, sente-se forte contra o tempo. Seu presente fica entre passado e futuro. O momento, contudo, não fica. Mais precisamente, ele desaparece com a velocidade de uma flecha. Consequentemente, nunca está "entre" seu passado e seu futuro: desapareceu antes que pudesse estar entre o que quer que fosse. A trajetória do mundo conhece um intervalo apenas no passado. Somente o ponto em tempo-passado é um ponto-no-tempo, uma época, uma parada. O tempo vivo não conhece nenhum ponto: tão logo começa a ser atravessado pelo momento com a velocidade de uma flecha em vôo, cada ponto já está atravessado. Mas no passado as horas ficam naquela justaposição imóvel. Ali há épocas, estações no tempo. Podem ser reconhecidas pelo fato de serem precedidas e seguidas pelo tempo. Estão entre tempo e tempo.

O tempo, contudo, só atinge gravidade como tal no intervalo. Agora não pode mais desaparecer como uma flecha. A época não passa mais antes de eu tomar consciência dela, nem se transforma antes que eu a perceba.

Mais precisamente, ela significa algo. Algo: em outras palavras, tem substancialidade, é como uma substância. No passado, a trajetória do mundo assume a forma de "substâncias" imóveis, de eras, épocas, grandes momentos. E só pode fazer isso porque no passado os momentos que desaparecem são capturados como paradas, mantidos entre um antes e um depois. Como um intervalo, não podem mais escapar; como intervalo têm estabilidade, ficam parados como horas. O tempo perdeu seu poder sobre o passado, que consiste inteiramente de intervalos. Ele ainda pode adicionar ao passado, mas não pode mais mudá-lo exceto, no máximo, através daquilo que adiciona. Não pode mais participar na estrutura interna do passado, pois está fixada, ponto por ponto integrado. A cadência sincronizada dos anos pode parecer dominar tão completamente o presente que a impaciência de um reformador do mundo, a queixa de alguém desafortunadamente consciente de sua mudança de fé, se empertigam contra isso em vão. No passado, contudo, essa cadência perde seu poder. No passado, acontecimentos dominam o tempo, e não vice-versa. Uma época é aquilo que fica – fica parado – entre seu antes e depois. Pouco importa quantos anos lhe são atribuídos pela crônica; cada época pesa o mesmo, quer tenha a duração de séculos ou décadas ou apenas anos. Aqui os acontecimentos dominam o tempo, marcando-o com seus entalhes. O acontecimento, no entanto, só existe dentro da época; ele fica entre o antes e o depois. E um intervalo estacionário só existe no passado. Se então o presente também fosse elevado ao domínio do tempo, ele teria de ser também um intervalo. O presente – cada presente – teria de se tornar "memorável". E o tempo como um todo teria de se tornar a hora, essa temporalidade. Como tal teria de ser jungido à eternidade, com eternidade seu início, eternidade seu fim, e todo o tempo exceto o intervalo entre aquele início e aquele fim.

CRONOLOGIA CRISTÃ

Assim é o cristianismo, que fez do presente uma época. Somente o tempo anterior ao nascimento de Cristo é agora ainda passado. Todo o tempo subsequente, da estada terrena de Cristo ao seu segundo advento, é agora aquele único grande presente, aquela época, aquela parada, aquela suspensão dos tempos, aquele ínterim sobre o qual o tempo perdeu seu

poder. O tempo é agora mera temporalidade. Como tal, pode ser observado em sua totalidade de qualquer um de seus pontos, pois início e fim estão equidistantes de cada um de seus pontos. O tempo tornou-se um caminho único, mas um caminho cujo início e fim estão além do tempo, e portanto um caminho eterno. Em contraste, em caminhos que levam de dentro do tempo para dentro do tempo, somente o segmento seguinte é que pode ser observado. Cada ponto no caminho eterno é, além disso, um ponto central, já que início e fim são, afinal de contas, equidistantes, não importando como o tempo avança. É um ponto central não porque está no momento exato, o ponto presente – de modo algum, pois então seria ponto central por um momento e já no instante seguinte não. Isso equivaleria à espécie de vitalidade com que o tempo recompensa uma vida que se submete a ele: uma vitalidade puramente temporal. É a vitalidade de uma vida no momento de ser vida no tempo, de se deixar levar pelo passado, de convocar o futuro. Homens e nações vivem assim. Deus retirou o judeu dessa vida arqueando a ponte de sua lei bem acima da correspondência do tempo que daqui por diante, e para toda a eternidade, corre impotente por baixo de seus arcos.

O cristão, entretanto, assume a competição com a corrente. Põe ao lado dela os trilhos do seu caminho eterno. Aquele que viaja por essa estrada mede o lugar do rio que está olhando apenas pela distância entre os pontos de partida e de destino. Ele mesmo está sempre e somente em viagem. Sua verdadeira preocupação é somente a de estar já e ainda no caminho, já e ainda entre partida e meta. Por mais frequentemente que olhe pela janela, a corrente do tempo, sempre ainda passando pelo lado de fora, lhe diz isso e nada mais. Aquele que viaja na própria corrente só pode ver de uma curva à seguinte. Para o que viaja pelos trilhos, a corrente como um todo é apenas um sinal de que ainda está em viagem, apenas um sinal do intervalo. Olhando a corrente, ele nunca pode esquecer que o lugar de onde vem assim como o lugar para onde vai estão além do território da corrente. Ele se pergunta onde é que pode estar agora, neste momento, a corrente não lhe responde, ao passo que a resposta que dá a si mesmo é sempre: em viagem. Enquanto a corrente dessa temporalidade ainda estiver correndo, assim também estará ele próprio, a cada momento, a meio caminho entre o início e o fim de sua trajetória. Início e fim estão ambos igualmente perto

dele a cada momento, pois ambos estão no eterno, e é somente por isso que ele sabe estar em todos os momentos no ponto central – ponto central não de um horizonte que ele perscruta, mas de um trecho que consiste inteiramente de ponto central, que é, de fato, todo meio, todo Entre, todo caminho. Ele pode e deve sentir cada ponto ao longo desse caminho como um ponto central só *porque* seu caminho é todo meio e porque ele sabe disso. O trecho inteiro, consistindo inteiramente de pontos centrais, é em resumo apenas um único ponto central. "Tivesse Cristo nascido mil vezes em Belém e não nascido também em você – você ainda assim estaria perdido" – esta máxima de O *Peregrino Querubínico* é para o cristão um paradoxo apenas na ousada concisão de sua expressão, não em seu espírito. Para o cristão, o momento se torna representativo da eternidade não como momento mas como ponto central do tempo mundial cristão. E como ele permanece e não perece, esse tempo mundial consiste de tais "pontos centrais". Cada acontecimento está a meio caminho entre o início e o fim da eterna trilha e, devido a essa posição central no domínio médio temporal da eternidade, cada acontecimento é em si mesmo eterno.

Assim o cristianismo consegue domínio sobre o tempo fazendo do momento uma época memorável. Do nascimento de Cristo em diante, só há presente. O tempo não salta fora da cristandade como faz com o povo judeu; o fugitivo tempo foi detido e precisa, daí em diante, servir como um criado cativo. Passado, presente, futuro – outrora perpetuamente se interpenetrando, perpetuamente se transformando – tornaram-se agora figuras em repouso, pinturas nas paredes e câmaras mortuárias da capela. Daí, tudo que precedeu o nascimento de Cristo, incluindo profetas e oráculos sibilinos, é história passada, detida de uma vez por todas. E o futuro, hesitantemente iminente e no entanto inescapavelmente atraído, é o Juízo Final. O tempo mundial cristão está entre esse passado e esse futuro como uma única hora, um único dia; nele tudo é meio, tudo igualmente brilhante como o dia. Assim, os três períodos de tempo se separaram em eterno início, eterno meio e eterno fim no eterno caminho através dessa temporalidade. A própria temporalidade é desenganada de sua autoconfiança e permite que essa forma seja sobre ela forçada na cronologia cristã. Deixa de acreditar que é mais antiga que o cristianismo e conta seus anos a partir do nascimento do cristianismo. Tolera que tudo anterior a isso

pareça tempo negado, tempo irreal por assim dizer. Até agora, tem recontado o passado pela contagem de anos; agora essa contagem tornou-se prerrogativa do presente, do caminho sempre presente. E o cristianismo trilha esse caminho, trilha-o deliberadamente, certo de sua própria presença eterna, sempre no meio do mundo ocorrente, sempre no acontecimento, sempre *au courant,* sempre com arrogante olhar do conhecimento de que é o caminho eterno que ele trilha, e no qual o tempo agora o segue com seu obediente pedômetro.

CRISTANDADE

Mas o que é cristandade se não gente, sucessivas gerações, nações, estados, pessoas diferindo em idade, condição, sexo, cor, educação, amplitude de visão, dons e capacidade? E devem eles, não obstante, ser de agora em diante a cada momento somente um, reunidos num único ponto central e esse ponto central por sua vez o ponto central de todos os outros pontos centrais deste grande centro? Essa pergunta afeta o elemento formador nessa comunidade do cristianismo. No livro precedente, levantamos a questão do elemento formador na comunhão do judaísmo, que o dogma judaico poderia ter respondido com "a Torá". Mas não nos sentimos autorizados a ficar satisfeitos com aquela resposta, e a resposta dogmática "Cristo" não nos serviria melhor aqui. É, antes, precisamente a maneira pela qual uma comunhão baseada em dogma dá a si mesma a realidade que desejamos sondar. Mais exatamente ainda – pois sabemos que tem de ser uma comunhão eterna – perguntamos de novo, como no livro precedente, de que modo uma comunhão pode se fundar para a eternidade. Sondamos isso para a comunhão da vida eterna; agora, fazemos a pergunta em relação à comunhão do caminho eterno.

A diferença não pode simplesmente estar no fato de que em cada ponto do caminho há um ponto central. Afinal de contas, em cada momento da vida do povo [judeu] havia a vida inteira. Deus conduziu todos os indivíduos para fora do Egito: "Faço essa aliança... não só contigo mas tanto com os que não estão aqui conosco neste

dia... quanto com os que estão aqui conosco neste dia." Tanto a vida eterna quanto o caminho eterno têm isso em comum: eles são eternos. A eternidade, afinal de contas, é apenas isso: que tudo está em todos os pontos e em todos os momentos. Assim, não está aqui a diferença. Em análise final, ela tem de estar naquilo que é eterno, e não em seu caráter eterno. E assim é. A vida eterna e o caminho eterno são tão diferentes quanto o infinito de um ponto e o infinito de uma linha. O infinito de um ponto só pode consistir do fato de ele nunca ser apagado; assim ele se preserva na eterna autopreservação de sangue procriador. O infinito de uma linha, contudo, cessa onde seria impossível estendê-la; consiste da própria possibilidade de irrestrita extensão. O cristianismo, como o caminho eterno, tem de se propagar cada vez mais. Meramente preservar seu status significaria, para ele, renunciar à sua eternidade e, com isso, a morte. O cristianismo precisa fazer prosélitos. Isso lhe é tão essencial à autopreservação quanto o é, para o povo eterno, fechar a fonte pura de sangue a misturas estranhas. De fato, o proselitismo é, para o cristianismo, a verdadeira forma de autopreservação. Ele se propaga espalhando-se. A eternidade torna-se eternidade do caminho fazendo de todos os pontos do caminho, um por um, pontos centrais. No povo eterno, a procriação dá testemunho da eternidade; no caminho eterno, a testemunha precisa realmente ser autenticada como testemunha. Cada ponto do caminho deve uma vez dar testemunho de saber que é um ponto central do caminho eterno. Naquele, o fluxo físico do sangue dá testemunho do antepassado no neto engendrado. Neste, a efusão do espírito tem de estabelecer a comunhão de testemunho na ininterrupta corrente de água batismal correndo de um para outro. Cada ponto que essa efusão do espírito alcança tem de ser capaz de perscrutar todo o caminho como uma eterna comunhão de testemunho. Mas o caminho só pode ser perscrutado se ele próprio for o conteúdo do testemunho. No testemunho da comunhão, o caminho tem de ser autenticado ao mesmo tempo. A comunhão

torna-se uma só através da crença autenticada. A crença é uma crença no caminho. Todos na comunhão sabem que não há outro caminho eterno a não ser aquele que estão percorrendo. Só pertence ao cristianismo aquele que sabe que sua própria vida está no caminho que leva de Cristo chegado a Cristo vindo.

Crença

Esse conhecimento é crença. É crença como conteúdo de um testemunho. É crença em alguma coisa. Isso é exatamente o contrário da crença do judeu. Sua crença não é o conteúdo de um testemunho, e sim o produto de uma reprodução. O judeu, engendrado judeu, autentica sua crença continuando a procriar o povo judeu. Sua crença não é em algo: ele mesmo é a crença. Ele crê com uma instantaneidade que nenhum dogmatista cristão jamais poderá atingir para si. Essa crença pouco se importa com sua fixação dogmática: ela tem existência, e isso vale mais do que palavras. Mas o mundo tem direito a palavras. Uma crença que procura conquistar o mundo precisa ser uma crença em algo. Mesmo a mais ínfima união de unidades unidas para conquistar uma parcela do mundo exige uma fé comum, uma senha pela qual aqueles unidos poderão se reconhecer. Qualquer um que queira criar no mundo um pedaço de caminho próprio tem de acreditar em alguma coisa. Simplesmente acreditar jamais lhe permitiria atingir algo no mundo. Só aquele que acredita em alguma coisa pode conquistar alguma coisa – a saber, aquilo em que ele acredita. E é exatamente assim na crença cristã. É dogmática no sentido mais elevado, e tem de ser assim. Não pode dispensar palavras. Ao contrário: simplesmente não pode ter palavras bastante, não pode fazer bastante palavras. Deveria realmente ter um milhar de línguas. Deveria falar todas as línguas. Pois tem de desejar que tudo venha a se tornar seu. E assim, o algo em que acredita tem de ser – não um algo e sim tudo. Por essa mesma razão é crença no caminho. Crendo no caminho, a crença cristã prepara o caminho ao caminho para o mundo. Dando testemunho, gera primeiro o caminho eterno no mundo. A crença judaica, por outro lado, segue a vida eterna do povo como um produto.

Igreja

Assim a crença cristã, testemunha do caminho eterno, é criativa no mundo. Une aqueles que dão testemunho numa união no mundo. Une-os como indivíduos, pois dar testemunho é sempre uma questão individual. Além do mais, o indivíduo aqui supostamente dá testemunho com respeito à sua atitude para com o indivíduo pois o testemunho, afinal de contas, diz respeito a Cristo. Cristo é o conteúdo comum a todos os testemunhos de crença. Mas embora estivessem unidos como indivíduos, a crença agora os dirige em direção à ação comum no mundo. Pois a preparação do caminho é o trabalho comum de todos os indivíduos. Cada indivíduo só pode, afinal de contas, se pôr em um único ponto do caminho eterno – o seu ponto – e fazer dele o que o caminho todo tem de se tornar para ser o caminho eterno: centro. E assim a crença estabelece aquela união de indivíduos, *como* indivíduos, para o trabalho comum que corretamente leva o nome de *ecclesia.* Pois esse nome original da igreja é tirado da vida das antigas cidades-estados, e designa os cidadãos reunidos para deliberação em comum. O Povo de Deus designou seus festivais como "convocações sagradas", o que era uma expressão essencialmente semelhante. Mas para si mesmo usou palavras, tais como povo ou congregação, que outrora designava o povo-em-armas, aquela entidade, em outras palavras, em que o povo aparece como o todo completo de si mesmo no qual os indivíduos se dissolvem. Na *ecclesia,* porém, o indivíduo é e continua sendo um indivíduo, e somente sua determinação é comum e se torna – *res publica*.

Cristo

O cristianismo dá a si mesmo exatamente essa denominação de *ecclesia,* o nome de uma assembleia de indivíduos para um trabalho comum. Ainda assim, esse trabalho só vem ã se realizar em virtude de cada um atuar em seu lugar como indivíduo. Na assembleia, analogamente, a determinação comum só emerge devido ao fato de cada um expressar sua opinião e votar inteiramente como um indivíduo. Assim, também, a comunidade da Igreja pressupõe a personalidade e a integridade – podemos seguramente dizer: a alma de seus membros. A analogia de Paulo da congregação como corpo de Cristo não implica uma espécie de divisão de

trabalho como, digamos, a famosa parábola de Menênio Agripa sobre os membros e o estômago. Alude, antes, precisamente a essa perfeita liberdade de cada indivíduo na Igreja. É iluminado pelo grande? "Tudo é vosso... e vós sois de Cristo".[2] Tudo é subserviente ao cristianismo porque o cristianismo e todo indivíduo cristão dentro dele procedem do crucificado. Todo cristão tem o privilégio de se saber no caminho, não simplesmente em qualquer ponto arbitrário, e sim no centro absoluto do caminho que, afinal de contas, é ele próprio inteiramente centro, inteiramente intervalo. Mas visto que o cristianismo e o indivíduo [cristão] ainda aguardam o segundo advento, aqueles que acabaram de ser manumitidos como senhores de todas as coisas imediatamente sabem ser novamente escravos de todos. Pois aquilo que fazem ao menor dos Seus irmãos, o fazem também àquele que voltará para julgar o mundo.[3]

Como então irá a *ecclesia* se constituir com base naquela liberdade e integridade dos indivíduos que têm de ser preservadas? Que aparência deve ter o elo que nela liga um ao outro? Deve, afinal de contas, deixar os indivíduos livres enquanto os está atando; em verdade, deve de fato primeiramente torná-los livres. Deve deixar todos conforme os encontre, o homem como homem, a mulher como mulher, os idosos velhos, os moços jovens, o senhor como senhor, o escravo como escravo, o abastado rico, o indigente pobre, o sábio sábio e o tolo tolo, o romano um romano e o bárbaro um bárbaro. O elo não deve colocar ninguém no status de outro, e no entanto deve transpor o abismo entre marido e mulher, entre pai e filho, entre senhor e escravo, entre rico e pobre, sábio e tolo, romano e bárbaro. Deve libertar cada um como ele é, em todas as suas dependências naturais e dadas por Deus com as quais está no mundo da criação. Deve colocá-la no centro daquele caminho que leva de eternidade a eternidade.

É o elo de fraternidade que assim pega os homens conforme os encontra e, no entanto, os amarra juntos apesar das diferenças de sexo, idade, classe e raça. A fraternidade liga pessoas em quaisquer circunstâncias – independentemente dessas circunstâncias, que simplesmente continuam existindo – como iguais, como irmãos "no

[2] 1 Coríntios 3: 21-23.
[3] Cf. Mateus 25: 40.

Senhor”. De homens eles se tornam irmãos, e a crença comum no caminho comum é o conteúdo para isso. Nesse pacto de fraternidade cristã, Cristo é tanto início quanto fim do caminho, e consequentemente conteúdo e meta, fundador e dominador do pacto, bem como o centro do caminho, e portanto presente onde quer que dois se tenham reunido em seu nome.[4] Onde quer que dois se tenham reunido em seu nome, lá está o meio do caminho. Dali o caminho inteiro pode ser observado. Ali, o início e o fim são equidistantes porque aquele que é início e fim fica entre os lá reunidos. Assim, no meio do caminho Cristo não é um fundador nem senhor de sua igreja, e sim um membro dela, ele mesmo um irmão de sua aliança. Como tal, ele também pode estar em fraternidade com o indivíduo: mesmo o indivíduo – e não apenas dois que se reuniram – já se sabe cristão. Embora aparentemente só consigo mesmo, ele no entanto sabe que é membro da Igreja, porque essa solidão é estar junto de Cristo.

Cristo está junto a esse indivíduo naquela forma à qual seus sentimentos fraternos podem mais prontamente se direcionar. O indivíduo, afinal de contas, há de permanecer o que é; o homem um homem, a mulher uma mulher, a criança uma criança. Assim, Cristo é um amigo para o homem, um noivo espiritual para a mulher, um meninozinho sagrado para a criança. Atado ao Jesus histórico, Cristo pode privar-se dessa identificação com a figura familiar do vizinho, o objeto de amor fraterno; mas ali os santos tomam o lugar do próprio Cristo. Fazem-no, pelo menos, na Igreja de Pedro, do amor, a Igreja que mais ardororosamente prende seus crentes ao caminho e lhes permite lembrar menos do início e do fim dela. O homem tem o privilégio de amar Maria como a virgem pura, e a mulher o de amá-la como a divina irmã, e cada um de amar o santo de sua classe e nação de dentro de sua classe e nação. De fato, todos têm o privilégio de cada um amar seu santo homônimo como um irmão de dentro dos mais estreitos limites do Eu, conforme contido em seu nome de batismo. Essa Igreja de amor é ainda mais intrinsecamente uma Igreja do caminho que as outras. E nela a figura do vivo caminhante do mundo se põe à frente, até mesmo do falecido Deus na cruz; nela – mais do que nas igrejas irmãs – esse caminhante se torna um exemplo a ser seguido como um exemplar irmão

[4] Cf. Mateus 18: 20.

humano; nela, ao mesmo tempo, toda a multidão de santos intercedendo por seus fracos irmãos e irmãs, se avoluma diante do juiz do juízo final, onde o caminho atinge sua meta.

ATO CRISTÃO

Assim a fraternidade tece seu laço entre homens dos quais nenhum se iguala a outro. Tampouco é essa fraternidade, de modo algum, identidade de tudo com semblante humano, e sim a harmonia precisamente de homens com os mais diversos semblantes. Obviamente, uma coisa é necessária, mas somente uma: que os homens tenham algum semblante, que se vejam uns aos outros. A Igreja é a comunhão de todos aqueles que se vêem uns aos outros. Ela une homens como coevos, como contemporâneos em lugares díspares do amplo espaço. Contemporaneidade é algo que em temporalidade nem mesmo existe. Na temporalidade só há antes e depois. O momento em que alguém vê a si próprio só pode preceder ou seguir o momento em que avista outro. Simultaneamente ver a si próprio e a outro é impossível. Essa razão é a mais profunda para a impossibilidade de amar seu vizinho como a si próprio no mundo pagão, que é, afinal de contas, precisamente temporalidade. Na eternidade, contudo, há também contemporaneidade. Nem é preciso dizer que, visto de sua margem, todo o tempo é simultâneo. Mas também aquele tempo que, como caminho eterno, leva de eternidade a eternidade admite simultaneidade. Pois somente enquanto é centro entre eternidade e eternidade é que é possível às pessoas nele se encontrarem. Assim, aquele que no caminho se avista a si mesmo está no mesmo ponto – isto é, no exato ponto central – do tempo. É a fraternidade que transporta os homens até esse ponto. O tempo, já dominado, é posto a seus pés; resta apenas ao amor atravessar o espaço separador. E assim, em seu vôo, atravessa a hostilidade de nações bem como a crueldade de sexo, o ciúme de classe e barreira da idade. Assim ele permite a todos os hostis, cruéis, ciumentos e limitados se verem uns outros como irmãos em um e no mesmo momento central do tempo.

O ATO JUDAICO

Os contemporâneos avistam-se uns aos outros no meio do tempo. Nas fronteiras do tempo, analogamente, haviam se encontrado uns com os

outros aqueles para os quais as diferenças de espaço não significavam uma separação que antes precisava ser superada. Pois lá essas diferenças já haviam sido superadas, desde o início, na inata comunhão do povo. Lá o trabalho do amor – tanto o amor divino pelo homem quanto o amor humano de um pelo outro – tinha de ser dirigido unicamente para a preservação dessa comunhão através do tempo, para a criação de contemporaneidade das sequências de gerações separadas em temporalidade. Esse é o pacto entre descendente e ancestral. Em virtude desse pacto, o povo se torna um povo eterno. Pois ao se avistarem um ao outro, descendente e ancestral se avistam no mesmo momento do último descendente e do primeiro ancestral. Descendente e ancestral são assim a verdadeira encarnação do povo eterno, eles ambos um para o outro, ambos juntos para quem está entre eles, assim como o semelhante tornado irmão é a Igreja encarnada para o cristão. Nós sentimos nosso judaísmo com imediação em anciãos e crianças. O cristão sente seu cristianismo na sensação daquele momento que conduz o irmão a ele no auge do caminho eterno. Para ele, o cristianismo todo parece ali se amontoar. Está onde ele está, e ele está onde está o cristianismo: no meio do tempo entre eternidade e eternidade. A nós também é mostrada eternidade pelo momento, mas diferentemente: não no irmão que está mais próximo de nós, e sim naqueles que estão mais afastados de nós no tempo, nos mais velhos e nos mais moços, no ancião que admoesta e no jovem que pergunta, no ancestral que abençoa e no neto que recebe a bênção. É assim que a ponte da eternidade nos faz sua transposição: do estrelado céu da promessa que arqueia sobre aquele momento de revelação do qual nasceu o rio de nossa vida eterna, até as ilimitadas areias da promessa lavadas pelo mar em que esse rio desemboca, o mar do qual ascenderá a Estrela da Redenção quando a terra espumar, como nas marés altas, com o conhecimento do Senhor.

CRUZ E ESTRELA

Em última análise, então, aquela tensão de início e fim esforça-se ademais, vigorosamente, em direção ao fim. Embora como tensão se origine apenas em ambos, ela finalmente se concentra, não obstante, em um ponto – a saber, no fim. A criança com suas perguntas é, em última análise, ainda e totalmente um admoestador mais possante que o ancião. Não importa o quanto possamos perpetuamente extrair nutrição do inesgotável tesouro da

inspirada vida do ancião, não importa o quanto possamos nos manter e fortalecer pelo mérito dos pais: o ancião se transforma numa lembrança, somente à criança compele. Deus estabelece seu reino somente “pelas bocas de bebês e lactentes”. Em última análise, a tensão, afinal de contas, se concentra inteiramente no fim, no derradeiro germinar, sobre o Messias que aguardaríamos. Assim também a aglomeração cristã no ponto central finalmente não permanece grudada àquele ponto. Que o cristão reconheça Cristo em seu irmão: em última análise ele é, afinal, impelido para além do irmão ao próprio Cristo, sem mediação. Que o meio seja apenas meio entre início e fim: ele é atraído, a despeito de tudo isso, para o início. Que o homem reconheça tanto a cruz quanto o juízo final do meio do caminho em eterna proximidade: ele não pode deixar que isso o satisfaça. Ele se põe diretamente sob a cruz, e não descansará até que a imagem do crucificado cubra para ele o mundo inteiro. Nesse voltar-se somente para a cruz, ele pode esquecer o julgamento: a despeito de tudo, ele continua no caminho. Pois embora ainda pertença ao eterno início do caminho, a cruz, afinal de contas, não é mais o primeiro início; está ela própria já a caminho e quem quer que se ponha sob a mesma está assim ao mesmo tempo em seu meio e início. Assim a consciência cristã, toda ela embebida em crença, pressiona em direção ao início do caminho, ao primeiro cristão, o crucificado, ao passo que a consciência judaica, toda concentrada em esperança, pressiona em direção ao homem do fim dos tempos, ao broto real de Davi. A crença pode renovar-se eternamente no seu início, assim como os braços da cruz podem ser estendidos ao infinito. A esperança, contudo, une-se eternamente por toda a multiplicidade de tempo no próximo e distante momento-no-espaço do fim, assim como a Estrela no escudo de Davi concentra-se toda no flamejante núcleo. Enraizamento no mais profundo eu – esse tem sido o segredo da eternidade do povo [eterno]. Difusão através de tudo que é exterior – esse é o segredo da eternidade do caminho [eterno].

Moses Hess (1812-1875)

Judeu alemão, socialista e precursor do sionismo. Nascido em Bonn, de família profundamente ortodoxa, foi educado no espírito da tradição religiosa judaica. O ingresso na universidade acaba por despertar no jovem Hess interesses cada vez mais fortes com relação à questão social, sobretudo os problemas vividos pelo proletariado europeu. Liberdade e justiça são causas pelas quais passa a lutar. O seu socialismo é um misto de revolta e oposição ao velho regime com manifestação de uma piedade sentimentalista, fruto da educação religiosa cultivada por seu avô. Viaja para a Inglaterra, França e Bélgica e escreve seu primeiro livro em 1837: *História Sagrada da Humanidade por um Jovem Spinozista. As* influências da ética de Spinoza e da filosofia da história de Hegel são claramente visíveis em sua obra. Em 1840, retoma a Paris, onde passa a atuar junto aos círculos socialistas e escreve alguns artigos colaborando com os fundadores do socialismo científico. Participa de vários congressos de trabalhadores, mantendo vivo interesse pelo movimento socialista.

O interesse pela questão judaica aparece em suas meditações publicadas sob o título *Roma e Jerusalém,* em 1862. Neste livro, Hess apresenta suas concepções vitalistas do Cosmo, sua teoria geral do socialismo nacional e sua doutrina do renascimento nacional judaico, onde cada questão se liga às outras organicamente. Também desenvolve a tese de que a regeneração dos povos (entre eles o povo judeu) é um dado fundamental para a libertação última da humanidade. Com este fim, Moses Hess propõe a reabilitação política e nacional do povo judeu.

Referência

AVNERI, Shlomo. *The Making of Modern Zionism,* New York, Basic Books, 1981, pp. 36/46.

Moses Hess[1]

Roma e Jerusalém

DÉCIMA CARTA

Assim como anteriormente me apresentou o dilema “Humanitarismo ou Nacionalismo”, assim agora me põe diante de outro dilema, exclamando “Liberdade ou Necessidade”. Alega ser puro fatalismo considerar a humanidade apenas um organismo mais elevado e perceber a mesma lei eterna tanto na história das nações quanto na história da terra e dos planetas. Aqui na vida cósmica e orgânica, é crença sua, não há nenhum poder moral operando apenas forças naturais que podem antecipadamente ser calculadas. Não é assim na vida social. Esta também, pode de fato estar ligada a condições da natureza, mas é precisamente determinação de homens livres superar o fatalismo da natureza através da liberdade de vontade, sem a qual nenhuma moralidade e nenhum progresso num sentido mais elevado são concebíveis.

Acredito que a “Liberdade Moral” seja determinação de seres humanos e da humanidade. Só que, para mim, essa mais elevada das metas coincide com aquele reconhecimento de Deus que o judaísmo tem proclamado, promovido e tornado acessível a todos os povos históricos desde Spinoza.

Especulação filosófica não é a última palavra do desenvolvimento espiritual – assim como a especulação industrial e o domínio do Capital não são a última palavra do desenvolvimento material. A ciência exata, que reconhece somente a observação e a experiência como meios de adquirir posses materiais e espirituais, parece estar discrepante da filosofia – que eleva o espírito acima da natureza – e da religião, que santifica natureza e espírito ao subordinar ambos numa essência. Essa aparência de discrepância, porém, desaparece com o conhecimento mais amplo que compreende a lei da natureza e da história como sendo uma e mesma coisa, embora isso, também, tivesse sua justificativa e fosse uma necessária discrepância durante a história do desenvolvimento da humanidade.

[1] HESS, Moses. *Rome and Jerusalem,* New York, Philosophical Library, 1958, pp. 67/89.

Mesmo hoje ciência, filosofia e religião não estão reconciliadas. A explicação dessa contradição teórica, como os *antagonismos* práticos da vida social, está no desenvolvimento instável da humanidade, no relacionamento de classe e raças dominantes e servis, na disparidade entre trabalho *material* e *intelectual* e a recompensa daí resultante; uma desigualdade que aumenta com o nível de civilização e pela qual toda a sociedade antiga foi destroçada. No entanto, irá certamente admitir, de um modo geral, que a verdade na ciência empírica não pode ser diferente da verdade em filosofia, ou nesta última da religião. Ignoram-se entre si, na melhor das hipóteses, apenas por pouco tempo. Finalmente, contudo, têm de confiar uma na outra e se unirem entre si.

Informemo-nos, de início, sobre os equivocados conceitos de "Liberdade" e "Progresso"!

A crença numa razoável Lei Divina, que por esse motivo também é discernível, tendo sido revelada à humanidade através do ensinamento moral e da história no judaísmo, essa crença numa Divina Providência, em um criativo Plano de Criação, não é uma crença num incompreensível destino cego. Exclui licenciosidade e ilegalidade. Não digo, com os materialistas, que o mundo orgânico e espiritual, assim como o inorgânico, esteja sob a mesma lei de um mecanismo exterior; digo, ao contrário, que os fenômenos mecanicistas cósmicos têm o mesmo plano, o mesmo propósito, se originam da mesma Vida sagrada que os fenômenos orgânicos e espirituais de movimento. Natureza e humanidade estão sujeitas à mesma Lei Divina. A diferença é, antes de tudo, que na natureza a lei é seguida cegamente; o homem, contudo, se estiver completamente desenvolvido, segue-a com sua consciência e vontade. Outra diferença, que quando esquecida resulta numa falsa compreensão do conceito de "Liberdade e Progresso", está no fato de que as esferas de vida natural do mundo cósmico e orgânico, sobre cujos alicerces nós construímos nossa esfera de vida social humana, já completaram seu desenvolvimento, ao passo que a humanidade ainda está empenhada na criação de sua vida. Enquanto a sociedade humana ainda estiver empenhada na produção de seu organismo, o homem, sua essência criativa, aparece como a essência que é incalculável e aparentemente irreprimida, embora seja tão sujeita à lei eterna em suas criações quanto o é a natureza em sua lei. A falsa concepção de liberdade como licença se dá somente porque ainda não conhecemos a lei de

desenvolvimento da vida social e sua meta final, e ainda não conhecemos essa lei empiricamente porque ainda estamos empenhados em desenvolvimento. Mas mesmo que a ciência ainda esteja calada sobre essa lei, ela foi há muito proclamada por nossa vocação religiosa. Nós judeus sempre temos levado conosco, desde o início da história, a crença na Era Messiânica do mundo. Está expressa em nossa religião histórica através da observância do *Sabbat.* Na observância do *Sabbat* está encarnada a ideia de que o futuro irá certamente nos trazer um *Sabbat* da História como no passado nos trouxe o *Sabbat* da Natureza; que a história, assim como a natureza, terá sua era de perfeição harmoniosa. A História Bíblica da Criação foi dada apenas por causa do *Sabbat.* Ela nos conta: Quando a Criação do mundo natural foi completada com a criação do Homem e o Criador celebrou Seu *Sabbat* da Natureza, só depois disso começaram os dias de trabalho da história, então começou a história da criação do mundo social, que celebrará seu *Sabbat* após completado todo o trabalho da história mundial, na Era Messiânica do mundo. Aqui se tem o alto significado do Gênesis Mosaico, em que pessoas de mentalidade estreita estudam a ciência da natureza. Como vê, a lei do *Sabbat* já nos dá a garantia da harmoniosa e eterna Lei Divina que reina na natureza e na história.

É livre toda criatura que é capaz de viver e se desenvolver irrestritamente conforme sua própria determinação e vocação. Mas somente é moralmente livre aquela criatura que vive consciente e voluntariamente de acordo com sua determinação, cuja vontade está em harmonia com a vontade e a lei de Deus. Toda outra vontade não passa de licença cuja presença é devida não ao sagrado e harmonioso caráter divino daquele que decide, mas existe apenas por instintos tacanhos. Essa aptidão de acompanhar paixões e inclinações o homem só possui enquanto seu caráter não estiver aperfeiçoado. É uma enfermidade do desenvolvimento travado pela humanidade. Coloca-o abaixo do animal, pois a vida animal, assim como a vegetal, já está em nossa época plenamente desenvolvida.

A lei mundial é a lei de origem e desenvolvimento. Em outras palavras, do "Progresso". Essa lei ainda não é reconhecida em todas as três esferas de vida. Para seu completo reconhecimento, ainda falta o fim do desenvolvimento social. A lei da história ainda não pode, portanto, ser cientificamente reconhecida; os caminhos da Providência ainda estão escuros para nós. Mas eles foram, indubitavelmente, trazidos cada vez para

mais perto do espírito da humanidade graças à vocação religiosa dos judeus e suas Divinas Revelações desde o início de sua história, primeiro a Profecia e depois o misticismo. Ainda resta investigar a lei da história por meio das ciências empíricas. Através de estudos científicos e históricos, cheguei à conclusão de que uma lei rege todos os fenômenos de movimento e vida, sejam das esferas no espaço, dos organismos da terra ou dos povos na história.

Há um pequeno, constante e contínuo progresso possível no mundo da sociedade humana, assim como no mundo vegetal ou animal, cujo ápice é o homem, o ainda não-desenvolvido; e tão pequeno quanto na esfera da vida cósmica, cujo palco é o espaço infinito. Tudo se origina e se desenvolve, atinge sua meta de vida e morre, só para ser novamente liberado, e se ressuscitado como uma nova vida no eterno ciclo da infinita, unificada e Divina Vida. Aquilo que denominamos "Progresso" é o desenvolvimento da etapa da semente à etapa da maturidade. Nesta, todo ser terá alcançado seu destino.

Tão variados como são os seres do átomo à esfera do mundo e do infusório ao homem; assim também são tão variados sua maturidade e, consequentemente, seu destino. Mas nada vivo no tempo e no espaço permanece inalterado; nada é eterno, tudo se origina e acaba, após ter cumprido seu destino, para ser novamente ressuscitado como nova vida.

Os planetas se originam e se desenvolvem em espaço mundial, em tempo para o qual não temos medida; a vida orgânica nos planetas precisa de uma Era Paleontológica; o homem, finalmente, que inicia seu desenvolvimento espiritual e social na maturidade da esfera orgânica, atinge seu destino depois que o desenvolvimento histórico da humanidade está completo. Este, contudo, não é de modo algum ilimitado e sem lei.

Aquilo que nasce em tempo precisa de um determinado tempo final para seu cultivo.

Nós percebemos somente um único Ser eterno, infinito no tempo e no espaço. Nós O percebemos por meio de uma lei única e absoluta na vida natural e histórica, da qual apenas o judaísmo tem revelações divinas.

Percepção e ação, ensinamento divino e vida são inseparáveis. Dissensão luta e triunfo da virtude só existem antes do reconhecimento total

de Deus. Durante essa era, podemos e devemos nos esforçar para alcançar a moralidade; depois de completado o reconhecimento de Deus ou de Sua lei, só podemos viver moralmente. Essa compulsão moral é santidade.

O judaísmo, que revelou a unidade e a santidade da lei divina na natureza e na história, consequentemente estabelece, desde o início, o domínio da santidade; suas profecias todas apontam para a era de pleno conhecimento de Deus (Levítico 19:2; Jeremias 31:31, 33,45).

Não podemos trazer até nós qualquer imagem temporal-espacial nem da essência sagrada de Deus nem de nossa divina essência; o reconhecimento alcançado é verdadeiramente a conquista completa do tempo e do espaço, isto é, do desenvolvimento histórico nas esferas da vida cósmica, orgânica e social. É apenas um sinal de nosso ainda não-atingido desenvolvimento e não-amadurecido reconhecimento quando prevemos para nós mesmos eternidade como duração de tempo. As revelações do espírito divino apontam, de fato, para nenhum outro futuro a não ser o do mundo social na maturidade de vida. Essa idade do mundo começa de acordo com nossa religião histórica com a Era Messiânica. É a era em que a nação judaica e todos os povos históricos ressurgirão para uma nova vida, o tempo da "Ressurreição dos Mortos", do "Retorno do Senhor", da "Nova Jerusalém", ou quaisquer outras denominações das várias designações simbólicas.

A Era Messiânica é a presente época mundial que começou a surgir com Spinoza e se fez historicamente presente com a grande Revolução Francesa. Com a Revolução Francesa começou o renascimento das nações que devem ao judaísmo sua religião histórica nacional.

A esfera de vida social se desenvolve, como a cósmica e a orgânica, em três épocas que são bastante análogas às três esferas de vida. A terceira história de revelação, a atual idade mundial da esfera de vida social, a idade da maturidade, está agora desenvolvendo na vida social sua luta final de classe e raça, a fim de alcançar a reconciliação de todos os contrastes, rumo a um equilíbrio entre produção e consumo, e em direção a um completo ciclo de vida que caracteriza, em toda parte, a era da maturidade.

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

Mais uma vez está me levando de volta à questão da Palestina. E contrasta a nobre religião histórica do meu regenerado judaísmo com o "Sanguinário Culto Sacrificial" dos antigos israelitas. Ao mesmo tempo, presume que meu amor por minha nação não chega ao ponto de novamente aceitar, em consideração a esse amor, também o culto sacrificial. Se este fosse realmente inseparável do nacionalismo judaico, eu o aceitaria sem mais delongas. Mas até agora estou convencido do contrário. Em nossa nobre religião histórica, que só respira amor pela humanidade e conhecimento de Deus, o culto sacrificial não pode ser essencial.

Há questões que parecem insolúveis mas que são resolvidas no decurso do desenvolvimento histórico. Entre essas questões está o cultivo de formas explícitas de culto derivadas do espírito ético-religioso daquele povo que foi o criador de sua religião em cada era de seu desenvolvimento.

Michael Sachs diz: "A ampla base de minha realidade histórica não é para ser contida num preexistente sistema de normas. A corrente viva tranquilamente leva os diques que a emparedavam, e sabe muito bem como penetrar em suas curvas e sinuosidades." Somente "com a extinção da existência do povo que havia cultivado as normas religiosas tanto quanto estas o haviam determinado", foi que a norma religiosa assumiu uma rigidez que ela deve necessariamente voltar a perder quando o livre fluxo de um desenvolvimento nacional e histórico de novo penetrar nas rígidas normas de suas "Curvas e Sinuosidades".

O espírito sagrado, o gênio criativo, do qual emanaram a vida e o ensinamento judaicos, afastou-se de Israel desde o tempo em que começou a se sentir envergonhado de sua nacionalidade. Mas esse espírito reanimará nosso povo depois de ele ter re-acordado para a vida e fará surgir criações das quais presentemente ainda não temos noção.

A religião judaica será certamente tão diferente de sua forma atual quanto de sua forma antiga. Em e por si mesmo o culto sacrificial não contém absolutamente nada que seja oposto a humanitarismo. Em contraste com o abominável sacrifício humano dos povos que na Antiguidade cercavam os israelitas por todos os lados, era, ao contrário, uma vitória do humanitarismo. E o sacrifício, também, parece ainda hoje ser uma

expressão natural de uma mente devota. Goethe relata como em sua juventude ele só podia satisfazer seu senso religioso através do sacrifício que trazia ao Eterno quando acendia uma fogueira e nela jogava seus brinquedos que mais estimava.

O sacrifício animal é, sem dúvida, uma concessão que nossa Torá teve de fazer ao paganismo a fim de evitar uma recaída neste, ou talvez seja possível ver no culto sacrificial ações simbólicas cujo significado e necessidade não conhecemos mais. Mas isso é certo: os judeus tinham, a despeito de seu "Sanguinário Sacrifício", uma aversão maior a derramar e consumir sangue, "Que É Vida", do que os nossos povos modernos que consomem o sangue com a carne sem sacrifício e sem cerimônia. Por outro lado, nossos profetas da Antiguidade e rabinos da Idade Média nunca consideraram o rito do sacrifício humano, assim mais tarde a oração iria suceder ao sacrifício animal. Os Profetas e cantadores santos já o haviam repetidamente proclamado: Oseias VI, 6; XIV, 4; Miqueias VI, 6-8; Isaías I, II, LXVI, 1. Uma polêmica contra o rito sacrificial é também praticamente sempre incluída com as *mensagens* proféticas contra a idolatria. Já o Rabi Iochanan ben Zacai se declara, com referência à expressão profética em Oseias VI, 6, a favor da substituição do sacrifício pela caridade. A religião que um dia praticaremos na nova Jerusalém pode e deve no presente permanecer uma questão aberta. Estultificar a religião no atual estado do seu progresso é também impensável após a ressurreição da nação judaica, já sendo inconcebível porque a reza judaica desde a destruição de Jerusalém em toda parte gira em torno da tristeza pela queda e da esperança pela ressurreição da nação judaica. A nova forma da religião irá necessariamente caminhar de mãos dadas com a da nação.

Roma não foi construída em um dia; também a nova Jerusalém exige tempo para sua gigantesca reconstrução. O que hoje precisamos fazer para restabelecer a nacionalidade judaica consiste, antes de tudo, nisso: manter viva a esperança para nosso renascimento político. Então quando os acontecimentos mundiais, que estão se preparando no Oriente, permitirem um início prático para o restabelecimento do Estado Judeu, esse início poderá, antes de tudo, consistir na fundação de colônias judaicas na Terra dos Pais, ao que a França estará indubitavelmente inclinada a prestar ajuda. Considere as palavras do Profeta Isaías (XL, 1):

Consolai, consolai o meu povo, diz vosso Deus.
Encorajai Jerusalém.
Proclamai-lhe que já é findo o tempo de sua servidão,
Que sua culpa está paga;
Que já recebeu em dobro das mãos do Senhor
Por todos os seus pecados.
Uma voz clama:
"Preparai no deserto o caminho do Senhor,
Endireitai no ermo uma vereda a nosso Deus.
Todo vale será aterrado,
E todos os montes e outeiros nivelados,
E o tortuoso será retificado,
E os lugares ásperos aplanados;
A glória do Senhor será revelada,
E toda a carne a verá;
Pois a boca do Senhor o disse."

Acredita agora que nessas palavras com que o segundo Isaías iniciou sua elocução profética, assim como nas palavras das profecias do Profeta Abadias, estejam espelhadas as condições de nosso tempo? Não estão sendo feitos preparativos? Não está o caminho da cultura no deserto sendo construído através do trabalho no Istmo de Suez, através de ferrovias que ligam Europa e Ásia? Na realidade, ainda não há em tudo isso nenhum pensamento de restabelecer nossa nacionalidade. Mas, assim como outrora procuraram no Ocidente um caminho para a índia e acharam um novo mundo, encontrarão outro no caminho, que hoje está sendo aberto no Oriente, para a índia e a China – a nossa pátria perdida.

DÉCIMA SEGUNDA CARTA

A publicação do francês Ernest Laharanne, que apela aos judeus para restabelecerem seu antigo Estado por considerações puramente políticas e humanas, parece ter despertado novas dúvidas. As nações cristãs, é o que acredita, fariam talvez menos objeções contra a restauração do Estado Judeu, já que assim poderiam esperar se ver livres de uma população estranha que sempre foi um espinho em seu lado. Não só franceses, mas também alemães e ingleses por mais de uma vez se expressaram a favor do retomo dos judeus à Palestina. Cita-me nominalmente um inglês que fornece prova, da Bíblia, para esse retomo e, ao mesmo tempo, da conversão de todos os judeus ao cristianismo. Outro inglês pretende fazer a

presente dinastia inglesa descender diretamente da dinastia de Davi, e quer que a pedra em que nosso patriarca Jacó descansou a cabeça quando sonhou com a escada desempenhe um papel importante na coroação dos monarcas ingleses. Finalmente, um terceiro poria generosamente todos os navios ingleses à disposição dos judeus que desejassem retomar à Palestina. Isso, contudo, (lhe) parece ser, por um lado, apenas uma forma mais branda de um desejo que em períodos anteriores se expressou na forma mais brutal de uma expulsão geral de judeus; brandura essa pela qual nossos irmãos deveriam, de fato, ser muito gratos. Por outro lado, deve certamente haver entre propostas análogas muitas implicações insidiosas, que em última análise, estão enraizadas num furor religioso e em simples loucura, e que dispensam maiores considerações. De qualquer maneira, tais desejos teriam todos os judeus contra eles se fossem alimentados por cristãos devotos; se o fosse por judeus devotos todos os cristãos iriam contra eles. Pois assim como um grupo ordenaria o retorno à Palestina somente sob a condição de que na nova Jerusalém os antigos sacrifícios fossem trazidos de volta, o outro grupo havia oferecido sua ajuda somente ficando entendido trazermos ao "Santo Sepulcro" nossa religião nacional judaica como um sacrifício à religião cristã. Nesse rochedo, é crença sua, todas as aspirações nacionais dos judeus se estraçalhariam.

Sem dúvida, se o rígido dogma cristão e a inflexível Ortodoxia judaica jamais viessem a ser afetadas pela corrente viva da história, então iriam necessariamente levantar uma intransponível barreira contra nossos anseios patrióticos. Consequentemente, a ideia de retomar a posse de nossa pátria só foi capaz, de um modo geral, de ser seriamente considerada numa época em que essa rigidez já estivesse quebrada. E no presente isso é realmente o caso não só entre os esclarecidos mas também entre judeus e cristãos devotos. Além disso, o *Talmud,* em que toda a Ortodoxia judaica nos dias de hoje se apóia, já levou em consideração as reivindicações da vida.

Se a nação judaica é uma nação viva, então ela não se permitirá ter medo de quaisquer dificuldades, e se porá a trabalhar por seu renascimento político. Embora ainda não tenha chegado o tempo de o cordeiro pastar tranquilamente ao lado do lobo, a maioria dominante não possui mais seu apetite lupino nem a minoria oprimida sua aparência de cordeiro. A tolerância religiosa tornou-se um artigo de fé mais geral do que qualquer outro. Além do mais, conforme eu disse, suponho as futuras religiões de

todas as nações renascidas tão diferentes das atuais religiões que nos vieram de uma era em que nacionais individuais eram oprimidos, que não vejo nessas religiões que não podem continuar por muito tempo qualquer dificuldade para nossa futura religião nacional. Finalmente, devo mais uma vez enfatizar, nossa futura religião, como a de todos os outros povos, não procederá o renascimento e sim o seguirá.

Antes de tudo, é uma questão do despertar de um sentimento patriótico nos corações dos judeus instruídos e da liberação das massas judaicas através desse patriotismo revivido. Se nesse início formos bem-sucedidos, então superaremos pela própria experiência as dificuldades que a execução prática ainda apresentará em abundância. Somente se todos os corações judaicos estiverem mortos, somente se os judeus não fossem mais capazes de entusiasmo patriótico, é que teríamos de desistir de uma tarefa que, como todas as grandes tarefas históricas, não pode ser realizada sem grande luta.

Os judeus, a despeito de mal compreendidos iluminismo e ortodoxia, têm por demais bom senso para se associarem a fantasias religiosas· sem base no presente. Mas é precisamente esse senso de realismo de nossa raça que finalmente irá converter nossos irmãos que ainda possuem um coração judaico, não importa se esclarecido ou ortodoxo, às aspirações nacionais que só se movem na base prática da realidade.

As objeções de judeus esclarecidos ao restabelecimento do Estado judeu são, em última análise, baseadas não naquele cultivo da mente e do coração, que nunca foge das dificuldades de uma grande tarefa, que nunca antecipadamente considera o sacrifício que seria exigido na consecução da mesma, e sim em estreiteza moral e intelectual que é incapaz, por si mesma, de se elevar a um alto posto de observação humano, único lugar onde toda a magnitude do infortúnio a ser remediado, bem como os meios de ajuda explícita, podem ser avistados. A religião judaica tem realmente sido por dois mil anos, conforme Heine e com ele todos os contemporâneos judeus instruídos já corretamente sentiram, mais uma infelicidade do que uma religião. Mas não é possível, como os instruídos pretendem se persuadir, fugir a essa infelicidade quer por esclarecimento quer por batismo. Todo judeu, quer ele queira ou não, está solidamente ligado à sua nação, e só quando o povo judeu estiver liberado do fardo que por milhares de anos tem carregado nos ombros com heróica coragem e sacrifício é que ele será

também removido dos ombros daqueles esclarecidos que sempre constituirão apenas uma pequena minoria em extinção. Todos nós temos de suportar até o fim o “Ol Malchut Shamaim”.

Na primeira intoxicação dos modernos embates pelo esclarecimento era talvez possível ater-se à ilusão de que todo o povo judeu poderia ser alienado de sua religião nacional por meio de um fraco humanitarismo, em que o judaísmo como toda vida separatista iria perecer. Hoje, até mesmo o mais superficial racionalista não pode mais acalentar essa ilusão filantrópica. Por falta de um olhar mais profundo sobre a vida da natureza e da história, a evolução histórica do judaísmo contemporâneo já se preveniu para a abertura dos olhos dos racionalistas; pois no Ocidente, onde os judeus estão em mais íntimo contato com a civilização geral, o esclarecimento foi incapaz de despedaçar a antiga religião judaica. A maioria dos judeus ocidentais ainda hoje lhe prestam homenagens. Nem a emancipação nem o proselitismo em favor do cristianismo por vantagens materiais, e nem o indiferentismo religioso foram capazes de levar a maioria à deserção. Pelo contrário: mais recentemente, estão aparecendo simpatizantes entre justamente aqueles que anteriormente buscavam a deserção do judaísmo como um ideal humanístico para o antigo modo de vida judaico, e seu número aumenta diariamente. Mas as tendências assimilacionistas permaneceram sem qualquer influência sobre as grandes massas judaicas, e assim sempre permanecerão. Em parte alguma são as massas movidas por abstrações intelectuais em direção a ideias progressistas, cujos motivos principais, em toda parte, estão bem mais profundos do que os próprios revolucionários socialistas imaginavam. Com os judeus, ainda mais do que com nações que são oprimidas em seu próprio país, a independência nacional deve preceder a todo progresso político-social. Um solo nativo comum é para eles a condição primordial para uma vida econômica mais saudável. O homem social, à semelhança das plantas e animais sociais, precisa para sua prosperidade e progresso de um solo amplo e livre, sem o que afundará a um estado de parasita que só consegue se manter à custa dos outros. A maneira parasítica, de se sustentar através da exploração de gente, desempenhou até agora, sem dúvida, um grande papel na história do desenvolvimento da humanidade e não é, de modo algum, peculiar apenas ao judeu. Enquanto ciências e indústria ainda estavam engatinhando, o solo que anteriormente pertencera a uma nação nunca foi suficiente, por muito tempo, para sustentar seus habitantes; e as

nações foram obrigadas a lutar e a se escravizarem umas às outras ou então estabelecer em seu próprio meio classes dominantes e servis. Mas o reino social animal que vive na exploração do homem pelo homem está se acabando desde quando ciência e indústria modernas dominam o mundo. As nações civilizadas estão se preparando para a exploração comum da natureza por meio de esforços que contam com as conquistas da ciência, e que não precisam mais de quaisquer parasitas intermediários, aos quais, por isso, não se permitirá mais surgir. Estão se preparando para essa nova era por meio da conquista de um território nacional livre, através da destruição de todo domínio de raça e classe, de dentro e de fora, e através de uma livre associação de todas as forças produtivas em que a oposição hostil do capital especulativo e do trabalho produtivo irá desaparecer junto com a da especulação filosófica ao trabalho científico. Sei muito bem que também no judaísmo é profundamente sentida a necessidade de condições econômicas normais que estejam baseadas na exploração da natureza pelo homem. Sei dos grandes esforços que se fazem entre nós para educar nossa jovem geração judaica para um trabalho útil. Mas sei também que os judeus na Diáspora, pelo menos na maioria dos casos, nunca podem se dedicar a tais tarefas porque lhes falta a condição primordial para as mesmas, o solo nativo, e porque não podem se assimilar com as nações entre as quais vivem dispersas sem se tornarem desleais à sua religião nacional. Esses louváveis esforços por relações de trabalho mais sadias entre os judeus irão portanto, por provirem indiretamente da destruição da religião judaica, permanecer totalmente tão infrutíferos quanto os esforços de reforma que daí provêm diretamente. Na Diáspora, o judaísmo não pode ser regenerado por meio de reformas e esforços filantrópicos. Na melhor das hipóteses, pode levar à apostasia. E isso não trará vantagem alguma a qualquer reformador ou qualquer tirano. As massas judaicas só participarão do grande movimento histórico da humanidade moderna quanto tiverem uma pátria judaica. Mas enquanto a massa de judeus persistir em sua posição excepcional, os relativamente poucos judeus que em vão empreendem todos os esforços para sair dessa falsa posição do povo judeu serão pela mesma afetados bem mais dolorosamente que a massa que se sente apenas infeliz mas não desonrada. Consequentemente, o judeu, seja ele ortodoxo ou não, não pode recuar da tarefa de cooperar pela elevação de todo o judaísmo. Todo judeu, mesmo que batizado, é conjuntamente responsável pelo renascimento de Israel.

Somente se primeiro compreendermos o papel infinitamente trágico que até o presente o povo judeu desempenha na história é que poderemos reconhecer também o. único método para uma cura explícita de nosso infortúnio. Esse método, rio presente, não é tão impossível como pode parecer à primeira vista. É tanto no interesse da política francesa quanto na simpatia de seu povo que a França estende sua obra de redenção também ao povo judeu... A magnânima ajuda que a França concedeu aos povos civilizados para o restabelecimento de seu nacionalismo não encontrará em parte alguma um povo mais agradecido que o nosso. O povo judeu, no entanto, deve primeiro se mostrar digno do renascimento de sua religião histórica mundial, deve sentir primeiro a necessidade de seu renascimento nacional, a fim de alcançá-lo. Até então, não nos cabe ainda pensar na construção do Templo e sim em como conquistar os corações de nossos irmãos para uma tarefa que redundará na eterna glória do povo judeu e levará a humanidade inteira à salvação.

Para assentamentos judaicos na futura estrada para a Índia e a China não faltam nem trabalhadores nem talentos e capital judaicos; e embora apenas sob a proteção de grandes potências europeias um modesto início seja feito, a nova árvore da vida então crescerá por si mesma e dará frutos.

Está sorrindo compassivamente por eu acreditar no patriotismo judaico. Leu a “Cena do Gueto” e põe diante de mim a figura do velho Mendel Vilna, que estava obcecado pela ideia de convencer os Rothschilds a reconstruírem a Cidade Santa e o Templo, mas que só conseguiu infundir seu pio desejo numa criança. Esta tornou-se mais tarde, quando cresceu e frequentou a universidade, suficientemente sábia para compreender que só criança e tolos poderiam pensar em reconstruir Jerusalém. O poeta judeu, é o que diz, aludindo ao diário de seu herói, parece contemplar e oferecer, nos sentimentos patrióticos de judeus devotos, nada além do que ele descreve como árvores de Natal judaicas para crianças pequenas e grandes tolos.

Tudo isso, meu caro amigo, caracteriza no máximo o moderno poeta judeu que adotou a “Cultura Germânica”, que não derrama, como Iehuda Halevi, o sangue do seu coração em sua poesia judaica e que, impelido por saudade pela terra dos seus sonhos, pega o bastão do caminhante para ali procurar seu túmulo. Isso não caracteriza a verdadeira vida judaica. Certamente conhece a máxima: “Crianças e tolos dizem a verdade.” A ideia com que Mendel Vilna, o pequeno neurótico, e Moritz, quando ainda era

chamado "Moishele", estavam obcecados é a ideia fundamental de todos os judeus devotos desde a destruição de Jerusalém até a época presente. E ainda há judeus assim, com todo o devido respeito ao Sr. Kompert, mesmo entre os da rica "Casa de Rothschild".

Além disso, não deve deixar de perceber o fato de que Kompert põe a negação do nacionalismo judaico na boca de um estudante, que, com certeza, reflete muito fielmente o ceticismo da idade ao questionar os pensamentos devotos de renascimento político para nosso povo. Que judeu instruído teria ousado mesmo recentemente, especialmente na Alemanha, se manifestar pela restauração de nossa nacionalidade sem ser declarado louco? E mais, Kompert deu, certamente não sem intenção, ao estudante judeu, com sua indiferença teórica e real entusiasmo por sua nação, como amigo um boêmio [da Boêmia] que teoricamente se entusiasma por Hussand Ziska, mas também se torna um vaidoso clérigo que troca cálice e espada por estola e turíbulo. Já encontro, portanto, na descrição que Kompert faz de judeus instruídos, nada mais que lastimável indiferentismo, de que, de fato, até recentemente uma parte de nossos judeus alemães poderia ter sido acusada. Hoje, ao contrário, essa acusação, como eu já disse, não deve ser lançada contra eles sem grandes ressalvas.

Não esqueça, caro amigo, que foi sua a crítica de ter eu julgado com excessiva severidade os cultos judeus alemães, aos quais tive de dar o que lhes era devido. Reconheci a sadia reação do patriotismo judeu, que se afirmou contra um indiferentismo que existia mais como mania da época e nos lábios dos "Modernos" do que em seus corações. O anseio pela Terra dos Pais e o desejo de preparar para nossos leais irmãos um destino melhor também cativou os corações dos instruídos. Viagens a Jerusalém e fundação na Palestina de instituições educacionais e de caridade não são mais provenientes apenas das fileiras ortodoxas. A questão é apenas a necessidade de incluir mais planejamento no trabalho patriótico.

Em Jerusalém, como em toda parte, nossos filantropos judeus se deparam com obstáculos intransponíveis, quando desejam aliviar o infortúnio histórico de nossos irmãos, ou quando gostariam de incentivar um desenvolvimento ético-espiritual de nossos irmãos orientais, desmoralizados por aflição, através de métodos teóricos de educação, destituídos de qualquer fundamento social. A aquisição de um solo nativo comum, o esforço por obter condições legais sob cuja proteção o trabalho

possa prosperar, a fundação de organizações judaicas para agricultura, indústria e comércio de acordo com os princípios mosaicos, isto é, socialistas, são esses os alicerces sobre os quais o judaísmo no Oriente irá ressurgir, dos quais o bruxuleante fogo do antigo patriotismo judaico voltará a irromper, e através do que todo o judaísmo se tornará revitalizado. Sobre a base comum do patriotismo judeu, os devotos e os esclarecidos, os pobres e os ricos irão novamente se reconhecer como descendentes dos mesmos heróis que se empenharam na luta contra os povos mais poderosos do mundo antigo, contra Egito e Assíria, contra Grécia e Roma, e combateram até o fim daquele mundo, que somente eles sobreviveram, como filhos da mesma tribo que, como nenhum outro povo na história do mundo, suportaram firmemente dois mil anos de martírio e sempre carregaram bem alto, e consideraram sagrado, o estandarte de sua nacionalidade, o Pergaminho da Lei, pelo qual foram perseguidos...

Foi-me entregue nesse momento a obra, recentemente publicada na língua hebraica, de um erudito judeu que, após um tratamento minucioso da questão do nacionalismo judaico do ponto de vista talmúdico, chega a exatamente as mesmas conclusões que o cristão francês em sua "A Nova Questão Oriental". Com essas conclusões eu concordo inteiramente. Desse trabalho hebraico, também, quero lhe comunicar a essência em tradução alemã. O autor encerra sua obra com essas palavras:

> Mesmo que ainda não tenha chegado a Hora da Graça; de pensar em como deveríamos erguer em Sion o Altar do Senhor, mesmo que ainda esteja distante a esperança de obter para isso a permissão do Sultão turco, ainda assim as propostas seguintes devem ser aconselháveis numa época em que, com a ajuda de Deus, homens altamente considerados em Israel alcançaram influência política, homens como Montefiore, Albert Cohn, Rothschild, Fould, e outros, verdadeiros príncipes judeus, tais como não eram mais encontrados desde a destruição do Estado judeu. Que Deus os guarde! Eles deveriam criar uma Sociedade para o Desenvolvimento da Terra Santa, uma Chevrat Eretz Noshebet! Pois para o judeu devoto não há mérito maior do que tornar a Terra Santa habitável através do trabalho. Judeus ilustres e ricos de todas as partes do mundo deveriam se juntar a eles, judeus que amam a Terra Santa. Sua atividade deveria consistir no seguinte:

a) Empreender coletas de contribuições monetárias a fim de comprar na Terra Santa muitos povoados, campos e vinhedos abandonados pelo que o deserto se tornará um Líbano, o montão de ruínas uma planície frutífera, e a terra despovoada e deserta florescerá de novo como um lírio, e dará frutos para gozo, como o campo que o Senhor abençoou. Colinas e vales, aldeias e cidades ermas irão assim, pouco a pouco, tornar-se propriedade da sociedade, que poderia emitir ações que, sem dúvida, não imediatamente mas mais tarde iriam também ser lucrativas.

b) Muitos judeus da Rússia, da Polônia e da Alemanha deveriam ser apoiados pela Sociedade, na qual teriam de ingressar; e sob a direção de peritos em agricultura, a não ser que fossem eles próprios agricultores experientes, receberiam distribuídas porções de terra, no início gratuitamente, até se tornarem capazes depois de a terra cultivada, com a ajuda do capital da Sociedade, de explorá-la como agricultores arrendatários.

c) Judeus militarmente treinados têm de ser nomeados a fim de impedir vorazes ataques de beduínos, formar a polícia, dar força à lei e estabelecer a ordem no país.

d) Uma escola agrícola deve ser estabelecida para treinar meninos e jovens judeus em métodos práticos para a agricultura palestinense. Esta escola, em que também outras ciências e artes poderiam ser ensinadas, desde que não divergissem das nobres metas de nossa religião, pode ser fundada na Palestina ou mesmo fora dela. Entretanto, apenas em um país que (como, por exemplo, a França) produza vinho e azeite, os produtos da Terra Santa, onde os alunos serão capazes de ser treinados na prática para o tipo especial de agricultura que é nativa na Palestina.

Deus então nos abençoará com Sua Graça, e nós seremos, embora começando modestamente, capazes de adquirir cada vez mais propriedades na Terra Santa, como previu o Profeta. O início, porém, tem de vir de nós, de acordo com a prova que eu trouxe do *Talmud* e do *Midrash*.

Isso foi escrito pelo Rabino Kalischer, de Thorn.

Não tinha eu razão quando lhe louvei o senso prático e sadio de nosso povo e afirmei que os judeus devotos estenderiam sua mão aos judeus esclarecidos na base comum de nosso nacionalismo?

De outra fonte é relatado que em dezembro de 1861, em Melbourne, foi realizada uma grande reunião em que notáveis cristãos e judeus propuseram resoluções bastante análogas às propostas por nosso erudito francês e judeu. A reunião aprovou resoluções para coleta de dinheiro a fim de adquirir propriedades para judeus na Palestina.

De modo que não só judeus de diferentes países e níveis de cultura como também muitas nações civilizadas e denominações cristãs se associam ao desejo de ajudar nosso povo a recuperar sua herança nacional; e o mais impressionante a respeito disso é que todos eles concordam quanto aos métodos que propõem para atingir essa meta. Se ainda me fosse necessária uma confirmação das convicções que amadureceram em mim como resultado de longos anos de estudo e de uma vida de experiência, eu certamente a encontraria na irresistível concordância de opiniões de tanta gente e nações, que, sem se conhecerem uns aos outros e decorrendo dos mais diversos pontos de vista, chegaram às mesmas conclusões. Já vejo a Sociedade tomando vida e um início de colonização da Terra Santa por trabalhadores judeus sob a proteção de nações civilizadas ocidentais. Uma vez surgida a prosperidade sob a proteção da lei e com fundamento no trabalho, então surgiriam universidades judaicas sob a liderança de competentes eruditos, cuja instrução não precisaria mais entrar em conflito com a antiga religião judaica.

Os fiéis guardiões do santo sepulcro do nosso nacionalismo, não obstante sua pobreza, não irão querer saber de nenhuma espécie de ajuda, através da qual a velha religião judaica é posta em perigo; e nossos filantropos ocidentais nunca se cansam de se queixar que “Com essa gente nada se pode fazer”. Com certeza, a sua falta de planejamento e seus planos absurdos não levam a nada; só podem fazer mal. Acuse seu desconhecimento das necessidades do judaísmo e da época, se é tão pouco capaz de alcançar um resultado feliz tanto no Oriente quanto no Ocidente. Em contraste com a ortodoxia, que não pode ser destruída de fora sem pôr em perigo o nacionalismo judaico, a armadura que ainda cerca os corações de nossos judeus “modernos” só pode ser destruída, de fora, por um poderoso golpe que as condições mundiais estão destinadas a desferir em futuro próximo. A estrutura de velho mundo da sociedade europeia, que já foi tantas vezes danificada pelas tempestades revolucionárias e constantemente consertada, está rachando por toda parte. Não pode mais

resistir a uma tormenta. Aqueles oportunistas, que ficam entre a revolução e a reação, que são destinados a criar a sociedade moderna e, depois de ela estar fortaleci da, a serem por ela engolidos como o escorpião-mãe por seus filhotes – aquelas parteiras do progresso que pregam sabedoria, moderação e frugalidade ao próprio Criador, para que não possa agir sem excessiva consideração à natureza em Suas obras – aqueles portadores de cultura, aqueles salvadores da sociedade e gerentes de instituições de poupança; os especuladores em política, em religião, em filosofia e na indústria, esses não sobreviverão à última tempestade.

Por outro lado, após a última catástrofe cuja aproximação está claramente visível através de inconfundíveis sinais do tempo, também o povo judeu, juntamente com outros povos históricos, terá novamente permissão de reivindicar seus direitos.

> Lembra-te dos dias de outrora,
> Considera os dias de muitas·gerações;
> Pergunta a teu pai e ele te informará,
> Aos teus anciãos, e eles te dirão.
> Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações,
> Quando separava os filhos dos homens uns dos outros,
> Ele fixou as fronteiras dos povos
> Segundo o número dos filhos de Israel.
> (Deuteronômio 32, 7-8)

Assim como após a catástrofe final da vida *orgânica,* quando as raças históricas apareceram no mundo, aos povos foram simultaneamente atribuídos sua posição e papel, assim também após a catástrofe final da vida *social,* quando o espírito das nações históricas tiver alcançado a maturidade, também o nosso povo, junto com outras nações históricas, irá simultaneamente assumir seu lugar na história mundial.

Ahad Ha-Am (Asher Zvi Ginsberg) (1856-1927)

Nascido em Skivra, Ucrânia, filho de família *hassídica* (corrente religiosa com fortes componentes místicos), recebeu uma forte educação religiosa, com o estudo do *Talmud,* da literatura rabínica e do hassidismo. Aproximou-se do racionalismo esclarecido, buscando novas ideias nas obras literárias da Rússia e da Alemanha. Conheceu o positivismo de D. I. Pisarev, perdendo a fé religiosa. Aprofundou seus estudos do positivismo e do evolucionismo inglês, que influenciariam seu pensamento.

Seu primeiro artigo *Lo zé Ha-Derech* (Não é este o Caminho), foi publicado em 1889. Nele, defendia a tese de que a retomada da pátria judaica não poderia se dar antes da revitalização do povo e das forças espirituais da nacionalidade. A intenção de Ahad Ha-Am era revisar os conceitos e métodos do “Movimento de Retorno” e proceder a uma reformulação doutrinária geral. Pretendia dar uma forma orgânica aos membros que se consagrassem à missão de cultivar e propagar os valores do “ser coletivo” de Israel e os ideais de renascimento nacional. O grupo que se formou em torno das ideias de Ahad Ha-Am teve influência considerável no movimento sionista. Entre 1891 e 1893, escreveu uma série de artigos, *Sobre a verdade de Eretz Israel* resultado de suas primeiras viagens à Terra Santa – nos quais indicava os erros cometidos na ação colonizadora. Em 1896, tornou-se redator do mensário *Ha-Schloach,* onde estruturou sua teoria do “sionismo espiritual” em oposição ao “sionismo hertzliano” (sionismo político), redigindo muitos dos artigos que compõem a coletânea *Al Parschat Drahim* (Na Encruzilhada dos Caminhos, 4 volumes). Publicou em 1919 o estudo *Entre Duas Opiniões,* no qual traça a linha divisória entre judaísmo e cristianismo.

Foi um dos principais conselheiros de Weizman – líder da Organização Sionista Mundial – nas negociações que conduziram à Declaração Balfour (1917). Em 1922, fixa-se em Tel Aviv, onde morre em 1927.

Referência

AVNERI, Shlomo. *The making of Modern Zionism,* New York, Basic Books, 1981, pp.112/124.

Ahad Ha-Am (Asher Zvi Ginsberg)[1]

A lei do coração (1894)

A relação entre um povo normal e sua literatura é uma relação de desenvolvimento paralelo e interação recíproca. A literatura responde às exigências da vida, e a vida reage à orientação da literatura. A função da literatura é plantar as sementes de novas ideias e novos desejos; plantada a semente, a vida faz o resto. O tenro broto é nutrido e levado à maturidade pela ação espontânea de mentes humanas, e seu crescimento é moldado pelas necessidades das mesmas. Com o tempo, a nova ideia ou desejo torna-se uma parte orgânica de consciência, uma força dinâmica independente, tão pouco relacionada à sua origem literária quanto a obra de um grande escritor à cartilha que este aprendeu na escola.

Mas um "povo do livro", diferentemente de um povo normal, é um escravo do livro. Entregou sua alma toda à palavra escrita. O livro deixa de ser o que deveria ser, uma fonte sempre nova de inspiração e força moral; ao contrário, sua função na vida é enfraquecer e finalmente esmagar toda espontaneidade de ação e emoção, até os homens se tornarem inteiramente dependentes da palavra escrita e incapazes de responder a qualquer estímulo, na natureza ou na vida humana, sem sua permissão e aprovação. E nem mesmo sendo encontrada tal sanção a resposta é simples e natural; ela tem de seguir um plano pré-organizado e artificial. Consequentemente, tanto o povo quanto o seu livro não progridem de um século a outro; pouco ou nada muda, porque o impulso vital para mudança está ausente de ambos os lados. O povo estagna porque os corações e as mentes não reagem direta e imediatamente a acontecimentos externos; o livro estagna porque, como um resultado dessa ausência de reação direta, os corações e as mentes não se erguem em revolta contra a palavra escrita quando está deixou de estar em harmonia com necessidades correntes.

Nós judeus temos sido nesse sentido um povo do livro há quase dois mil anos; mas nem sempre fomos assim. Nem é preciso dizer que não éramos um povo do livro na época dos Profetas, da qual nos afastamos

[1] Texto extraído de: HERTZBERG, Arthur. *The Zionist Idea: A Historical Analysis and Reader,* New York, Meridian Books, 1960. Parte IV, pp. 251/269.

tanto que nem mais podemos compreendê-la. Mas mesmo no período do Segundo Templo os corações e as mentes não haviam perdido sua espontaneidade de ação e sua autoconfiança. Naquele tempo, ainda era possível encontrar a fonte da Lei e o árbitro da palavra escrita no coração humano, conforme testemunha a famosa máxima de Hillel: "Não faças a teu vizinho o que não queres que ele faça a ti; está é toda a Lei." Se de vez em quando a espontaneidade do pensamento e das emoções os punha em conflito com a palavra escrita, eles não se apegavam em obediência aos seus ditames; revoltavam-se contra ela quando não atendia mais às suas necessidades, e assim forçavam-na a um desenvolvimento em consonância com suas novas exigências. Por exemplo: a lei bíblica de "olho por olho" foi considerada pelo senso moral mais desenvolvido de uma época posterior como sendo selvagem e indigna de uma nação civilizada; e naquele tempo o julgamento moral do povo ainda era o mais alto tribunal. Consequentemente, foi encarado como óbvio que a palavra escrita, que também era autorizada, devia ter significado "o valor de um olho por um olho", isto é, uma pena em dinheiro.

Mas esse estado de coisas não perdurou. A Lei Oral (que é na realidade a lei interior, a lei do senso moral) foi ela própria reduzida a texto escrito e fossilizada; e ao senso moral restou apenas uma única convicção clara e firme – a da sua própria total impotência e sua eterna subserviência à palavra escrita. A consciência não tinha mais, por si só, qualquer autoridade; o livro, e não a consciência, é que se tornou o árbitro em todas as questões humanas. E ainda mais: a consciência nem tinha mais o direito de aprovar o que a palavra escrita prescrevia. Assim, dizem-nos que um judeu não deve falar que não gosta de carne de porco: fazê-lo equivaleria ao impudor de um escravo que concorda com seu senhor em vez de cumprir suas ordens sem discutir. Em tal atmosfera, não é de surpreender que alguns comentaristas vieram a encarar a interpretação moral da Lei por Hillel como sacrílega e se viram obrigados a invalidar explicativamente o mais belo dito do *Talmud.* Com "teu vizinho", disseram eles, Hillel realmente queria dizer o Todo-Poderoso: não deves ir contra a Sua vontade, porque não gostarias que teu vizinho fosse contra tua vontade. E se a doutrina do "olho por olho" tivesse sido estipulada no *Talmud Babilônico,* e não na Lei Mosaica, e sua interpretação consequentemente coubesse não aos antigos Sábios e sim aos comentaristas talmúdicos, estes teriam indubitavelmente aceito a doutrina em seu sentido literal; rabinos e gente comum teriam igualmente silenciado

à força o protesto de seu próprio senso moral contra uma injunção explícita, e se atribuiriam mérito por assim fazer.

Os autores da última geração da Hascalá não chegaram à causa fundamental dessa tirania da palavra escrita. Puseram a culpa principalmente na insensibilidade e no obstinadamente tacanho conservadorismo dos rabinos, que não se importavam nem um pouco em sacrificar a felicidade do indivíduo no altar de um meticuloso legalismo. Assim, em *O Ponto de um Yod,* Gordon retrata o rabino como

> Um homem que não buscava a paz e não se compadecia,
> Para sempre proscrevendo isso, proibindo aquilo,
> Condenando aqui, e punindo ali.

Esses escritores apelavam ao senso moral do homem comum contra a severidade da Lei. Pensavam que pintando o contraste em cores suficientemente chocantes poderiam provocar uma revolta que levaria ao triunfo do senso moral sobre a palavra escrita. Mas nisso estavam completamente errados. Não havia, de fato, qualquer diferença entre a atitude do rabino e a do homem comum. Quando Vofsi declarou nulo o documento de divórcio, ele pode ter tido tanta pena das vítimas quanto a congregação reunida, que, segundo as palavras do poeta,

> Estavam todos trêmulos, como se a sombra da morte
> Houvesse caído sobre eles.

Somente o rabino nunca duvidou, nem por um só instante, onde estaria a vitória num conflito entre o senso moral e a palavra escrita; a congregação nem sonhava em questionar a decisão do rabino, e muito menos em questionar a própria Lei. Se "estavam todos trêmulos", era apenas como alguém poderia tremer diante de uma catástrofe devida ao inalterável curso da natureza. Um povo normal reagiria a uma tragédia desse tipo determinando que tal coisa nunca mais voltasse a acontecer; mas um "povo do livro" só pode reagir com tristeza muda, como a que seria ocasionada se a heroína caísse morta no seu casamento. Culpar a palavra escrita, revoltar-se contra o rigor da Lei – isso está fora de cogitação.

Zangwill está mais próximo da verdade em seu *Children of the Ghetto.* Nesse romance há um incidente semelhante ao do poema de Gordon, mas o tratamento é bastante diferente. O rabino, Reb Shmuel, é ele próprio o pai da moça, e um pai muito afetuoso. A felicidade da filha no

amor dela por David é sua felicidade também. Mas quando ele casualmente descobre que David é da família sacerdotal, e portanto não pode casar com Hannah, que é tecnicamente uma mulher divorciada por causa de uma brincadeira boba de um jovem, suas primeiras palavras, não obstante sua angústia, são "Graças a Deus que eu soube a tempo". Todos os apelos de David à justiça e à compaixão são em vão. É a lei de Deus, e tem de ser obedecida. "Você pensa", diz Reb Shmuel ao final de uma longa e dolorosa cena, "que eu não morreria para fazer Hannah feliz? Mas Deus pôs esse fardo sobre ela – e eu só posso ajudá-la a suportá-lo".

Não: Vofsi e todos os de sua espécie não são monstros de crueldade. Eles são suficientemente compassivos; mas seus sentimentos naturais não têm livre alcance. Cada sentimento, cada impulso, cada desejo se dá por vencido, sem luta, pelo "ponto de um *yod*".

Onde o jogo natural do coração e da mente é assim sufocado, não podemos esperar encontrar auto-afirmação ou força de propósito em nada fora do campo da palavra escrita. Lógica, experiência, bom senso e sentimento moral são igualmente impotentes para conduzir homens a novos caminhos em direção a uma meta de sua própria escolha. Inevitavelmente, conforme demonstrou nossa experiência, essa condição geral coloca obstáculos no caminho da solução de todo e qualquer problema nosso. Há muito tem sido óbvio a homens racionais não haver esperança para qualquer medida particular de melhoria a não ser que, antes de tudo, seja ,endireitada a condição geral.

A questão suprema é, pois, se existe alguma possibilidade de curar essa tão duradoura enfermidade; se o povo judeu ainda pode se libertar de sua inércia, recuperar o contato direto com a realidade da vida, e no entanto continuar sendo o povo judeu.

É este último requisito que torna a questão tão difícil. Há uma geração, o movimento da Hascalá mostrou como o processo de despertar poderia ser realizado. Deixando em paz os mais velhos, apoderou-se dos jovens e normalizou sua atitude para com a vida, inserindo-os na cultura europeia através da educação e da literatura. Mas não conseguiu cumprir sua promessa de introduzir o humanismo na vida judaica sem perturbar a continuidade judaica: sobre isso seus produtos dão amplo testemunho. Ingressando na vida judaica de fora para dentro, a Hascalá achou mais fácil

criar um molde inteiramente novo para seus seguidores do que consertar os defeitos do molde judaico preservando suas características essenciais. Daí não poder haver uma resposta completa à nossa pergunta enquanto um novo e compulsivo impulso para a normalização não irromper de dentro de nós, da nossa própria vida judaica, e for comunicado à geração mais jovem através de educação e literatura, de modo que possa se fundir com o humanismo da Hascalá e impedi-Ia de subjugar e obliterar o molde judaico.

Um impulso nativo dessa espécie entrou recentemente em jogo sob a forma da ideia que nós denominamos *Hibat Tzion,* embora esse nome seja inadequado para expressar o significado total da ideia. O verdadeiro *Hibat Tzion* não é simplesmente uma parte do judaísmo, e tampouco é algo acrescentado ao judaísmo; é o judaísmo todo, só que com um foco diferente. *Hibat Tzion* não excluiu a palavra escrita nem procura modificá-la artificialmente por adição ou subtração. Representa um judaísmo que terá com o seu foco o ideal de unidade de nossa nação, seu renascimento, e seu livre desenvolvimento através da expressão de valores humanos universais nos termos do seu próprio espírito característico.

Essa é a concepção de judaísmo em que nossa educação e nossa literatura devem se basear. Precisamos revitalizar a ideia do renascimento nacional, e usar todos os recursos possíveis para fortalecer seu domínio e aprofundar suas raízes, até que se torne um elemento orgânico na consciência judaica e uma força dinâmica independente. Parece-me que somente dessa maneira pode a alma judaica ser libertada de seus grilhões e retomar contato com a ampla corrente de vida humana sem ter de pagar pela liberdade com o sacrifício de sua individualidade.

Carne e espírito (1904)

...No período de nossa antiga existência nacional – o período do Primeiro Templo – não encontramos nenhum vestígio da concepção de uma dualidade de corpo e alma. O homem, como um ser vivo e pensante, é uno em toda as suas partes. A palavra hebraica *nefesh* inclui tudo, corpo e alma, e tudo que lhes pertence. O *nefesh,* o ser humano individual, vive como um todo e morre como um todo; nada sobrevive. Não obstante isso, o judaísmo primitivo não se mostrava perplexo diante do problema da vida e da morte. Nada sabia do desespero que gera a filosofia materialista da exaltação da

carne e do prazer dos sentidos como um refúgio da vacuidade da vida; e também não olhava para cima a fim de criar no Paraíso uma habitação eterna para as almas dos homens. Oferecia a vida eterna aqui na terra. Fazia-o enfatizando o senso de coletividade, ensinando o indivíduo a se considerar não como unidade isolada, com uma. existência limitada por seu próprio nascimento e morte, mas como parte de um todo maior e mais importante, como um membro do corpo social. Essa concepção desloca o centro de personalidade não do corpo para o espírito mas do indivíduo para a comunidade; concorrentemente, o problema da vida é transferido do plano individual para o social. Eu vivo em consideração à perpetuação e ao bem-estar da comunidade a que pertenço; morro para dar lugar a outros, que irão remoldar a comunidade e salvá-la da petrificação e da estagnação. Quando o indivíduo ama a comunidade como a si próprio e se identifica completamente com o bem-estar da mesma, ele tem algo pelo que viver; sente menos intensamente suas privações pessoais, pois conhece o propósito pelo qual vive e sofre.

Obviamente, porém, isso só será válido se a própria comunidade viver para algum propósito que o indivíduo possa considerar como justificativa para qualquer sacrifício de sua parte; de outro modo, volta-se à questão antiga, só que no plano da comunidade. Eu suporto a vida a fim de que a comunidade possa viver; mas por que a comunidade existe? A que fim ela serve, para que eu possa animadamente suportar em seu beneficio as minhas agruras? Assim, tendo deslocado o centro da vida do indivíduo para a comunidade, foi o judaísmo obrigado a encontrar resposta para o problema da vida coletiva. Teve de dotar a vida da comunidade com um propósito suficientemente amplo e importante para sustentar o moral do indivíduo mesmo quando sua vida pessoal lhe era um fardo. Daí, a comunidade de Israel tornou-se “um reino de sacerdotes e uma nação sacra”, destinada desde o início a ser um exemplo para toda a humanidade através de sua Torá:

Essa solução do problema não deixou espaço no judaísmo para os dois pontos de vista extremos. O homem é um e indivisível; todos os seus membros, sentidos, emoções e pensamentos constituem um único todo. Mas a existência do homem que é um judeu não é sem propósito, porque ele é membro do povo de Israel, que existe para um propósito sublime. E como a comunidade é apenas a soma de seus membros, cada israelita tem o direito

de se considerar um elo indispensável na corrente da vida de seu povo e de compartilhar de sua imperecibilidade. É por isso que o verdadeiro ascetismo é desconhecido no período inicial da história judaica. O verdadeiro ascetismo, ódio da carne e desejo de sua aniquilação, só é possível onde os homens, incapazes de encontrar o propósito da vida neste mundo, são obrigados a procurá-lo em outro. É verdade que na primitiva vida judaica havia os nazarenos, que observavam algumas das práticas exteriores do ascetismo; mas isso era simplesmente parte do ritual de sacrifício e nada tinha a ver com ódio à carne. É preciso lembrar que mesmo um herói tão não-ascético quanto Sansão era considerado um nazareno. Essa atitude perante a vida, que eleva o indivíduo acima do amor a si mesmo e o ensina a encontrar o propósito de sua existência na perpetuação e no bem-estar da comunidade, é encarada por muitos estudantes de religião não-judeus como supermaterialista; e com base nisso declaram o judaísmo inferior, porque, diferentemente de outras religiões, não promete vida imortal a todos e uma recompensa aos justos após a morte. Não poderia haver melhor exemplo da cegueira do preconceito...

No período inicial da história judaica havia um grupo considerável que assumia uma visão materialista da vida nacional, no sentido de não ter outro ideal além de tornar o Estado supremo internamente, respeitado no exterior e seguro contra agressão. Era esse o partido aristocrata; abrangia o séquito do rei, os líderes militares, e a maioria dos sacerdotes – todos aqueles, em resumo, que em suas vidas individuais não tinham qualquer experiência do sofrimento que exige consolação. Não davam qualquer experiência ao·aspecto espiritual da vida nacional, e quase sempre estavam dispostos a abandonar os ideais espirituais da nação – "a servir todos os deuses" – se achassem que havia alguma vantagem política em fazê-lo. O idealismo moral dos Profetas travou guerra incessante contra esse materialismo político, até que, com a destruição do Estado, ele automaticamente desapareceu. É, porém, inteiramente errôneo afirmar, como fazem alguns historiadores modernos, que os Profetas se opunham ao Estado como tal, que encaravam a própria existência deste como incompatível com a vida espiritual que tinham como ideal, e que portanto desejavam a derrubada do mesmo. Esse ascetismo político, esse desejo de aniquilamento do organismo físico da vida nacional a fim de promover seu progresso espiritual, é na realidade totalmente repugnante à atitude profética. Basta ler aquelas passagens dos Profetas em que eles se rejubilam

com as vitórias do Estado (na época de Senáquerib, por exemplo) e lamentam suas derrotas, para constatar imediatamente que alto valor eles davam à vida política, e quão integralmente compreendiam que a independência nacional era uma condição essencial para a consecução dos seus próprios ideais. Ao mesmo tempo, porém, eles nunca esqueciam que é somente pelo espírito que a vida, quer individual quer nacional, pode ser elevada a um plano mais alto, e que apenas do· espírito ela pode derivar significação e propósito; consequentemente, insistiam que o fim não podia estar subordinado aos meios, que ao corpo não se devia dar domínio sobre o espírito. Assim, os Profetas simplesmente enunciaram em nível nacional o princípio que o judaísmo havia estipulado para a vida individual: a unidade de corpo e espírito, no sentido acima explicado.

Foi somente no período do Segundo Templo que o ascetismo político encontrou expressão na vida do Estado Judeu. Os essênios não tinham qualquer antipatia à vida física no que concerne ao indivíduo; mas no plano nacional, em relação ao Estado, sua atitude era exatamente a do asceta. Esses homens espiritualmente inclinados viam que, do ponto de vista espiritual, o Estado Judeu ia de mal a pior. Seus governantes, como os do primeiro reinado, adoravam somente o poder material; seus homens de visão desperdiçavam as energias deles numa luta vã para deter a corrupção do corpo político, já nas garras de implacáveis inimigos, e insuflar nele o espírito do verdadeiro judaísmo. Nessa situação, os essênios desistiram desesperados da vida política, deram as costas à sua incurável corrupção, e se retiraram para o deserto, para ali viverem suas vidas individuais em pureza e santidade. Em sua reclusão de eremitas, a antipatia dos essênios pelo Estado tornou-se cada vez mais intensa, e quando o Estado estava exalando o último suspiro, entre a vida e morte, alguns deles não fizeram qualquer tentativa de esconder sua satisfação.

O ascetismo político dos essênios, contudo, não teve muita influência sobre a tendência geral de pensamento. Não era a eles e sim aos fariseus que o povo recorria para instrução e liderança, e os fariseus representavam a concepção profética do judaísmo, com sua unificação de corpo e espírito. Assim, longe de se desviarem da vida e de condenarem o Estado ao ostracismo, eles não abandonaram seu posto no grosso da refrega, e fizeram todos os esforços possíveis para salvar o Estado da degeneração moral e moldá-lo em conformidade com o espírito do judaísmo. Estava claro para

eles que um espírito sem um corpo não poderia ter realidade, e que o espírito do judaísmo era incapaz de se desenvolver e se realizar sem expressão concreta num organismo político. Por isso os fariseus estiveram sempre combatendo em duas frentes: contra os materialistas políticos no interior do Estado, e lado a lado com eles contra o inimigo externo pela preservação do Estado.

Foi só no último instante, quando não havia mais a menor sombra de dúvida quanto à iminente destruição do organismo político, que a diferença interna de ideais levou inevitavelmente” a um rompimento. Os materialistas políticos, para quem a preservação do Estado significava tudo, não tinham mais interesse na vida, e tombaram lutando desesperadamente entre as ruínas que amavam; mas os fariseus lembravam mesmo nessa hora de agonia, que se importavam com o Estado apenas no interesse do espírito nacional nele incorporado e necessitando de sua ajuda. Não lhes poderia ocorrer supor que o fim do Estado significasse o fim da nação e de tudo que fazia a vida valer a pena ser vivida. Ao contrário, para eles era imperiosamente necessário encontrar alguns meios temporários de preservar a nação e seu espírito sem o organismo político, até que aprouvesse ao Todo-Poderoso restaurar Seu povo à sua terra e liberdade. Assim a aliança foi rompida: os fanáticos políticos permaneceram, espada na mão, nas muralhas de Jerusalém, e os fariseus, com a Torá na mão, foram para Iavné.

A obra dos fariseus gerou frutos. Eles conseguiram criar uma espécie de corpo político, sem raízes em terra sólida; no âmbito desse imaginário arcabouço, o espírito nacional hebraico tem vivido há dois mil anos sua característica viva própria. A organização do gueto, cujos alicerces datam do período imediatamente subsequente à destruição de Jerusalém, é um milagre sem paralelo na história humana. Sua concepção originária é a de que o propósito da vida é a perfeição espiritual, mas que o espírito precisa de um corpo que sirva como seu instrumento. Até que a nação pudesse encontrar, mais uma vez, uma habitação para seu espírito em um organismo político independente e completo, os fariseus achavam necessário proporcionar um substituto provisório artificial. Seu método era o de concentração em várias e dispersas comunidades, todas construídas segundo um mesmo padrão, todas vivendo um tipo de vida, e todas unidas, a despeito da geografia, pela consciência de sua origem

comum, pela devoção a um único ideal, e pela esperança de uma completa reunião no futuro.

Essa estrutura artificial, construída ao tempo em que se esperava, para qualquer momento, o raiar da era messiânica, estava originalmente destinada a servir apenas por um curto períod6. Perdurou por tempo demasiado longo; agora, finalmente, está num estado de avançada decadência, com rachaduras e fissuras em toda parte.

Deste modo, mais uma vez judeus espiritualmente inclinados ressuscitaram o ascetismo político dos essênios. Eles vêem seu povo exilado e disperso, sem esperança de um retorno ao seu estado anterior; vêem a organização do gueto, que oferecia pelo menos alguma aparência de uma vida nacional concreta, em processo de dissolução. Em seu desespero, renunciam ao elemento físico da vida nacional, e consideram o elemento espiritual como sua única base. Para eles, o povo judeu é um espírito sem um corpo. O espírito não é somente o propósito da vida, mas a totalidade da vida; o corpo não está apenas subordinado ao espírito: é um inimigo perigoso, que amarra o espírito e o impede de entrar em seu reino.

Como era de se esperar, a reação contra essa teoria extrema produziu uma teoria igualmente extrema no lado oposto, e tem havido uma recrudescência daquele materialismo político que vê o organismo físico – o Estado Judeu – como o todo e o fim da vida judaica. Tal evolução é ainda recente demais para ter percorrido toda a sua trajetória; mas, se a História é um guia, temos o direito de acreditar que nenhuma dessas duas teorias extremas reflete verdadeiramente o espírito de nosso povo. Ambas, podemos crer, irão desaparecer, e abrirão caminho para a única visão que realmente tem suas raízes no judaísmo: a visão que tinham os Profetas no primeiro Estado judeu, e os fariseus’ no segundo. Se, conforme esperamos, houver um terceiro, seu princípio fundamental, tanto no plano nacional quanto no individual, não será nem a predominância do corpo sobre o espírito nem a supressão do corpo por causa do espírito, e sim a elevação do corpo pelo espírito.

Sobre nacionalismo e religião (1910)

BADEN-BADEN, 18 DE SETEMBRO DE 1910

AO DR. J. L. MAGNES (Nova Iorque)

...O objetivo da sua Sociedade, diz o senhor, é "estabelecer Sinagogas e Casas de Estudo". Não tenho certeza se considera a Sinagoga e a Casa de Estudo como duas instituições distintas e se pretende estabelecê-las separadamente uma da outra; se assim for, não creio que alcançará seu objetivo. A experiência em toda parte, e especialmente na América, tem demonstrado que a Sinagoga por si só, exclusivamente como uma Casa de Oração, não é capaz de salvar o judaísmo, que, diferentemente de outras religiões, não depende de orações. Tampouco pode a separada Casa de Estudo, que é destinada a jovens em busca de conhecimentos, servir como um instrumento de educação *popular.* O que precisamos fazer é retomar aos sistemas que nossos antepassados adotaram em tempos que já vão longe e ao qual devemos nossa sobrevivência: temos de tornar a própria Sinagoga uma Casa de Estudo, tendo o aprendizado judaico por preocupação principal e a oração como uma questão secundária. Encurtem as orações o quanto queiram, mas façam de sua Sinagoga um abrigo de conhecimentos judaicos, tanto para crianças quanto para adultos, para os instruídos assim como para a gente comum. O sermão dos *sabbats* e dias santos deve dar aos congregados instrução na Torá, e não frases de melíflua devoção. Mas só o sermão não é suficiente. A Sinagoga deve ser o centro ao qual aqueles que querem aprender sobre judaísmo recorrem diariamente. "Leituras" sobre temas judaicos podem ser organizadas todas as noites, separadamente para os mais e os menos instruídos. Foi isso que nossos antepassados fizeram, com bons resultados. O espírito do ensino tem de ser diferente para se adequar às condições alteradas; o próprio sistema, porém, não pode ser melhorado. Em tempos antigos, a leitura vespertina consistia do *Ain Jacob* com o comentário de Rashi, ou o *Menorá Hamaor,* para gente comum; e do *Talmud* para os instruídos. Em nossos dias, é claro, devemos introduzir leituras mais adequadas às exigências modernas. Mas aprender-aprender-aprender: este é o segredo da sobrevivência judaica.

Depois o senhor diz que quer "propagar a religião nacional e o nacionalismo religioso". Devo confessar que tal fórmula não me é

inteiramente clara. "Religião nacional" – sem dúvida alguma: o judaísmo é essencialmente nacional, e todos os esforços dos "reformistas" para separar a religião judaica do seu elemento nacional não tiveram outro resultado a não ser arruinar tanto o nacionalismo quanto a religião. Obviamente, então, se deseja construir e não destruir, tem de ensinar religião com base no nacionalismo, com o qual está inseparavelmente entrelaçada. Mas quando o senhor fala em propagar "nacionalismo religioso" não sei o que está querendo dizer (a não ser que esteja simplesmente dizendo a mesma coisa com outras palavras). Pensa realmente em excluir das fileiras dos nacionalistas todos aqueles que não acreditam nos princípios da religião? Se é essa a sua intenção, não posso concordar. Em minha opinião, nossa religião é nacionalismo é, é um produto de nosso espírito nacional – mas o inverso não é verdadeiro. Se é impossível ser um judeu no sentido religioso sem reconhecer nossa nacionalidade, é possível ser um judeu no sentido nacional sem aceitar muitas coisas em que a religião exige crença...

O estado judeu e o problema judaico (1897)

Alguns meses se passaram desde o Congresso Sionista, mas seus ecos ainda ressoam na vida diária e na imprensa. Reuniões de toda espécie – grandes e pequenas, locais e regionais – estão ocorrendo. Desde quando os delegados voltaram para casa, eles têm convocado reuniões públicas, regalando-nos repetidamente com histórias das maravilhas que foram encenadas diante de seus próprios olhos. O público miserável e esfomeado fica ouvindo, entra em êxtase, e espera a salvação. É-lhes inconcebível que "eles" – os judeus do Ocidente possam deixar de ser bem-sucedidos naquilo a que se propõem. Cabeças esquentam e corações batem depressa, e muitos "líderes" que durante anos – até agosto último – haviam vivido apenas pela colonização da Palestina, e para quem um tostão de do nativo em auxílio ao trabalho judaico na Palestina ou à Escola de Jaffa tinha um valor imenso, agora se desorientaram e perguntaram uns .aos outros: "De que adianta essa espécie de trabalho? Os dias do Messias estão próximos, e a gente se ocupa com bagatelas! Chegou a hora de grandes feitos, pois grandes homens, homens do Ocidente, se alistaram na causa e marcham à nossa frente."

Houve uma revolução no mundo deles, e, para enfatizá-la, deram à própria causa um nome novo: não é mais "Amor a Sion" *(Hibat Tzion)* e sim "Sionismo" *(Tzioniut).* E há até mesmo "precisionistas" que, estando

decididos a não deixar nenhuma brecha para erro, usam apenas a forma europeia do nome ("zionismus") – anunciando assim· ao mundo todo que não estão falando sobre nada tão antiquado quanto *Hibat Tzion,* e sim sobre um movimento novo, atualizado, que provém, como seu nome, do Ocidente, onde as pessoas desconhecem a língua hebraica.

O discurso de Nordau sobre a situação geral dos judeus foi uma espécie de introdução às atividades do Congresso. Descreveu com palavras incisivas as tristes agruras, materiais ou espirituais, que afligem os judeus no mundo inteiro. Nos países do Leste, o problema deles é material: precisam lutar sem esmorecimento para satisfazer as mais elementares necessidades físicas – pela côdea de pão e o sopro de ar que lhes é negado por serem judeus. No Ocidente, em terras onde os judeus estão legalmente emancipados, sua condição material não é especialmente má, mas é grave seu estado espiritual: eles querem aproveitar ao máximo seus direitos legais, e não podem; anseiam por aceitação pela maioria não-judaica e por fazer parte da sociedade nacional, mas são mantidos à distância; esperam por amor e fraternidade, mas por todos os lados encontram olhares de ódio e desprezo; sabem que não são de modo algum inferiores aos seus vizinhos em capacidade ou virtude, mas continuamente lhes é jogado na cara que são do tipo inferior e inaptos a se elevarem ao nível dos arianos. E assim por diante.

Bem – e então?

O próprio Nordau não tocou nessa questão, que estava fora do âmbito do seu discurso. Mas o Congresso em si foi a resposta. A começar pelo discurso de Nordau, o Congresso significou isso: a fim de escapar desses problemas todos é necessário estabelecer um Estado Judeu.

Não há dúvida de que, mesmo quando o Estado Judeu estiver estabelecido, a colonização judaica só poderá avançar pouco a pouco, conforme for permitido pelos recursos do próprio povo e pelo progresso do desenvolvimento econômico do país. Enquanto isso, o aumento natural da população judaica, tanto na coletividade palestinense quanto na Diáspora, continuará, daí resultando, inevitavelmente, que a Palestina terá cada vez menos espaço para os novos imigrantes e, por outro lado, que, a despeito da contínua emigração, o número dos que permanecem fora da Palestina não diminuirá consideravelmente. Em seu discurso inaugural no Congresso, o

Dr. Herzl, desejando demonstrar a superioridade de sua ideia do Estado sobre a forma anterior de colonização palestinense, calculou que por este último levaria novecentos anos para que todos os judeus pudessem ser estabelecidos em sua terra. Os membros do Congresso aplaudiram isso como um argumento conclusivo. Foi, porém, uma vitória de pouco valor. O próprio Estado Judeu, faça o que fizer, não encontrará maneira de efetuar um cálculo mais favorável.

A verdade é amarga, mas com toda a sua amargura é melhor do que a ilusão. Temos que admitir para nós mesmos que o "recolhimento dos exilados", é inatingível por meios naturais. Podemos algum dia, por meios naturais, estabelecer um Estado Judeu; é possível que nele os judeus possam aumentar e se multiplicar nesta nação até "a terra estar repleta deles" – mas mesmo então a maior parte de nosso povo continuará dispersa em solo estrangeiro. "Recolher nossos dispersos dos quatro cantos da Terra" (segundo as palavras no Livro de Oração) é impossível. Somente a religião, com sua crença numa redenção milagrosa, pode prometer tal resultado.

Mas se é assim, se o Estado Judeu, também, não significa um "recolhimento dos exilados" e sim o estabelecimento de uma pequena parte de nosso povo na Palestina, então como irá isso solucionar o problema material das massas judaicas nos países da Diáspora?

O problema material não acabará com o estabelecimento de um Estado Judeu, e está, de fato, além de nosso poder resolvê-lo de uma vez por todas. (Mesmo agora há vários meios à nossa disposição para, em maior ou menor grau, aliviar esse problema, como, por exemplo, aumentando a proporção entre nossa gente, de agricultores e artesãos *em todos os países* etc.) Quer criemos ou não um Estado Judeu, a situação material dos judeus dependerá sempre, basicamente, das condições econômicas e do nível cultural das várias nações entre as quais estamos dispersos.

Por isso somos impelidos à conclusão de que a verdadeira e única base do sionismo tem de ser encontrada em outro problema, o espiritual.

Mas o problema espiritual aparece sob duas formas diferentes, uma no Ocidente e outra no Oriente, o que explica a diferença fundamental entre o "sionismo" ocidental e o "*Hibat Tzion*" oriental. Nordau tratou apenas da forma ocidental do problema, e aparentemente nada sabendo sobre a

oriental; e o Congresso como um todo concentrou-se na primeira prestando pouca atenção à segunda.

O judeu ocidental, tendo saído do gueto e buscado aceitação pela maioria não-judaica, é infeliz porque sua esperança de ser recebido de braços abertos resultou em decepção. Forçosamente, ele retorna ao seu próprio povo e tenta encontrar no âmbito da comunidade judaica aquela vida pela qual anseia – mas em vão. A vida e o horizonte da comunidade judaica não o satisfazem mais. Ele já se acostumara a uma vida social e política mais ampla, e intelectualmente o trabalho a ser feito por nossa cultura nacional não o atrai, porque essa cultura não desempenhou qualquer papel em sua instrução primária e é para ele um livro fechado. Nesse dilema, ele se volta para a terra dos seus antepassados e imagina como seria bom se ali fosse restabelecido um Estado Judeu – um Estado e uma sociedade organizados exatamente segundo os padrões de outros Estados. Então 'ele poderia viver uma vida plena e completa entre seu próprio povo, e poderia encontrar em casa tudo aquilo que agora vê lá fora, bamboleando diante de seus olhos mas fora de seu alcance. Nem todos os judeus, é claro, serão capazes de levantar vôo e ir para seu Estado; mas a própria existência do Estado Judeu elevará também o prestígio daqueles que permanecem no exílio, e seus concidadãos não mais os desprezarão e manterão à distância, como se fossem pobres escravos, inteiramente dependentes da hospitalidade dos outros. E continuando a contemplar essa fascinante visão, subitamente desperta em sua consciência que mesmo agora, antes de estabelecido o Estado Judeu, a simples ideia do mesmo lhe dá quase completo alívio. Proporciona-lhe uma oportunidade para trabalho comunitário e excitação política; suas emoções encontram uma saída num campo de atividade que não é subserviente a não-judeus; e ele sente que, graças a esse ideal, está mais uma vez espiritualmente ereto e recuperou sua dignidade pessoal, sem muitos transtornos e exclusivamente por seus próprios esforços. Logo, dedica-se ao ideal com todo o entusiasmo de que é capaz; solta as rédeas de sua imaginação e deixa-a elevar-se à vontade, para além da realidade e das limitações do poder humano. Pois não é da consecução do ideal que ele precisa; a busca do mesmo já é suficiente para curá-lo de sua enfermidade espiritual, que é a de um complexo de inferioridade, e quanto mais sublime e distante o ideal, tanto maior o seu poder de exaltar.

Essa é a base do sionismo ocidental e o segredo de sua atração. Mas o *Ribat Tzion* oriental se originou e desenvolveu num ambiente diferente. Ele, também, começou como um movimento político; mas, sendo resultante de males materiais, não poderia se contentar com uma "atividade" consistindo apenas de explosões de sentimentos e de belas frases, que podem satisfazer o coração mas não o estômago. O *Hibat Tzion* começou imediatamente a se expressar em atividades concretas – no estabelecimento de colônias na Palestina. Esse trabalho prático não tardou a cortar as asas da fantasia e a demonstrar de modo conclusivo que o *Hibat Tzion* não podia diminuir um mínimo que fosse o infortúnio material dos judeus. Poder-se-ia, portanto, ter pensado que, ao se tornar evidente esse fato, os *Hovevei Tzion* desistiriam de seu esforço e deixariam de gastar tempo e energia com um trabalho que não os fazia chegar mais perto de sua meta. Mas, não: permaneceram fiéis à bandeira deles e continuaram a trabalhar com o antigo entusiasmo, embora muitos não compreendessem, mesmo em suas próprias mentes, por que o faziam. Sentiam instintivamente que precisavam prosseguir; mas, como não avaliavam claramente a natureza desse sentimento, as coisas que faziam nem sempre estavam efetivamente direcionadas para a verdadeira meta, à qual inconscientemente se dedicavam.

Pois ao mesmo tempo que a tragédia material no Leste atingia o auge, o coração dos judeus orientais estava também sensível a outra tragédia – uma tragédia espiritual; e quanto *os Hovevei Tzion* começaram a trabalhar pela solução do problema material, o instinto nacional do povo sentiu que nesse trabalho encontraria o remédio para sua inquietação espiritual. Por isso, o povo se agrupou em tomo desse esforço, não o abandonando nem mesmo depois que se tomou óbvio que era um instrumento ineficaz para curar o problema material dos judeus.

A forma oriental do problema espiritual é totalmente diferente ' da ocidental. No Ocidente é o problema dos judeus; no Leste, o *problema do judaísmo.* O primeiro pesa sobre o indivíduo; o segundo, sobre a nação. O primeiro é sentido por judeus que tiveram uma educação europeia; o outro, por judeus cuja educação foi judaica. Um é produto do anti-semitismo, e dele depende para sua existência; o outro é um produto natural de um verdadeiro elo com uma cultura milenar, e permanecerá sem solução e não-afetado mesmo se os judeus no mundo inteiro. atingirem confortáveis posições econômicas, estiverem nas melhores relações possíveis com seus

vizinhos e forem admitidos à mais completa igualdade social e política. Não foram somente os judeus que saíram do gueto; o judaísmo saiu, também. Para os judeus, o êxodo do gueto está restrito a certos países e é devido à tolerância; o judaísmo, porém, saiu (ou está saindo) espontaneamente, onde quer que tenha entrado em contato com a cultura moderna. Esse contato com a cultura moderna derruba as defesas internas do judaísmo, de modo que ele não pode mais permanecer isolado e viver uma vida à parte. O espírito de nosso povo deseja se desenvolver mais; quer absorver os elementos básicos da cultura geral que o estão alcançando do mundo exterior, digeri-los e torná-los parte de si mesmo, como fez antes em vários períodos de sua história. Mas as condições de sua vida no exílio não são adequadas a tal tarefa. Em nossa época, a cultura por toda parte se expressa através da forma do espírito nacional, e o estranho que queira fazer parte da cultura deve enterrar sua individualidade e ficar absorvido no ambiente dominante. No exílio, portanto, o judaísmo não pode desenvolver sua individualidade à sua própria maneira. Quando ele deixa os muros do gueto, corre o perigo de perder seu ser essencial ou – no mínimo sua unidade nacional; corre o perigo de ficar rachado em tantas espécies de judaísmo, cada um com caráter e vida diferentes, quantos são os países da dispersão.

O judaísmo está, consequentemente, num dilema: não pode mais tolerar a forma de *Galut* que teve de assumir, em obediência à sua vontade de viver, quando foi exilado de seu próprio país; mas sem essa forma sua vida está em perigo. Assim, procura retornar ao seu centro histórico, onde será capaz de viver uma vida desenvolvendo-se de um modo natural, por em jogo seus poderes em cada departamento da cultura humana, ampliar e aperfeiçoar aqueles haveres nacionais que adquiriu até agora, e assim contribuir para o cabedal comum da humanidade, no futuro como tem feito no passado, com uma grande cultura nacional, fruto da não-tolhida atividade de um povo vivendo à luz de seu próprio espírito. Para tal propósito o judaísmo pode, presentemente, se contentar com pouco. Ele não precisa de um Estado independente, mas somente da criação em sua terra natal de condições favoráveis ao seu desenvolvimento: um estabelecimento de bom tamanho de judeus trabalhando sem estorvo em cada ramo da civilização, desde agricultura e trabalhos manuais até ciência e literatura. Esse estabelecimento judaico, que será um crescimento gradual, vai se tornar no decorrer do tempo o centro da nação, onde seu espírito encontrará expressão pura e se desenvolverá em todos os seus aspectos até o mais alto

grau de perfeição de que é capaz. Então, a partir desse centro, o espírito do judaísmo se irradiará para a grande circunferência, para todas as comunidades da Diáspora, para inspira-las com nova vida e para preservar a unidade global de nosso povo. Quando nossa cultura nacional na Palestina tiver atingido esse nível, podemos estar confiantes de que produzirá, na própria Terra de Israel, homens que serão capazes, num momento favorável, de ali estabelecer um Estado – um que não seja simplesmente um Estado de Judeus e sim realmente um Estado Judaico.

Esse *Hibat Tzion,* que se preocupa com a preservação do judaísmo numa época em que os judeus sofrem tanto, é algo estranho e incompreensível para os sionistas "políticos" do Ocidente, assim com a exigência do Rabi Johanan ben Zakai por "Iavné" foi estranha e incompreensível ao grupo equivalente de seu tempo. O sionismo político não pode satisfazer aqueles judeus que se importam com o judaísmo; o crescimento deste lhes parece cheio de perigo para o objetivo de sua própria aspiração.

O segredo da persistência do nosso povo é – como tentei demonstrar noutra parte – que num período bem inicial os Profetas lhes ensinaram a respeitar apenas o poder do espírito e a não adorar o poder material. Devido a isso, diferentemente de outras nações da Antiguidade, o povo judeu nunca chegou ao ponto de perder seu amor-próprio diante de inimigos mais poderosos. Enquanto permanecermos fiéis a esse princípio, nossa existência terá uma base segura, e não perderemos nosso amor-próprio, pois não somos espiritualmente inferiores a qualquer nação. Mas um ideal político que não está baseado em nossa cultura nacional está propenso a nos seduzir, afastando-nos da lealdade ao nosso espírito interior, e a gerar em nós uma tendência para encontrar o caminho da glória na consecução de poder material e domínio político, rompendo assim o fio que nos une ao passado e solapando nosso alicerce histórico. Desnecessário dizer que, se o ideal político não foi alcançado, isto terá consequências desastrosas, porque perderemos a antiga base sem achar uma nova. Mesmo que seja alcançado sob as condições atuais, quando somos um povo disperso não apenas no sentido físico mas também no espiritual – ainda assim estará o judaísmo em grande perigo. Quase todos os nossos grandes homens – isto é, aqueles cuja educação e posição social os prepararam para estar à frente de um Estado Judeu – estão espiritualmente muito afastados do judaísmo e não têm uma

real concepção de sua natureza e de seus valores. Tais homens, por mais leais que sejam ao Estado e dedicados aos seus interesses, irão necessariamente encarar esses interesses pelos padrões da cultura estrangeira que eles próprios sorveram; e se empenharão, por persuasão moral ou até pela força, em implantar aquela cultura no Estado Judeu, de modo que no fim o Estado Judeu será um Estado de alemães ou franceses de raça judaica. Nós temos mesmo agora um pequeno exemplo desse processo na Palestina.

A História nos ensina que nos dias da Casa de Herodes a Palestina era de fato um Estado Judeu, mas a cultura nacional era desprezada e perseguida. A família governante fez todo o possível para implantar no país a cultura romana e desperdiçou os recursos da nação na construção de templos pagãos, anfiteatros e assim por diante. Um tal Estado Judeu significaria morte total e degradação para o nosso povo. Um tal Estado jamais alcançaria suficiente poder político para merecer respeito, pois estaria separado da viva força espiritual interior do Judaísmo. O pequeno Estado, "jogado como uma bola entre seus poderosos vizinhos, e só mantendo sua existência por manobras diplomáticas e contínuas humilhações perante os favorecidos pela sorte", não seria capaz de nos dar um sentimento de glória nacional; a cultura nacional, em que poderíamos ter buscado e encontrado nossa glória, não teria sido implantada em nosso Estado e não seria o princípio de sua vida. Deveríamos então realmente ser – muito mais do que somos agora – "uma nação pequena e insignificante", escravizada em espírito aos "favorecidos pela sorte", lançando um olhar invejoso e cobiçoso às forças armadas de nossos "poderosos vizinhos"; nossa existência em tais termos como Estado soberano não acrescentaria um capítulo glorioso à nossa história nacional.

Para "um povo antigo que foi outrora um farol para o mundo", não seria melhor desaparecer do que terminar por alcançar uma meta como essa? O Sr. Lilienblum lembra-me de que existem hoje pequenos países, como a Suíça, que estão resguardados contra qualquer interferência das outras nações e não são forçados a "contínuas humilhações". Mas uma comparação entre a Palestina e países pequenos como a Suíça não leva em conta a posição geográfica da Palestina e a sua importância religiosa para o mundo todo. Esses dois fatos tornarão praticamente impossível aos seus "poderosos vizinhos" (expressão com a qual, é claro, eu não quis me referir,

conforme interpreta o Sr. Lilienblum, "aos drusos e aos persas") deixá-la em paz. Mesmo depois que se tornar um Estado Judeu, ficarão todos de olho nela, e cada potência tentará influenciar sua política numa direção favorável a si própria, conforme o padrão de acontecimentos em outros países fracos (como a Turquia) em que as grandes nações europeias têm "interesses".

Em resumo: o *Hibat Tzion,* não menos que o "sionismo", quer um Estado Judeu e acredita na possibilidade do estabelecimento de um Estado Judeu no futuro. Mas enquanto o "sionismo" pretende que o Estado Judeu forneça um remédio para a pobreza e proporcione tranquilidade completa e glória nacional, o *Hibat Tzion* sabe que nosso Estado não nos dará todas essas coisas até que a "Justiça universal esteja entronizada e domine todas as nações e Estado" – espera que um Estado Judeu proporcione apenas um "refúgio seguro" para o judaísmo e um vínculo cultural para unir nossa nação. O "sionismo", portanto, inicia seu trabalho com propaganda política; *Hibat Tzion* começa com a cultura nacional, porque somente *através* da cultura nacional e *em consideração à mesma* pode um Estado Judeu ser estabelecido de maneira a corresponder à vontade e às necessidades do povo judeu.

Rav Kook (1865-1935)

Pensador místico, talmudista, chefe ortodoxo e líder sionista. Um dos primeiros sintetizadores do sionismo com a tradição rabínica, onde o restabelecimento de Israel aparece não puramente como um acontecimento secular mas sobretudo como um acontecimento pleno de religiosidade. Nascido em um *Schtetl* (vilarejo) da Curlândia, foi discípulo da Academia Talmúdica de Vilojin. Em 1923, tornou-se grão-rabino da comunidade asquenazi na Palestina.

A recuperação da vida nacional como o "eterno retorno" à origem, ou seja, o reencontro do povo com a terra prometida, tal era a predestinação e a missão, na visão de Kook, que cabia a Israel, uma vez que só esta nação poderia irradiar a mensagem libertadora para todo o mundo.

Sua obra caracteriza-se basicamente por coletâneas de pensamentos, como é o caso dos aforismas publicados após a sua morte sob o título *"Luzes da Santidade" (Orot Ha Kodesh).*

Referência

AVNERI, Shlomo. *The Making of Modem Zionism,* New York, Basic Books, 1981, pp. 187/197.

Rav Kook[1]

A terra de Israel (1910-1930)

Eretz Israel não é algo separado da alma do povo judeu; não é mera possessão nacional, servindo como meio de unificar nosso povo e escorando sua sobrevivência material ou mesmo espiritual. Eretz Israel faz parte da própria essência de nossa nacionalidade; está organicamente atada à sua própria vida e existência interior. A razão humana, mesmo no que tem de mais sublime, não pode começar a compreender a santidade única de Eretz Israel; não pode mexer as profundezas de amor pela terra que estão adormecidas em nosso povo. O que Eretz Israel significa para o judeu só pode ser sentido através do Espírito do Senhor que está em nosso povo como um todo, através do molde espiritual da alma judaica, que irradia sua influência característica a toda emoção sadia. Essa luz mais elevada brilha até o ponto em que o espírito de divina santidade encha os corações dos santos e eruditos de Israel com celestial vida e bem-aventurança.

Encarar Eretz Israel como simplesmente um instrumento para estabelecer nossa unidade nacional – ou mesmo para sustentar nossa religião da Diáspora pela preservação de seu caráter e sua fé, devoção e observâncias – é uma noção estéril; é indigna da santidade de Eretz Israel. Um fortalecimento válido do judaísmo na Diáspora só pode provir de uma aprofundada ligação com Eretz Israel. A esperança pelo retorno à Terra Santa é a contínua fonte da natureza distinta do judaísmo. A esperança de Redenção é a força que sustenta o judaísmo na Diáspora; o judaísmo de Eretz Israel é a própria Redenção.

A criatividade original judaica, seja no domínio das ideias ou na arena da vida e da ação cotidianas, é impossível exceto em Eretz Israel. Por outro lado, o que quer que o povo judeu crie em Eretz Israel assimila o universal em característica e singular forma judaica, para grande benefício do povo judeu e do mundo. Os próprios pecados que são a causa de nosso exílio também poluem a prisca nascente do nosso ser, de modo que a água é impura na, fonte. E uma vez a nascente única da individualidade de Israel

[1] Texto extraído de: HERTZBERG; Arthur. *The Zionist Idea: A Historical Analysis and Reader,* New York, Meridian Books, 1960. Parte IV, pp. 419-314.

corrompida” sua originalidade primeva só pode se expressar naquela área de mais elevada criatividade universal que pertence ao judeu – e somente na Diáspora, enquanto a própria Terra Natal se torna erma e devastada, expiando sua degradação com sua ruína. Enquanto a vida e o pensamento de Israel encontram saídas universais e são dispersos pelo mundo inteiro, a prisca nascente do espírito judeu deixa de fluir, as poluídas correntes emanando da fonte estão secando, e a fonte se limpa, até que sua pureza original retome. Quando esse processo se completar, o exílio se tornará repugnante para nós e será descartado. A Luz Universal, com todo o seu poder, voltará a se irradiar da fonte única de nosso ser; o esplendor do Messias que irá reunir os exilados começará a se evidenciar; e o amargo lamento de Rachei chorando por seus filhos encontrará doce e glorioso consolo. A criatividade do judeu, em toda a sua glória e singularidade, voltará a se reafirmar, impregnada das totalmente abrangentes riquezas do espírito do maior gigante da humanidade, Abraão, convocado pelo Todo-Poderoso a ser uma bênção para o homem.

Um judeu não pode ser’ tão dedicado e fiel aos seus próprios sentimentos, ideias e imaginação na Diáspora quanto em Eretz Israel. Revelações do Sagrado, em qualquer grau, são relativamente puras em Eretz Israel; fora de Eretz Israel estão misturadas com entulho e muita impureza. Todavia, quanto maior foi o anseio de alguém por, e sua ligação com, Eretz Israel, tanto mais puros se tornarão seus pensamentos, pois vivem então no ar de Eretz Israel, que sustenta todos que venham a contemplar a Terra.

Na Terra Santa, a imaginação do homem é lúcida e clara, limpa e pura, capaz de receber a revelação da Verdade Divina e de expressar em vida o sublime significado do ideal da soberania da santidade; lá a mente está preparada para compreender a luz da profecia e ser iluminada pela radiação do Espírito Santo. Em terras não judaicas, a imaginação é obscurecida, anuviada de escuridão e sombreada de impiedade, e não pode servir de recipiente para efusão da Luz Divina ao se elevar para além da baixeza e da estreiteza do universo. Porque razão e imaginação são entrelaçadas e interagem entre si, nem mesmo a razão pode brilhar em sua mais verdadeira glória fora da Terra Santa.

Bem no fundo do coração de todo judeu, em seus mais puros e mais sagrados recessos, resplandece o fogo de Israel. Não há como confundir

suas exigências por um elo orgânico e indivisível entre a vida e todos os mandamentos de Deus; pelo derramar do espírito do Senhor, o espírito de Israel que impregna inteiramente a alma do judeu, em todos os recipientes que foram criados para esse determinado propósito; e pelo expressar, completa e precisamente, a palavra de Israel nos domínios da ação e da ideia.

Nos corações de nossos santos esse fogo está constantemente ardendo com línguas de sagrada chama. À semelhança do fogo no altar do Templo, ele arde incessantemente, com uma chama constante, no coração coletivo de nosso povo. Existe até mesmo, escondido nos mais fundos recessos de suas almas, entre os apóstatas e pecadores de Israel. No âmbito do povo judeu como um todo, é a fonte viva de seu desejo por liberdade, de seu anseio por uma vida digna do nome para homem e comunidade, e de sua esperança de redenção – da busca por uma vida judaica plena, isenta de contradições e ilimitada.

É esse o significado do imorredouro amor do judeu por Eretz Israel – a Terra da Santidade, a Terra de Deus – em que todos os mandamentos Divinos são cumpridos em sua forma perfeita. Esse impulso para mostrar ao mundo a natureza de Deus, para erguer a cabeça em Seu Nome a fim de proclamar Sua grandeza em sua real dimensão, afeta todas as almas, pois todos desejam tornar-se unos com Ele e compartilhar da bem-aventurança de Sua vida. Esse anseio por uma vida de verdade, uma que seja moldada por todos os mandamentos da Torá e iluminada por todo o seu enaltecedor esplendor, é a fonte da coragem que leva o judeu a afirmar, diante do mundo todo, sua lealdade à herança do seu povo, à preservação de sua identidade e valores e à sustentação de sua fé e visão.

Alguém de fora poderá se perguntar: Como podem aparentes descrentes serem movidos por essa força vital, não simplesmente à proximidade do Deus universal mas até em direção a uma autêntica vida judaica – a expressar concretamente os mandamentos divinos em imagem e ideia, em canção e ação? Mas isso não é mistério para alguém cujo coração esteja profundamente em harmonia com a alma do povo judeu e que conheça sua maravilhosa natureza. A fonte desse Poder está no Poder de Deus, na eterna glória da vida.

A guerra (1910-1930)

Forças externas nos obrigam a abandonar a arena política do mundo, mas nossa retirada foi também motivada por uma concordância interior, como que querendo dizer que estávamos aguardando o advento de um tempo mais feliz, quando seria possível conduzir o governo sem crueldade e barbaridade. Esse é o dia pelo qual esperamos. Para que venha a ocorrer precisamos, obviamente, despertar todas as nossas potencialidades e utilizar todos os meios que a época nos torna disponíveis: Tudo evolui pela vontade do Criador de todos os mundos. Mas o atraso é necessário, pois nossa alma ficou desgostosa com os terríveis pecados que acompanham o domínio político em tempos ruins. Chegou o dia – está bem próximo – quando o mundo se tornará mais benigno; podemos começar a nos preparar, pois em breve nos será possível dirigir um estado próprio baseado em bondade, sabedoria, justiça e na clara Luz de Deus.

Não é apropriado a Jacó empenhar-se em vida política numa época em que a condição de Estado requer sangrenta crueldade e exige um talento para o mal. No início de nossa história concederam-nos apenas os alicerces, o mínimo necessário para estabelecer uma nação. Depois que nossa raça foi desaleitada, nossa soberania política foi destruída, e fomos dispersos entre os povos e semeados nas profundezas do solo, "até chegar o tempo de cantar, e a voz da rola for ouvida na terra".

O asseguramento da estrutura do mundo, que agora ameaça cair com as sangrentas tempestades da guerra, exige o estabelecimento da nação judaica. A construção do povo e a revelação de seu espírito são um mesmo processo; é indispensável à reconstrução do mundo abalado, que está à espera da suprema e unificadora força a ser encontrada na alma da Sagrada Congregação de Israel. A alma de Israel está repleta do espírito de Deus, do espírito do Nome, e nenhum homem que seja sensível às exigências de sua alma pode permanecer calado nessa grande hora. Ele tem de clamar aos adormecidos poderes de nosso povo: Despertem e ergam-se para cumprir sua tarefa.

A voz de Deus brada poderosamente. Seu chamado se evidencia nos recessos de nossa alma e pelos mutáveis processos da vida: Israel precisa destampar a fonte de sua vida, e plantar-se aos pés de seu caráter espiritual.

A civilização mundial está se esfacelando, o espírito humano está enfraquecido, e a escuridão envolve todas as nações.

O tempo está maduro. Luz eterna, a verdadeira Luz de Deus, a Luz do Deus de Israel, revelada por seu assombroso povo, deve se elevar ao nível da consciência. Esse conhecimento deve penetrar no âmago de nosso povo, de modo que ele reconheça a unicidade definitiva de suas próprias potencialidades e se torne consciente do Deus Que nele reside. Uma vez sabendo que Deus está dentro dele, nosso povo também saberá como haurir de sua própria fonte básica. Nossa nação é chamada a beber não de nascentes estranhas mas de suas próprias profundezas. Que ela encha seus recipientes com vontade do fundo de suas orações, com vida da nascente de sua Torá, com coragem das raízes de sua fé, com ordem da integridade de sua razão, e com heroísmo do poder de seu espírito, pois tudo que aparece sob o dossel de seus céus deriva do espírito de Deus que paira sobre o universo, do início ao fim do tempo.

Todas as civilizações do mundo serão renovadas pelo renascimento de nosso espírito. Todas as discórdias serão resolvidas, e nossa revivificação fará toda vida ficar luminosa com a alegria de um novo nascimento. Todas as religiões vestirão nova e preciosa roupa, lançando fora tudo que for sujo, abominável e impuro; elas se unirão no embeber do bálsamo das Sagradas Luzes, que foram aprontadas para toda a humanidade, no início do tempo na fonte de Israel. O ativo poder da bênção de Abraão a todos os povos do mundo se tornará evidente, e servirá de base à nossa renovada criatividade em Eretz Israel. A destruição de nosso dia é uma preparação para uma nova e singular renascença de dimensões as mais profundas.

A graça da Luz de Deus está brilhando. O nome de Deus, "Eu sou aquele que sou", é cada vez mais revelador. Testemunhemos pela grandeza de nosso Deus.

O renascimento de Israel (1910-1930)

O mundo e tudo o que ele contém está aguardando a Luz de Israel, a Enaltecida Luz que se irradia Daquele Cujo Nome há de ser louvado. Esse povo foi moldado por Deus para falar de Sua glória; foi-lhe concedida a herança da bênção de Abraão para que pudesse disseminar o conhecimento

de Deus, e foi-lhe ordenado viver sua vida separado das nações do mundo. Deus o escolheu para limpar o mundo inteiro de toda impureza e escuridão; esse povo é dotado de um tesouro oculto, a Torá, por meio da qual foram criados o Céu e a Terra.

A Luz de Israel não é um sonho utópico, nem alguma abstrata moralidade ou simplesmente um pio desejo e uma nobre visão. Não lava suas mãos do mundo material e de todos os seus valores, abandonando a carne e a sociedade e o governo para chafurdarem na impureza, e desertando as forças da natureza, que tombaram na Queda do Homem, para permanecerem em sua baixa condição. É, antes, uma elevação de toda a vida.

Nenhum povo cresceu ainda o suficiente, em mente e espírito, para ser capaz de apreciar o sagrado do universo, a alegria na grandeza de Deus, a entronização da Criação desde o início até o fim, completamente envolvida, como é o mundo, pela infinita bondade, poderosa força e perfeita pureza do Deus Único.

Todos os povos, como bem sabemos, estão sob as influências de suas variadas civilizações. Conhecemos o valor exato de cada uma; podemos estimar o quanto de luz e trevas estão misturadas em seus respectivos ideais e aspirações. No decurso de nossa história subjugamos as mais opressivas e sinistras forças do paganismo, e estamos agora empenhados em superar manifestações menores da escuridão.

Uma antiga heresia judaica, em que estava presente influência pagã, anunciou a abolição dos específicos mandamentos da Torá, enquanto arrogante e grandiloquentemente assumia valores éticos e religiosos do judaísmo. Tal escuridão provém da incapacidade da mente não-judaica de compreender o significado completo do esplendor da nobre ordem Divina, que une Céu e Terra, corpo e alma, crença e realização, imagem e ação, indivíduo e sociedade, este mundo e o mundo por vir, o início e o fim da Criação, a grandeza da eternidade e a alegria do Céu e da Terra e todas as suas hostes. Mas chegará um tempo quando até a mais baixa das profundezas do mundo será purificada de sua imundície, até o que estiver mais torto será indireitado, e até a mais leve das perversões será corrigida. Então a luz brilhará para os justos.

O mundo dos não-judeus está esfarrapado e rasgado. Em sua visão, o corpo está dividido da alma, e não há nenhum vínculo interno e identidade entre matéria e espírito, nenhuma unidade básica entre ação e ideia. No presente, antes de a Luz de Israel se tornar evidente, a doutrina do comunismo representa' a mais elevada ascensão espiritual da cultura não-judaica. Mas quão pobre é um mundo em que essa negra malignidade ergueu sua cabeça e pretende ser sua aspiração mais elevada. Que tesouro de· maldade está escondido nessa mais terrível mentira, que tem um tão perigoso brilho exterior de pureza! Quão deploráveis são as correntes espirituais saídas do mundo judaico de verdadeira santidade que fluem para esse pântano de maldade! Quanto muito mais incandescente terá de se tornar a Luz a fim de redimir os raios que caíram na escuridão! Mas eles serão redimidos, de uma vez por todas, com a redenção do Povo Sagrado.

A Redenção é contínua. A Redenção do Egito e a Redenção Final fazem parte do mesmo processo, "da poderosa mão e do braço estendido", que começou no Egito e está evidente em toda a história. Moisés e Elias pertencem ao mesmo ato de redenção; um representa seu início e o outro o seu auge de modo que juntos eles cumprem seu propósito. O espírito de Israel está afinado com o zunido do processo redentor, com as ondas sonoras de seus labores que só terminarão com o advento dos dias do Messias.

É um grave erro ser insensível à distinta unidade do espírito judeu, imaginar que a matéria Divina que singularmente caracteriza Israel é comparável ao conteúdo espiritual de todas as outras civilizações nacionais. Esse erro deu origem à tentativa de separar, no judaísmo, o elemento nacional do elemento religioso. Uma tal divisão falsificaria tanto o nosso nacionalismo quanto a nossa religião, pois cada elemento de pensamento, emoção e idealismo que esteja presente no povo judeu pertence a uma entidade indivisível, e todos juntos constituem seu caráter específico.

Mas, por errônea que seja a tentativa de dividir esses componentes indivisíveis do espírito judeu, é um erro ainda maior imaginar que tal divisão teria possibilidade de ser bem-sucedida; é, portanto, inútil travar uma amarga e mal-concebida guerra contra os que são leais a somente um aspecto do caráter judaico. Se a única barreira a separar os vários elementos espirituais presentes na congregação de Israel fosse a de que isso é proibido pela lei da Torá, então teríamos, de fato, a obrigação de a isso resistir até o fim. Mas sendo tal divisão uma impossibilidade absoluta, podemos ter a certeza de que seus protagonistas

só podem errar em teoria, mas não na prática. Não importa o que possam pensar, o elemento particular do espírito judeu que possam adotar, estando enraizado na vida total de nosso povo, tem de inevitavelmente conter todos os aspectos de seu caráter.

Nossa divergência com eles deve ser dirigida apenas à tarefa específica de demonstrar seu·erro e lhes provar que todo o esforço deles para fragmentar a unidade mais elevada de Israel está antecipadamente condenado ao fracasso. Nós que representamos a integridade da vontade e do espírito judaicos devemos reagir de um modo profundamente natural, simplesmente analisando as posições contrárias para demonstrar que qualquer elemento individual do espírito judaico não pode deixar de incluir todos os valores que os "separadores" esperam esquecer e destruir. Uma vez estabelecida essa verdade, nossos opositores acabarão tendo de compreender que estão desperdiçando esforços. Os valores que eles tentaram banir estavam, não obstante, presentes, ainda que apenas de forma atenuada e distorcida, em suas teorias, e o resultado de seus trabalhos s6 poderia ser fome espiritual, horizontes estreitados, e a perda de qualquer verdadeiro sentido de direção. Somente um caminho estará então aberto aos nossos adversários: reconhecer a verdade provada por experiência e apegar-se ao inteiro conteúdo vivo e sagrado da completamente evidente Luz de Israel. Suas almas então não serão mais torturadas por ideias nebulosas e fantasmagóricas das quais não podiam se libertar nem encontrar nelas clara iluminação do espírito. Eles então compreenderão que nacionalismo, ou religião, ou qualquer outro elemento do espírito de Israel, somente pode se realizar no contexto de uma vida judaica que seja plena, ativa e inteiramente fiel a cada matiz de sua essência.

Luzes para renascimento (1910-1930)

Nossa vida nacional, tanto intrinsecamente quanto em seu relacionamento com toda a humanidade, teve uma longa carreira. Existimos há longo tempo, e, consequentemente, temos nos expressado de várias maneiras. Somos um grande povo, e nossos erros são igualmente grandes; consequentemente, nossos infortúnios e as subsequentes consolações são ambos em vasta escala.

É um erro fundamental dar as costas à única fonte de nossa elevada condição e descartar o conceito de que somos um povo eleito. Não somos apenas diferentes, de todas as nações, postos à parte por uma experiência histórica que é única e sem paralelo, mas também somos de uma bem maior e mais elevada ordem espiritual. Para realmente nos conhecermos, precisamos estar conscientes de nossa grandeza. Do contrário, cairemos muito baixo.

Nossa alma abrange o universo inteiro, e o representa em sua mais elevada unidade. É, portanto, inteira e completa, totalmente isenta de todas as incoerências e contradições que prevalecem entre todos os outros povos. Nós somos um povo, um como a unidade do universo. Esse é o enorme potencial espiritual de nosso caráter inato, e os vários processos de nossa estrada histórica, a estrada de luz que passa entre as montanhas de trevas e perdição, nos levam a compreender a essência oculta de nossa natureza. Todos os *sine qua nons* mundanos de identidade nacional são transmudados pela abrangência total do espírito de Israel.

É impossível cortar qualquer ramo da grande e folhosa árvore de nossa vida e dar-lhe uma existência própria. Cada fibra de nosso ser iria se opor e, em total autopercepção, iríamos reagir com toda a força interior à nossa disposição. A longa estrada de nossa história tem sido determinada pela esperança de completo renascimento de nós mesmos e de tudo o que é nosso. Nada pode ser ignorado – nem uma só linha na imagem de nosso povo pode ser apagada.

Sim, somos mais fortes que todas as culturas dos séculos e mais duradouros que todas as permanências do mundo. Nosso anseio é redespertar para a vida na amplidão de nossos antepassados – e ser ainda maiores e mais dignos do que eles. Demos grandes contribuições morais ao mundo, e agora estamos prontos a nos tornarmos seu instrutor de vida alegre e vibrante. Nosso espírito não tem medo das épocas que passam; ele faz nascer essas épocas e põe nelas a sua marca. O poder de nossa criatividade é tal que ela imprime a mais sublime espiritualidade na matéria prática da vida. À medida que a vida evolui para formas mais elevadas, esse poder criativo aumenta, e seu processo de moldar o mundo em expressões tangíveis do espírito se torna cada vez mais maravilhoso de ser contemplado. E tudo isso alcançará sua mais alta realização quando nossa vida judaica estiver renascente em todos os seus aspectos.

A sociedade está hoje num estado de movimento e tumulto; mas como esta época é pobre e estultificante, e como é vasto o vazio que permanece no coração, após todas as exaltadas emoções de guerras e rumores de guerra! – pois tudo isso é destituído de propósito final e representa apenas a vida passageira de um ou outro grupo de homens. Tampouco há muito mais valor em amplas revoluções sociais, especialmente quando acompanhadas por grandes sublevações que inflamam o coração e confundem a mente. Sem um ideal espiritual definitivo que possa elevar todo o esforço do homem ao nível das mais altas formas concebíveis por razão e sublime emoção, nenhum movimento pode ter qualquer valor, nem perdurar por muito tempo.

Voltemos, porém, ao propósito Divino, que é realizar o bem geral através da perfeição de cada pessoa e grupo. Não basta exemplificar esse ideal num momento de alta emoção. Para se aproximar da condição de inteireza espiritual e ter assegurada a sobrevivência, uma sociedade precisa expressar o ideal claramente em cada aspecto de sua alma. Aquilo que está além do alcance da linguagem será dito, com toda a força, pela futura, totalmente abrangente e eterna ordem divina.

É verdade que nos dias de nosso declínio as centelhas de luz espiritual estão obscurecidas, e se acham presentes, em sua maior parte, nas lembranças incorporadas ao nosso tradicional modo de vida, e em todos os mandamentos e regras religiosas que provêm do passado e olham para o futuro. Mas elas conservam enorme vitalidade, e a poeira que a insensibilidade espiritual permitiu que nelas se acumulasse será sacudida por um movimento realmente sério de renascimento nacional. As flamejantes centelhas se tornarão visíveis; elas se unirão numa grande chama divina, aquecendo o mundo e iluminando seus mais extremos locais.

Nosso presente é apenas uma traduzi da sombra de nosso grande passado; está sempre voltado para o grandioso futuro, um futuro que é tão nobre que ilumina o presente e lhe dá dimensões de poder ativo não justificadas por sua condição real, que é a de aguardar e ansiar pelo futuro. Tudo depende do valor do passado e do futuro: alguns passados e futuros só podem dar luz e calor ao presente mais imediato, e outros são suficientemente grandes para tornar o presente, que vive pelo poder deles, uma época verdadeiramente viva e criativa. Nosso passado é um grande passado, e nosso futuro é ainda maior, conforme evidenciado por nossa busca pelos ideais de justiça que estão latentes em nossas almas. Essa

grande força inspira nosso presente e lhe dá vida plena. Da profunda extensão de nossas lembranças extraímos muitos exemplos, uma espécie particular de sabedoria e criatividade, uma visão única do mundo, *mitzvot,* tradições e costumes – tudo impregnado de conteúdo espiritual, amor e bondade, e alimento pelo orvalho de vida, heroísmo e majestade – por nossa própria bondade, nosso próprio heroísmo, e nossa própria majestade.

Excluído o alimento que recebe do revigorador orvalho da santidade de Eretz Israel, o judaísmo na Diáspora não tem verdadeiros alicerces e vive apenas pelo poder de uma visão e pela lembrança de nossa glória, isto é, pelo passado e pelo futuro. Mas há um limite ao poder de tal visão de carregar o fardo da vida e dar direção à carreira de um povo – e esse limite já parece ter sido alcançado. O judaísmo da Diáspora está portanto se desintegrando num ritmo alarmante, e para ele não há esperança a não ser que se replante junto à nascente da verdadeira vida, da inerente santidade, que só pode ser encontrada em Eretz Israel. Mesmo uma centelha dessa verdadeira vida pode reanimar grandes áreas da espécie de vida que é apenas uma sombra de uma visão. A real e orgânica santidade do judaísmo só pode se tornar evidente pelo retorno do povo à sua terra, o único caminho que pode levar ao seu renascimento. Q que quer que seja sublime em nosso espírito e nossa visão só pode viver até o ponto em que haja uma vida tangível para revigorar o fatigado sonho.

À medida que o mundo vai se tornando espiritual e o espírito do homem se desenvolve a níveis mais elevados, fica cada vez mais forte no homem a exigência para viver de acordo com sua verdadeira natureza. Esse apelo contém muita verdade e justiça, e cabe à liderança moral cuidar para que o purifique e o dirija ao canal certo. O homem cada vez mais descobre Deus dentro de si mesmo, em seus impulsos corretos; mesmo, porém, aqueles impulsos internos que superficialmente parecem se desviar do que é convencionalmente considerado o caminho verdadeiro, pode o homem elevá-los a um tão alto nível que eles, também, contribuem para o definitivo bem.

Ao despertar para a vida, a comunidade de Israel irá redescobrir sua coragem e sua dignidade. A pureza e a santidade que costumava demonstrar em submissão é mostrada cada vez mais pela coragem da alma em ações de heroísmo nacional. Esses dois estados serão como um, e, ao se unirem, o heroísmo se tornará tanto maior porque terá sido adoçado por santidade.

Há um pacto eterno que garante a toda a Casa de Israel que ela jamais se tornará completamente impura. Pode, sim, ser parcialmente corroída, mas nunca poderá ser totalmente isolada da fonte de vida divina. Muitos dos adeptos da presente revivificação nacional afirmam que são secularistas. Se um nacionalismo secular judaico fosse realmente imaginável, então estaríamos, de fato, correndo perigo de cair tão baixo que a redenção se tornaria impossível.

Mas nacionalismo secular judaico é uma forma de auto-ilusão; o espírito de Israel está tão estreitamente ligado ao espírito de Deus que um nacionalista judaico, por mais secularista que possa ser sua intenção, deve, a despeito de si mesmo, afirmar o divino. Um indivíduo pode cortar o laço que o ata à vida eterna, mas a Casa de Israel como um todo não Pode. Todas as suas mais queridas possessões nacionais sua terra, língua, história e costumes – são recipientes do espírito do Senhor.

Como devem homens de fé responder a uma época de fermentação ideológica que afirma esses valores todos em nome do nacionalismo e nega sua fonte, o enraizamento do espírito nacional, em Deus? Opor-se ao nacionalismo judaico, mesmo em discurso, e denegrir seus valores não é permissível, pois o espírito de Deus e o espírito de Israel são idênticos. O que eles têm de fazer é dedicar-se ainda mais arduamente à tarefa de revelar a luz e a santidade implícitas em nosso espírito nacional, o elemento divino que é seu núcleo. Os secularistas serão assim obrigados a compreender que estão imersos e enraizados na vida de Deus e banhados pela radiante santidade que vem de cima.

Não obstante os graves defeitos de que temos conhecimento em nossa vida em geral, e em Eretz Israel em particular, devemos sentir que estamos renascendo e que estamos mais uma vez sendo criados como no início do tempo. Toda a nossa herança espiritual está presentemente sendo absorvida em sua fonte e está reaparecendo sob um novo aspecto, muito reduzido em extensão material mas qualitativamente muito rico e viçoso e cheio de força vital. Somos chamados a um novo mundo impregnado da mais elevada luz, a uma época cuja glória ultrapassará a de todas as grandes épocas que a precederam. Nosso povo todo acredita que estamos na primeira etapa da Redenção Final. Essa profunda fé é o próprio segredo de sua existência; é o divino mistério implícito em sua experiência histórica. Essa antiga tradição sobre a Redenção dá testemunho da luz

espiritual com a qual o judeu compreende a si mesmo e todos os acontecimentos de sua história até a última geração, aquela que aguarda a Redenção que está próxima.

A reivindicação de nossa carne é grande. Precisamos de um corpo sadio. Nós nos ocupamos muito com a alma e temos negligenciado a santidade do corpo. Temos negligenciado a saúde e a destreza física, esquecendo que nossa carne é tão sagrada quanto nosso espírito. Temos dado as costas à vida física, ao desenvolvimento de nossos sentidos, e a tudo que está envolvido na tangível realidade da carne, porque fomos tomados por temores servis, e faltou-nos fé na santidade da Terra. "A fé é exemplificada pelo tratado *Zeraim (Plantas)* – o homem prova sua fé na vida eterna plantando."

Nosso retorno só será bem-sucedido se for marcado, junto com sua glória espiritual, por um retorno físico que criará carne e sangue sadios, corpos fortes e bem-formados, e um fogoso espírito encaixado em poderosos músculos. Então a alma fraca brilhará da carne forte e sacra, como um símbolo da ressurreição física dos mortos.

Berl Katzenelson (1887-1944)

Nasceu em Bobruisk, Rússia Branca, onde ainda adolescente se viu envolvido no debate doutrinário e partidário do movimento socialista. Apesar de ser um socialista ativo e militante no movimento político russo, manteve interesse pela língua hebraica e pela causa nacional judaica, adotando mais tarde as ideias sionistas. Disto resultou a sua ida para Israel em 1909. Logo se destaca como organizador de grupos operários, cujos problemas tratava pela imprensa partidária. Durante a Primeira Guerra, alista-se em uma das unidades judaicas do exército britânico. Foi um dos fundadores da corrente *Achdut Avodá* (Unidade do Trabalho), da *Histadrut* (Confederação Geral do Trabalho) e, posteriormente do *Mapai* (principal partido político de Israel durante três décadas).

O pensamento de Katzenelson propõe a síntese do socialismo e do sionismo de acordo com as lições e necessidades da realidade histórica, como instrumento doutrinário capaz de guiar a ação nacional e a reconstrução coletiva. Seus escritos estão distribuídos em 12 tomos.

Referência

GUINSBURG, J. (Org.). *O Judeu e a Modernidade,* São Paulo, Perspectiva, 1970, pp.379/381.

Berl Katzenelson[1]

Revolução e tradição (1934)

Gostamos de nos dar a denominação de rebeldes. Mas permitam-me perguntar: "Contra o que estamos nos rebelando?" É apenas contra "as tradições de nossos pais"? Se assim for, estamos chovendo no molhado. Muitos predecessores nossos fizeram justamente isso. *Nossa rebelião é também uma revolta contra muitas rebeliões que precederam a nossa.* Temos nos revelado contra a veneração dos diplomas entre a nossa intelectualidade. Temos nos rebelado contra a falta de raízes e o intermediarismo, e não só nas formas sob as quais apareceram nos mais antigos modos de vida judaicos; temos nos rebelado também contra suas versões modernas, contra o intermediarismo e a falta de raízes de alguns dos intelectuais internacionalistas e nacionalistas judeus, que achamos ainda mais repugnantes que todas as manifestações anteriores dessas enfermidades. Temos nos rebelado contra a utopia assimilacionista da mais antiga intelectualidade socialista judaica. Temos nos rebelado contra o servilismo e a pobreza cultural do Bund. Ainda nos defrontamos com a tarefa de treinar nossa juventude para se rebelar contra o "servilismo dentro da revolução" sob todas as suas formas – a começar pelos judeus que eram tão escravos da Revolução Russa que chegavam até a distribuir proclamações convocando para *pogroms* em nome da revolução; e incluindo o Partido Comunista Palestinense de nossos dias, que atua em aliança com os pogromistas de Hebron e Safed.

Há muitos que pensam em nossa revolução de um modo por demais simples e primitivo. Destrocemos inteiramente o velho mundo, queimemos todos os tesouros que acumulou durante séculos, e comecemos de novo – como bebês recém-nascidos! Há nessa abordagem audácia e força de protesto. De fato, houve muitos revolucionários que assim retratavam os dias do Messias. Mas é duvidoso se essa concepção, que começa em total inocência a renunciar à herança dos séculos e propõe construir o mundo de cima a baixo, realmente é revolucionária e progressista, ou se nela está

[1] Texto extraído de: HERTZBERG, Arthur. *The Zionist Idea: A Historical Analysis and Reader,* New York, Meridian Books, 1960. Parte VI, pp. 390/395.

implícita uma profundamente sinistra força reacionária. A História nos fala de mais de um velho mundo que foi destruído, mas o que apareceu sobre suas ruínas não foram mundos melhores e sim absoluta barbárie. Grécia e Roma pecaram atrozmente e foram destruídas por seus pecados, mas em lugar desse mundo antigo, com sua arte e criatividade, foi estabelecida uma sociedade bárbara, que é hoje uma fonte de inspiração e nostalgia para Hitler. Centenas de anos se passaram até o espírito do homem ascender um tanto além dessa barbárie – mas outro retrocesso está agora ocorrendo diante de nossos próprios olhos.

Não irei questionar o realismo dessa concepção ou sua exequibilidade. Não indagarei qual seria a linguagem do homem depois de essa "operação" destruindo a estrutura total do Velho Mundo ter sido completada. (Vem-nos à lembrança o herói tragicômico de uma estória de Gorki, que se propõe suprimir todas as suas más qualidades e consequentemente fica sem qualidades de espécie alguma.) Abordarei essa questão apenas do ponto de vista da tendência educacional envolvida.

O homem é dotado de duas faculdades – memória e esquecimento. Não podemos viver sem ambos. Se existisse apenas a memória, seríamos esmagados sob seu fardo. Nós nos tornaríamos escravos de nossas lembranças, de nossos antepassados. Nossa aparência seria então mera cópia de gerações precedentes. E se fôssemos governados inteiramente pelo esquecimento, que lugar haveria para cultura, ciência, consciência de si mesmo, vida espiritual? O arquiconservadorismo tenta nos privar de nossa faculdade de esquecer, e o pseudo-revolucionarismo encara cada lembrança do passado como o "inimigo". Mas se a humanidade não tivesse conservado a lembrança de seus grandes feitos, nobres aspirações, períodos de florescimento, tentativas heróicas e esforços de libertação, nenhum movimento revolucionário teria sido possível. A raça humana teria estagnado em eterna pobreza, ignorância e escravidão.

O revolucionarismo primitivo, que acredita que destruição implacável é a cura perfeita para todos os males sociais, lembra-nos, em muitas de suas manifestações, a criança em crescimento que demonstra seu domínio das coisas e curiosidade sobre a estrutura das mesmas quebrando seus brinquedos. Em oposição a esse revolucionarismo primitivo, deve o nosso movimento, por sua própria natureza, sustentar *o princípio do construtivismo revolucionário.* Essa visão não se conforma, de maneira

alguma, com os defeitos da ordem existente; ela vê a necessidade de uma revolução completa, mas, ao mesmo tempo, sabe que a potencialidade criativa da destruição é severamente limitada, e dirige seus esforços para a ação construtiva, a única capaz de assegurar o valor de uma revolução.

Exatamente porque reconhecemos plenamente o estado catastrófico do mundo em que vivemos, porque vemos a necessidade da mais fundamental reviravolta, porque sabemos que junto à porta de cada novo sistema social os pecados do antigo estão à espreita para entrar é que insistimos que empenhos revolucionários (que *prometem* uma nova estrutura) são destituídos de valor a não ser que sejam acompanhados de renovadas e aperfeiçoadas energias construtivas. Nosso critério de sucesso revolucionário não é a quantidade de sangue derramado (como afirma o profeta revisionista do "sionismo revolucionário") e sim suas realizações construtivas.

Nosso construtivismo revolucionário não pode se restringir apenas ao campo econômico; precisa abranger nossa vida inteira e deixar sua marca em nossa cultura e em nosso ambiente.

Os principais profetas da revolução foram homens de memória histórica que estavam enraizados em, e valorizavam, sua herança cultural. Marx adorava Shakespeare, admirava grandemente Darwin, e respeitava nosso historiador Graetz. Nenhuma verdadeira revolução é concebível sem intensa vida espiritual. Revolucionários "profissionais", que medem tudo com a régua de sua "profissão", empobrecem, o espírito do movimento. Essa é a degeneração burocrática que ameaça a revolução da mesma forma que ameaça a religião. Esses "profissionais" que entram se esgueirando e exploram o movimento revolucionário relacionam-se com os homens de princípios, com os profetas que anunciaram a revolução e a puseram em movimento de modo idêntico à maneira como os funcionários religiosos que servem aos desejos dos ricos se relacionam com Rabi Akiba e com o Rambam.

Uma geração renovadora e criativa *não* joga na lata de lixo a herança cultural de séculos. Ela examina e investiga, aceita e rejeita. Às vezes pode conservar e adicionar a uma tradição aceita. Às vezes desce em grutas em ruínas para escavar e remover a poeira daquilo que havia sido esquecido, a fim de ressuscitar velhas tradições que têm o poder de estimular o espírito

da geração renovadora. Se um povo possui algo antigo e profundo, capaz de educar o homem e treiná-lo para suas tarefas futuras, será que é verdadeiramente revolucionário desprezar e se manter afastado disso? Se a revolta de Espártaco houvesse sido preservada na memória do povo europeu, e a Igreja tivesse comemorado o "Dia de Espártaco", qual teria sido a atitude de um movimento trabalhista digno desse nome? Deveria ter desdenhado e menosprezado aquela data ou deveria tê-la redimido das mãos da Igreja e estimulado e consagrado a lembrança daquela trágica revolta?

Comemoram-se presentemente muitos dias que são artificiais, que têm uma importância passageira, ou até absolutamente nenhuma. Talvez um em mil será lembrado por muito tempo, mas o resto irá murchar após a primeira tempestade. Mas aqueles dias que se enraizaram no solo da nação e aos quais geração após geração deram de seu espírito terão um destino diferente.

O ano judaico está crivado de dias que, em profundidade de significação, não tem paralelo entre outros povos. Será que é vantajoso – será que é uma meta – para o movimento trabalhista judeu desperdiçar o valor potencial neles armazenado? Os assimilacionistas afastaram-se de nossos feriados judaicos como obstáculos no caminho de sua submersão entre a maioria porque tinham vergonha de qualquer coisa que os identificasse como um grupo distinto – mas por que devemos continuar mantendo a tradição deles? O assimilacionismo e o iluminismo burgueses, e até o socialismo judeu que seguiu na esteira deles, não se desfizeram de muitos elementos valiosos de melhora social contidos em nossa tradição? Se somos realmente socialistas-sionistas; não condiz conosco nos comportarmos como animais tolos seguindo qualquer tradição boba, só porque se diz "moderna" e não é consagrada por idade. Precisamos determinar o valor do presente e do passado com nossos próprios olhos e examiná-los do ponto de vista de nossas necessidades vitais, do ponto de vista do progresso rumo ao nosso próprio futuro.

Vejamos alguns exemplos: *Pessach.* Uma nação vem, há milhares de anos, comemorando o dia de seu êxodo da casa de servidão. Através de toda a dor da escravidão e do despotismo, da inquisição, da conversão forçada e do massacre, o povo judeu tem levado em seu coração o anseio por liberdade e tem dado a esse desejo uma expressão popular que inclui cada alma de Israel, cada alma oprimida e empobrecida! De pais para filhos, através de todas as gerações, a lembrança do êxodo do Egito tem sido

transmitida como uma experiência pessoal e por isso conservou seu brilho original. "Em cada geração todo homem tem de se encarar como se ele pessoalmente houvesse sido redimido do Egito." Não há cume mais elevado de consciência histórica, e a História – dentre todas as civilizações do mundo e em todas as épocas – não pode achar nenhum exemplo de maior fusão do indivíduo com o grupo do que o contido nesse antigo mandamento pedagógico. Não conheço nenhuma criação literária que possa evocar maior ódio à escravidão e amor à liberdade que a história da servidão e do êxodo do Egito. Não conheço nenhuma outra recordação do passado que seja tão inteiramente um símbolo de nosso presente e futuro quanto a "lembrança do êxodo do Egito".

E *Tisha b'Av.* Muitas nações são escravizadas, e muitas até sofreram o exílio. A orgulhosa Polônia, cujos refugiados viveram no exílio por apenas duas ou três gerações, padeceu imediatamente uma considerável assimilação. Massas de refugiados do poderoso povo russo foram dispersas no exterior após a Revolução de Outubro, e já estão lamentando a assimilação e a alienação cultural da geração mais jovem e apontam como exemplo a nação judaica que ainda não foi derrotada, após dois mil anos de dispersão. Sim, de fato, Israel soube como preservar do esquecimento o seu dia de luto, a data de sua perda de liberdade. Nesse dia, cada geração e cada pessoa em Israel sentiam-se como se seu próprio mundo tivesse acabado de ser destruído. Em cada aniversário ardentes lágrimas eram derramadas e cada geração expressava sua dor. A memória nacional associou com esse dia de ira muitas de suas amargas experiências, a começar com a destruição do Primeiro e Segundo Templos e passando pela expulsão da Espanha até o nosso próprio tempo, até a eclosão da Guerra Mundial. Nossa memória nacional foi capaz, com esses meios bem simples, *de fazer todas as almas judaicas no mundo inteiro sentirem intenso luto no mesmo dia e à mesma hora.* Cada órgão que ainda estivesse, de algum modo, ligado ao corpo da nação envolvia-se em tristeza, mergulhava na dor, e deixava seu coração ficar impregnado por um sentimento de ruína, servidão e exílio. Cada geração criativa acrescentava algo de próprio a esse sentimento de desgraça, dos pesarosos cânticos de Jeremias, aos da Espanha e Alemanha, e ao "Pergaminho de Fogo" de Bialik.

Conta-se de Adam Mickiewicz, o grande poeta polonês – que durante sua vida toda lastimava a submissão da Polônia e traçava planos

revolucionários para sua libertação – que em *Tisha b'Av* ele ia a uma sinagoga judaica para se juntar aos judeus em seu luto pela perda da sua terra natal. Esse não judeu compreendia o poder e a profundidade de *Tisha b'Av*.

Não estou estabelecendo regras específicas quanto à forma que nossos feriados deveriam assumir. Formas adequadas irão surgir de um sentimento vivo no coração e de um espírito reto e independente. Eu quero, entretanto, refutar a opinião que afirma: "Não devemos, certamente, esquecer *Tisha b'Av,* mas uma nação que está retomando para reconstruir seu lar agora tem de transformar o dia de luto num feriado festivo." Nossas realizações neste país podem rapidamente se multiplicar, e mesmo depois de termos atingido uma vida de dignidade, não diremos "estamos redimidos" até que todo nosso exílio tenha terminado. Enquanto Israel· estiver disperso e vítima de perseguição e ódio, de desprezo e conversão forçada, como no Iêmen na Ásia, na Argélia na África, e na Alemanha na Europa – ou menos que goze de emancipação comprada através de assimilação na França capitalista e na Rússia comunista – eu nunca esquecerei, nunca serei capaz de esquecer o dia mais terrível de nosso destino – o dia de nossa destruição.

Como se comportará nosso povo depois que seus dispersos se tiverem reunido, depois de sua· completa libertação da servidão *inclusive sua libertação da opressão de classe por classe?* Talvez comemore então esse dia com danças e canções, ou talvez deseje que cada criança nascida em liberdade e igualdade, desconhecendo a fome e a opressão material, conheça os sofrimentos de todas as gerações precedentes. Discutiremos isso quando esse dia chegar.

Martin Buber (1878-1965)

Filósofo e teólogo, nasceu em Viena e passou a infância em Lemberg com seu avô, Salomon Buber, grande estudioso do *Talmud.* Desde 1896, estudou nas Universidades de Berlim, Leipzig e Zurique, tendo sido discípulo dos filósofos Wilhelm Dilthey e Georg Simmel. Participou do movimento sionista em 1898, tornando-se delegado do Terceiro Congresso Sionista. Em 1901, Buber foi escolhido editor do semanário do órgão central do Movimento Sionista, o *Die Welt,* no qual enfatizava a necessidade de uma atividade cultural. A ênfase no cultural mais do que nas atividades políticas suscitou no Quinto Congresso Sionista a formação de uma facção sionista democrática que se opunha a Theodor Herzl. Buber, como membro dessa facção, fundou com amigos *o Juedischer Verlag,* em Berlim, no qual publicava livros de natureza literária.

Aos 26 anos iniciou seus estudos do hassidismo. Num primeiro momento, seu interesse foi puramente estético. Depois, tentando traduzir os contos do Rabbi Nachman de Brastlav na Alemanha, decide recontá-los em alemão na forma de uma livre adaptação. Disso originaram-se *Die Geschkhten des Rabbi Nachman* e *Die Legende des Baal-Schem.* Seu interesse, então, desloca-se do aspecto estético para o conteúdo do hassidismo. Profundamente tocado pela mensagem religiosa do hassidismo, considerava seu dever difundir a mensagem hassídica para o mundo. Entre os livros que Buber escreveu sobre hassidismo encontram-se: *For the Sake of Heaven* (1941), *Hassidismo e o Homem Moderno* (1945) e *The Origin and Meaning of Hassidism* (1960).

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, Buber fundou em Berlim o Comitê Nacional Judaico, que trabalhou durante toda a guerra em defesa dos judeus dos países da Europa do Leste sob ocupação alemã e em defesa dos judeus da comunidade judaica da Palestina. Em 1916, fundou o *Der Jude,* que por oito anos foi o mais importante órgão do movimento do renascimento judaico na Europa Central. A partir daí, Buber define a sua posição sionista socialista e sua adesão ao socialismo utópico, onde assume sua afinidade com Gustav Landauer. Nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, Buber tornou-se porta-voz do que chamou "Humanismo Hebreu", para o qual o sionismo era um caminho sagrado mais do que apenas um movimento nacionalista.

Em 1923, publicou *Ich und Du (Eu e Tu),* que contém a formulação básica de sua filosofia do diálogo. Traduziu junto com Franz Rosenzweig a Bíblia para o alemão, tentando preservar o caráter original da Bíblia hebraica.

E 1930, foi apontado professor de religião na Universidade de Frankfurt; em 1933, teve que deixar a Universidade com a chegada dos nazistas ao poder. Em 1932, Buber publicou sua *Koeningtum Gottes,* que trata das origens da crença messiânica no judaísmo (este trabalho nunca foi terminado). Em 1933, foi convidado para chefiar o *Juedisches Lehrhaus* em Frankfurt. Em 1938, vai para a Palestina e é nomeado professor de Filosofia Social na Universidade Hebraica até 1951. Em 1942, publicou seu primeiro livro em língua hebraica, *Torah Ha-Neviim (The Profetic Faith,* 1949). No livro *Moses,* Buber demonstra a sua tentativa de buscar o significado essencial da Bíblia.

Tornou-se conhecido no mundo como um dos grandes líderes espirituais de sua geração, provocando um profundo impacto nos pensadores judeus e cristãos.

Referência

Enciclopaedia Judaica, New York, The Macmillan Company, 1972, vol. IV, p. 1429.

Martin Buber[1]

A missão de Israel e Sion

Parece-me justificada a discordância de Ben-Gurion com a opinião expressa por Ezekiel Kaufmann de que o monoteísmo é o aspecto diferenciador que separa Israel de todas as demais nações. Não se justifica, porém, que sustente a tese de que a combinação de religião com ética distingue Israel de todas as outras nações.

O monoteísmo, essa visão religiosa que afirma que existe somente um Deus, desenvolveu-se entre vários povos, se bem que em diversos graus de intensidade e ênfase, e não há necessidade de presumir que um povo tomou emprestada a ideia de outro. Mas a combinação de religião e ética também é encontrada, por exemplo, nos primitivos ensinamentos da índia e da Pérsia. O que é peculiar a Israel é a exigência de que o povo submeta toda a sua vida, inclusive sua atividade política e social, à vontade de Deus, como o verdadeiro Rei. Temos aqui não uma combinação de religião e ética e sim uma unidade completa, que impregna tudo. O que distingue o monoteísmo do judaísmo de todos os outros monoteísmos é a totalmente abrangente subserviência ao Soberano divino, estendendo-se, sem exceção, a todas as áreas da vida nacional. É vontade desse Deus que o mundo humano reconheça sua soberania livre e efetivamente. E de Israel Ele exige que comece a dar expressão exemplar ao Seu reino submetendo toda a sua vida social ao Seu domínio, o que significa a realização de justiça e verdade em seus relacionamentos nacionais tanto internos quanto externos, e na conduta privada do indivíduo em Israel, especialmente em seu comportamento como um membro da sociedade um cidadão do Estado.

Essa aspiração e a ordem social que ela visa não podem ser qualificadas de teocracia no sentido habitual do termo, que, conforme é bem sabido, tem sua origem em Josefo e se refere à hegemonia da classe sacerdotal. A teocracia bíblica apareceu sob duas formas: a primeira foi o governo primitivo, conforme descrito no Livro dos juízes, segundo o qual naqueles dias de antigamente, em tempos de crise, homens possuídos pelo

[1] Texto extraído de: BUBER, Martin. *In Israel & The World: Essays in a Time of Crisis*, New York, Schoken Books, 1976, pp. 258/263.

espírito proferiam julgamentos em nome de Deus, o soberano único; a segunda, à forma histórica, cuja essência achou expressão no fato de os profetas ungirem os reis para serem representantes de Deus, e na repetida exigência dos profetas de que os reis cumprissem a obrigação a eles imposta ao tempo da unção, a obrigação de incorporar os divinos ideais de justiça e verdade na vida social e política do povo. Esses profetas são homens destituídos de qualquer poder político e somente capazes de protestar: assim eles se põem diante dos governantes e protestam em nome do Deus deles, e em Seu nome eles confrontam os governantes com a decisiva escolha.

É verdade que outros povos do antigo Oriente também acreditavam ser o rei responsável por seus atos perante "seu pai", o Deus que o adotara e lhe dera domínio. Essa relação de responsabilidade, porém, só era expressa de forma simbólica. Sabemos, por exemplo, que na Babilônia o sumo sacerdote abordava o rei no dia de Ano-Novo e o esbofeteava, e imediatamente após esse ritual tudo voltava à situação anterior e o rei continuava a agir como antes. Na religião bíblica, contudo, não se achará nenhum rito simbólico realizado em relação aos reis além do solitário rito da unção. Assim, "por suas iniquidades", pelas iniquidades do rei, chamado de o "filho de Deus" (II Samuel 7, 14), Deus ordena-lhe ser castigado "com varas de homens", e isso é realmente feito; e os profetas vêm como mensageiros do Céu e o censuram por trair sua missão e profetizam que calamidades irão recair sobre ele e seu povo se ele não se emendar e não cumprir as obrigações assumidas ao ser ungido. Essa missão era executada ao risco de suas vidas. Esse é o transcendental realismo que distingue a fé de Israel: não há espaço aqui para símbolos vazios.

O que exatamente os profetas censuravam quando encaravam os governantes? Reprovavam os meios que eles usavam para chegar ao seu objetivo final, em relação ao que os profetas não divergiam – a glória de Israel. Esses meios contradiziam os fins, e um dos não-expressos princípios da profecia é que os fins não justificam os meios. E se a natureza dos meios está em contradição com a natureza do fim, eles o profanam, o envenenam e o tornam uma coisa de horror.

Ben-Gurion está certo ao afirmar que a juventude em Israel está muito interessada em certas partes da Bíblia, especialmente nas histórias sobre a conquista do território, nas histórias sobre os reis-heróis, e também

em algumas palavras dos profetas. Mas de modo algum devem os profetas ser considerados separadamente de sua missão histórica que os enviou àqueles homens que haviam tomado as rédeas do poder, a fim de convocá-los a serem julgados por seu Deus que provisoriamente os fizera reis.

Ben-Gurion vê corretamente na visão messiânica a segunda pedra fundamental do judaísmo vivo. Mas também isso necessita maior solidez. Não basta colocar "a redenção de Israel" lado a lado com "a redenção da raça humana". A mensagem messiânica é única na exigência que Deus faz às nações de homens para que realizem Seu reino e desse modo tomem parte da redenção do inundo. A mensagem aplica-se especialmente a Israel e exige deste que faça um início exemplar no verdadeiro trabalho de realização, que seja uma nação a estabelecer justiça e verdade em suas atividades e instituições. Consequentemente, Isaías não somente apela aos não-judeus que acorram ao Monte Sion e lá recebam a segunda Torá, a universal; ele complementa isso com sua convocação à Casa de Jacó para caminhar diante deles na luz do Senhor.

Assim como o monoteísmo de Israel diferia dos outros em que, segundo ele, o povo devia viver sua vida toda como um grande serviço a Deus, assim também as notícias de redenção diferiam em Israel de todas as outras por convocarem o povo a começar a desempenhar a sua parte para pôr essa ideia em prática. Não temos aqui somente pensamentos e visões e sim exigências reais de cujo cumprimento depende o destino do povo. Tais exigências não são dirigidas somente às gerações a que foram primeiramente apresentadas mas a todas as gerações, e especialmente à nossa, a primeira geração após dois mil anos que tem o pré-requisito para cumprir sua tarefa, isto é, a independência de um forte núcleo. Isso dá à nossa geração, finalmente, o poder de determinar por si mesma, em grande parte, suas instituições, seus modos de vida e suas relações com outras nações.

Por trás de tudo que Ben-Gurion tem dito sobre esse assunto, está, me parece, a vontade de tornar supremo o fator político. É ele um dos proponentes daquela espécie de secularização que cultiva seus "pensamentos" e "visões" tão diligentemente que impede os homens de ouvirem a voz do Deus vivo. Essa secularização assume a forma de uma exagerada "politização". Essa "politização" da vida atinge aqui o próprio espírito. O espírito com todos os seus pensamentos e visões declina e se

torna uma função da política. Esse fenômeno, que presentemente é supremo no mundo inteiro, tem raízes muito antigas. Diz-se que até mesmo alguns reis de Israel chegaram ao ponto de empregar falsos profetas cujo profetizar era meramente uma função da política estatal.

Estreitamente ligado a tudo que venho dizendo é o problema do sionismo em nossos dias. Ben-Gurion afirma que ele não possui mais um conteúdo real ou positivo e que aos olhos da geração israelense, em cujo nome ele fala, tornou-se um anacronismo ideológico. O sionismo, argumenta ele, significa um anseio por Sion; e como esse anseio já alcançou sua meta, não há mais razão alguma para o mesmo. Mas aqueles que inscreveram o nome Sion em sua bandeira; denominando-se inicialmente Amantes de Sion e depois sionistas, não tinham em mente algo que existiu e que só precisava ser recuperado. Ainda me lembro o que esse círculo de jovens sionistas ao qual pertenci há uns sessenta anos queria dizer com essa denominação. Se nos tivessem perguntado: "Estão se esforçando por um país de judeus em Israel?", teríamos respondido: "Estamos nos esforçando por Sion e a fim de estabelecer Sion desejamos independência para nosso povo em nosso país." Mesmo hoje há muitos sionistas que compartilham desse sentimento, e não só entre os mais velhos; eu mesmo conheço vários que vieram a este país e que continuam a sonhar esse sonho que ainda não foi realizado, o sonho de Sion. Eles esperam, de todo o coração, que este país, conforme é, seja o primeiro passo na direção de Sion. Esse quase-sionismo· que se esforça apenas por um país alcançou seu propósito. Mas o verdadeiro sionismo, o amor a Sion, o desejo de estabelecer algo como "a cidade de um grande rei" (Salmos 48, 3), de "o rei" (Isaías 6, 5), é uma coisa viva e duradoura. Venham, despertemos esse sionismo nos corações que nunca o sentiram, tanto na Diáspora quanto aqui. Pois aqui neste país também precisamos de um movimento que se esforce por Sion, aspirando ao aparecimento de Sion reconstruído a partir dos materiais à nossa disposição. Precisamos de "sionistas de Sion", aqui e no exterior.

O que Ben-Gurion disse sobre a atual geração israelense é indubitavelmente verdade quanto à sua maioria. Uma impressionante e ao mesmo tempo compreensível mudança tomou conta de nós, bem como do mundo inteiro, em nossos dias: após uma geração que, embora tivesse realizado grandes feitos, foi incapaz de fazer frente à catástrofe, veio outra geração que se apega à execução prática de grandes ideias – a execução que

ocorreu em nosso tempo em grande ou pequena escala (e certamente o que foi feito por nós não foi· de modo algum pequeno). Os membros dessa geração, seja aberta ou secretamente em seus corações, desconfiam de ideias como ideias e só depositam confiança na realidade tangível. Será desejável advogar tal ênfase no material, que ameaça engolir as ideias que ainda estão vivas, ou é nosso dever reprimir essa tendência?

E agora Ben-Gurion nos diz que o pensamento sionista está morto mas que a ideia messiânica está viva e viverá até o advento do Messias. E eu lhe respondo com a pergunta: "Em quantos corações desta geração em nosso país a ideia messiânica vive numa forma que não seja a estreita forma nacionalista que se limita à Reunião dos Exilados?" Uma ideia messiânica sem o anseio pela redenção da humanidade e sem o desejo de tomar parte em sua realização não é mais idêntica às visões messiânicas dos profetas de Israel, e tampouco pode aquela missão profética ser identificada com um ideal messiânico esvaziado da crença no advento do reino de Deus.

Mordecai Menahem Kaplan (1881-1983)

Nasceu na Lituânia e emigrou ainda criança para os EUA. Recebeu sua educação secular na Universidade de Columbia e sua formação rabínica no *Jewish Theological Seminary of America,* do Movimento Conservador. Torna-se importante professor no Instituto do Seminário Rabínico e um dos líderes espirituais e comunitários dos judeus americanos. Aos poucos rompe com a orientação mais conservadora da comunidade religiosa, tornando-se cada vez mais liberal-progressista, e acaba por fundar a *Society for the Advancement of Judaism* em 1922. Sua trajetória, quer como escritor quer como leitor, se pautou a serviço da renovação do judaísmo no contexto da sociedade americana. Fundador do Movimento Reconstrucionista, do qual fala em seu livro *Judaism as a Civilization* (1934). Seu programa reconstrucionista se caracteriza pela crítica à ortodoxia e ao conservadorismo dos círculos judaicos e propõe a sobrevivência criativa do judaísmo na realidade intelectual, política e social do século XX.

Sua obra baseia-se na psicologia social, no pragmatismo filosófico, no naturalismo religioso e no sionismo cultural.

Mordecai Menahem Kaplan[1]

O futuro do judeu-americano

Não obstante a tendência em certos setores de considerar ideias como simples subprodutos da ação recíproca entre cegas forças sociais e econômicas, e de encarar a razão como mera racionalização de instintivos desejos e paixões, nós judeus devemos insistir num pensamento claro e direto como algo indispensável. Precisamos nos esforçar para superar a inércia que nos mantém acorrentados a um mundo de pensamentos inteiramente estranho ao espírito moderno. Há tanta diferença entre nosso universo de discurso e aquele em que nossos pais viviam antes da Emancipação como entre a moderna imagem mental do universo físico e a que prevalecia até Copérnico provar que a Terra se move em torno do sol. Assim como, em tempos antigos, os homens pensavam que a Terra era o centro do universo, e que seus próprios lares, sendo por todos os lados equidistantes do horizonte, eram o centro da Terra, assim também nossos pais, em tempos pré-modernos, encaravam o' drama da vida humana como esgotando todo o significado da criação e o povo judeu como o herói desse drama, com todas as outras nações sendo apenas o elenco secundário.

A ideia de Israel como Povo Eleito deve, portanto, ser entendida como pertencendo a um mundo de pensamentos que não mais habitamos. Ajusta-se a um conjunto de ideias que, em seu tempo, eram bastante coerentes e racionais. Mas não pode mais nos ajudar a compreender relações ou nos orientar para condições conforme existem hoje. A própria noção de que um povo possa, para sempre, ser o eleito de Deus implica uma concepção épica ou dramática da História, uma História predeterminada na forma e no objetivo. Atualmente, qualquer povo qualificar-se de “eleito” é ser culpado de auto-adoração. É paradoxal, para o povo judeu, ser coletivamente culpado de auto-adoração quando individualmente tantos

[1] Textos extraídos de: PLAUT, Gunter (Org.). *The Growth of Reform Judaism,* New York, World Union for Progressive Judaism, 1965, pp. 176/179; MENDES-FLOHR, P. & REINHARZ, J. (Eds.). *The Jew in the Modern World,* Oxford, Oxford University Press, 1980, Cap.IX, pp. 396/399; e WAXMAN, Mordecai. *Tradition and Change: The Development of Conservative Judaism,* New York, The Burning Bush Press, 1958, pp.473/477.

judeus são culpados de ódio a si próprios. A atitude cética do judeu médio em relação à doutrina do Povo Eleito pode ser percebida na maneira popular iídiche de apresentar a clássica frase “Escolheste-nos dentre todos os povos”. Essa maneira iídiche é *“Vos hostu gevolt hoben fun die Yiden?”* – “O que quiseste dos judeus?”

A Emancipação solapou o status dos judeus como nação. Iluminismo ou racionalismo solaparam o status dos judeus como uma *kenesset* ou uma *ecclesia.* A base tradicional para a crença de que Israel era o Povo Eleito de Deus era a suposição de que os miraculosos eventos registrados na Torá em relação aos Patriarcas e seus descendentes no Egito representavam verdade factual. Desses eventos miraculosos o mais significativo era, de longe, a auto-revelação de Deus a Israel no Monte Sinai. Era tão inconcebível questionar a veracidade daqueles eventos quanto questionar a realidade do próprio corpo. Sob tais circunstâncias, não havia possibilidade de os judeus não se considerarem o mais privilegiado de todos os povos. Tais circunstâncias, contudo, não prevalecem mais entre a maioria dos homens e mulheres de mentalidade moderna. O judeu de mentalidade moderna só pode considerar os miraculosos eventos registrados na Torá e no resto da Bíblia como lendários. Ele, consequentemente, não pode aceitá-los como prova da tradicional doutrina judaica de que Israel é o Povo Eleito de Deus.

O lugar anteriormente ocupado na consciência judaica pela doutrina da eleição terá de ser preenchido pela doutrina da vocação. Todo o curso da história judaica tem sido tão dominado por motivação religiosa que os judeus não podem ser leais a si mesmos, como povo, sem salientar o caráter religioso do judaísmo. A religião judaica faria a civilização judaica contribuir para uma elevação não só· da vida judaica mas também da vida da humanidade, ajudando assim a tornar evidente o propósito cósmico da vida humana. A “religião judaica espera que o judeu viva a civilização de seu povo num espírito de compromisso e dedicação. Viver assim é viver com um senso de vocação ou chamado, sem nos envolvermos em qualquer das hostis distinções implícitas na doutrina da eleição, e no entanto preenchendo as legítimas necessidades espirituais que a doutrina procurava satisfazer.

Presume-se geralmente que a ideia de “vocação” é uma ideia cristã, especialmente uma ideia protestante. Na realidade, essa ideia não é menos judaica do que cristã. Assim lemos no *Talmud:* “Um dito familiar na boca

dos Sábios de Iavné era este: ‘Eu (que estudo a Torá) sou uma criatura (de Deus); meu trabalho é na cidade, o dele no campo; eu levanto cedo para o meu trabalho, ele levanta cedo para o trabalho dele. Assim como ele não pode se sobressair em meu trabalho, eu não posso me sobressair no dele.’ Talvez direis: eu faço muito e ele faz pouco (pela Torá): mas nós temos aprendido que ‘aquele que oferece muito e aquele que oferece pouco são iguais, desde que ambos dirijam seu coração ao Céu’.” O judaísmo deve ampliar o significado da vocação para incluir tanto nações quanto indivíduos. Nenhuma nação é escolhida, ou eleita, ou superior a qualquer outra, mas todas elas devem descobrir sua vocação ou chamado, como fonte de experiência religiosa, e como um meio de salvação para os que compartilham de sua vida.

Tem sido sugerido que para um indivíduo sentir a presença de Deus em sua vida como um chamado divino, ele precisa atender às seguintes condições: tem de estar empenhado em realizar um trabalho necessário, trabalho que põe em prática o melhor de seus poderes e estimula o desenvolvimento dos mesmos, e finalmente, que lhe possibilite contribuir com sua parcela para o bem-estar da humanidade. Se os judeus desejam sentir um senso de vocação, tudo o que precisam fazer e se dedicar àquelas tarefas que com mais probabilidade atenderiam, para o povo judeu, às três exigências precedentes.

Se nós judeus aceitássemos isso, ou algum programa semelhante, como nossa vocação, não teríamos necessidade de ter nosso moral sustentado por anacronismos espirituais tais como louvar Deus “por não nos ter feito como as outras nações”. Em vez disso, acharíamos nosso chamado como povo tão absorvente, tão satisfatório e tão emocionante que teríamos todas as razões do mundo para agradecer a Deus por ter manifestado Seu amor a nós, como o faz a todos os homens e nações que encontraram sua verdadeira vocação, e por nos ter tornado dignos de sermos identificados com Seu grande e santo nome.

A reconstrução do judaísmo[2]

Em primeiro lugar, estamos intensamente desejosos de ter o judaísmo desempenhando um papel importante na vida espiritual da humanidade, e, consequentemente, nos recusamos a encarar calmamente a angustiosa situação em que o judaísmo se encontra hoje. Não somos enganados pelos poucos sinais esporádicos de atividade e de interesse por coisas judaicas, pois sabemos muito bem que representam nada mais que o impulso da vida judaica no passado. Se uma nova sinagoga é fundada, seus organizadores não são homens nascidos e criados num ambiente americano, e sim os que imigraram para este país vindos da Europa Oriental. Se, como resultado de ingentes esforços, surgem umas poucas organizações estudantis em algumas de nossas universidades, em nove de dez casos a iniciativa é tomada por nascidos no estrangeiro, ou por aqueles que foram criados nos guetos judaicos de nossas maiores cidades. O judaísmo nos Estados Unidos não deu o menor sinal de ser capaz de se perpetuar. Pouquíssimos se há algum – lares judaicos americanos produziram rabinos, ou professores de religião, ou líderes comunitários. Nossa pobreza espiritual é tão grande que não temos, neste país, um único estabelecimento tipográfico para a publicação de livros que são essenciais à preservação do judaísmo. Não temos uma só edição original do tradicional livro de orações, isso para não falar da Bíblia ou da literatura pós-bíblica. Esses e muitos outros fatos semelhantes provam que o judaísmo, sob condições democráticas tais como as que prevalecem neste país, não foi até agora capaz de desenvolver aquela vitalidade que poderia dotá-lo de poder criativo e torná-lo capaz de esforço sustentado e adaptabilidade (...).

Em segundo lugar, concordamos que a salvação do judaísmo não pode vir nem da Ortodoxia nem da Reforma. A Ortodoxia está totalmente em desacordo com a marcha do pensamento humano. Não tem qualquer consideração pela visão de mundo da mente contemporânea. Nada pode ser mais repugnante ao homem pensante de hoje do que a doutrina fundamental da Ortodoxia, que é a de que a tradição é infalível. Tal infalibilidade poderia ser acreditada enquanto a mente humana pensasse em Deus e na Revelação em termos semimitológicos (...).

[2] Fonte: Mordecai M. Kaplan, "Um Programa para a Reconstrução do Judaísmo', *The Menorah Journal,* 6 (4 de agosto de 1920), pp. 181-93.

Nossa divergência com o judaísmo reformista é ainda mais acentuada do que a discordância quanto à Ortodoxia. Se nos conformamos em suportar muita coisa da Ortodoxia que não aprovamos, é para que não nos classifiquem com os "reformistas". A razão para essa nossa atitude em relação à Reforma é que somos enfaticamente contrários à negação do judaísmo. Os princípios e práticas do judaísmo reformista, a nosso ver, contribuem inevitavelmente para o completo desaparecimento da vida judaica. O judaísmo reformista representa, para nós, um rompimento absoluto com o judaísmo do passado (...).

O terceiro ponto sobre o qual concordamos, e que portanto nos dá razão para acreditar que possamos chegar a conclusões aceitáveis para todos nós, é o fato de sermos sionistas. Nós não só compartilhamos da aspiração de ver Israel restituído à sua pátria, como também apoiamos o princípio de que tal aspiração é sinônimo de revivescimento do judaísmo. O próprio ato de traduzir o anseio por restauração em esforço prático abriu-nos uma nova vista de pensamento judaico. Ajudou-nos a descobrir a realidade da alma e da consciência judaicas por trás do sistema de crenças e práticas identificado como judaísmo. Se professamos um sionismo que é mais do que meramente político, devemo-lo em grande parte a Ahad Ha-Am, que foi o primeiro a expressar claramente a significação espiritual do movimento sionista. Embora praticamente nada houvesse sido feito para desenvolver as implicações mais amplas dessa visão mais profunda do sionismo, há uma larga base para cooperação na convicção comum a todos nós de que o destino do judaísmo está ligado ao sucesso do sionismo (...).

Em vista do fato de que as existentes congregações e organizações rabínicas parecem estar insensíveis ao perigo que ameaça o judaísmo, e passam a maior parte de seu tempo ou aperfeiçoando sua maquinaria ou ouvindo discursos de calmantes banalidades, é imperativo que, separadamente daquelas organizações, se faça imediatamente algo para sustar o iminente desastre para nossa religião (...).

Pondo-nos a trabalhar num programa para a reconstrução do judaísmo devemos ter o cuidado de não errar no cálculo da tarefa que está à nossa frente. A não ser que estejamos preparados para ir até as raízes dos males espirituais na vida judaica, seria melhor nem começar. Não devemos ser como os médicos que se satisfazem em tratar os sintomas de uma doença em vez de atacar a causa, e que, em lugar de sugerir um remédio de

verdade, recomendam algum medicamento patenteado ou um encantamento. A verdadeira questão não é como ajustar nosso ritual às exigências da vida moderna, e sim como tornar o nosso povo suficientemente interessado em religião para querer um ritual. Se não estamos preparados para fazer pelo judaísmo muito mais do que revisar o livro de orações, devemos deixar este em paz. Defrontamo-nos com um problema que é nada menos do que transformar a mente e o coração do povo judeu. A não ser que suas ideias mitológicas a respeito de Deus cedam lugar à concepção de divindade inerente às atividades do espírito humano, que sua visão estática de autoridade ceda lugar ao dinâmico sem sucumbir por ilegalidade individualista, e que seja capaz de desenvolver um senso de história sem, ao mesmo tempo, ser um escravo do passado, o povo judeu nada mais terá a contribuir para a civilização (...).

A adoção do ponto de vista social é um pré-requisito indispensável para uma revisão completa da crença e da prática judaicas. Esse ponto de vista nos possibilitará deslocar o centro de interesse espiritual do domínio de dogmas abstratos e tradicionais códigos de leis para a pulsante vida de Israel. Compreenderemos então que nosso problema não é sustentar crenças e manter leis, e sim possibilitar ao povo judeu funcionar como um organismo social altamente desenvolvido e preencher os poderes espirituais nele latentes. Não cabe aqui discorrer sobre a maneira como a abordagem social do judaísmo iria revitalizar as ideias fundamentais da religião (...).

Na realidade, nossa adesão ao movimento sionista já preparou o caminho para uma aceitação comum do ponto de vista social no judaísmo, pois o problema principal do movimento sionista é como o povo judeu irá viver. Como sionistas, o problema do judaísmo para nós é simplesmente o problema da vida espiritual do povo judeu, e não um problema de abstratos credos e leis (...).

Em vista dessas considerações, acredito que um programa para a reconstrução do judaísmo deveria incluir os três itens seguintes: (1) A interpretação da tradição judaica em termos do pensamento atual. (2) O incentivo à solidariedade social do povo judeu através da construção da Palestina e o estabelecimento de *Kehilás* e centros comunitários na Diáspora. (3) A formulação de um código de práticas judaicas de modo que todo judeu possa saber claramente o que constitui lealdade ao judaísmo.

Conquanto todas essas atividades devam ser instituídas tão logo seja possível, a ordem em que são mencionadas representa o grau de ênfase a ser posta sobre cada uma na época presente. Assim, qualquer tentativa em ampla escala para mudar o ritual seria agora mesmo inteiramente prematura, antes de nos termos firmemente alicerçado nessa visão mais nova da religião e judaísmo, e de termos desenvolvido pelo menos algumas das mais importantes implicações dessa visão. Mesmo então, porém, acredito que a maior parte da energia e do tempo à nossa disposição terá de ser dedicada ao que se poderia qualificar de uma campanha educativa para popularizar a abordagem social do judaísmo.

A consecução de nosso propósito será facilitada se nossas atividades iniciais nos associarem na mente do povo com uma nova escola de pensamento no judaísmo, e não como uma nova espécie de Reforma. Se, por exemplo, apresentarmos uma concepção nova e revitalizada da obrigação judaica para com o Talmud Torá, em seu sentido mais abrangente, haverá menos probabilidade de sermos mal compreendidos. Devemos reconhecer que é importante não só agir certo mas também parecer certo. Embora não queiramos atrasar indevidamente a adoção de alterações muito necessárias em nossas práticas cerimoniais, devemos, por todos os meios, evitar uma deformação de questões tal como a que é responsável por fazer da questão de usar ou não usar o chapéu a principal linha de separação entre tipos diametralmente opostos de vida judaica. Seríamos sem dúvida salvos de tal destino se nossos primeiros esforços visassem a reintegrar o estudo judaico como uma obrigação religiosa da qual nenhum judeu, velho ou moço, deveria estar isento (...).

A segunda linha de atividade, que deveria consistir de esforços para fortalecer a solidariedade social do povo judeu por toda a Diáspora, requer de nossa parte tanta atenção quanto o trabalho de transformar a mente do povo judeu. Não há, presentemente, nenhum grupo judaico organizado que esteja capacitado para fomentar a vida comunitária judaica na Diáspora. Tanto os judeus ortodoxos quanto os reformistas têm uma tendência para concentrar todos os seus esforços em um aspecto limitado da vida judaica, uns sobre um serviço apropriado: os outros sobre uma refeição *kosher*. Os sionistas radicais, que consideram impossível uma vida espiritual fora da Palestina, certamente não têm paciência com qualquer tentativa de pôr ordem no caos existente na vida comunitária da Diáspora. A própria

existência desse caos, acreditam eles, constituirá um incentivo adicional àqueles que são intensamente judaicos para emigrarem à Palestina. Eles, consequentemente, nada fariam para melhorar o *status* da vida comunitária judaica. Nesse ínterim, surgiu à frente uma classe por demais ansiosa para assumir o controle das questões comunitárias judaicas a fim de afastá-las do judaísmo. Refiro-me à classe dos filantropos judeus que estão decididos a matar o judaísmo pela caridade. Estão prontos a dar assistência ao judeu onde quer que ele esteja em dificuldades, a curá-lo em sua doença, a prestar-lhe socorro se estiver necessitado, a proporcionar a seus filhos facilidades sociais e diversões decentes, e, se necessário, distribuí-lo pelos quatro cantos do mundo. Mas eles sistematicamente se opõem a qualquer coisa e a tudo que possa fortalecer a consciência judaica ou promover solidariedade judaica. A política deles fez existir um novo tipo de questão social cujo principal problema é como administrar um anestésico ao povo judeu, de modo a tornar sua morte indolor. Se, aqui e ali, for encontrado um assistente social que se recuse a contribuir para essa solução do problema, não lhe será fácil justificar-se perante sua diretoria.

Deve ser o objetivo de um movimento como o nosso cuidar para que o controle das instituições judaicas passe às mãos daqueles que acreditam no judaísmo e no futuro judaico. Há, obviamente, nessa segunda linha de atividade muito mais do que simplesmente aperfeiçoar a maquinaria de organização. À organização judaica na Diáspora deve ser dada uma filosofia, de modo a salvá-la de incompreensões tanto por parte de judeus quanto por parte de não-judeus. Muito trabalho educacional terá de ser feito para ensinar o nosso povo a criar instituições que favoreçam objetivos judaicos. Quanta energia mal dirigida teria sido evitada se aos que construíram sinagogas houvesse sido mostrado que o futuro de muitas congregações ficou comprometido pelo fracasso em proporcionar facilidades sociais e recreativas na própria sinagoga. A relação de vida social e recreativa com desenvolvimento espiritual só se tornou evidente em anos recentes, e a verdade a isso referente precisa de ampla difusão, a fim de que nosso povo não repita os erros cometidos nas várias instituições judaicas – religiosas, filantrópicas e educacionais – que foram estabelecidas (...).

Um novo sionismo[3]

Precisamos de um novo tipo de sionismo, um sionismo que vivifique a sinagoga, motive interesse por Israel e contribua para o crescimento de uma civilização que seja religiosamente judaica, sem ser teocrática ou clerical.

O novo sionismo deve ter como finalidade a redenção do povo judeu e a regeneração de seu espírito. Para alcançar tais propósitos, o novo sionismo tem de se basear em uma compreensão adequada do que possibilitou ao judaísmo mundial sobreviver até os dias de hoje, e em um diagnóstico correto do enfraquecimento da vontade de sobrevivência judaica em anos recentes.

A razão pela qual os judeus, como povo, conseguiram sobreviver aos seus mais cruéis perseguidores é que o clima de opinião que prevaleceu no passado não era nada menos do que aquele que eles, os próprios judeus, haviam gerado através de sua civilização religiosa. Os seus perseguidores, fossem eles cristãos ou muçulmanos, tiraram toda a sua perspectiva de vida, suas ideias de Deus, do mundo, da natureza e do destino humanos quase que inteiramente da tradição judaica. Esse fato foi suficiente para convencer os judeus de que longe de estarem descompassados com a realidade, eles eram, de fato, seus mais verdadeiros expoentes. Só isso bastava para manter vivo seu senso de superioridade que baixou a um mínimo o potencial assimilatório de seu ambiente.

Dessa posição de segurança interna, independentemente do que acontecia lá fora, nosso povo foi subitamente lançado, há aproximadamente um século e meio, num clima de opinião que lhe era inteiramente estranho. E desde então sua autoconfiança foi substituída por autoquestionamento, e seu senso de orgulho por um senso de inferioridade. Não é, pois, de admirar que o potencial assimilatório do ambiente tenha aumentado rapidamente. O caso do povo judeu veio a ser o de um animal marinho subitamente lançado à terra por um terremoto. A não ser que possa se metamorfosear, e desenvolver os órgãos essenciais à vida no novo ambiente, não poderá sobreviver.

[3] Seleções de um discurso proferido perante a Convenção de 1954 da Rabbinical Assembly of America.

A não ser que o povo judeu desenvolva atitudes de mente e espírito que o tornem apto a sobreviver na atmosfera contemporânea de cientificismo, nacionalismo e socialismo deste mundo, estará destinado a sucumbir. Não tendo ainda alcançado aquelas atitudes de mente e espírito, os judeus desconfiam que o povo judeu se tornou um anacronismo. Essa dúvida de si mesmo, que por vezes degenera em ódio a si mesmo, está solapando a vontade de sobrevivência judaica.

A metamorfose pela qual nós judeus temos de passar envolve a reconstrução da condição de povo dos judeus, a recuperação de Eretz Israel, e o reabastecimento da Torá. Devem ser esses, de agora em diante, os principais objetivos no novo sionismo. Embora esses objetivos precisem ter suas raízes no judaísmo histórico, ele têm de ser tomados relevantes às realidades sociais, culturais e intelectuais do mundo em que vivemos, mesmo que seja para desafiá-los ou modificá-los de acordo com as injunções da fé da razão e da experiência.

A reconstrução da condição de povo judaico

Sem algum ato formal para reconstituir o judaísmo mundial numa unidade social auto-aceitável bem como publicamente reconhecida, os judeus não passam de uma nação dispersa. A nação judaica começou a se desagregar quando seus membros foram admitidos como cidadãos das nações ocidentais. É certo que eles ainda são tratados como uma unidade social por não judeus incapazes de se libertarem de sua tradição religiosa, em que os judeus figuram como um povo amaldiçoado. Assim a porção maior da força que sustenta a *Casa* de Israel vem de fora e não de dentro. Não se pode mais permitir que tal condição anormal continue. Por outro lado, presumir que a condição de nação judaica pode ser reconstituída em Israel é ilusório. Israel, como um Estado democrático moderno, tem de promover a condição de nação *de Israel,* da qual os judeus da Diáspora não participam. Seu vínculo de unidade é apenas com a *comunidade judaica em Israel.* Tudo isso torna evidente quão imperativo é para os judeus no mundo inteiro reafirmarem sua unidade como um povo, que é o portador de uma tradição moral e espiritual. O judeu precisa dessa tradição a fim de confirmar sua fé na capacidade dada por Deus de atingir salvação e motivá-lo a se esforçar para alcançá-la.

"O grupo a que um indivíduo pertence é o terreno em que ele está", escreve Kurt Lewin. "A firmeza ou fraqueza desse terreno pode não ser conscientemente percebida, assim como nem sempre se pensa na firmeza do terreno físico em que pisamos. Dinamicamente, contudo, a firmeza e a clareza desse terreno determinam o que o indivíduo deseja fazer, o que ele pode fazer, e como ele o fará. Isso é igualmente verdade tanto para o terreno social quanto para o físico."

"Sem uma sentida realidade de um povo judeu", escreve o Rabino Theodore Friedman, "meu próprio ser como judeu se dissolve em insignificância". A abordagem individualista do judaísmo deu origem ao que Ernst Simon adequadamente denomina de ponto de vista "protestante". Aliás, na realidade, percorreu quase o caminho todo para se colocar dentro do clima de opinião que o recente cristianismo neo-ortodoxo, existencialista, está tentando gerar, e difere deste apenas por umas poucas *saneia.* Tal abordagem encara a devoção pessoal como uma solução para a presente crise na religião judaica. Não é, contudo, como o próprio Simon reconhece, "uma legítima construção do judaísmo como tal. Quando numa floresta há um incêndio, não é tempo de podar as árvores. Quando uma casa está prestes a cair, em consequência de um terremoto, não é tempo de discutir com o decorador que espécie de cortinas usar na sala de estar. Agora que a Casa de Israel corre perigo de desabamento, não é tempo de concentrar em problemas teológicos ou rituais excluindo os problemas que afetam a própria sobrevivência do judaísmo mundial como um grupo identificável, e isso para não falar de sobreviver como um grupo criativo no mundo melhor que luta para nascer.

O novo sionismo precisa achar uma nova denominação, ou dar um novo significado a uma denominação antiga, com que identificar os judeus no mundo inteiro como uma unidade social. Essa denominação deve abranger em seu âmbito a maioria de judeus que não pode, ou não quer, emigrar para o Estado de Israel. Terá de adquirir uma significação religiosa, mesmo ao custo de redefinir o termo religião. Talvez o velho termo *povo* seja o mais adequado a esse propósito. O judaísmo mundial terá de constituir, de agora em diante, uma permanente sociedade internacional religioso-cultural conhecida como "um povo", tendo na comunidade judaica em Israel – mas não no Estado de Israel – seu núcleo mais criativo.

O Congresso Sionista Mundial, reconhecendo essa necessidade, deveria nomear uma comissão para realizar um meticuloso estudo do problema do *status* de grupo, tendo em vista emitir uma declaração formal referente ao *status* do judaísmo mundial e ao papel da unidade judaica.

A recuperação de Eretz Israel

O segundo objetivo do novo sionismo deve ser a recuperação de Eretz Israel. A consolidação do Estado de Israel deveria ser tratada apenas como um meio, embora absolutamente indispensável, para o estabelecimento de judeus em Eretz Israel e a construção ali de uma civilização que seja animada pelo mais elevado idealismo profético.

O novo sionismo terá de interpretar esse objetivo particular num espírito que leve em conta o atual clima de opinião com seu cientificismo, nacionalismo e socialismo, fazendo Eretz Israel tornar-se o centro de valores morais e espirituais tão superiores a essas doutrinas correntes quanto o monoteísmo ético é superior a variadas idolatrias.

O judaísmo, ao retomar sua carreira em Eretz Israel, o país se encarna suas mais altas aspirações, demonstrará a validade de um princípio altamente importante que está implícito em sua tradição. O princípio em questão é o seguinte: A religião, ou a busca de salvação, deve normalmente consistir em utilizar como meio para a salvação as experiências cotidianas decorrentes de toda a gama de interações a que um território comum torna necessário aos que nele vivem. Essa concepção de religião dá ao povo judeu uma alta vocação, algo pelo que viver, tanto na Diáspora quanto em Israel.

Dada essa vocação, os judeus que vivem na Diáspora provavelmente agirão como freio para as tendências chauvinistas que a luta israelense por sobrevivência estará por demais propensa a despertar nos judeus de Israel. Por outro lado, é também provável que compartilhem da experiência dos judeus em Eretz Israel, juntamente com os valores espirituais e morais que tais experiências proporcionariam. Basta apenas lembrar quão de perto o judeu americano médio ainda acompanha os acontecimentos diários em Israel e quão sensível ele é ao que ali se passa. “O elo com o povo judeu onde quer que ele possa viver”, declarou recentemente Moshe Sharett, “é o sólido alicerce de nossa vida, assim como a ligação espiritual ao Estado de Israel é o fato central na vida do povo judeu”. Sharett fala

refletidamente de nossa ligação ao Estado de Israel como “espiritual”. Essa ligação deve exercer uma influência vitalizadora e espiritualizadora na vida judaica americana.

Se os judeus se reconstituírem como um povo funcionando através da condição de nação em Eretz Israel e através da religião em toda parte, eles se colocarão na vanguarda de todos os povos que aprenderão a olhar para suas próprias civilizações nacionais como fonte de salvação pessoal; mas, ao mesmo tempo, irão compreender que devem integrar aquelas civilizações numa estrutura internacional. De outro modo, a humanidade retomará à idolatria nacional, com todos os seus excessos nacionalistas, dos quais as religiões históricas, se despertas para sua responsabilidade, ainda poderão salvar a humanidade.

Assim, tratando a recuperação de Eretz Israel como parte de um moderno movimento messiânico ou religioso, estão os judeus em uma posição única de serem capazes de servir a humanidade fomentando um método de vida grupal pela qual a salvação deste mundo será alcançada. Isso justificará a secular recusa do povo judeu de renunciar à sua reivindicação de Eretz Israel.

O método de viver que está implícito na ligação do povo judeu a Eretz Israel precisa agora ser tornado explícito. Esse método de viver consiste em utilizar para sua auto-realização como seres humanos aquela vasta gama de interatividade que somente é possível entre aqueles que estão enraizados numa terra comum. Os interesses naturais a que essa interatividade dá origem devem constituir a matéria da qual seres humanos poderiam moldar seu destino. Essa é a contribuição judaica ao método de salvação do qual Deus é a fonte e a garantia.

Yeshayahou Leibowitz (1903 – 1994)

Cientista e filósofo. Nascido em Riga, Leibowitz estudou química, filosofia e medicina. Em 1935, emigrou para a Palestina, tornando-se professor e diretor da seção de bioquímica da Universidade de Jerusalém. Paralelamente, ensinava História e Filosofia da Ciência. A visão que Leibowitz tem do judaísmo é única. Para ele, o judaísmo é um fenômeno histórico e religioso, que se caracteriza pelo reconhecimento de servir a Deus segundo a *halakhá* (leis estabelecidas pela tradição). Leibowitz considera que não existem uma filosofia, uma teologia, uma ciência e uma doutrina genuinamente judaicas. Ao contrário, segundo o autor, o judaísmo deve ter como propósito servir a Deus – e não realizar a perfeição espiritual ou física, o desenvolvimento da sociedade ou a perfeição do mundo.

A doutrina de Leibowitz contém elementos kantianos em conformidade com a sua estrita concepção *halákhica* do judaísmo. Leibowitz repetidamente expressava sua opinião pessoal sobre os aspectos religiosos e políticos da vida moderna israelense. Antes do estabelecimento do Estado de Israel, adotou uma atitude negativa em relação ao sistema de governo partidário, incluindo a existência de partidos religiosos e as relações das instituições rabínicas com o Estado. Posteriormente defendeu a separação da religião judaica do Estado, e o fim do confronto entre essas esferas. Foi contra a anexação dos territórios ocupados, tornando-se uma figura controversa nos círculos religiosos e seculares. Sua obra representa uma reflexão maior sobre o judaísmo, na qual ele fala sobre a observância dos mandamentos da Torá, bem como sobre as relações entre a religião e a história, o Estado e o povo judeu e os judeus e os cristãos.

Referência

Enciclopaedia Judaica, N.Y., The Macmillan Company, 1972, vol. X, p. 1587.

Yeshayahou Leibowitz[1]

Do judaísmo, do povo, do Estado

OS JUDEUS ENTRE SI, EM SEU PAÍS E DENTRE AS NAÇÕES[2]

O Dr. George Steiner, escritor e pensador anglo-americano e judeu, esboçou um quadro do judaísmo em nossa época situando o homem judeu contemporâneo, conforme ele o percebe, na qualidade de indivíduo inteiramente implicado no mundo sociocultural do Ocidente esclarecido e participando de todos os seus problemas e aspirações. Mas, paralelamente a essa associação, ele está consciente de pertencer ao *grupo* judeu, que permanece sendo uma comunidade à parte no mundo que é o seu – e isso, precisamente, por seu "judaísmo". George Steiner define a essência desse "judaísmo" pelo papel de vanguarda que os judeus desempenharam no combate pelos valores e pelo progresso da humanidade nos domínios social, moral e intelectual; e, a partir dessa definição, ele reconhece a existência de um povo judeu e diz dele fazer parte.

Constata-se, pois, que o problema aqui levantado não diz respeito a George Steiner, que, por seu lado, analisa seu estatuto pessoal no seio de um povo que ele só situa em função e a partir de seu papel universal, ao nível de sua contribuição cultural e dos valores geralmente qualificados de humanistas. Em outras palavras, George Steiner define o povo judeu somente em relação ao mundo não-judeu no qual ele vive e só reconhece pertencer a esse povo (ou seja, sua condição de judeu) a partir desse elo. Ele não concede ao judaísmo nenhum conteúdo intrínseco e particular, a menos que queira voluntariamente ignorá-lo!... Ora, todos os valores e qualidades louvados por Steiner como essência do judaísmo são reencontrados entre os não-judeus pelo menos nas correntes de pensamento ideológicas ou filosóficas que o Dr. Steiner considera positivas. Na história do povo judeu e do judaísmo pululam tais correntes e ideologias, diferentes umas das outras e por vezes contraditórias – e querer fazer delas um inventário

[1] Texto extraído de: LEIBOWITZ, Yeshayahou. *Judaïsme, Peuple Juif et Etat D'Israel,* Paris, Jean Claude Lattes, Cap. 10, pp. 169/183.
[2] Conferência proferida no simpósio "Judaïsme et judéité", no âmbito do 6º Diálogo anual americano-israelense, consagrado ao tema "O futuro de uma relação", 1968.

exaustivo seria tão vão quanto fastidioso. Mas não se pode falar objetivamente de "judaísmo" e de "valores do judaísmo" a não ser a partir da realidade judaica que prevaleceu durante cerca de cem gerações e de sua manifestação concreta nessa realidade. Esse judaísmo histórico-empírico não é um determinado sistema ideológico, nem mesmo um mosaico de diferentes maneiras de pensamento, e sim um modo de vida específico, instituído pela Torá e as *mitzvot* e que se cristalizou na *Halakhá.*

A judeus como George Steiner, que não aceitam esse modo de vida e chegam até a refutá-lo, pode-se fazer a seguinte pergunta: qual é o sentido e a legitimidade de sua conduta quando proclamam a permanência de seu vínculo com o povo judeu se esse vínculo está vazio de qualquer conteúdo do significativo? Poder-se-ia responder que George Steiner, humanista cosmopolita, feroz adversário do nacionalismo, participa do povo judeu pelo único viés do nacionalismo... Paradoxo que rivaliza com a ironia!...

DEUS NÃO É O POLICIAL DA HISTÓRIA...

Já dissemos que se poderia glosar interminavelmente sobre o judaísmo e disso extrapolar muitas ideologias – e tudo aquilo permanecerá subjetivo; foi dito igualmente que o debate sobre o judaísmo deveria ser tomado como prova de vida, de ação e da obra de judeus que seguiram um caminho batizado pelos atributos judeus e cuja ação e obra se nutriram nas fontes do judaísmo – que só podem provir da Torá, no sentido mais amplo do termo. Permitam-me lembrar que os judeus na qualidade de indivíduos viveram, atuaram e criaram, como todos os demais homens, em todos os domínios da vida situados fora de sua esfera judaica ou, como dizem as Escrituras, no espaço das "quatro varas" da *Halakhá.* Não havia, porém, nessa atividade e nessa criação, nada de "judaico" no sentido específico do termo.

No decorrer do debate os nomes de Marx, Einstein e Freud foram muitas vezes lembrados como "contribuição judaica à humanidade". Não me estenderei sobre o sentido da palavra "judeu" aplicada ao apóstata anti-semita que foi Marx. Quanto ao judeu Einstein, era ele um físico alemão que ressentiu, durante a segunda metade de sua vida, seu pertencer ao povo judeu e se definia como judeu. Mas na realidade ele não tinha em si nada do que *distingue Israel das outras nações;* chegou mesmo a desposar uma não-judia e, consequentemente, seu filhos, formalmente falando, não são judeus.

Sua obra principal nutre-se *inteiramente* da gigantesca cultura ocidental, da ciência cosmopolita – e, aliás, não poderia estar ligada a uma outra fonte. Os três mil anos de história do povo judeu e o fato de Einstein ter sido uma mealha na longa corrente de gerações desse povo e de sua cultura em nada contribuíram, e não poderiam contribuir, para a obra científica de Einstein. Desse ponto de vista faríamos bem em inverter a fórmula de "contribuição do judaísmo à humanidade", dizendo que Einstein, como gênio científico, é uma contribuição "da humanidade ao judaísmo" (encarnado pelos filhos do povo judeu). Diremos igualmente que a obra de Einstein não tem significação particular no que se refere ao presente e ao futuro do povo Judeu além do seu valor para a cultura da humanidade inteira, à qual igualmente contribuem os judeus. Quanto a Freud, que tanto impressionou vastos círculos de intelectuais, judeus e não-judeus, a mitologia que criou não decorre, ela também, do judaísmo (mais exatamente do fato de Freud ter sido judeu) e sua obra não tem nenhuma significação para o judaísmo e sua permanência.

Não pode haver criação *judaica* original a não ser a proveniente do espaço da Torá e das *mitzvot:* no mundo da matéria pelo modo de vida ditado pela *Halakhá;* nas esferas do espírito pela reflexão e meditação religiosas sob todas as suas formas: a homilética (*Agadá*), a poesia litúrgica (*Piyut*), a filosofia, a mística, a moral. A filosofia *judaica* nunca deixou de ser teológica, e sua razão de ser era proporcionar um alicerce racional ao modo de vida baseado na Torá e no exercício das *mitzvot.* A contribuição de judeus – dentre os quais alguns grandes pensadores – à filosofia, fora da esfera de reflexão segundo a Torá, não pode ser considerada como filosofia judaica: ela não é corolário do judaísmo e sim da filosofia europeia, que igualmente contava com esses filósofos judeus. E tudo isso é tanto mais verdadeiro para a ética e a moral judaica, rebentos de uma vontade de laicizar o judaísmo. Religião e moral não são compatíveis – pois tudo está na intenção: a escolha de um indivíduo é religiosa se a intenção que o inspira provém do Céu; é moral quando parte do homem, percebido como finalidade suprema. É evidente que essas duas intenções se excluem mutuamente. Admitindo isso, diremos que somente o ateu pode ser um ser moral, enquanto que aquele que se submete à Lei divina conhece a *mitzvá* e não a lei moral. Se o judaísmo é a religião de Israel; a moral do judaísmo, que fez correr rios de tinta e inspirou tantos escritores nas fileiras do liberalismo religioso ou epicurista – essa moral não existe, nunca existiu e

não poderia existir. A literatura moral do judaísmo tradicional, desde os *Deveres dos corações* e O *caminho dos Justos* até o movimento moralista do século XIX, marca uma vontade de interiorização e aprofundamento da práxis das *mitzvot,* e não é uma "ética" no sentido habitual da palavra.

A ética não é uma linha de conduta, já que todo ato é em si mesmo *indiferente* do ponto de vista moral. Se dois homens apertam o gatilho de um fuzil carregado, apontado contra um terceiro, e o matam, um poderá ser condenado por assassinato, ao passo que o ato do outro poderá ser considerado como façanha heróica de um combatente leal à sua pátria. Não é, portanto, o próprio ato que é moral ou imoral, e sim o impulso voluntário do qual esse ato é consequência. A ética do mundo ocidental propõe duas grandes respostas ao problema da orientação volitiva do indivíduo: primeira, a socrática, a saber: a escolha moral do homem está na orientação de sua volição em conformidade com seu conhecimento da verdade de realidade; segunda, a kantiana: a escolha moral do homem está na orientação de sua volição em conformidade com a consciência do seu dever. Mas aquele que recita duas vezes por dia o *Shema Israel* lê também: "Não seguireis as tendências de vosso "ração e de vossos olhos"; "Não seguireis vossos olhos" – o que é a negação do princípio socrático, enquanto que "Não seguireis as tendências de vosso coração" é a negação do princípio de Kant. Quanto à justificação e ao sentido do versículo, ele se resume nessa fórmula: "Eu sou o Eterno, vosso Deus."

Assim como na filosofia, judeus se distinguiram e ainda se distinguem no pensamento e no ensino ético; mas seus sistemas não cresceram no terreno do judaísmo, que, aliás, nesse domínio não pode inspirá-los. Não encontramos, nas Escrituras e nas fontes judaicas, nenhum indício dando a entender que os judeus viam sua especificidade na perfeição moral, na luta para emendar o mundo ou na salvação e redenção do homem – como se esses valores e essas aspirações não fossem igualmente encontrados nas civilizações não-judaicas... A especificidade dos judeus – a seus próprios olhos assim como aos olhos dos não-judeus – residia em seu apego às *mitzvot* práticas: o *Sabbat,* a pureza ritual alimentar *(Kashrut),* a pureza da família, o estudo da Torá. É por aí que os judeus se distinguiam dos povos ao seu redor. E foi graças a essas *mitzvot* que eles não se assimilaram entre as nações, e não graças aos sistemas e conceitos morais, sociais, humanistas ou filosóficos, supostamente específicos do judaísmo.

Foi por essas *mitzvot* práticas que os judeus se diferenciaram dos não-judeus na época de Ezra e Neemias, assim como os praticantes dessas *mitzvot* diferiam dos helenizantes na época do Segundo Templo – e foi por e em nome dessas mesmas *mitzvot* que os Hasmoneus desencadearam uma guerra civil no seio do povo judeu, que a historiografia nacionalista moderna apresenta como uma sublevação nacional.

No judaísmo histórico não encontramos nenhuma justificação de valores estranhos às *mitzvot* religiosas ou para além dessas *mitzvot.* Essa constatação não é normativa e sim empírica; ela não decorre de uma certa percepção, positiva ou negativa, da história do povo judeu. O judeu que rejeita a tradição histórica do povo judeu – tradição que é *Torá* e *mitzvot* – é, segundo essa mesma tradição, um judeu transgressor, mas nem por isso ele deixa de ser judeu. Isso é o que distingue judaísmo de "judeidade". Hoje em dia numerosos são os judeus – de fato, a maioria do povo judeu – que não aceitam o verdadeiro conteúdo do judaísmo, mas se dizem judeus, e o proclamam bem alto. Esse fenômeno que faz com que judeus, tendo perdido a experiência de um vivido judaico, queiram sinceramente continuar a pertencer ao povo judeu e trabalhar por sua perenidade não deve absolutamente ser desprezado. Eles não têm outra escolha senão a de substituir o sentido religioso da noção de judaísmo por um sentido laico, e o do povo judeu como *Knesset Israël* (Comunidade judaica), definido por sua Torá, pela noção de nação, no sentido laico moderno. Está aí o grande problema existencial contemporâneo do povo judeu e convém debatê-lo, tanto do ponto de vista dos valores quanto em nível pragmático.

Na análise do judaísmo, em nossa época, convém fazer uma distinção entre os diferentes sistemas de valores, que se chocam e se contradizem, tanto no pensamento quanto na ação do indivíduo. O teocentrismo é a essência do judaísmo percebido através da Torá e das *mitzvot.* O serviço divino é pois a finalidade e sua divisa abre o *Shulchan Aruch,* o Código ritual judaico: "[O homem judeu] retesa os músculos como um leão para se pôr desde manhã cedo a serviço do seu Criador." Não a serviço do homem, da sociedade, do povo, do Estado, da humanidade, mas a serviço de Deus. Donde o sentido profundo das *mitzvot* práticas, que encarnam e concretizam a intenção do Serviço divino. Nessa consciência religiosa judaica, o símbolo supremo da fé está na situação do Patriarca Abraão no monte Moriá para o sacrifício de seu filho Isaac, e que lhe valeu a denominação de

"Temente-a-Deus": os valores humanos, tanto individuais, como a piedade de um pai para com seu filho, quanto universais, referentes ao povo e à humanidade inteira, prometidos na Aliança de Abraão, se apagam diante do culto de Deus. O sistema humanista antropocêntrico gira em torno de um só eixo: o homem elevado a valor supremo e, de algum modo, divinizado, como na filosofia de Kant: o homem por si mesmo como finalidade – o que é bem a expressão suprema do ateísmo. Há também o humanismo desnaturado, o ateísmo se escondendo sob uma máscara religiosa – que é o cristianismo. Também aí está o homem no centro de todas as coisas e sua salvação arrasta a intenção: Deus é apenas um instrumento e um meio para chegar a essa salvação: A Cruz, atributo supremo da fé cristã, ilustra bem essa intenção: Deus é sacrificado em proveito do homem; o essencial do conteúdo cristão está portanto na anulação do Serviço divino que é o exercício das *mitzvot.* A escolha fica então entre os dois grandes sistemas de valores: sistema religioso, portanto teocêntrico: o judaísmo da Torá e das *mitzvot,* baseado essencialmente na situação do homem perante Deus – e sistema ateísta-humanista, portanto antropocêntrico, que considera a situação do próprio homem. Disso a expressão autêntica é o kantismo, sendo o cristianismo uma versão adulterada.

Mas existe igualmente um outro sistema de "valores" que não é somente vil e desnaturado, mas também abjeto: o conceito etnocêntrico, apresentando como finalidade não Deus, nem mesmo o homem, mas uma coletividade humana – povo, raça, Estado etc. – que é um fundamento natural, ou um produto da consciência ou da vontade humana; e esse sistema julga o homem não mais em relação à sua situação perante Deus, nem mesmo diante de si mesmo, mas em função dessa mesma coletividade, elevada à divindade. É esse conceito que é fonte de uma boa parte do mal e da maldade no mundo e seu resultado lógico é o fascismo. É de se temer que um povo judeu novo, reunindo judeus ignorantes dos valores essenciais do judaísmo, mas decididos a assegurar a perenidade do povo judeu e sua pertença a esse povo, caia, à despeito de si mesmo, na armadilha desse sistema etnocêntrico, do qual Ben-Gurion é hoje [1969] a encarnação por excelência. Se essa tendência prosseguir – e todos os indícios permitem assim pensar – não veremos mais um povo judeu tendo erguido uma estrutura política da qual assegura a existência para suas necessidades, e sim um Estado fabricando seu próprio povo. Essa nova nação não será apenas cortada da corrente histórica do povo judeu e do judaísmo, mas com

o passar do tempo ela igualmente romperá com as comunidades judaicas que não estão fisicamente ligadas ao Estado. No decurso deste congresso, ouvimos propósitos que lembram essa concepção etnocêntrica exatamente da boca dos porta-vozes do judaísmo nacional-religioso oficial, propósitos que permitem pensar que, para essa corrente religiosa, o povo se tornou Deus, o patriotismo uma fé, e o Estado uma religião. Não é o povo judeu como povo da Torá (de fato ou em potencial) que preocupa os adeptos dessa ideologia, mas a Torá como meio de satisfazer os interesses do povo e do Estado. Aqui temos de analisar o sentido do proclamado lema "Eretz Israel para o povo de Israel, conforme a Torá de Israel", levando em conta o fato de que o Estado de· Israel não encarna o judaísmo. Apresentemos inicialmente uma questão de princípio: "Pode-se concretamente conceber um Estado regido conforme a Torá" no sentido da história real do povo de Israel e da humanidade (que é preciso não confundir com uma concepção messiânico-utópica)? E é precisamente o fiel convencido da essência divina da Torá que forçosamente responderá pela negativa: o aparelho político de *todo* Estado, no passado, no presente e no futuro, só pode ser o instrumento para satisfazer as necessidades e os interesses humanos, e assegurar a existência do indivíduo e da sociedade, mas nunca a expressão do Serviço divino, que é tarefa do homem sobre a terra. Por essa razão, a eterna tensão entre religião e Estado é uma coisa que vem da base e depende da natureza das coisas. O povo de Israel jamais teve um "Estado conforme a Torá". Mas na medida em que, no meio do povo, homens trabalharam nos caminhos de Deus, portanto com um espírito desinteressado, todo Estado judeu foi teatro de um combate pela realização da Torá geralmente sem sucesso. E o próprio fato desse combate, na qualidade de fenômeno cardinal e epicentro da vida política e social, conferiu ao Estado sua dimensão religiosa. Isso é verdade tanto para a época do Primeiro Templo quanto para a do Segundo, e também o será, parece, por toda época futura; pois é precisamente o crente que compreende que a Torá – por sua essência divina – não pode ser realizada pelo homem e que "viver conforme a Torá" não tem outra significação a não ser no continuado esforço de viver em seu espírito, recusando abdicar diante dos fatores naturais e históricos com os quais sempre se chocará nesse combate sem fim.

É somente no contemporâneo Estado de Israel que esse confronto entre *o judaísmo e o Estado judeu* está ausente, e isso não porque o Estado seria, Deus nos livre, "teocrático" (como pretendem os imbecis), mas ao

contrário porque a religião – encarnada pelos homens, instituições públicas e oficiais que a representam – se traiu a si própria, se amesquinhou a ponto de se tornar um mísero apêndice integrado ao aparelho laico do Estado; e ainda mais: ela ergueu à posição de valor santificado os elementos do poder, do governo e da administração laicas. Por essa razão, o Estado de Israel não tem significação religiosa atual; esta só existe nele em potencial, como o Estado dos judeus. O Reino de Jeroboão ben Nabat era também um reino de Israel, sem sombra de dúvida..; O Profeta Elias não contestou a legitimidade de Acab como rei e foi exatamente a razão pela qual ele se levantou contra o mesmo: Acab era um rei perverso de Israel. Nosso Estado de Israel, embora tenha transgredido a Torá de Moisés, é o Estado de Israel, mas *o Estado e o judaísmo não se superpõem nem coincidem.* Um Rabinato nomeado por um poder laico, agindo por graça e autoridade desse poder, assim como uma representação política religiosa associada a um governo que anula o *Sabbat,* a que pode tudo isso ser comparado? Ao Profeta Elias promovido à posição de Profeta de Deus por Jezebel...

A FUNÇÃO DA RELIGIÃO

Este título da conferência central do simpósio que nos interessa deveria, até mesmo no seu enunciado, suscitar uma enérgica oposição. Uma religião que tem uma função, ou seja, é utilizada como *meio* para um certo fim, não é uma religião. Se o Serviço divino não é reconhecido como finalidade do homem, a religião não tem mais qualquer sentido, pois ela não pode fundar nem consolidar valores humanistas laicos, e no que se refere a interesses nacionais e políticos ela é antes fator de discórdia. Pode-se, entretanto, falar de "função da religião" na medida de sua capacidade de frear ou neutralizar fatores decorrentes de valores políticos e de dominar as consequências das paixões nacionalistas e patrióticas proibindo ao homem ver na nação e no Estado valores absolutos.

Do ponto de vista religioso (e é preciso acrescentar: do ponto de vista humanista igualmente), o Estado não tem outra significação a não ser a de instrumento funcional; ele é um utensílio necessário à obtenção de coisas que, precisamente, são tidas por valores ou que são necessárias ao homem. O Estado e seu aparelho são indispensáveis ao indivíduo que vive com, e entre, outros indivíduos) assim como ao povo que se quer soberano e independente. Consequentemente, a relação do indivíduo com seu Estado

deve ser a mesma que a de um trabalhador com suas ferramentas, das quais cuidará muito bem mas sem nada lhes dever. Elevar o Estado à posição de valor é urna concepção fascista e conferir-lhe um valor religioso equivale a verdadeira idolatria. Não há santidade alguma ligada à noção de Estado. Eu refuto o argumento corrente dos sionistas religiosos que afirmam que só se pode viver plenamente o judaísmo. num Estado judeu em Eretz Israel. O essencial do judaísmo foi vivido na Golá e é no exílio que o heroísmo dos judeus, por sua vida e sua morte pelo judaísmo, se manifestou em toda a sua grandeza. Uma "vida judaica plenamente vivida" é um ideal a que é preciso aspirar incessantemente, seja em Eretz Israel ou na Golá. Mas quanto a mim, assim como muitos dos meus semelhantes, somos sionistas porque já estamos fartos de sermos escravizados nos países estrangeiros; não queremos mais que o povo judeu viva na dependência de não-judeus. Eu não santifico o Estado a nível religioso, mas me apego a ele com todas as minhas forças e o defenderei até o fim, porque me atenho à nossa independência e à nossa soberania. Não vejo nisso uma "função religiosa": o culto a Deus é uma tarefa da qual o povo de Israel está incumbido e não uma missão a serviço do povo de Israel. Eu refuto a opinião geralmente aceita inclusive nos meios religiosos – dizendo que o sentido e o valor do judaísmo na história do povo de Israel era o de assegurar a existência do povo judeu como tal e que ainda hoje o judaísmo – e segundo uma outra versão: somente o judaísmo – está em condições de assegurar a existência do povo. Ainda uma vez, ver no judaísmo um meio e um instrumento a serviço do povo é transformar a religião num monstro nacionalista e patriota. A Torá e as *mitzvot* são em si mesmas um fim, e não instrumentos para outra finalidade. Um dos oradores neste debate exclamou num belo arroubo de fervor que ele diariamente rezava pela paz do povo judeu e por sua continuidade. Receio que esse cavalheiro ignore a *significação religiosa* da oração. Não me cabe informar ao Santíssimo-abençoado-seja-Ele sobre minhas necessidades ou as de meu povo; e se consegui superar tendências idólatras não foi para tentar "influenciar" o Criador. Se a cada manhã eu encontro na sinagoga algumas dezenas de judeus que ali vão como eu – não é a necessidade de confiar a Deus nossos desideratos, nem a esperança de ver nossa reza acolhida e transformada em resultados concretos que nos retine, e sim a intenção coletiva de realizar publicamente a *mitzvá* da oração. O judaísmo, em seu significado de exercício das *mitzvot,* é urna

finalidade em si; visto de outra maneira, não tem nenhum sentido e nem mesmo qualquer utilidade para o nacionalismo e o patriotismo judaicos.

O rabino Yossef Caro, o autor do *Shulchan Aruch,* sabia muito bem o que fazia ao iniciar sua obra com: “Ele retesa seus músculos como um leão...”, pois o Serviço divino exige do homem um esforço sobrehumano. Não está na natureza do homem – inclusive na do homem judeu – ele se fazer o servidor de Deus e o guardião de Sua lei. E, também, pretender que a especificidade da história do povo judeu decorre de um “fator religioso que está na própria alma da nação israelita” é uma inépcia. Essa afirmação não só deprecia a significação da fé e do heroísmo religioso manifestados pelos judeus ao longo dos séculos, como também é sobretudo falsa. Toda a história do povo judeu é um infindável conflito entre o judaísmo e o povo que é reputadamente seu portador; e foi isso que expressaram nossos Sábios no *Midrash* homilético sobre a “Coação da Montanha” (Monte Sinai). Essa coação, aliás, de nada serviu, pois foi precisamente a geração que teve a revelação da presença divina que fez o bezerro de ouro. Os quarenta e oito profetas e as sete profetisas (segundo a contagem da tradição) escolhidos por Deus para falar por suas bocas não fizeram voltar uma só alma ao caminho certo. Mas sabemos também que durante dezenas de gerações não foram apenas alguns e sim multidões que acreditaram profunda e intensamente em Deus e sacrificaram a vida pela Torá. E no entanto essas gerações não viveram a, revelação do Sinai, a da Presença divina. Elas não testemunharam milagres e não tiveram profetas, mas foram educadas e se educaram elas próprias no espírito da Torá e no exercício das *mitzvot.*

Isso nos leva a refutar os propósitos sobre a significação religiosa dos milagres realizados para Israel durante sua história, e sobretudo o palavrório sobre o “milagre da Guerra dos Seis Dias”. A Bíblia assim como a história de Israel, desde as origens até nossos dias, provam a inanidade dos milagres com a Justificação da fé. Não foi pelos milagres que os judeus se abriram à fé, mas foi a partir de sua fé que vieram a considerar miraculosos acontecimentos vividos por seus pais ou por eles próprios. O milagre da Guerra dos Seis Dias reside no fato de a sociedade judaica em Israel ter sido capaz de organizar um exército moderno, o que os países não árabes não souberam fazer durante essa geração. Não se encontrão louvores ao pacifismo nas Escrituras do judaísmo, que consideram a guerra como um elemento da realidade humana. Mas igualmente não encontraremos o culto

do heroísmo guerreiro, e tampouco uma apreciação religiosa das vitórias militares e das conquistas. Um rei perverso conheceu vitórias e realizou conquistas, enquanto que um rei sábio e justo· foi morto numa guerra e arrastou o povo à sua perda. Deus não se revela na História, que (segundo um dos maiores historiadores) não passa de “um tecido de crimes... de loucuras e de catástrofes do gênero humano”. Deus não é o policial da História e não há nada mais falso do que ver em certos acontecimentos históricos o “Dedo de Deus”. Pois “a Deus a Terra e tudo o que ela contém”, o que supõe *todo* o desenvolvimento da História, quer se trate de seu desenvolvimento “normal”, quer do que poderia parecer como saindo dessa normalidade. *Todos* os acontecimentos valem, do ponto de vista de sua significação religiosa; em outras palavras: *todos* os acontecimentos são *indiferentes* do ponto de vista religioso e só existe significação religiosa *nos atos realizados no sentido do divino, ou seja, de maneira desinteressada.* O mundo segue seu curso e é nesse mundo que cabe ao homem servir a Deus.

Eu não aprovo a comparação aqui feita entre a guerra dos Hasmoneus e a dos Seis Dias. Esta não foi travada em nome da Torá e por ela, nem sob sua inspiração. Ela foi conduzida sob o signo e pela força do patriotismo judeu, – ao qual me associo e que é comum a centenas de milhares de judeus, sejam ou não observantes da Torá. Mas o meu patriotismo, como o de qualquer outro judeu, não tem nenhum sentido religioso. Aquele que luta pela nação, pela pátria e pela liberdade é motivado pela nação, pela pátria e pela liberdade, coisas perfeitamente legítimas e humanas – tanto para o judeu quanto para o não-judeu. Mas somente a vontade de servir a Deus é que está investida de uma significação religiosa. Aquele que cai no campo de batalha pela defesa de seu povo, de seu país ou dos que lhes são caros não morreu pela santidade do Nome Divino e não é um mártir na acepção religiosa do termo. Da mesma forma, o heroísmo em combate é, ele também, algo indiferente do ponto de vista religioso. Ao longo de toda a História, tanto a de Israel quanto a das outras nações, encontramos entre os heróis e todos aqueles que tombaram, por uma nobre causa Justos e Maldosos, “bons” e “maus”, puros e perversos. Esta geração deu· prova de heroísmo em combate, e foi graças a ela que nós resistimos e vencemos. Esse heroísmo é vital para nossa existência em nosso Estado, mas não é em si mesmo um valor e, desnecessário dizer, não é um valor específico do judaísmo.

Uma pergunta muito importante tem sido feita com frequência: o que é que liga os judeus que vivem segundo a Torá e praticam as *mitzvot* aos que não as praticam, e o que é que faz com que sejam um só e mesmo povo? No grupo humano de aproximadamente catorze milhões de indivíduos, que se consideram eles próprios judeus e/ou são como tais considerados pelos outros, há uma parte – e espero que não seja a maioria – para qual o fato de pertencer ao povo judeu está hoje destituído de sentido. Eles sabem somente que são de *origem* judaica e consideram esse fato insignificante, assim como os americanos de origem italiana em relação à sua "italianidade" ou os de origem irlandesa em relação à sua "irlanidade". Almejam assimilar-se entre os não-judeus e estão, portanto, perdidos para o povo judeu; Mas estamos falando aqui de vários milhões de judeus, em Israel e no estrangeiro, unidos na consciência de pertencer ao nosso povo e na vontade de manter esse povo e esse pertencer. Não obstante essa consciência comum e essa vontade coletiva, esse grupo está, ele também) dividido em dois: praticantes e não-praticantes. Esta fenda é de ordem existencial, e não de ordem judaica e formal. A *Halakhá* não situa o judeu em função de seu comportamento e seu modo de vida; ela define como filho do povo judeu todo indivíduo, que tem *obrigação* para com o judaísmo – obrigação de viver conforme a Torá e de praticar as *mitzvot* –, e para ela essa obrigação diz respeito a todo indivíduo nascido de uma filha de Israel ou o que se empenha a assegurá-la, no caminho ditado por essa mesma *Halakhá* (conversão ao judaísmo). Visto que tal empenho diz respeito diretamente a um indivíduo (por seu nascimento ou por sua conversão – ao judaísmo), ele é automaticamente judeu, e não será jamais dispensado desse dever para com o judaísmo. O judeu que não o assume é transgressor e, se a Torá fosse aplicada ao pé da letra, ele seria levado a um tribunal e até mesmo passível da pena de morte – e por essa razão ele não deixa de ser judeu. Sob esse ponto de vista somos todos filhos do povo judeu, e ligados, uns aos outros; e a esse vínculo formal vêm se acrescentar uma memória coletiva e sentimentos comuns.

Mas por trás dessa cortina de proclamações e de sentimentos existe, quanto ao modo de viela, um profundo rasgão, que não permite aos dois "campos" viverem realmente juntos, e essa diferença factual irá finalmente passar adiante da comunidade de consciência. Um judeu ou uma judia religiosos não poderão casar com um judeu ou uma judia laicos se cada um deles mantiver suas posições e pretender seguir seu modo de vida, nem que

seja apenas devido às regras de pureza do casal e da família;[3] e um judeu que observa o *Sabbat* não pode se associar num empreendimento agrícola ou industrial, num fundo comercial ou num escritório, ou mesmo numa pesquisa científica a um judeu que não o observa; pois o *Sabbat* não é simples dia da semana; ele supõe uma organização dos seis outros dias de maneira a poder observar o *Sabbat* segundo a *Halakhá;* e um judeu que come *kasher* não poderá se sentar à mesa daquele que não respeita as regras de *Kashrut.* Portanto, nada de casamento, nada de atividade econômica e técnica em comum, nem mesmo esse "gole" que é tomado junto e que aproxima os corações. Como, em tais condições, se pode manter a unidade da nação? Não, há nisso, aliás, nada de novo: ao· longo de toda a história de Israel a Torá e as *mitzvot* foram fatores de divisão entre o povo: a cisão entre os servidores de Deus e os adoradores do Baal, entre judeus e samaritanos, entre hassidim e helenizantes, entre "rabinistas" (ou talmudistas) e caraítas.[4]

Ehieh de Silo, Ezra e Neemias, e os Sábios de Israel sob a dinastia dos Hasmoneus, e ainda mais tarde, não hesitaram em dividir o povo em nome do que lhes era ainda mais precioso que o "interesse nacional" – em nome da Torá de Deus. É possível que também nós, em vida, venhamos a conhecer uma tal crise, mas em Israel onde a paixão comum pelo nacionalismo e pelo patriotismo esconde a fissura, a "unidade da nação" se tornou um tema sagrado ao mesmo tempo para os religiosos e para os laicos. Os valores não criam a união, mas, ao contrário, a dividem. Foi sempre assim e a História, tanto a de Israel quanto a das outras nações, está aí para prová-lo.

Em Israel, pode-se falar de união nacional entre os representantes de diferentes correntes e partidos políticos, mas na realidade ela só existe sob a forma de um certo consenso assegurando a todos o gozo de um negócio em comum,·o Estado, em virtude de um acordo entre as diferentes partes. E é esse um dos fatores da decadência espiritual, moral e religiosa em nossa sociedade, e também uma pequena contribuição do Estado à solução do

---

[3] Convém lembrar aqui, no que se refere a esse ponto fundamental, que a lei sobre casamento e divórcio da *Knesset* do Estado de Israel não faz nenhum sentido.
[4] Caraítas: a seita que se separou do judaísmo no século VIII. Os caraítas rejeitam a *Halakhá* – ou seja, a Torá oral – e só reconhecem a Torá escrita, que pretendem aplicar ao pé da letra. Os herdeiros dessa seita, alguns milhares, vivem hoje em Israel.

problema dos judeus que procuram sinceramente um conteúdo e uma expressão para sua identidade judaica. As divisões decorrentes de uma luta sobre valores dados são tributárias da realidade de toda sociedade ou civilização. Quanto à religião, ela só justifica sua existência na medida em que é oposição aos valores da laicidade. O que nós precisamos, a fim de recuperar nossa saúde espiritual,.é exatamente aquilo que tanto assusta os ingênuos (ou os que se fazem de ingênuos) – e que é chamado, na gíria política europeia, um "*Kulturkampf*".